

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM SOCIOLOGIA PPGSOL UFC/UNIFAP

RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS

ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias de Surdos em Macapá.

FORTALEZA

2016

RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS

ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias de Surdos em Macapá.

.

Tese submetida à Coordenação do Programa de Doutorado Interinstitucional em Sociologia PPGSOL Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal do Amapá, como requisito final para obtenção do grau de Doutor em Sociologia. Orientado por: Profa. Dra. Andréa Borges Leão.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RODRIGUES CAMPOS, RONALDO MANASSÉS.

ECOS DO SILÊNCIO : Culturas e Trajetórias de Surdos em Macapá / RONALDO
MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. – 2016.

248 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa
de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2016.

Orientação: Profa. Dra. Andréa Borges Leão.

1. Trajetórias. 2. Surdos. 3. Cultura Surda. 4. Povo Surdo. I. Título.

CDD 301

RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS

ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias de Surdos em Macapá.

Tese submetida à Coordenação do Programa de Doutorado Interinstitucional em Sociologia PPGSOL Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal do Amapá, como requisito final para obtenção do grau de Doutor em Sociologia.

Aprovada em ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dr. Antônio George Lopes Paulino
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Jânia Perla Aquino
Universidade Federal do Ceará – UFC

Profa. Dra. Isabel Correia
Escola Superior de Coimbra – ESEC

Profa. Dra. Martha Christina Ferreira Zoni do Nascimento
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

RESUMO

Este trabalho constitui-se uma análise sociológica sobre as culturas e as trajetórias dos Surdos em Macapá. Historicamente, estes indivíduos têm vivido excluídos e até invisibilizados na sociedade, que aqui chamo de sociedade oral, pois, baseia-se no som. Observando alguns espaços sociais de interação busquei refletir como os surdos na família, escola, trabalho, no lazer e na religião constroem, suas conveniências e suas estratégias de interação, uma vez que, não usam a mesma língua que os demais atores sociais. E por assim ser, a língua de sinais ou as línguas de sinais, que são tidas como próprias das comunidades surdas tem sido por muito tempo, motivo de discriminação e estigmatização das pessoas surdas na sociedade. Neste sentido este trabalho oportunizou uma análise das trajetórias de Surdos. Possibilitou ainda construir uma sociologia para um novo objeto, e que exaustivamente tem sido analisado por outros campos de pesquisa, como educação, e saúde. Urgindo então por uma análise sociológica. Para tanto busquei o aporte teórico de Lahire (2004), Certeau (2012), Goffman (2012), Foucault (1979) e Strobel (2013), entender: como estes sujeitos surdos constroem suas trajetórias? De que maneiras usam, constroem seus artefatos culturais? E, sobretudo, como têm se apropriado da chamada por eles, cultura surda no Amapá? Refletindo e apropriando a sociologia com conceitos advindos deste objeto, como o conceito de Povo Surdo, e de cultura surda lancei mão da metodologia proposta por Lahire (2004) com o uso de entrevistas de profundidade, todas feitas em Libras, para assim poder estruturar as trajetórias, disposições, conveniências e variações individuais e em comunidade dos interlocutores surdos. Encontrei então, o que nomeiei de —ecos do silêncio, pois há uma grande tensão entre surdos e ouvintes, e coercitivamente, os surdos são levados a construir suas próprias conveniências para as diversas esferas sociais, ecoando muito forte na sociedade suas inúmeras tentativas de reconhecimento, e de diminuição do estigma que a surdez os imputa.

Palavras-chave: Trajetórias. Surdos. Cultura Surda. Povo Surdo.

Résumé

Ce travail se constitue d'une analyse sociologique sur les cultures, et les trajectoires des Sourds dans Macapá. Historiquement, ces personnes ont été exclues et jusqu'à des éteints dans la société, que ici j'appelle de société verbale, donc, il se base sur le son. En observant quelques espaces sociaux d'interaction j'ai cherché refléter comme les sourds dans la famille, l'école, travail, dans le loisir et dans la religion construisent, leurs utilités et leurs stratégies d'interaction, vu que, ils n'utilisent pas le même langage que les autres acteurs sociaux. Et ainsi être, la langue de signes ou les langues de signes, qui sont eues comme propres des communautés sourdes ce a été par beaucoup de temps, raison de discrimination et stigmatisation des personnes sourdes dans la société. Dans ce sens ce je travaille il y a opportunité d'une analyse des trajectoires de Sourds. Il a rendu possible encore construire une sociologie pour un nouvel objet, et qu'exhaustivement ce a été analysé par autres champs de recherche, comme de l'éducation, et salué. En incitant alors par une analyse sociologique. Pour de telle façon je cherche l'accoste théorique de Lahire (2004), Certeau (2012), Goffman (2012), Foucault (1979) et Strobel (2013), comprendre : comment ces sujets sourds construisent leurs trajectoires ? De quelles manières utilisent ils, construisent leurs dispositifs culturels ? Et, surtout, ils comme ont si pris pour lui, appelée par eux, culture sourde dans l'Amapá ? En reflétant et en s'appropriant la sociologie avec des concepts arrivés de cet objet, comme le concept de Peuple Sourd, et de la Culture Sourde j'ai lancé main de la méthodologie proposition par Lahire (2004) avec l'utilisation d'entrevues de profondeur, toutes réalisées dans des Langue Signé, pour que ainsi puissent structurer les trajectoires, dispositions, utilités et variations individuelles et dans la communauté des interlocuteurs sourds. J'ai trouvé alors, ce qui nomine d'« échos du silence », donc a une grande tension entre des sourds et des auditeurs, et coercitivement, les sourds sont amenés à construire leurs propres utilités pour les diverses sphères sociales, en résonnant très fort dans la société à leurs innombrables tentatives de reconnaissance, et de diminution du stigmate que la surdité les impute.

Mots-clés : Trajectoires. Sourds. Culture Sourde. Peuple Sourd.

Abstract

This work is constituted from a sociological analysis about the Deaf cultures and trajectories in Macapá. Historically, these individuals have lived excluded and even turned invisible in society, which here I call oral society, since it is based on the sound. Watching some interaction social spaces, I sought to reflect how the deaf build their convenience and interaction strategies in family, school, work, leisure and religion, since they do not use the same language as other social actors. And being so, sign language or sign languages, which are considered typical of deaf communities, has long been a source of discrimination and stigmatization of deaf people in society. In this sense, this work provided an opportunity to analyze the Deaf trajectories. Also enabled building a sociology for a new object that thoroughly has been analyzed by other research fields, such as education and health. Urging then for a sociological analysis. For this purpose, I sought the theoretical framework of Lahire (2004), Certeau (2012), Goffman (2012), Foucault (1979) and Strobel (2013), to understand: how these deaf people build their careers? In what ways use, build their cultural artifacts? And above all, how they have appropriated the, called for them, deaf culture in Amapá? Reflecting and appropriating sociology with arising concepts from that object, such as the concept of Deaf People, and deaf culture, I reach out the methodology proposed by Lahire (2004) using depth interviews, all made in Libras, so I could structure the deaf interlocutors individual and in community trajectories, provisions, conveniences and variations. I found then, what I called "silence echoes", as there is a great tension between deaf and hearing, and coercively, the deaf are taken to build their own conveniences for the various social spheres, strongly echoing in society its numerous attempts to be recognized, and to decrease stigma that deafness imputes to them .

Keywords: Trajectories. Deaf. Deaf culture. Deaf people

Em memória de Sebastián Razael, meu querido irmão que tão cedo nos deixou, entretanto continua vivo em meu coração e sendo minha grande inspiração em amar a vida e valorizar as oportunidades que temos.

Um pouco de mim

Sendo eu um aprendiz
A vida já me ensinou
Que besta é quem vive triste,
Lembrando do que faltou,
Magoando a cicatriz, esquece de ser feliz,
Por tudo que conquistou.
Afinal nem toda lágrima é dor,
Nem toda graça é sorriso,
Nem toda curva da vida, tem uma placa de aviso.
Nem sempre que você perde é de fato prejuízo,
O meu, ou o seu caminho, não são muito diferentes.
Tem espinho, pedra, buraco, pra mode atrasar a gente.
Não desanime por nada.
Pois até uma topada! Empurra você pra frente.
Só eu sei cada passo por mim dado nesta estrada, esburacada que é a VIDA.
Passei coisas que até mesmo Deus duvida,
Eu fiquei triste,
Capionga, aperriado,
Porém eu nunca me senti desmotivado.
Eu me agarrava sempre numa mão amiga.
E de forças a minh'alma era munida.
Pois do céu a voz de Deus dizia assim...
Suba o queixo, meta os pés, confia em Mim.
Vá pra luta, que eu cuido das feridas!

Bráulio Bessa.

Agradecimentos

Chegar aqui é de fato, a realização de um grande sonho. Sinto-me como o artista ao final do espetáculo, e que por trás dele há uma equipe enorme de pessoas, que ao longo de um tempo, aqui mais ou menos dez (10) anos, trabalharam incansavelmente, para que fosse um grande sucesso. Por isso é preciso colocar-me em reverência a estas pessoas maravilhosas.

Primeiramente a Deus, que me dá o fôlego de vida para que possa conquistar com maestria este objetivo. A meu pai Oxóssi, e a todos os voduns, que hoje sei, sempre estiveram comigo, em toda minha trajetória de vida. E ao meu irmão de Axé André Luiz, e em nome dele, agradeço a todos da família Jeje Savalú, que me acolheram e me afagaram como irmão, filho e pesquisador.

A minha grande estrela, minha inspiração para ter forças, mesmo quando tudo parecia perdido, minha rainha, que em seu nome é duplamente realeza, minha mãe Regina, e em nome dela, agradeço a todos de minha família.

A um grande companheiro, que por mais de dez anos esteve ao meu lado, e sei que ainda torce por mim, Reginaldo Santos.

As minhas queridas amigas de devaneios em Fortaleza, e que se tornaram minha segunda família nas horas difíceis, Silvia Carla, Conceição e Margareth Guerra.

Aos meus queridos Ruan Cardoso e Renan Cardoso, pelo trabalho primoroso que fizeram com os cartoons e as traduções, sem os quais, as imagens deste trabalho perderiam o seu brilho.

E aos muitos amigos e amigas, que durante esta jornada torceram por mim, mandando mensagens de carinho, e de força, nos momentos difíceis. Vocês foram imprescindíveis.

E um agradecimento especial a meu Pai de Axé, Rozenildo Ribeiro, Pai Omineram, que num momento extremamente complicado, da perda de meu irmão, e que pensei em desistir, esteve comigo, me tomou pelos braços, e me ajudou a prosseguir, Axé Odo meu pai, muito obrigado!

LISTA DE FIGURAS

- 1- Figura: gráfico, IBGE, 2010;
- 2- Cartoon: Ana Carolina;
- 3- Cartoon: Bianor;
- 4- Cartoon: Cleonice;
- 5- Cartoon: Dayse;
- 6- Cartoon: Gabriel;
- 7- Cartoon: José Ronaldo;
- 8- Cartoon: Josy;
- 9- Cartoon: Maria José;
- 10- Cartoon: Rafael;
- 11- Cartoon: Rodrigo;
- 12- Cartoon: Hego;
- 13- Figura: ciclo do Marabaixo;
- 14- Figura: recorte de jornal;
- 15- Figura: show de surdos em Macapá;
- 16- Figura: show de surdos em Macapá;
- 17- Figura: alfabeto manual Libras;
- 18- Figura: alfabeto escrita de sinais;
- 19- Figura: espetáculo show de surdos em Macapá;
- 20- Cartoon: Gabriel;
- 21- Figura: viagem de Gabriel ao Rio de Janeiro;
- 22- Figura: viagem de Gabriel a Europa, 2016;
- 23- Cartoon: Bianor;
- 24- Figura: formatura de Bianor;
- 25- Figura: almoço em família de Bianor;
- 26- Figura: natal em família de Bianor;
- 27- Figura: saída para almoço de Rafael e Dayse;
- 28- Cartoon: Rafael;
- 29- Cartoon: Dayse;
- 30- Figura: ensaio de coral com surdos;
- 31- Cartoon: Cleonice;

- 32- Figura: missa em Libras;
- 33- Figura: interpretação de missa em Libras;
- 34- Figura: interpretação de missa em Libras;
- 35- Figura: missa do Círio de Nazaré;
- 36- Figura: procissão do Círio de Nazaré, 2015;
- 37- Figura: encerramento de cursinho para surdos;
- 38- Figura: Hegan comemoração de fim de ano;
- 39- Figura: Hegan comemoração de fim de ano;
- 40- Figura: glossário em Libras para o candomblé;
- 41- Figura: gira de candomblé;
- 42- Cartoon: Josy;
- 43- Figura: café de surdos no Japão;
- 44- Cartoon: José Ronaldo;
- 45- Cartoon: Ana Carolina;
- 46- Cartoon: Rodrigo;
- 47- Cartoon: Maria José;
- 48- Figura: curso de matemática para surdos;
- 49- Figura: futebol de surdos;
- 50- Figura: futebol de surdos;
- 51- Figura: vídeo de divulgação de futebol de surdos;
- 52- Figura: página oficial da CBDS;
- 53- Figura: página oficial da CBDS;
- 54- Cartoon: Ana Carolina;
- 55- Cartoon: Bianor;
- 56- Cartoon: Cleonice;
- 57- Cartoon: Dayse;
- 58- Cartoon: José Ronaldo;
- 59- Cartoon: Josy;
- 60- Cartoon: Maria José;
- 61- Cartoon: Rafael;
- 62- Cartoon: Rodrigo;
- 63- Cartoon: Hegan;
- 64- Figura: vídeo FENEIS sobre acessibilidade de surdos;
- 65- Figura: vídeo FENEIS sobre acessibilidade de surdos;

- 66- Figura: campanha eleitoral 2016;
- 67- Figura: campanha eleitoral 2016;
- 68- Figura: campanha eleitoral 2016;
- 69- Figura: campanha eleitoral 2016;
- 70- Figura: comentários de rede social sobre as eleições 2016;
- 71- Figura: evento científico;
- 72- Figura: apresentação musical de surdos;
- 73- Figura: casamento de surdos em Macapá;
- 74- Figura: imagem de rede social sobre relacionamentos entre surdos e ouvintes;

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	16
1. CAPÍTULO 1: UM INTÉRPRETE ENTRE DOIS MUNDOS:	26
1.1 Os Surdos em Macapá: refletindo sobre o mundo do silêncio	26
1.2 A História Cultural dos Surdos.	37
1.3 Uma Língua que demarca um Fenômeno Social	40
1.4 Cultura e Artefatos Culturais dos Surdos	46
1.5 Povo Surdo, um conceito a ser apropriado.	61
2 CAPÍTULO 2: Desafios Metodológicos	68
2.1 Construindo as trajetórias de surdos.	68
2.2 Gabriel, os ecos do silêncio.	70
2.3 Bianor, os laços de família.	78
2.4 Rafael e Dayse, a experiência do estigma.	83

3	CAPÍTULO 3: Religião, limites e possibilidades para o Surdo.	90
3.1	Cleonice, uma prática religiosa.	100
3.2	Experiências no Candomblé.	108
4	CAPÍTULO 4: Espaços Sociais de Interação.	119
4.1	O mundo do trabalho.	122
4.2	O Surdo e a educação.	127
4.3	Quatro trajetórias educacionais.	130
4.4	Esporte e Lazer.	138
5	CAPÍTULO 5: Amor e Amores, interações afetivas	147
5.1	O surdo e a relação com a família.	149
5.2	Quando o fato de ser mulher e surda torna-se um estigma.	158
5.3	Os Surdos votam?	166
5.4	Aquisição da Linguagem para os surdos.	179
5.5	A construção de regras sociais para os surdos.	188

5.6	Interações afetivas, histórias de amor e de conquista entre surdos.	203
	REFLEXÕES FINAIS.	214
	GLOSSÁRIO	228
	REFERÊNCIAS.	230
	ANEXOS.	238

INTRODUÇÃO

Início este trabalho contando uma pequena história. A de uma menina negra, que vivia na Amazônia Marajoara (Ilha de Marajó – PA), irmã mais velha de seis (6) irmãos. Ainda muito jovem, por volta de seus oito (8) ou nove (9) anos, já possuía muitas responsabilidades. E como era a irmã mais velha, dentre as muitas obrigações que tinha, a de fazer as compras da casa era uma. A cada dois (2) meses andava alguns quilômetros mata adentro, de sua casa até a margem do rio, para fazer o “rancho” da família. E neste percurso percebeu a necessidade de aprender a ler, pois precisava acompanhar de perto o processo de compra. Enquanto não sabia ler, tinha que memorizar tudo que sua mãe pedia para comprar. O que não era tão simples. Foi, então, que teve a ideia de conversar com o “cacheiro viajante”, assim como era chamado à época, em meados de 1927, o homem que singrava os rios da Amazônia, abastecendo toda a região de mantimentos, roupas, remédios e tudo mais que a população precisasse comprar. Assim, ela então pediu que a ensinasse a ler e escrever.

Neta de escravos, ainda era proibida de ler e escrever, pois era mulher e, nesta época, o patriarcalismo ainda era determinante, e o que lhe restava era aprender os cuidados do lar. Mas, com uma sagacidade sem igual, passou a tomar as lições. Escondia por entre os seios as atividades. Quando podia, ia até o mato estudar. Quando o cacheiro voltava, corrigia e, lhe dava novas lições. Assim aprendeu a ler e escrever. Tornou-se professora de muitas crianças da redondeza, inclusive de seus filhos posteriormente. Foi, durante muito tempo, a enfermeira, a parteira tradicional, como são conhecidas as mulheres nestes lados da Amazônia que detêm o conhecimento em realizar partos. Hoje, aos oitenta e nove (89) anos, minha avó, ainda lúcida, é minha inspiração para realizar um sonho, o de fazer um doutorado.

Este trabalho então surge de uma experiência primeira, minha como professor de Língua Brasileira de Sinais (Libras). Com uma trajetória na educação inclusiva já de 18 anos. Estou há 7 anos na Universidade Federal do Amapá, trabalhando com as disciplinas Educação Especial e Libras e, junto a elas, orientando vários trabalhos de conclusão de curso de graduação. Coordeno projetos de extensão. Ainda no interstício 2011-2013, apresentei uma dissertação de mestrado em que busquei refletir sobre os impactos da legislação de Libras na formação e atuação do

professor da classe regular. Nesse trabalho verifiquei, de forma mais pontual e próxima, que a ¹comunidade surda amapaense não busca só os ambientes escolares, busca também se incluir em outros espaços sociais. Na verdade, tenciona, a todo custo, com os ouvintes, seu espaço social de interação, e seu reconhecimento como grupo, como comunidade e como cidadãos brasileiros.

Entretanto, antes de continuar esta trajetória, mencionada anteriormente, é preciso voltar um pouco na história para contar como me identifiquei com a comunidade surda Amapaense e assim poder esclarecer algumas possíveis dúvidas. Nos idos de 1990, ainda como aluno do Ensino Médio, magistério, fui trabalhar, como uma espécie de estagiário, numa escola, até então desconhecida para mim, por ser uma escola especial. Qual não foi minha surpresa, ao me apresentar na escola, e descobrir que ali não era uma escola comum, mas uma escola em que todos os alunos tinham algum tipo de deficiência. Contudo, não é este o fato que me aproximou dos surdos, e sim da escola ter, em seu quadro de estagiários, mais de cinco surdos desenvolvendo suas atividades laborais cotidianamente.

Convivendo diariamente com surdos, eu um jovem assim como, meus agora, amigos surdos. Aprendia e ganhava fluência em língua de sinais, sem nunca ter feito nenhum curso. Interessante dizer que, até este dia, nunca tinha tido nenhum contato com surdos e com a língua de sinais. E o aprendizado se deu cotidianamente. Os ²surdos me ensinavam, comecei a gostar da língua e de certa forma me identificava com eles, não por serem considerados deficientes, mas por usarem um canal de comunicação diferente e por assim ser eram extremamente discriminados e estigmatizados. Característica que eu conhecia muito bem, sendo de uma família extremamente pobre, filho de empregada doméstica, com oito (8) irmãos, e vivendo num bairro sem quase nenhuma atenção do poder público local.

As semelhanças se aproximavam e o que deveria ser somente um trabalho temporário, passou a ser uma paixão. Construí grandes amizades, que inclusive me levaram anos depois a fazer os primeiros cursos, em Língua de Sinais. E a partir de

¹ Comunidade surda, para Strobel, (2012), é o grupo de pessoas que interagem com os surdos. Além destes pais, amigos, professores que sabem e usam a língua de sinais para se comunicar com os surdos.

² De acordo com o Decreto 5626 de 2005. Art. 2^o, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras

então começar a pensar em, de fato, ter uma vida profissional na área de Libras, e do processo de inclusão social dos surdos.

O fato de estar sempre próximo de surdos e construir laços de amizade me levaram a, no cotidiano, ser um intérprete. Mesmo sabendo poucos sinais, com pouca fluência, ainda assim é uma verdadeira salvação em alguns momentos para um surdo ter, próximo a eles alguém que sabe língua de sinais. Idas a todos os lugares começaram a ser condicionadas ao fato de saber ³Libras. Dentro da própria escola em que trabalhávamos o susto sempre era muito grande, ao ser visto, conversando/sinalizando em Libras. Pois mesmo os profissionais que ali trabalhavam, numa escola especial, pouquíssimos sabiam língua de sinais. A escola não dispunha de ⁴ intérpretes de Libras.

Aliás, a esta época nem a legislação de Libras existia para que pudesse obrigar as instituições a contratarem intérpretes. Estes eram na verdade professores próximos dos surdos, amigos ou parentes que os acompanhavam a todos os lugares. O que acabei me tornando por aprender a libras e estar próximo aos surdos.

Após este período, passei a trabalhar sempre como professor de Libras em escola da Rede Básica de Ensino em Macapá. Como professor temporário, atuei por um período de quase oito (8) anos em sala de apoio, hoje Atendimento Educacional Especializado (AEE). Neste espaço, atuava como alfabetizador em Língua Portuguesa para surdos, e ainda em outros atendimentos, com alunos com deficiência visual, física, intelectual e múltiplas deficiências. Neste período, busquei a formação para estas áreas em cursos de formação continuada, ofertada por centros especializados, como Centro de Apoio Pedagógico ao Cego (CAP-AP), Centro de Apoio Pedagógico ao Surdo (CAS-AP) e Instituto Benjamin Constant (IBC-Rio de Janeiro).

E ainda é importante mencionar que a esta época os surdos viviam ainda mais escondidos, desconhecidos do que são hoje. Poucas pessoas sabiam nos idos dos anos 2000, no Amapá língua de sinais e, conseqüentemente, pouco tinham ouvido falar sobre surdos. A esta época, quase não se tinha políticas públicas,

³ Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

⁴ Ouvinte, com fluência em LIBRAS, comprovada por meio de exame de proficiência, com capacitação em tradução e interpretação, LIBRAS/português/LIBRAS, responsável pela interpretação de todas as atividades e eventos de caráter educacional, nas turmas mistas¹ das séries finais do ensino fundamental e ensino médio, bem como nas modalidades da EJA, educação profissional e educação indígena DIOESC(2013).

como a Lei de Libras, nº 10.436/2002, que pudesse ao menos difundir o uso e ensino de língua de sinais. Por isso, pode-se dizer que foi uma época em que os surdos eram mais invisibilizados do que são hoje.

Assim sendo, meu interesse em refletir sobre a vida de pessoas surdas já tem algum tempo e só foi mais sistematizado com o doutorado. Após esta digressão, para falar do meu lugar na pesquisa, destacarei alguns pontos importantes neste trabalho, para que o leitor possa entender do que se trata.

Historicamente, os surdos têm sido alijados de quaisquer processos de interação social. Mazzotta (2001) descreve que os surdos, assim como pessoas consideradas deficientes, até pouco tempo atrás, nem tinham direito à vida. Eram abandonados à própria sorte, por serem considerados um “peso” para os seus familiares e demais membros do grupo social, ao qual pertenciam.

Surdos, especificamente, durante a idade média, eram considerados sub-humanos. Por não oralizarem, eram impedidos de entrar nas igrejas, pois como não tinham linguagem oral, eram tidos como sem alma, por isso, comparados aos irracionais, sendo impedidos de participar dos rituais da igreja e receber os sacramentos (GOLDFELD, 2002).

Considerando ainda que, no meio educacional, por exemplo, nas últimas décadas, sobretudo, idos dos anos 2000, quando os surdos “invadiram” os espaços escolares, muito tem se falando, refletido sobre estes sujeitos. Entretanto, na sociologia e a própria antropologia, poucas pesquisas foram realizadas, deixando assim, uma lacuna social para se olhar, a partir da lente reflexiva da sociologia, para um grupo, tido minoritário, no mundo, no Brasil e no Amapá.

Para tanto, este trabalho então foi uma tentativa de reflexão sobre os espaços de interação social em que surdos estão presentes e de que maneira estes agem, interagem, ou performam, para deixar transparecer sua total autonomia, frente às adversidades do cotidiano, e também dos grandes desafios que passam para se colocar nestes espaços.

Adotei como lócus de pesquisa a cidade de Macapá, no Amapá, localizada no extremo norte do Brasil, e com um contingente de, aproximadamente, 2 mil surdos, de acordo com dados do IBGE (2010). Sempre foi um anseio não reduzir minha pesquisa somente ao campo educacional, pois acreditava, mesmo antes de me tornar um cientista social, que surdos devam adentrar em todos os espaços sociais. Minha inquietação sempre foi em saber se fazem isto de que maneira fazem.

E para realizar tais reflexões bebi nos escritos de autores como Goffman (1988), Certeau (2013), Foucault (1977), Durkheim (2012), Strobel (2013), Lahire (2010), Goldfeld (2002) entre outros.

Por ser um objeto novo a sociologia, esta tese propõe uma nova metodologia de pesquisa, pois, levando em consideração a peculiaridade linguística dos interlocutores, tive que fazer as entrevistas em Libras, e em muitos momentos do texto foi preciso manter a transcrição com a mesma construção gramatical da língua de sinais. Por isso, em vários trechos de entrevistas, quando falam de suas trajetórias, o que parece ser equívoco de língua portuguesa é na verdade, uma transcrição fiel à língua de sinais.

Há outra questão muito importante a se dizer sobre esta pesquisa. Sabe-se que nenhum Comitê de Ética permitiria permanecer numa pesquisa os nomes verdadeiros dos interlocutores, entretanto, por falar sobre surdos, sujeitos historicamente estigmatizados, e por muito tempo, invisibilizados, resolvi, em comum acordo com eles, até um pedido destes, usar seus nomes verdadeiros em toda a tese, mas com um recurso diferente: para cada interlocutor surdo, criei um cartoon, apresentando-os com o sinal de cada um deles.

O sinal a que me refiro é uma característica da comunidade surda, um artefato visual dos surdos. Sempre que uma pessoa entra na comunidade de surdos, ela é apresentada normalmente como qualquer outra pessoa, entretanto os surdos, no mesmo momento, criam para ela uma forma mais simplificada de se apresentar. Uma vez que a Libras não é uma língua alfabética, seria muito complicado, para qualquer pessoa, sempre que fosse se apresentar ou apresentar alguém, ter que usar a datilologia, ou seja, como se fosse em língua portuguesa, soletrar o nome da pessoa ou do lugar a que se está fazendo referência no ato comunicativo. Como por exemplo, se eu não tivesse meu sinal em Libras, e precisasse me apresentar a um ou mais surdos teria que dizer MEU NOME R – O – N – A – L – D – O. Por isso, para evitar um trabalho maior e dinamizar a comunicação, os surdos, ao conhecerem uma pessoa, perguntam o nome dela, esta usa a datilologia para dizer seu nome, olham atentamente, buscando alguma característica marcante no corpo da pessoa, e então criam o sinal, que geralmente é a junção da primeira letra do nome da pessoa, a alguma característica dela.

Por isso, para dar maior notoriedade aos interlocutores desta pesquisa, criei cartoon para cada um, a partir de seu sinal em, Libras, para que sempre que fossem

mencionados eu pudesse de fato apresentá-los. E esta foi uma questão debatida com o Gabriel, um dos mais atuantes surdos em Macapá, e interlocutor da pesquisa.

Outra peculiaridade importante a ser dita deste trabalho é a questão das traduções e uso de imagens. Foi preciso o uso de muitas imagens, porque elas constituem todo o universo linguístico e cultural dos surdos. Suas experiências são construídas, principalmente, a partir das experiências visuais, como bem abordou Silva (2012). Muitos surdos ainda pensam por meio de imagens e figuras. Por isso em vários trechos da tese, foi preciso o uso destas. Bem como as traduções que fiz. Em muitos momentos gostaria de ter usado um vídeo em língua de sinais, pois o sentimento que tive foi da falta de elementos em língua portuguesa que de fato pudessem contemplar toda a carga semântica que as entrevistas traziam em Libras.

Para pessoas que não estão acostumadas e nem têm proximidade com surdos, torna-se um desafio compreender o que dizem e como se expressam, pois as construções gramaticais são bem distintas de construções em português. Em língua de sinais não existem elementos coesivos como, preposições, conjunções e interjeições, bem como as flexões verbais. Características determinantes para uma construção frasal em língua portuguesa. Enquanto a língua portuguesa é expansiva, a língua de sinais é reduzida, usando tópico frasal para suas construções (GOLDEFELD, 2002).

Entretanto, pesquisas mais recentes como as de Quadros (2012), apontam que, na verdade há duas categorias de verbos em Libras: os que não são flexionados, e os que são flexionados. Ocorre que a flexão dos verbos em Libras, se dá de forma diferente da flexão dos verbos em Língua Portuguesa.

A partir dessa experiência linguística, os surdos constroem sua experiência cultural, ou seja, em muitos momentos da tese ficou claro como os surdos são diretos em suas afirmações, não usam eufemismos para se comunicar se não gostam da atitude de alguém, são diretos em adjetivar a pessoa, ou se esta lhe fez algo que não o deixou satisfeito, no mesmo momento externalizam seu sentimento, e sua insatisfação, e algumas vezes, estas atitudes são mal interpretadas por aqueles que desconhecem este traço linguístico e cultural dos surdos.

E apesar de ter construído esta tese em três (3) anos e meio, minha experiência e vivência com surdos passa dos quinze (15) anos, e este é um dos fatores, que tornou possível construir uma reflexão. Mesmo usando outra lente analítica, a da sociologia, foi possível analisar, a partir da interação social, como

surdos ocupam ou tentam ocupar espaços sociais, que ao que parece são, em muitos momentos, espaços hegemônicos de uma sociedade oral. Por isso, ao traçar a reflexão histórica dos surdos foi possível descortinar outra vertente, a dos próprios surdos falando sobre si. E assim, poder vê-los questionar a história que é contada cotidianamente nas escolas, em livros, e em cursos de Libras, sempre os mesmos fatos de exclusão, de morte de surdos, de impossibilidade e cerceamento social.

Não que estas histórias não sejam verdadeiras, mas existem outras. Surdos também conquistaram espaço, apesar de uma grande tensão com pessoas ouvintes. É completamente possível encontrar surdos em diversos espaços sociais, não mais como coadjuvantes, mas como protagonistas de suas trajetórias de vida.

Em Strobel (2012) refletimos sobre outra história, aquela que tem sido apagada ao mencionar os surdos na sociedade, e que tem colaborado para seu silenciamento. Como, por exemplo, da presença de surdos em vários espaços sociais, como professores, pintores, artistas, escultores, literatos, dentistas, enfim. Surdos estão em vários espaços sociais, participando da vida em sociedade, entretanto há, nitidamente, um movimento hegemônico que busca apagá-los destes espaços.

A partir de Certeau (2013) pude refletir e tecer comentários sobre este empoderamento cultural que surdos estão construindo a partir de um processo lento de ocupação de espaços como a escola. Os surdos estão galgando uma formação mais sólida e podendo assim tencionar com os ouvintes, por seus direitos constitucionais como cidadãos. O que chamo de empoderamento cultural é exatamente este processo de politização, de identificação que os surdos têm entre si e que, a partir de então, estão se organizando em suas associações, e federações, em busca de seus espaços, como escola bilíngue para surdos.

Quanto ao processo de identificação, que aqui chamo assim, mas que tenho visto durante a pesquisa, sobretudo no meio educacional, é chamado de identidade surda. E este é um conceito extremamente complexo e amplo, que não pode ser reduzido e pensado da forma como vi em muitos momentos, não só interlocutores surdos, como também alguns professores e intérpretes ouvintes, mencionarem que há uma identidade surda. Como se esta estivesse desvinculada do restante da sociedade, ou ainda que fosse desligada das trajetórias de vida de cada pessoa, e ainda fosse determinada pelo uso da língua de sinais.

E para tanto usei os escritos de Bauman (2012) ao mencionar que a identidade não é fixa e cristalizada. Ela é uma constante construção e que está ligada à comunidade que o indivíduo pertença. Desse modo, não podemos pensar numa identidade surda, fazendo alusão a somente sua língua e desvinculando esta dos locais onde este ou estes surdos estejam vivendo, morando, ou tenham vivido e morado. O que se pôde identificar é que há um processo de identificação entre surdos, e que tal processo é decisivo na estruturação social e cognitiva destes indivíduos.

Seria danoso para o que se acredita ser a identidade de qualquer indivíduo, seja ele surdo, ouvinte, ou qualquer outra pessoa, caso se considere apenas um dos fatores que podem contribuir para a constante formação desta. É necessária então uma discussão mais aprofundada sobre o caso, pois muito ouvi nas entrevistas e em alguns espaços, sobretudo os educacionais, que há uma identidade surda. Inclusive penso que sobre esta questão também repousa uma determinação, um poder da sociedade ouvinte sobre o que pensam sobre os surdos, e em alguns momentos ditam como estes devem se reconhecer.

Sobre esta questão do poder, tentei usar as reflexões de Foucault (1979) para refletir mais profundamente sobre o fato de surdos nascerem em famílias de ouvintes e, em muitos momentos, inclusive relatados por eles, terem que se adequar a um sistema social, inicialmente familiar e posteriormente em outros espaços.

Foucault (1979) enfatiza como o poder ainda é, em vários momentos da vida social, o mote para que pessoas e sociedades inteiras passem a disputar espaço, uma subjugando a outra. Neste sentido, é válido mencionar a posição subalterna dos surdos frente a uma comunidade oralizada. Em grande medida, estes sujeitos sociais, mesmo sendo parte de um todo socialmente interacional, sentem a força de uma barreira, na maioria das vezes invisível, a barreira comunicacional.

“Hoje tenho 30 anos, mas minha infância foi muito difícil, descobriram que eu era surdo aos 3 anos, com um exame de audiometria, minha mãe e avó ficaram muito preocupadas, mas não buscaram aprender Libras, nem me ensinar, passei 10 anos da vida sem entender o que ocorria a minha volta, sem saber o que falavam em casa. Tempo todo era só gestos, só fui começar a entender algo, quando fui para escola aos 13 anos de idade. Lá é que aprendi Libras e a fazer leitura labial” (trecho de entrevista de Hegon).

Assim como na família de Hegan, na família de mais de 80% de surdos que nascem entre ouvintes, ocorre o mesmo. São cerceados de todos os momentos comunicativos, festivos e de toda a interação familiar. Algumas vezes sendo obrigados a aprender leitura labial ou desenvolver uma linguagem alternativa, sem nenhuma estrutura de língua, para então se comunicar, de forma muito incipiente com seus parentes e amigos mais próximos (GOLDFELD, 2002).

Sendo assim, estas e outras reflexões estão estruturadas em toda a tese. Levando em consideração a base teórica, já mencionada anteriormente, e, sobretudo, tentando não ser um “colonizador”, no sentido de não roubar nada dos surdos em favor próprio, e sim dar notoriedade a eles, este trabalho foi estruturado em cinco (5) capítulos, que estão assim distribuídos:

No primeiro capítulo, procurei apresentar quem são os surdos do Amapá, a partir de 11 interlocutores, com idade entre 20 e 40 anos, todos com formação superior. Bem como discuti um pouco de suas trajetórias históricas, inclusive trazendo à baila autores surdos e que traçam outra vertente histórica. Ainda mencionei como me coloco nesta comunidade, como professor, intérprete e em alguns casos amigo de surdos. E ainda, neste primeiro capítulo, discuti a questão das culturas da comunidade surda, seu empoderamento e, por conseguinte, o uso de artefatos culturais, e ainda, a tão polêmica, identidade surda.

No segundo capítulo, fiz uma construção metodológica, que chamei de desafios metodológicos, exatamente por trabalhar com pessoas surdas o que é convencional numa pesquisa de campo, não foi possível usar aqui. Como por exemplo, a omissão de nomes dos interlocutores. Neste capítulo também, faço e trago algumas das trajetórias dos interlocutores, fazendo a partir delas um paralelo com as possibilidades de interação social que tais indivíduos têm na família, na escola, no trabalho, no lazer e na religião.

Já no terceiro capítulo pude olhar para os surdos sob a ótica da religião. Este é um capítulo muito interessante, não que os outros não sejam, mas porque ele não existia na proposta inicial da pesquisa e surgiu durante o processo. Indo ao campo e dialogando com os interlocutores, pude então descortinar uma das mais interessantes possibilidades de interação dos surdos e de reais possibilidades de seu reconhecimento em ambientes sociais de tanta diversidade como é o espaço religioso.

No quarto capítulo, teci uma análise sobre outros espaços de interação, a partir de quatro trajetórias dos interlocutores surdos. Os espaços foram a escola, o trabalho, o lazer e a família. Nos quais diversas questões foram suscitadas, como, a falta de comunicação constante e até construção de ⁵conveniências sociais, nos moldes de Certeau (2012), entre surdos.

No quinto e último capítulo, fiz uma retomada em questões como a aquisição da linguagem e interação familiar, para poder discutir sobre as maneiras que os surdos constroem suas conveniências para questões como afeto, e ainda a tão importante conjuntura política atual do Brasil, e que estes tanto questionam não terem acesso para poderem participar e entender os debates dos candidatos a prefeitura de suas cidades. Ainda construí, a partir de uma das interlocutoras, uma análise de gênero, e fora a única exceção para a questão da preservação de sua identidade, indo de encontro até a proposição da tese de dar visibilidade total aos surdos.

⁵ De acordo com Certeau (2012) em todos os lugares, públicos e privados há regras de convivência, e que são estipuladas, organizadas, por seus moradores. Sendo repassado a todos que compõem o grupo social.

CAPÍTULO 1: UM INTÉRPRETE E DOIS MUNDOS

Pois na língua de um povo, observa Herder, reside toda a esfera de pensamento, sua tradição, história, religião e base da vida, todo o seu coração e sua alma". Isso vale especialmente para a língua de sinais, porque ela e é a voz – não só biológica mas cultural, e impossível de silenciar – dos surdos.
Oliver Sacks

1.1 Os Surdos em Macapá: refletindo sobre o mundo do silêncio

Em se tratando de ouvintes seria em certa medida simples, no sentido de ser conhecido pela maioria, descrever como as pessoas interagem, como se relacionam, como se faz uma abordagem para iniciar um diálogo por exemplo. Mas, se tratando de uma pessoa que não acessa o mundo pelas vias convencionais, ou seja, não ouve e em sua maioria não ⁶oraliza. Toda esta dinâmica se faz de forma bem diferente do que estamos acostumados a ver como forma de comunicação.

E para esta apresentação, por assim dizer, bebi na literatura de Goffman, 2012. Com seu Ritual de Interação. Assim salienta Goffman, (2012:13) dizendo que todos vivem num mundo de encontros em que o contato face a face é inevitável, e por assim ser tendem a desempenhar uma linha, ou seja, um padrão em seus atos verbais e/ou não verbais, e que por meio desta linha a pessoa se apresenta e avalia o outro na situação de interação.

⁶ Diversos termos utilizados no estudo da surdez são iguais a termos utilizados na linguística e na psicologia, no entanto eles têm uma conotação bastante diferente. O termo sinal utilizado para designar os elementos lexicais da língua de sinais não deve ser confundido com o sinal que Bakhtin se refere em oposição a signo. O sinal, ou seja, o item lexical da língua de sinais, é um signo linguístico da mesma forma que as palavras da língua portuguesa. O termo fala que na área da surdez é comumente utilizado para designar a enunciação produzida pelo sistema fonador não pode ser assim confundida com o conceito de fala para Vygotsky. Assim, sempre que me referir ao primeiro conceito de fala utilizarei o termo oralização, que deve ser entendido em oposição a sinalização, que é a fala (no sentido de Vygotsky) produzida pelas mãos. Assim temos: língua (Saussure) sistema de regras abstratas composto por elementos significativos inter-relacionados. Língua (Bakhtin) sistema semiótico criado e produzido no contexto social e dialógico, servindo como elo de ligação entre o psiquismo e a ideologia. Linguagem códigos que envolvem significação não precisando necessariamente abranger uma língua. Fala (Vygotsky) produção da linguagem pelo falante nos momentos de diálogo social e interior, pode utilizar tanto o canal audiofonatório, quanto o espaço-visu-manual. Oralização utilização do sistema fonador para expressar palavras e frases da língua. Sinalização fala produzida pelo canal viso-manual. Sinal elemento léxico da língua de sinais. Signo elemento da língua marcado pela história e cultura de seus falantes, possui inúmeras possibilidades de sentidos, sendo estes criados no momento da interação, dependendo do contexto e dos falantes que o utilizam (GOLDEFELD, 2002).

Em se tratando de surdos, mesmo Goffman não tendo os mencionado, seus diálogos são pautados na interação face a face, uma vez que se utilizam de um material linguístico em que para estabelecer comunicação, os sujeitos precisam “literalmente” se olhar. É por meio do olhar que os sinais são absolvidos e assim interpretados. Os movimentos feitos pelas mãos precisam ser realizados frente à outra pessoa, ou as pessoas, que estão no momento do diálogo. Logo a citação de Goffman se coaduna com as formas que os surdos usam para realizar e estabelecer comunicação entre si e com outras pessoas não surdas.

E para além do exposto anteriormente, os surdos basicamente usam uma linguagem não oralizada, não verbal, nos termos de Goffman, 2012. Entretanto mantém a chamada linha, contudo evidentemente de forma diferente dos ouvintes. O que os leva a serem muitas vezes discriminados e excluídos socialmente. Uma vez que em sua maioria, ou quase a totalidade das pessoas leva em consideração a linguagem oral determinante para se mensurar o grau de sapiência de um indivíduo. Inclusive nos termos de Foucault, (1999) esta seria uma forma de poder e que é determinante para categorizar os indivíduos socialmente. São os chamados predeterminantes, os julgamentos feitos mesmo sem conhecer o indivíduo e que o torna excluído nas interações sociais.

Neste contexto então o surdo é um exímio utilizador da interação face a face. A história de Gabriel, surdo filho de pais ouvintes, retrata como a sociedade ainda tem um determinismo em como conceber este sujeito, o que esperam e o que acreditam ser capaz de realizar, inclusive no campo educacional. Entretanto,⁷ surdos têm características muito peculiares e que são desconhecidas por grande parte de nós ouvintes.

Importante dizer que as características elencadas por Silva, (2012) os surdos do Amapá não estão de fora. Chama atenção o fato de não terem a construção social para questões como virgindade e homossexualidade, tidas como tabus, e ainda produto de muito preconceito, estigmatização de grupos, exclusão social,

⁷ Eles fazem uso complexo e exacerbado da visualidade e da gestualidade; atrasam-se para os compromissos; gostam muito de bater papo, varando as madrugadas; possuem grande acuidade visual, notável sensibilidade para vibração e olfato aguçado; possuem sexualidade exacerbada; são desconfiados quando o assunto é dinheiro; são sinceros e diretos, não usam meias palavras; campeonatos esportivos constituem práticas quase sagradas para eles; estão sempre de mochilas; são concretos (não abstratos); pensam por imagens e não por palavras; pensam de maneira dicotômica, sem realizar gradações; não dão carona; precisam aprender que a virgindade e a homossexualidade são tabus; quando se pisca a luz em recintos fechados são chamados à a tenção; em restaurantes, colocam a garrafa Pet no chão para não atrapalhar a conversa em sinais; possuem piadas específicas; possuem associações e calendários próprios; escrevem em português de modo particular, tendo um vocabulário restrito; usam tecnologias específicas, como campainha de luz, despertador com vibração, detector de choro de bebê, são endogâmicos SILVA, 2012.

determinantes para os grupos de Gays, Lésbicas, transexuais, o chamado Grupo LGBT.

Convivendo com surdos se percebe que, estes conceitos são construídos e levados a nós por meio da oralização, marca identitária de nossa sociedade ouvinte. Os surdos crescem num “mundo paralelo”, uma vez que, grande parte deles nasce em famílias de ouvintes. Logo suas interações sociais são sempre diferentes, muitas conversas são perdidas, para não dizer a totalidade das conversas, muitos conceitos que poderiam ser construídos deixam de o ser, porque seus familiares usam principalmente a oralidade, para interagir no cotidiano. E o surdo fica a margem dessas interações e conversas. O que no caso do homossexualismo, outro conceito deixa de ser construído e impregnado nos surdos, o preconceito.

E neste caso é um ganho, uma vez que, este tem sido um dos maiores problemas sociais de nosso tempo. O preconceito tem sido em dados momentos e circunstâncias da vida cotidiana, responsável pelas maiores atrocidades, violência, estigmatização e chegando ao ápice de qualquer categorização, à morte de pessoas que não se “enquadram” no “padrão social” vigente.

Diferente de nós, os surdos não menosprezam os homossexuais, na verdade, não entendem porque nossa sociedade discrimina tanto. As relações para os surdos são em grande medida, muito mais simples de serem construídas, mas esta é uma questão que aprofundaremos em outro capítulo deste trabalho.

A língua de sinais ou as línguas de sinais têm sido por muito tempo motivo de discriminação e extirpação das pessoas com surdez da sociedade. Uma vez que vivemos numa sociedade oral, ou seja, em que a maioria se utiliza de línguas orais para a comunicação. Encontrar um indivíduo que não utiliza o mesmo meio de comunicação se torna uma grande dificuldade de socialização e até de “aceitação” deste no meio social.

Certa vez ocorreu algo inusitado, já trabalhava há pelo menos 3 anos na escola especial, já tinha alguns amigos surdos. E eu estudando, chegaram na porta da minha sala de aula, uma pessoa da coordenação da escola, acompanhada de um policial, perguntando quem era o aluno Ronaldo. Só isso já causou um frisson na turma, aquele alvoroço em todos. Dirigi-me à porta, me identifiquei, a professora e o policial me pediram para acompanhá-los e no caminho até o portão foram me explicando o que havia ocorrido. Um casal de jovens de maios ou menos 18 anos o rapaz e a moça de 15, tinha roubado uma casa. Mas, até ai, não entendia em que eu

poderia ajudar ou colaborar com a polícia. Então disseram os motivos pelos quais me procuraram. O casal de assaltantes era de surdos. E um dos policiais de plantão era meu amigo e como na delegacia não existia ninguém que soubesse Libras, ele lembrou que um amigo era fluente, sabia como ele disse “conversar com mudo”. Por isso, foram até a escola em que eu estava para que eu ajudasse a polícia a fazer o boletim de ocorrência e poder intermediar a conversa.

Chegando à delegacia, a surpresa, eu conhecia um dos surdos que cometera o delito. Antes de me dirigir aos surdos, os policiais pediram para que eu ajudasse na tradução do que eles já estavam há horas tentando lhes explicar, me pediram imparcialidade, me lembrando de que eles cometeram um crime, pois haviam invadido uma casa e subtraído alguns objetos da mesma. Além dos policiais, estavam presentes outras pessoas, também envolvidas em situações das mais diversas possíveis, uma vez que esta delegacia era uma espécie de central de flagrantes de Macapá. E inclusive uma equipe de uma emissora local, e que me disseram que sempre estavam lá para coletar as informações diárias do plantão policial para o jornal.

Dirigi-me então aos surdos, me apresentei, dizendo que estava ali para traduzir a eles o que os policiais falariam. Nisso os policiais foram dizendo que eles haviam sido pegos em flagrante, que haviam invadido uma casa. Perguntaram se eles tinham noção de que se tratava de um crime? O rapaz então respondeu que não sabia que era para entrar escondido na casa, disse que outra pessoa o convidou a entrar na mesma e que era para ajudá-la a pegar algumas coisas e que estes pertences eram dela. Nisso outros policiais e uma repórter estavam um pouco afastados do diálogo e riam muito. Quando terminou a conversa entre os policiais, terminaram de fazer o boletim de ocorrência. Interpelaram-me dizendo, olha professor é até cômico o que ocorreu com esses dois, porque o senhor sabe a casa que eles entraram é de uma policial civil. E quando a proprietária da casa entrou ouviu alguns ruídos estranhos, já empunhou a arma e foi devagar até um dos cômodos da casa, imaginando estar sendo vítima de ladrões.

E mesmo ela entrando na casa, estacionando o carro, abrindo a porta com a chave, pensou fiz tanto barulho ao entrar não pode ser que esses “caras” estão aqui dentro da minha casa roubando, qual não foi sua surpresa ao se deparar com os dois. Começou a gritar apontando a arma e mandando que largassem as coisas que tinham nas mãos, e os dois olhavam para ela sem entender, sem dizer nada, depois

faziam gestos com as mãos e ela pensava que se tratava de alguma piada, pensou em atirar, em bater, mas após alguns minutos de muitos gritos por parte dela, percebeu que se tratava de realmente pessoas surdas. E por isso riamos muito professor, disse um dos policiais.

Em seguida a repórter que ali estava me pediu para ajudar na matéria que faria com os dois surdos. Perguntou-me e agora professor como eu faço? Desculpe-me, mas é a primeira vez que tenho que fazer uma matéria assim, eles são surdos então é muito diferente não sei como fazer e além de tudo, quando se trata de uma pessoa “assim” a gente sempre acha que serão as vítimas né? Mas no caso eles que roubaram.

Fiz então uma espécie de ensaio com a repórter, explicando que ela deveria fazer a pergunta e eu traduziria em Libras aos dois e que quando eles respondessem ela deveria posicionar o microfone a mim para que eu falasse em português o que haviam dito em Libras, o que na área da tradução e interpretação em Libras chama-se sinal-voz. Assim tentamos fazer, expliquei aos surdos que a repórter queria fazer uma entrevista com eles e que seria algo simples, concordaram em fazer. A repórter então fez a pergunta, eu fiz a tradução e quando o rapaz começou a responder/sinalizar ao invés dela posicionar o microfone a mim, levou-o até a boca do surdo, este me olhou com estranheza, fazendo uma expressão de que não era para ele o microfone. Todos em volta, inclusive os surdos, começaram a rir, a repórter então parou, rindo muito e pedindo desculpas pela gafe. Novamente tentamos e por mais duas vezes ela errou a posição do microfone, até conseguir finalizar a matéria.

A alegoria que acabo de trazer como uma das várias experiências que tenho tido com os surdos, demonstra antes da falta de conhecimento, de apagamento social, uma grande exclusão a um grupo social, parte integrante de nossa sociedade, a bens e serviços, e que não é uma exclusividade dos surdos. Demonstra uma realidade, no tocante a acessibilidade, do Brasil. O país como um todo deixa a desejar, com quaisquer pessoas com algum tipo de deficiência. É possível notar o que aqui menciono, ao olhar as cidades, as grandes capitais brasileiras, carecem de estruturas acessíveis.

Os surdos não têm intérpretes nos lugares públicos e de grande circulação de pessoas, como bem menciona a Lei nº 10.098/2008, chamada Lei da Acessibilidade. Os programas televisivos, em quase a totalidade, não contam com a janela de

interpretação em Libras. Entretanto, esta é uma realidade a todas as pessoas com deficiência, como já mencionei, o não acesso ao som, convive com outras exclusões. Os cegos só há pouco tempo conquistaram os pisos táteis em alguns pontos das cidades, os deficientes físicos ainda padecem pela falta de rampas e elevadores nos prédios públicos e calçadas das grandes cidades brasileiras sem mencionar as vagas em estacionamentos, nas ruas e em prédios públicos.

Hoje o Amapá tem de acordo com o IBGE, um pouco mais de 700 mil habitantes dentre os quais cerca de 12 mil são deficientes auditivos e pouco mais de 4 mil são surdos. Contudo existe uma questão para a nossa sociedade ouvinte e hegemônica, uma não, várias questões a serem equacionadas. Quem é o surdo? Como interagem? Como se socializam? Como namoram? Que conceitos constroem acerca de questões como a religião. O que significa ir à igreja, a uma missa no domingo ou a um culto da igreja evangélica? Questão salutar para se apresentar um sujeito socialmente invisível, no Amapá, e porque não dizer no Brasil.

As questões mencionadas até então servirão como eixo condutor para descortinar, por assim dizer, quem são os surdos do Amapá. Como se dá esta interação social, em co-presença, por meio da Libras, questões como a vergonha, a timidez, afinal são pessoas como quaisquer outras, mas os mecanismos de expressão são outros. Neste sentido o apoio em Goffman (2012), será fundamental. Em mais de uma década envolvido com este grupo de pessoas que tem características marcantes, chegando a ser um traço diferenciador dos demais indivíduos sociais, é preciso então detalhar, na medida da minha experiência com os mesmos, de que forma fui aprendendo sua língua e suas peculiaridades.

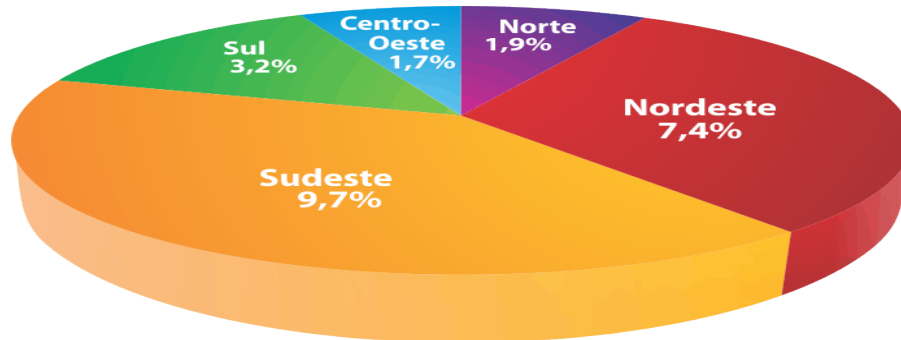
E estas características, mencionadas anteriormente, vão para além de questões linguísticas, seria até um reducionismo imenso dizer que os surdos são representados ou sua maior expressividade se dá por meio da Libras, esta é uma das faces deste coletivos de pessoas que não acessam a vida por meio do som, que colabora, bem verdade, para sua expressividade, mas que existem muitas outras características, e nos termos da sociologia clássica, um ethos, em ser surdo. E que tentarei esboçar no decorrer deste trabalho.

Dos dados apresentados pelo IBGE, quanto ao quantitativo de surdos, irei detalhar um pouco para tentar, de forma mais didática, apresentar quem são os surdos do Amapá. O Amapá tem hoje de acordo como último Censo quase 5 mil surdos. Há inclusive, a necessidade de explicitar de que forma o próprio Censo

quantificou os surdos e outras deficiências. Para as deficiências visual, física e auditiva o Censo deu a possibilidade de mensurar o grau de severidade da deficiência.

Assim sendo, o IBGE em 2010 quantificou cerca de 45.623.910 pessoas com algum tipo de deficiência no Brasil. Na região Norte, foram quantificadas cerca de 15.864.454 pessoas. Especificamente no Amapá, cerca de 669.526 pessoas com algum tipo de deficiência, uma média de 1,9% da população IBGE, 2010.

Figura 1: gráfico IBGE pessoa com deficiência



Fonte: censo IBGE, 2010

O censo difere por meio da deficiência quem seja surdo e pessoa com deficiência auditiva. Os deficientes auditivos são aqueles que têm algum grau de perda auditiva, e são no Amapá, cerca de 22.646 pessoas e no detalhamento foram quantificados da seguinte forma: homens residentes na área urbana, e que não ouvem de modo algum, 4%, totalizando 309 pessoas. Homens residentes na área urbana, e que ouvem com grande dificuldade, 5%, totalizando 2.616 pessoas. Homens que ouvem com alguma dificuldade, residentes na área urbana, 5%, totalizando 11.094 pessoas. Na área rural, homens que não ouvem de modo algum, 2%, totalizando 61 pessoas. Homens residentes na área rural e que ouvem com grande dificuldade, 2%, totalizando 323 pessoas. Homens residentes na zona rural e que ouvem com alguma dificuldade, também 2%, somando 1.261 pessoas.

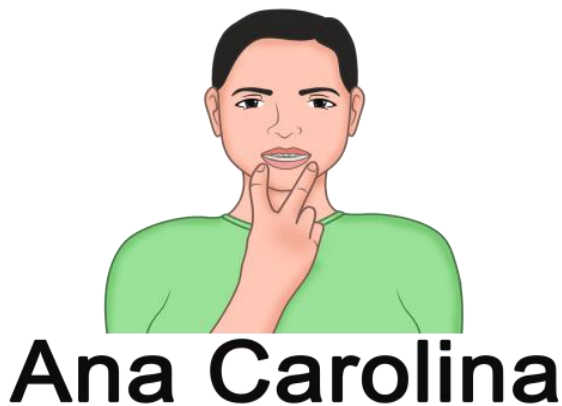
Em relação às mulheres o censo quantificou assim. Mulheres residentes na área urbana e que não ouvem de modo algum, 5%, somando 442 pessoas. Residentes na área urbana e que ouvem com grande dificuldade, 4%, totalizando 1.756 pessoas.

Importante dizer que a partir destes dados muitas políticas públicas são elaboradas, ou deixadas de ser elaboradas, para o que a sociedade chama de minorias. E em relação ao surdo. O Amapá, tanto quanto, outros estados, apresenta

sérios problemas de inserção, participação social, do surdo em vários aspectos sociais.

Destes optei em acompanhar, e ensaiar a construção de suas trajetórias, um grupo de 11 surdos, alguns solteiros e outros com suas companheiras e companheiros. E para tanto construí uma forma de apresentá-los no decorrer da pesquisa. Como dentro da comunidade surda é comum, o próprio, e os ouvintes apresentarem-se a partir de seu sinal, construí, a partir de uma cartoon cada um dos interlocutores, protagonistas deste trabalho, sinalizando e apresentando-se, são eles.

Figura 2: cartoon



Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 4: cartoon



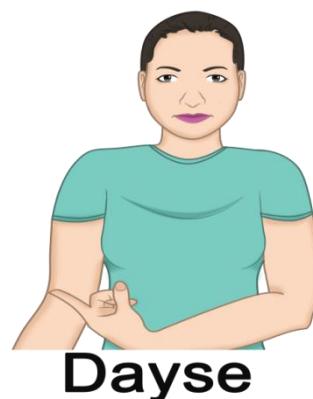
Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 3: cartoon



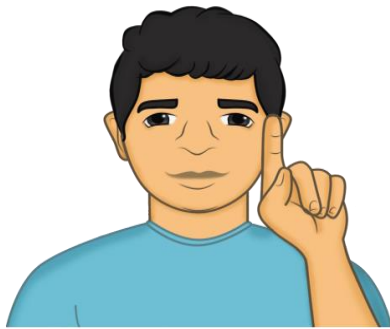
Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 5: cartoon



Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 6: cartoon



Gabriel

Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

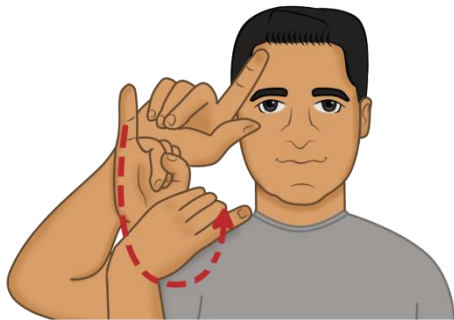
Figura 9: cartoon



Maria José

Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 7: cartoon



José Ronaldo

Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 10: cartoon



Rafael

Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 8: cartoon



Josy

Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 11: cartoon



Rodrigo

Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 12: cartoon



Hegon

Fonte: Acervo da pesquisa. Ronaldo Manassés

É importante fazer aqui uma descrição mais detalhada de cada um dos cartoons criados para os interlocutores surdos, pois foram assim feitos a partir do sinal de cada um deles e, que este é dado pelo próprio surdo, ou outro surdo mais velho. É diferente de quando um ouvinte recebe o sinal de um surdo, estes ao criarem seu sinal a regra parece ser outra, e, não a dada para os ouvintes. Para estes o sinal é feito a partir da primeira letra do seu nome, aliado a alguma característica corporal. Salvo algumas exceções, a grande maioria dos surdos que conheço e, dos interlocutores da pesquisa, seus sinais não fazem referência a características corporais. Como por exemplo, o sinal de Ana Carolina, em que toca os dedos no queixo. Não usa no sinal nenhuma letra do seu nome, por exemplo, tanto quanto o sinal de Dayse, esta toca com a mão esquerda o antebraço direito, também, não usa letra de seu nome.

É interessante dizer para os surdos, o sinal é como se fosse o nome para os ouvintes, tamanha importância é dada. Dificilmente se vê um surdo sinalizando o nome de outro surdo, em quase a totalidade dos diálogos usam o sinal, e em alguns casos nem se lembram do nome da pessoa, só o sinal. Por isso, para este trabalho fez todo o sentido a criação de cartoons, com o sinal de cada um dos interlocutores surdos, ao invés de se criar nomes fictícios, como é comum em pesquisas com seres humanos.

A partir dos conceitos de comunidade surda de Strobel (2013) me auxilia a entender o conceito e o significado desses sinais e, portanto uma justificativa para o porquê dos cartoons, para cada um dos interlocutores da pesquisa. É comum nas comunidades surdas, as pessoas ao serem apresentadas, sinalizam seu nome, num processo chamado digitar, que consiste em a pessoa sinalizar letra por letra seu nome e logo em seguida, sinalizar seu sinal, como nos cartoons acima. Esta não é uma condição de surdos, na verdade serve para identificar qualquer pessoa que faça parte da comunidade surda.

É a escolha do sinal, geralmente é feita por uma pessoa surda, que ao olhar o sujeito ele ou ela vê, na maioria das vezes, algum sinal corporal da pessoa e junta este a primeira letra do seu nome. Importante frisar que esta regra serve para criação de sinal de pessoas não surdas, pois a maioria dos surdos tem um sinal que não faz esta correspondência, como é o caso aqui da Ana Carolina, Dayse, Maria José, Rodrigo, Rafael e Hego.

1.2 A História Cultural dos Surdos

Para iniciar tal discussão é preciso antes, fazer uma justificativa preliminar para que o leitor possa compreender, a priori, como se relaciona a questão do surdo como ator social, e o mundo contemporâneo. Assim historicamente a pessoa com surdez foi negada pela sociedade. Dados históricos, como em Mazzotta (1996), dão conta de que estas pessoas eram sacrificadas ou abandonadas até morrer por seus parentes ou líderes das comunidades que nasciam.

Durante a Idade Antiga, os surdos não podia sequer sair às ruas, quando isto ocorria eram impedidos de relacionar-se com os demais transeuntes, a Igreja, por exemplo, os tinha como sub-humanos, logo ficavam do lado de fora dos cultos religiosos, porque não tinham linguagem oral, logo não tinham discernimento suficiente para acompanhar os ritos, algum tempo depois, já na Idade média, o surdo passou a ter direito à vida, mas ainda assim vivendo em guetos ou abrigos para não se misturar à sociedade porque esta acreditava que ele não tinha alma, assim não podia ser humano e partilhar das mesmas coisas que os demais (PEREIRA, 2008).

E finalmente hoje a sociedade do século XXI sabe da existência do surdo, porém não compreende sua língua, suas experiências culturais e sua constituição identitária e um dos fatores para isso é o modo peculiar de comunicação que este usa para acessar o mundo à sua volta.

No que tange à Educação dos Surdos, não foi diferente. Tiveram sua educação negada e, até meados do século XV, ainda nenhum direito lhes era assegurado. É somente no século XVI que se encontram os primeiros registros de educadores fazendo algum trabalho com surdos. Trabalhos esses que envolviam o ensino e a aprendizagem de uma língua comum. O monge Beneditino Pedro de Leon (1620-1584) trabalhou com quatro surdos e os ensinou a falar latim, grego e italiano e ainda desenvolveu uma metodologia que envolvia a datilologia, escrita e oralizada e também fundou uma escola de professores surdos (GOLDFELD, 2002).

Nesse sentido o que se percebe é um grande abismo entre a sociedade e a pessoa com surdez, primeiro porque esta não foi constituída para abrigar pessoas que não ouvem e não oralizam como os demais ou com qualquer outro tipo de deficiência. Segundo porque ao que parece, a sociedade ouvinte espera que o surdo

se integre ao cotidiano social, como se a responsabilidade por incluir-se fosse totalmente dele.

É comum ouvir de famílias de ouvintes que têm algum filho surdo expressões como:

meu filho é bilíngue, ele foi oralizado fizemos implante coclear então só agora que ele descobriu esse mundo de sinais, mas ele nem precisava porque “fala muito bem”. Ou de surdos, filhos de pais ouvintes dizerem: meus pais viajaram de férias com meu irmão não fui porque sempre é a mesma coisa eles conversando e quando pergunto por que estão rindo dizem que depois me explicam e nunca me dão atenção aí melhor não ir (fala de um dos interlocutores da pesquisa).

Na verdade em relação ao contexto educacional citado anteriormente surge a falácia da inclusão, com promessas de escola para todos, educação de qualidade e pública. Mas sabe-se que não há espaço para todos. Que equipamentos e estruturas são necessários para uma universidade para todos? A verdade é que o discurso da inclusão tem se tornado um discurso vazio, à medida, que não contempla nem mesmo aqueles que propõe incluir.

A este respeito Leite (2007) diz que não há espaço para todos, é preciso equipamentos e estruturas para atingir uma universidade para todos, por exemplo, e que neste sentido o discurso da inclusão é estigmatizado e se torna vazio. Pois nem para os que se propõe incluir consegue realizar de fato o processo de inclusão. E aqui entram no rol pessoas com deficiência e sem deficiência e que são excluídos da mesma maneira.

No Amapá os surdos não tiveram uma história diferente de outras comunidades surdas ao redor do mundo. Os relatos que se tem são de que os primeiros registros de surdos em escola se deram em meados de 1971, na Escola Estadual José de Anchieta e que à época atendia alunos com deficiência intelectual, cegos e com deficiência física. E não se tinha nenhuma política de atendimento institucionalizada para estes alunos, pelo então Território Federal do Amapá, hoje Estado do Amapá.

Os surdos foram matriculados na escola sem nenhuma preocupação desta com a língua de sinais ou presença de intérpretes, uma vez que a esta época não se tinha o reconhecimento por força de Lei (Lei nº 10.436/2002) da Libras como língua.

Entretanto, a partir deste ponto me proponho a relatar e trazer à tona outra abordagem sobre a história dos surdos, tentando-me “despir” das amarras de ser

ouvinte e em certa medida “colonizador” dos surdos. Trarei um cotejo da história cultural dos mesmos, que para muitos ainda é desconhecida, uma vez que é contada pelo próprio sujeito da história.

Perlin e Strobel (2014: 21) afirmam que entre os surdos a história cultural é aquela que contada pelo ouvinte, e que elas chamam de colonizador, contando sempre a mesma história, descontextualizada, cheia de sofrimentos e exclusão por falta da audição as pessoas surdas, relatam sempre a incapacidade destas pessoas e a forma de exclusão que passaram no passado, desconsiderando totalmente as produções, as alegorias culturais dos surdos no tempo.

Sendo assim, esta é outra visão, outra maneira de relatar a história dos surdos no mundo. E tenho a preocupação de aqui trazê-la para que este trabalho não incorra no mesmo equívoco já mencionado por autores surdos, como as mencionadas na citação acima, em outros momentos.

Por isso, a história cultural dos surdos tem uma diferença marcante. Também relatam a luta por espaço na sociedade, por direitos à escolarização, à saúde, enfim. Qual a grande diferença? Está exatamente em não esquecer os atores surdos. Em não relatar sua história pelo viés da deficiência e incapacidade como os ouvintes fazem comumente. Em não colocá-los em situação de inferioridade. Pois ao dizer que “aceita” o surdo, o ouvinte parte do princípio de que está numa situação de superioridade. Sendo assim o surdo passa a ser “considerado”, “respeitado”, ou seja, desde que este viva entre seus iguais poderá viver naturalmente em sociedade. “Não quero só dizer oi para as pessoas aqui nos corredores da universidade, diga pra eles que gostaria de ter uma conversa de verdade” (fala de um dos surdos interlocutores da pesquisa).

O exemplo dado acima vai ao encontro das colocações de Silva (2014) quando trata do multiculturalismo e diz que comumente este se apoia num vago e benevolente apelo à tolerância, e que este é um grande problema, na medida em que, ao apoiar-se desta maneira, a concepção de multiculturalismo e, por conseguinte, diversidade de pessoas, se baseia numa falsa aceitação, no caso dos ouvintes, um pensar benevolente e tolerante ao surdos, ou seja, de olhar para este numa perspectiva de superioridade, essencializando a questão da surdez a fatos sociais e por assim fazer a questões liberais da vida cotidiana.

Neste sentido, os surdos ao alçarem mão da história cultural, conceito elencado por Strobel e Perlin (2014), querem na verdade, mostrar que são autores e

atores de sua história, de sua trajetória. Já que esta sendo contada pelo próprio surdo denota também um viés de luta, de embate, de poder entre surdos e ouvintes. A historiografia dos surdos ao ser constantemente mencionada por ouvintes denota claramente sua relação de poder e de construção de saber que tem sido estabelecida entre estes grupos sociais. Foucault (1979) a este respeito, faz uma brilhante discussão, ao afirmar que o poder produz saber, e que, aliás, não é possível se ter uma relação de poder sem estar imbricada numa correlação de saber.

Neste contexto, a partir da história cultural, o que se quer é falar dos surdos não mais como pessoas fisiologicamente incapazes e por isso lutam por seu espaço social e sim a partir de seu próprio discurso ouvi-los em suas peculiaridades, discordâncias, e experiências com o mundo. É entender que a produção do saber fazer tem que vir do surdo e não mais dos ouvintes querendo resolver as problemáticas do surdo.

Do contrário incorreremos no mesmo equívoco do Congresso de Milão ocorrido em 1888 em que professores ouvintes decidiram que a melhor forma de se ensinar e educar surdos eram por meio da filosofia oralista. Mesmo tendo na plateia professores surdos estes foram impedidos de votar para decidir qual seria a melhor ou ideal maneira de se trabalhar nas escolas com surdos.

De acordo com Goldfeld, (2002) há três grandes possibilidades, filosofias educacionais para se ensinar os surdos. A primeira delas é a filosofia oralista, em que se busca fazer com que a pessoa surda emita fonemas como as pessoas ouvintes, e nesta filosofia o mais importante é a oralidade. A segunda é a filosofia chamada de comunicação total, nesta toda e qualquer possibilidade de comunicação para ensinar os surdos é tida como válida. E a terceira e última é a filosofia do bilinguismo, muito evocada pelos surdos do Amapá, como proposta educacional mais adequada para ensiná-los.

1.3 Uma Língua como Demarcadora de um Fenômeno Social

Neste contexto, cabe um aporte sobre a Língua de Sinais Brasileira. Esta é uma língua de modalidade visuo-espacial, diferente da língua portuguesa que é oral-auditiva. A Libras como é conhecida a Língua Brasileira de Sinais é hoje

reconhecida por força da Lei n. 10.436/2002, o que para a comunidade surda brasileira foi uma grande conquista.

No Amapá a língua de sinais, tanto quanto em outros estados, ainda é extremamente estigmatizada e ⁸desconhecida pela grande maioria da população. E ainda é natural as pessoas ao serem interpeladas sobre a Libras responderem que nunca ouviram falar sobre ou pensarem ser ⁹gestos, mímica. O que é um grande equívoco, pois a língua de sinais tem todas as características de uma língua humana natural. Não é porque o canal que o surdo usa para se comunicar é diferente que este anula ou desqualifica sua língua (GESSER, 2009).

Ainda relatando a experiência de Gesser (2009), quando esta foi questionada, se a língua de sinais é mímica, diz que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, pois está além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter (ou não) com a língua de sinais. Está associada a essa pergunta à imagem social que muitos ouvintes têm sobre os surdos. Qual seja: uma visão deturpada acerca da anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles. Não são acaso as adjetivações pejorativas, tais como: anormal, deficiente, débil mental, mudo, surdo-mudo, mudinho têm sido equivocadamente atribuídas a esses indivíduos, reforçando ainda mais o estigma de ser surdo.

A situação que se coloca neste contexto é a do apagamento social, uma vez que a surdez deixou de ser, ao longo dos anos, uma condição impeditiva de socialização entre surdos e não surdos. E passou a ser um fenômeno social à medida que os surdos passaram a se organizar e lutar por espaço e reconhecimento social. Desde a fundação do Instituto Imperial de Meninos Surdos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos, por D. Pedro II, em 1854, muita coisa mudou. Os surdos foram além dos muros de escolas especiais, se organizaram politicamente e, a partir dessa organização política, surgiram as associações e confederações de surdos dando mais notoriedade e visibilidade à comunidade surda brasileira.

⁸ Para saber mais a este respeito ver em CAMPOS, Ronaldo Manassés Rodrigues. A apropriação da legislação de libras em escolas públicas de Macapá: entre a letra da lei e as práticas escolares. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.unifap.br/public/biblioteca/index>. acesso em 30.03.2015.

⁹ Quando me perguntam, entretanto, se a língua de sinais é mímica, entendo que está implícito nessa pergunta um preconceito muito grave, que vai além da discussão sobre a legitimidade linguística ou mesmo sobre quaisquer relações que ela possa ter (ou não) com a língua de sinais. Está associada a essa pergunta a ideia que muitos ouvintes têm sobre os surdos: uma visão embasada na anormalidade, segundo a qual o máximo que o surdo consegue expressar é uma forma pantomímica indecifrável e somente compreensível entre eles. Não à toa, as nomeações pejorativas anormal, deficiente, débil mental, mudo, surdo-mudo, mudinho têm sido equivocadamente atribuídas a esses indivíduos (GESSER, 2009).

Um exemplo bem evidente desta organização é a Federação Nacional de Surdos (FENEIS) criada em 1987, naquele momento por ouvintes, com o intuito de defender os interesses e os direitos das pessoas surdas. Ela está ligada a *World Federation of the ¹⁰Deaf* (WFD) que é uma Federação Mundial de Surdos. Esta hoje representa e apoia os interesses de mais de 70 milhões de surdos no mundo em 127 países. Tem como preceitos principais a defesa do uso das línguas de sinais pelas comunidades surdas em seus países, uma vez que, em sua maioria vivem em famílias de ouvintes que desconhecem sua peculiaridade linguística e, ainda mais, não demonstram interesse em aprender a língua de sinais e assim interagir, conviver melhor com os surdos.

Atualmente já se pode comprovar, por meio de pesquisas científicas, o quanto a convivência de surdos é difícil e seu desenvolvimento prejudicado quando nascem em lares de pessoas não surdas. Há um grande mito em torno da comunicação dessas pessoas, seus familiares (ouvintes) costumeiramente acreditam que por ser surdo, basta que aprendam as técnicas de ¹¹leitura labial ou que, devam aprender a verbalizar como os demais, pois só assim serão capazes de conviver no meio social.

Entretanto mesmo que um surdo tenha o domínio da leitura labial convivendo em meio a interações somente por meio de emissão de fonemas (oralidade), ainda assim mais de 50% das informações veiculadas pelos indivíduos a sua volta terão sido perdidas (GOLDFELD, 2002).

O que conseqüentemente acarretará num atraso em seu desenvolvimento, pois uma vez longe do contato com uma língua de sinais que é estruturada, o surdo não terá condições de dialogar ou refletir sobre questões abstratas e sim tão somente por situações imediatas, já que usará um sistema de comunicação sem estrutura organizada para isso.

Neste sentido o mito está em acreditar que a língua de sinais não é língua. E para isto usaremos o conceito de língua nos termos de Bakhtin (2012:14) e não nos termos de Saussure, pois este vê a língua como um conjunto de regras gramaticais normativas, que desconsidera as nuances individuais de seus usuários, ou seja, a fala. Para Bakhtin a língua é baseada no contexto comunicativo, ou seja, das

¹⁰ Ao se traduzir a palavra DEAF – encontra-se o termo surdo. O que chama atenção é o uso desse vocábulo pela comunidade surda brasileira e amapaense. Em sua maioria os surdos criam páginas nas redes sociais usando o termo deaf associado ao seu nome de batismo como se fosse não só uma identificação, mas também uma demarcação social, uma diferenciação necessária para fortalecer seu grupo social frente aos demais.

¹¹ Técnica em que o indivíduo aprende a ler, e decodificar os sons por meio dos movimentos dos lábios do emissor da mensagem (GOLDFELD, 2002).

relações sociais. O que faz com que o indivíduo atinja a enunciação, logo a consciência sobre aquilo que está sendo tratado no momento da comunicação. E mais ainda, para Bakhtin (2012:14) por ser social a língua é um retrato social, ou seja, determina, exclui e classifica de acordo com a dinâmica de seus signos, e se assim o é a língua é ideológica, e ideologia nada mais é que o reflexo das estruturas sociais.

Sendo assim a Libras possui uma estrutura tamanha que é possível comunicar-se e dialogar sobre quaisquer assuntos, desde uma explicação de uma receita de bolo ou mesmo a conjuntura política do Brasil.

Outra questão se faz importante mencionar. A peculiaridade linguística do surdo. Este tem sua língua própria e conseqüentemente apontam uma cultura, mas que discorrerei com mais profundidade mais a frente, a fim de clarificar o que seria a chamada cultura surda, e que é desconhecida pela grande maioria da sociedade ouvinte. Justamente porque vivem numa sociedade de ouvintes em que a cultura, considerada e legitimada como cultura, é aquela em que envolve o homem em sua teia, mencionada por Geertz (2012). É tida como as manifestações culturais advindas das experiências orais da sociedade. Como por exemplo, peças de teatro, literatura, música, enfim.

Sendo assim, seguindo os estudos de Certeau (2012) ao mencionar os grupos minoritários e que lutam para se firmar com o que ele chama de autonomia cultural. Em virtude exatamente de se pautar somente pela negação, ou seja, “não sou branco diz o negro”, não sou chileno, diz o brasileiro, não sou ouvinte, diz o surdo. E o equívoco nestas afirmações está em acreditar que essa é uma ideologia política, já que os surdos são não somente um grupo minoritário, mas um fenômeno social que requer também uma reformulação cultural e política (CERTEAU, 2012).

Se os surdos continuarem neste equívoco achando que só é necessária uma reformulação cultural serão, como afirma Certeau (2012) fatalmente recuperados, exatamente porque, nas reflexões deste autor, a manifestação cultural é apenas uma parte, a primeira cortina de uma unidade social que ainda não encontrou o que ele chama de consistência político-cultural. O que significa que a comunidade surda não pode ficar afirmando que sua marca diferencial dos ouvintes está em sua cultura.

É preciso um engajamento político dos surdos para então se firmarem nesta sociedade. Certeau (2012: 146) sugere que um grupo, ao se afirmar como processo

cultural, não pode permanecer somente nesta vertente, nesta discussão, pois ao fazê-la será uma diminuição e até uma discussão ínfima, como se o grupo de surdos ficasse num “teatro”, transformando, assim a vida num verdadeiro espetáculo, perdendo grandes oportunidades de se firmarem como grupo socialmente reconhecido dentre os demais presentes na sociedade.

Seguindo esta análise outra questão se faz importante mencionar acerca da Língua de Sinais. A de ser, segundo Oliveira (2006), uma língua periférica. Em seu texto sobre O trabalho do Antropólogo Cardoso de Oliveira (2006) constrói uma brilhante discussão acerca da antropologia ocidental hegemonicamente aceita e antropologia marginal, desconhecida, exótica. Bem como fala sobre as culturas ocidentais e as exóticas, as periféricas. E é neste sentido que chamo a atenção para a Libras ser considerada então uma língua exótica, desconhecida por assim ser então periférica.

O mote desta análise então está em refletir sobre as consequências da Libras ter tal status social. Uma vez sendo considerada periférica sofrerá com o preconceito e grande dificuldade em transpor a barreira que ora será imposta pela Língua Oral hegemônica, a Língua Portuguesa, o reflexo se reverbera nas ações cotidianas dos sujeitos quando não se permitem sequer conhecer a Libras e, por conseguinte seus usuários naturais, os Surdos.

Fazer então uma discussão sobre a Língua de Sinais se faz necessária em virtude de ser considerada a língua de expressão da comunidade surda brasileira. O que naturalmente leva a outra discussão, a de uma dicotomia de culturas. A cultura ouvinte e a cultura surda, já que uma língua não está dissociada de uma cultura. Importante dizer que autores tratam dessa questão em outros países que não somente o Brasil e mais, não é uma discussão recente, já tem algum tempo sendo debatida.

Conforme Monaghan (2002, p. 17):

Os aspectos formais da cultura surda brasileira são ainda mais jovens. Como Berenz (capítulo 9) descreve, embora a primeira escola para surdos tenha sido fundada em 1857, a primeira organização de surdos nacional gerida por pessoas surdas só foi estabelecida em 1987. Dois delegados surdos para uma conferência nacional sobre deficiência, Ana Regina de Souza e Campelo e João Carlos Carreira Alves, receberam um mandato para iniciar uma organização nacional. Este grupo, Federação Nacional para a Educação e Integração dos Surdos (FENEIS),

guiou a luta para o reconhecimento da língua de sinais no Brasil, incluindo uma marcha com bastante movimento em Setembro de 1994 que exigia que a linguagem de sinais fosse reconhecida e ensinada nas escolas para surdos. Com a ascensão da FENEIS e a introdução de aulas de língua gestual na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem havido uma grande mudança no que é esperado das pessoas surdas brasileiras. Anteriormente, as pessoas foram julgadas por suas habilidades em língua portuguesa enquanto agora elas são julgadas pela sua capacidade em Língua de Sinais Brasileira (tradução minha).

Seguindo esta discussão, alguns autores brasileiros tecem uma salutar reflexão acerca da cultura surda. Strobel (2013: 29 - 30) nos sugere que esta cultura surda é o jeito pelo qual o surdo transforma e vê o mundo, com suas marcas indeléveis, e assim se torna uma forma de contribuição na construção das identidades dos surdos, sejam elas individuais e/ou sociais, como sujeitos que acessam o mundo por outro canal, por outra via de interação social, fio condutor desta tese.

Como bem sinalizou a autora acima, existe um movimento cultural de surdos que se difere da cultura da grande maioria da sociedade, uma vez que está diretamente relacionada às crenças, hábitos e o jeito próprio dos surdos acessarem o mundo que os cerca e que, por assim ser, experimentam o mundo de outra maneira, por meio da experiência visual e não auditiva como os demais sujeitos sociais. Sá (2012:102) nos sugere que o que constitui uma sociedade são seus fenômenos culturais heterogêneos. Ou seja, é preciso então reconhecer que mesmo vivendo no Brasil, há uma diversidade de culturas que, se entrelaçam e convivem num mesmo espaço.

É importante dizer que este não é um movimento exclusivo das comunidades surdas brasileiras. Em todo mundo estas comunidades se interpelam e se relacionam a partir da experiência visual, construindo fortes laços de amizade e de convivência. E que, a partir de então, abre outra questão, a dicotomia Surdos X Ouvintes. Um abismo se faz entre estes dois grupos de sujeitos vivendo numa mesma sociedade e que, portanto, é necessário refletir sobre, afinal, o que se quer não é um fortalecimento desse abismo e sim a diminuição dele.

Esta questão ainda fica, em certa medida, mais acirrada quando estes grupos entram em contato diário. Os Surdos tentam a todo custo entender, se adequar ao mundo dos ouvintes e estes, por sua vez, não têm feito tanto esforço para

estabelecer comunicação. A grande maioria ainda se justifica dizendo que desconhece a língua e a forma do surdo experimentar o mundo. O que aumenta a disputa por espaço e conseqüentemente reforça a discriminação e apagamento social. Bergamo e Santana (2005: 566) sugerem que a exclusão social, educacional e profissional dos surdos ainda está diretamente ligada à questão da linguagem oral, uma vez que surdos, em sua maioria, não se utilizam deste mecanismo para a comunicação. Vivem então uma discriminação muito forte que chega a ser restritiva, determinando os espaços em que o surdo transita.

E a esta questão é importante se fazer a seguinte discussão: a chamada cultura surda tida por alguns teóricos como os costumes e o uso e conhecimento da língua de sinais não se encerra tão somente nisto. Se assim fosse, seria colaborar para uma visão muito reducionista do que seja cultura e ainda colaborar para estereótipos do tipo: por ser surdo há uma determinância no sentido das escolhas para a vida dessas pessoas. Como por exemplo, por ser surdo só estudará num curso de Letras Libras (para formar professores de Libras), só poderá usar os aparatos constituídos para o grupo de surdos e isso não deve ser assim, o surdo pode e deve fazer suas escolhas a partir de suas construções e interações sociais e não a partir desse determinismo imposto por suas famílias e profissionais que os cercam, podem e devem escolher que carreira seguir e como fazer sem serem prisioneiros de uma regra socialmente estabelecida tanto por ouvintes quanto por outros surdos.

Quando o ser surdo é impelido a entender que deve exclusivamente frequentar as associações de surdos e as instituições “preparadas” para recebê-los e não se envolver com ouvintes, em lugares frequentados por ouvintes, tais “regras” reforçam ainda mais o abismo que existe entre os dois grupos deixando de ser um distanciamento/ impedimento comunicacional para ser um abismo social.

1.4 A Cultura e os Artefatos Culturais Surdos;

Já mencionei neste trabalho a questão cultural, uma vez que se fala de um grupo que luta por reconhecimento social. Entretanto, continuarei a usar as bases na produção de Michel de Certeau para referendar de forma um pouco mais aprofundada esta questão e assim tentar fazer um paralelo com a chamada cultura

surda, requerida pela comunidade surda, como fator delimitador de diferença dos demais sujeitos sociais.

Inicialmente, Certeau (2012), em sua obra, já faz uma grande reflexão acerca do que seja cultura. Para ele é muito mais que costumes, ações, práticas sociais, que durante muito tempo eu mesmo cria ser. A cultura só tem o sentido pleno quando as ações, as práticas sociais têm algum sentido, significado, para quem as executa. Sendo assim é necessária, então, uma apropriação dessas ações pelo sujeito. Pensando nesta perspectiva, lembro-me da manifestação do Marabaixo, dança tipicamente amapaense, trazida pelos negros escravizados que fundaram a então Vila de São José de Macapá, mas que é muito desconhecida pela grande massa dos amapaenses. Inclusive há, no Estado, movimentos com o propósito de difundir a “cultura do marabaixo”. Ocorre que em muitos bairros e outros locais como escolas da capital as pessoas afirmam não reconhecer marabaixo como sua cultura e, por isso, muitas vezes são hostilizadas por aqueles que o têm como representatividade cultural do Amapá. Evidentemente que nesta negação há um preconceito muito grande, até certa medida, histórico, com as populações negras e quilombolas do Amapá. Entretanto, é preciso analisar mais profundamente a questão.

Figura 13: ciclo do marabaixo na comunidade do Curiaú em Macapá.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

De acordo com Videira (2009) a origem da palavra marabaixo ainda é muito desconhecida pelos amapaenses. Em sua pesquisa, a pesquisadora coletou vários depoimentos de moradores de áreas quilombolas do Amapá. E nestes ficou claro a falta de conhecimento histórico dos moradores sobre a palavra, muito embora eles façam referência à travessia dos negros, ao serem escravizados, quando eram

trazidos para o Amapá, para trabalharem na construção da Fortaleza de São José de Macapá, monumento histórico da capital. Idos do século XVI, sendo marabaixo, significa, uma dança trazida pelos escravos. Estes ao viajarem nos porões dos navios, vinham acorrentados, com grilhões nos pés. Dançavam então em círculos, cantando, e movimentando-se com muita dificuldade, pois os grilhões pesavam, assim só conseguiam arrastar os pés. E nas cantigas falavam dos familiares, bens e da terra deixada para trás em algum lugar remoto da África. Essas cantigas são chamadas de ladrões de marabaixo, e assim como os escravos cantavam o lamento, nas apresentações de marabaixo, eles retratam a escravidão, e o sofrimento que as populações negras, já no Amapá, passaram quando da construção da Fortaleza de São José, e depois as expulsões para bairros distantes da, então vila de São José de Macapá.

Ainda de acordo com Videira (2009) o marabaixo tem um ciclo, que se inicia no sábado de aleluia, início do ano, e termina em meados de novembro, e ocorre em todas as comunidades remanescentes de quilombos e no bairro do Laginho, em Macapá.

Seguindo a lógica de Certeau (2012), é compreensível para algumas pessoas, mesmo sendo do Amapá, não reconhecerem o marabaixo, tão famoso no Estado, como parte de sua cultura. Se o marabaixo não tem significado para estas pessoas, implica dizer que tal prática não foi apropriada por estas e mesmo inconscientemente seguem uma lógica em afirmar que o marabaixo não é cultura. Evidente que não só esta questão verifica-se no reconhecimento ou não do marabaixo como cultura local, outros aspectos, como preconceito e produção de estigma de uma cultura afro-brasileira, e como tal a cultura sofre por não ter o mesmo espaço de reprodução e reconhecimento social. Entretanto, não é esta a questão principal aqui abordada, mas sim o fato de seguirem uma lógica do pertencimento, segundo (Certeau, 2012).

Certeau (2012) sugere que a cultura não é um tesouro que precisa ser protegido dos danos do tempo, tampouco um conjunto de valores que precisa ser defendido, cultura é um trabalho que precisa ser realizado em toda a extensão da vida social, ou seja, em todos os meandros da sociedade, ela deve reverberar de forma significativa e incessante.

No contexto da obra de Certeau (2012), e tomo mão para dizê-lo, é preciso antes de qualquer análise sobre cultura, dizer de que lugar se fala, pois como bem

disse o autor é impossível se fazer qualquer análise sobre cultura sob a ótica do global. Na verdade, só podemos fazê-la levando-a em consideração e demarcando um lugar. Neste caso, o lugar de que falo é o Amapá, por isso o comentário acima sobre o marabaixo. Não poderia alçar mão de outra manifestação para refletir sobre cultura sendo do Amapá.

Corroborando ainda mais com a discussão de cultura de forma mais geral, é importante inserir, antes de seguir com as análises, uma digressão a respeito do tema usando outros autores. Como bem já foi dito neste trabalho, Sá (2012:102) discorre dizendo que os estudos culturais se ensejam, se centralizam a partir da análise de cultura como experiência da vida social de um grupo.

Partindo desta premissa, tentarei discorrer sobre o que seja cultura de forma bem pragmática, em virtude de entender ser uma questão central nesta busca por construção de trajetórias dos surdos em Macapá. Para tanto, bebi nos escritos de Silva (2000:134), ao dizer que cultura é um jogo de poder, é inclusive a forma como a sociedade define o mundo, é também o campo onde se define a forma como as pessoas e os grupos sociais devem ser, incluindo aqui os grupos minoritários. A este respeito, Certeau (2012:145) lembra que os registros pelos quais um movimento minoritário, como é o dos surdos no Brasil, pode tomar corpo são o cultural e o político. Ocorre que é preciso cuidado ao fazer isto, sob pena deste grupo diminuir-se a um ou outro, ou seja, não conseguir extrapolar a barreira do cultural ou do político e mais ainda: se é a partir de vestígios culturais e políticos que grupos minoritários começam a tomar corpo socialmente é importante atentar para a questão de que muitos destes grupos iniciam esta busca por afirmação a partir de uma negativa, o negro, o índio, o homossexual, ao negarem a oposição de uma maioria social.

Certeau (2012:145) diz que este deve ser o ponto de partida, mas que estes grupos minoritários não podem incorrer no equívoco de permanecer sempre nesta negativa. Em virtude de não terem força política, tais grupos permanecem sem a possibilidade de se manifestarem de forma mais autônoma, sendo assim, certamente cairão na ideologia, no discurso, sem nenhuma efetividade para o que buscam.

Participando do I Encontro Nacional de Surdos e Surdas em Goiânia-GO em 2015, presenciei em três dias de eventos situações semelhantes às exemplificadas por Certeau (2012), ao se referir à cultura de grupos minoritários. A estrutura do

encontro se deu pela preocupação em organizar a programação com surdos do Brasil e do Exterior. Havia somente surdos entre os palestrantes, surdos como intérpretes e surdos como ministrantes nas oficinas. O Encontro foi organizado pela Associação de Surdos de Goiânia em parceria com outras associações de surdos nacionais e internacionais. Entretanto, não é somente este fato que quero enfatizar, pois este seria um movimento natural, esperado de qualquer grupo minoritário buscando sua afirmação política. Mas também chamo atenção para as interações entre surdos e ouvintes que participavam do encontro.

As palestras eram todas feitas em Língua de Sinais, claro, com a preocupação em disponibilizar o serviço de interpretação para quem desconhecia a Libras, mas, nas interações informais, nas relações rosto a rosto é que pude perceber, em vários momentos, o descontentamento de alguns surdos com a presença de ouvintes, quando perguntavam se a pessoa era ouvinte e esta respondia afirmativamente, o surdo ou a surda se afastava imediatamente, fazendo uma expressão de descontentamento.

Em dado dia, na hora do almoço, fui em companhia de outros dois professores ouvintes para um restaurante próximo ao local onde ocorria o evento. Ao chegarmos lá, vimos várias pessoas que também estavam participando do encontro, inclusive surdos e um deles sinalizou a mim, perguntando se eu era intérprete, disse que sim, então me pediu para que traduzisse à garçonete o que ele queria para almoçar e beber, já que a mesma não sabia Libras, e no momento tentava explicar a este que o restaurante tinha uma promoção: se o cliente consumisse o almoço por peso, e não por prato feito ganharia como cortesia um copo de suco. Então, assim fiz, traduzi para o rapaz o que a garçonete falava, ele compreendeu, agradeceu e se retirou de perto de mim e dos outros dois professores, como se nunca tivéssemos nos encontrado ou nos conhecêssemos, mesmo participando de um encontro em que já havíamos passado dois dias inteiros no mesmo local, vez ou outra nos encontrando e sinalizando ou ainda participando de grupos menores nas oficinas.

O que parece então é que o grupo de surdos, que ali estava, em alguns momentos, demonstrava estar ainda no princípio de sua afirmação política como grupo minoritário, ou seja, negando o ser ouvinte e mais ainda, negando a este a possibilidade de aproximação e, por conseguinte, de interação e diminuição da dicotomia que os separa.

Outro exemplo, que tem se intensificado pelo Brasil é o de luta dos surdos por escolas Bilíngues e/ou escolas em que exista a presença efetiva da Libras como veículo de comunicação entre estes e os demais participantes do espaço escolar.

figura 14: recorte de jornal.

DIÁRIO POPULAR | CIDADES 7
SEGUNDA-FEIRA, 30 DE JUNHO DE 2014

Alunos surdos se unem pelo direito de aprender

Estudantes do Colégio Municipal Pelotense protestam contra a falta de intérpretes de Libras

Daniela Santos

Pelotas. Apesar do direito ao atendimento educacional especializado ser garantido aos portadores de deficiência pelo artigo 24 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), cerca de 30 alunos surdos do Colégio Municipal Pelotense têm enfrentado dificuldades para estudar, devido à falta de intérpretes da Libras (Língua Brasileira de Sinais) no secundário. O fato motivou a realização de uma protesto e os alunos pediram a contratação de mais profissionais da área para a escola.

Para tentar resolver o problema, os estudantes e a direção da escola participaram de reunião na Secretaria de Educação e Desporto (Sed), em que as necessidades da instituição foram apresentadas. Segundo a vice-diretora do Pelotense, Carmem Rodrigues, o local precisa de seis intérpretes para atender com qualidade as três turmas (Ensino Médio), cuja composição inclui alunos com deficiência auditiva. Apesar disso, apenas três profissionais fazem parte do quadro funcional e estes não possuem horários.

Conforme o intérprete de Libras Alinei Afonso da Rocha, é extremamente impossível atender com qualidade os alunos tendo em vista o número reduzido de tradutores. "Imagina passar quatro horas fazendo gestos para explicar conteúdos complexos como Física e Química, chega uma hora que não aguentamos". Ela cita ainda a baixa remuneração paga à função como fator desmotivante na hora de contratar novos intérpretes. "Ninguém quer trabalhar tanto e receber menos de um salário mínimo. É preciso valorizar a categoria".

Faltam profissionais

Para uma boa formação do cidadão matriculado pelos professores em sua instituição, muitos seria preciso ter um intérprete a cada 30 minutos, o que hoje não acontece no Pelotense por causa do número reduzido de profissionais. O problema pode se agravar ainda mais, pois o contrato de uma das três intérpretes está acabando e outra foi aprovada em um concurso federal e deve deixar o cargo em breve. Recentemente, a prefeitura fez seleção de tradutores de Libras, mas apenas quatro inscreveram-se. Três foram apro-

vados, mas dois não pretendem assumir a vaga.

De acordo com o secretário de Educação de Dourados, Cláudio Corrêa, não há intérpretes matriculados em Pelotas para atender a demanda. No caso da prefeitura, a situação é mais difícil, já que para contratar um profissional o órgão enfrenta a concorrência de entidades federais, cuja capacidade de remuneração é maior. "A carta prazo não veio uma solução, a não ser a contratação emergencial e promoção de cursos de capacitação, que é o vamos buscar".

A barreira do silêncio

Muitos estudantes com deficiência auditiva do Colégio Pelotense enfrentam várias dificuldades para estar na escola. É o que afirma o estudante do terceiro ano do Pelotense, Daniel Gonçalves, 17, usando o linguajar de sinais. Ele é um dos líderes do movimento e pede enfaticamente solução para o problema. "Queremos ter a mesma oportunidade dos estudantes ouvintes", dizem as palavras de Gonçalves, interpretadas por Alinei.

Já Barbara Bezerra Soares, 17, se emociona ao falar sobre sua vontade de aprender - e dos colegas - desejo que esbarra na falta de quem traduz as palavras em gestos. "Ficamos sentados, sem entender o que está sendo dito. Pedimos que o prefeito escute os surdos, que ele não esqueça da gente".

Margi Lisiane Mattias, a presença de um intérprete em sala de aula é fundamental. "Cada dia é uma angústia, pois não sei se poderei dar aula. Nessas horas eu vejo a frustração no rosto deles, afinal eles se esforçam para estar aqui".

OS SURDOS É A ESCOLA

10 MILHÕES de pessoas no Brasil são surdas ou possuem alguma deficiência auditiva.

800 MIL têm até 17 anos e estão em idade escolar.

APENAS 70 MIL estão matriculados em escolas regulares ou especiais, 30% a mais do que em 2005, quando pouco mais de 54 mil jovens com deficiência auditiva estudavam.

Em 2011, **HAVIA 4.683** intérpretes de Libras atuando na Educação Básica Brasileira, conforme dados do MEC.

PELOTAS EM LIBRAS

Existem **4.801 SURDOS** em Pelotas. Destes, apenas 500 começam a linguagem de sinais.

Outros **17.138** pelotenses possuem alguma dificuldade para ouvir.

Em Pelotas, são aproximadamente **115 alunos** surdos matriculados na rede pública regular e especial de ensino.

Fonte: IBGE, Ministério da Educação e prefeitura de Pelotas

“Queremos ter as mesmas oportunidades dos alunos ouvintes.”

Daniel Gonçalves, estudante surdo é um dos líderes do movimento

Vice-diretora, Carmem afirma que colégio precisa de seis intérpretes de Libras

Fonte: jornal de Pelotas, ano 2014.

Este movimento tem se fortalecido em vários lugares do Brasil, mas, sobretudo, nos Estados do Sul, como se vê no recorte de jornal, um grupo de surdos se reúne em manifestação lutando pelo direito de estudar, onde historicamente os surdos tiveram sua entrada no ambiente educacional primeiro que em outros Estados como os da região Norte, por exemplo, que têm problemas gravíssimos de falta de estrutura e formação de docentes para atuarem na educação de surdos.

No Amapá, por exemplo, se inicia o processo de criação das associações de surdos. A primeira foi criada há poucos meses, janeiro de 2016, no município de Santana e os surdos daquele município chamaram surdos de outros estados para partilharem a experiência de suas associações, realizaram encontros, inclusive o I Encontro Amapaense de Surdos, realizado em 2013 na Universidade Federal do Amapá, que contou com a presença de um palestrante surdo. O tema da palestra foi

associações de surdos, buscando exatamente falar sua experiência no campo das associações para ajudar os surdos do Amapá a criarem as suas.

Outra questão salientada por Certeau (2012) ao dizer que cultura, é a questão da interlocução, ou seja, quem fala e para quem fala? Neste sentido, direciono as bases de estudo de Certeau (2012) para os surdos, já que são um grupo que historicamente tem sido alijado de qualquer processo social, ou para não ser tão absolutizante, tem sido quase na totalidade alijados dos processos sociais. Como bem já foi dito por Strobel (2009), autora surda, há uma história cultural que narra a história dos surdos a partir de protagonistas, autores, professores e artistas surdos, mas que não foram reconhecidos historicamente e, neste caso, é importante dizer que, o apagamento social que os surdos sofreram não significa dizer que não existiram professores surdos, artistas surdos entre outros. Minha intenção neste trabalho não é tão somente descrever e construir suas trajetórias, mas também e, sobretudo, ir ao encontro de suas experiências, e para tal, preciso considerar a forma como experimentam o mundo, ou seja, suas experiências são baseadas pelo visual, e não pelo auditivo como a maioria esmagadora da sociedade amapaense, brasileira e mundial.

Para tal fim, trago à baila uma discussão de Magnani (2007) ao ter contato com surdos em uma festa. O autor relata como se sentiu deslocado e limitado ao tentar se comunicar e interagir com aquelas pessoas. O que demonstra a expectativa da maioria das pessoas, de que para o surdo viver plenamente ele precisa aprender a oralizar, precisa apreender a cultura ouvintista, já mencionada anteriormente. Quando a situação é oposta, as pessoas se sentem limitadas, ou como dizem dos surdos, “deficientes”. Magnani (2007) relatou a experiência de estar numa festa entre dois (2) mil surdos e desconhecer a língua de sinais. Sentiu-se estranho, completamente deficiente por não entender e não conseguir estabelecer uma comunicação mínima com aquelas pessoas que se divertiam naquela festa, que poderia ser como outra festa qualquer e que por desconhecer a maneira específica dos surdos se comunicarem, buscou por outros mecanismos para comunicação, entretanto, se colocou em alguns momentos no lugar do surdo e refletiu como este tenta interagir numa situação tão corriqueira como uma festa.

Historicamente, os surdos tiveram a língua de sinais proibida em vários espaços sociais, inclusive nas escolas. Isto ocasionou um atraso muito grande nas interações entre surdos por meio da língua de sinais, isto porque a grande massa de

surdos são filhos de pais ouvintes. E muito raramente têm em sua família algum parente que aprenda, dialogue em libras.

Sempre que via minha família alguém conversar, ficava olhando não entendia nada. Foi muito difícil, minha infância e até hoje ninguém aprendeu Libras, me comunico porque aprendi a me virar, ler lábios, gestos que só a gente entende em casa (trecho da entrevista de Dayse a pesquisa).

Sendo assim, há, segundo Certeau (2012) uma possibilidade de reconhecimento por uma cultura surda, uma vez que, nas comunidades surdas, no povo surdo, suas práticas são extremamente significativas. O que os movimentos sociais surdos têm buscado é de fato a possibilidade de terem contato, construir juntos a significância para suas práticas e o veículo inicial, mas não o único, para essas construções é a Libras, por isso a luta tamanha pela difusão e uso da língua de sinais em todos os espaços em que circulam surdos.

Neste contexto, trago então à baila o que nos estudos culturais chamam de “artefatos” e que não pode ser confundido apenas com o materialismo cultural, mas também é o modo em que o sujeito entende, vê e transforma o mundo (STROBEL, 2013).

Logo, existem “artefatos culturais surdos”. Chamarei atenção para alguns deles aqui, que são baseados nas experiências visuais do povo surdo. Pela ausência de audição, os surdos percebem tudo a sua volta a partir da visão, que vai desde simples acontecimentos, como o latido de um cachorro, como a explosão de uma bomba, tamanha é a transformação que se tem da paisagem numa situação como esta (STROBEL, 2013).

No relato a seguir, a pesquisadora surda demonstra como o artefato visual do povo surdo os faz serem diferentes e difíceis de serem entendidos pela maioria dos ouvintes.

Em companhia de um namorado ouvinte, fomos a um restaurante escolhido por ele. Era um ambiente escuro, com velas e flores no meio da mesa. Fiquei meio constrangida porque não conseguia acompanhar a leitura labial do que ele falava por causa da falta de iluminação e pela fumaça de vela que desfocava a imagem do rosto dele, que era negro; e para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando uma música que, sem que eu pudesse escutar, me irritava e me fazia perder a concentração por causa dos movimentos dos

dedos repetidos de vai e vem com seu violino. O meu namorado percebeu o equívoco e resolvemos ir a uma pizzaria (STROBEL, 2013).

Assim sendo, os artefatos visuais surdos têm sido comumente usados por eles para, a partir de sua interação com a sociedade ouvinte, construir e convalidar seu traço cultural. E diversos são estes artefatos visuais, que vão desde apresentações teatrais, poesias surdas. Em que os surdos declamam com expressividade única, usando as mãos e o corpo, impressionam mesmo quem não conhece a língua de sinais. As piadas também são muito usadas como um dos artefatos visuais de surdos. Com histórias que, às vezes, só quem é da comunidade surda entende, pois são carregadas de sinais e expressões, e com uma velocidade impressionante, que dificilmente quem está iniciando num curso de libras ou tem pouco contato com surdos entenderá e conseguirá rir da piada.

Para corroborar a discussão, trago outro cotejo do campo. No ano de 2014, na cidade de Macapá, houve o 1º espetáculo de teatro por um grupo de surdos. O objetivo do mesmo é além de difundir a cultura surda, também mostrar um dos artefatos culturais do povo surdo. As imagens abaixo foram feitas durante o evento.

Figura 15: show de surdos em Macapá



Fonte: acervo de pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 16: show de surdos em Macapá



Fonte: acervo de pesquisa. Ronaldo Manassés

O evento foi produzido por atores surdos e, desde a divulgação na cidade, os comentários que se ouvia eram as indagações das pessoas que se perguntavam como iriam entender um espetáculo só com surdos, uma vez que não sabiam Libras e os surdos não “falam”. Foi feito um vídeo para divulgação do espetáculo e os

produtores se preocupavam em avisar; venha, haverá intérpretes no espetáculo! Já prevendo que a maioria das pessoas tem muita resistência em assistir a um espetáculo nesses moldes.

A partir do espetáculo acima mencionado tem-se a demonstração não só da produção artística, mas, sobretudo, do artefato cultural surdo. Demonstra o esforço que a comunidade surda faz em ser vista, e mais que isso, em ter sua cultura como sujeito social, e ter sua identidade como comunidade vivendo em meio à sociedade ouvinte.

Neste sentido, emerge outra reflexão, a da prática cultural, de acordo com Certeau (2013) que seria uma combinação, ele diz mais ou menos coerente de elementos do cotidiano concretos e/ou ideológicos, mas que são passados por tradição familiar ou de grupo social, por meio de comportamentos diários, dando uma visibilidade social. E, prático, segundo Certeau (2013) é o que determina a constituição das identidades de um sujeito, lhe permitindo tomar seu lugar na rede de relações que permeiam um ambiente. Logo, quando a comunidade surda apresenta um espetáculo como o que foi mencionado anteriormente, está na verdade, consolidando sua identidade linguística, dando visibilidade aos seus comportamentos, e com isso tomando seu lugar na rede de relações em que está inscrita.

Outro artefato cultural do povo é a língua de sinais, já mencionada anteriormente, mas não com esta abordagem. Por isso retomo a discussão da Libras. Para o surdo, esta é uma das principais marcas de sua identidade linguística como surdo. E que ainda é muito desconhecida pela maioria esmagadora da sociedade. Desde a sanção presidencial da Lei n.º 10.436 de 2002, Lei de Libras, muito se passou, as mudanças são perceptíveis, entretanto ainda está muito distante do ideal de comunicação e acesso as informações pelas pessoas surdas do Amapá e do Brasil.

Strobel (2013), diz que a língua de sinais é uma língua prioritariamente, do que ela chama de povo surdo, que explicarei mais a frente, e que é expressa por meio da modalidade espaço visual.

É importante desmistificar o credo de que a Língua de Sinais é universal. Na verdade para cada país há sua língua de sinais, ou seja, todos os países têm sua língua oral e também sua língua de sinais, basta que existam surdos. Assim tem-se

a Língua Brasileira de Sinais (Brasil), Língua Francesa de Sinais (França), Língua Americana de Sinais (EUA), Língua Gestual Portuguesa (Portugal) entre outros.

Outra informação importante a ser dita a respeito deste artefato língua, é que assim como nas línguas orais, há o que chamam de regionalismos. Assim, existe diferença de sinais na Libras usada em Fortaleza, por exemplo, para a Libras usada em Macapá. O que na Língua Portuguesa é chamada de variação linguística, da mesma maneira tem-se em Libras. Por ser uma língua, a Libras não pode ser estudada baseada na Língua Portuguesa, uma vez que tem sua própria gramática, semântica, pragmática, fonologia e sintaxe (QUADROS & KARNOPP, 2004).

Alguns sinais só existem em Macapá, como por exemplo, o sinal de “égua”, que é uma expressão típica do falar amapaense e até paraense. É comum nas conversas, em rodas de amigos, se ouvir esta expressão para enfatizar uma informação, ou ainda para demonstrar aversão, e repulsa a algo ou alguém. E assim como na língua oral, a Libras em Macapá também tem a expressão égua.

Também é preciso mencionar que a Libras não é uma língua ágrafa, como se acreditou ser por muito tempo. Na verdade, as línguas de sinais seguem um sistema linguístico de escrita conhecido por Sing Writing (SW) e tido como fato muito importante na história dos surdos. O sistema foi iniciado em 1974 e daí evoluíram com muitas pesquisas até chegar às escolas de surdos do Brasil.

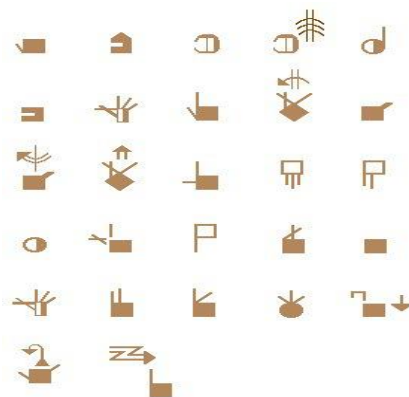
Em se tratando do Brasil, a pesquisa, foi liderada pela pesquisadora surda Marianne Stumpf, em meados de 1996, e em 2005 defendeu sua tese de doutorado com o tema. E atualmente este sistema no Brasil está sendo difundido como Escrita em Língua de Sinais (ELS) (STROBEL, 2013).

Figura 17: alfabeto manual em Libras



Fonte: <<https://escritadesinais.wordpress.com>>

Figura 18: escrita de sinais



fonte: manual: <<https://escritadesinais.wordpress.com>>

Seguindo a discussão sobre produção de cultura, trago outro artefato cultural surdo de grande relevância, a literatura surda. Este artefato traduz as experiências de vida do surdo. E pode ser vista em vários gêneros como: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas entre outras produções (STROBEL, 2013).

Figura: 19: espetáculo show de surdos em Macapá.



Fonte: acervo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Na foto acima, o espetáculo foi composto de quatro (4) atores surdos. O primeiro a esquerda conta piadas, o segundo é o mímico e o casal conta histórias de vida de surdos. Estas produções estão sendo em grande parte registradas em vídeos e DVD por universidades e associações de surdos. Recentemente, em 2011, a Universidade Federal do rio Grande do Sul promoveu um Festival de Literatura Surda, a exemplo de outro festival ocorrido na Universidade de Gallaudet em Washington DC (EUA), Deaf Way Festival (STROBEL, 2013).

Em dois dias de evento a universidade recebeu produções do Brasil e do exterior. Teve como objetivos: mapear e coletar as produções culturais de comunidades surdas brasileiras, valorizando e incentivando as manifestações artístico-culturais do país; dar visibilidade e contribuir com a divulgação de produções culturais das comunidades surdas brasileiras; potencializar intercâmbios entre os diferentes atores envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda.

A universidade contou com apoio de vários parceiros importantes no evento, como outras Universidades Federais, bem como a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), CAPES e Ministério da Cultura. Ainda é possível visualizar os vídeos e registros do evento no ¹²site.

É importante também destacar que existem diversos autores e produtores surdos no Brasil citados por Strobel (2013), que vêm contribuindo para o fomento da Literatura Surda no país, são eles:

- Carolina Hessel: o currículo de língua de sinais na educação de surdos (2006);
- Celso Baldin: A juventude: o carnaval e o Rio de Janeiro (2001);
- Fabiano Souto Rosa: Literatura surda: criação e produção de imagens e textos (2006);
- Flaviane Reis: Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica (2006);
- Gisele Rangel: História do povo surdo em Porto Alegre: imagens e sinais de uma trajetória cultural (2004);
- Jorge Sérgio L. Guimarães: Até onde vai o surdo (crônicas/1961);
- Marianne Stumpf: Sistema Sigwriting: por uma escrita funcional para o surdo (2005);
- Olíndina Coelho Possidio: no meu silêncio: ouvi e vivi (autobiografia, 2005);
- Patrícia Luiza Ferreira Pinto: Identidade Cultural surda na diversidade brasileira (2001);
- Ronise de Oliveira: Meus sentimentos em folhas (livro de poemas, 2005);
- Shirley Vilhalva: Recortes de uma vida: descobrindo o amanhã (autobiografia, 2001); Por uma pedagogia surda (2004);
- Wilson Miranda: Comunidade dos surdos: olhares sobre os contatos culturais (2001);

O que se viu a partir dos escritos da pesquisadora surda é o quanto a comunidade surda brasileira tem produzido artefatos culturais significativos e que em sua maioria ou quase totalidade é desconhecida, inclusive por outros surdos que

¹² <http://www.ufrgs.br/culturasurda/index.html>

não tem acesso à Libras e as experiências visuais de surdos. Poderia aqui mencionar o processo de escolarização, mas, no Brasil, este ainda é muito comprometedor aos surdos, na medida em que sua grande maioria e porque não dizer, quase a totalidade, é baseado nas experiências ouvintistas, mas tratarei em outro momento neste trabalho.

As escolas estão cheias de propostas pedagógicas como Corais Surdos, Grupos de Dança de Surdos, entre outras totalmente equivocadas, pois estas são experiências advindas da comunidade ouvinte. Numa apresentação de um coral surdo, por exemplo, os surdos não ouvem a música e neste caso dependerão exclusivamente de um intérprete para sinalizar a tradução da música e, na verdade, emocionarão os ouvintes que ali estiverem assistindo e não os surdos.

Há poucos dias atrás, em meados de maio de 2015, eu mesmo me vi numa situação que me fez refletir muito. Usando uma rede social, resolvi traduzir para Libras uma música gospel. A publicação recebeu mais de mil visualizações, mais de trezentos comentários de meus amigos, e um deles me fez refletir e repensar o que tenho proposto fazer na educação de surdos, e que estou envolvido há mais de dez anos. Um de meus interlocutores da pesquisa fez o seguinte comentário: “igual música isso amém”. Enquanto outros diziam ser maravilhoso, o comentário dele me chamou atenção para uma questão óbvia, de que a música não faz parte da experiência cultural dos surdos e de que mesmo sendo traduzida para língua de sinais não é uma produção advinda dos artefatos culturais surdos e assim sendo não fez sentido para ele.

Para finalizar este tópico trago o poema “Lamento oculto de um surdo” VILHALVA, 2004, in STROBEL, 2013:

Quantas vezes eu pedi uma Escola de Surdo e

Você achou melhor uma escola de ouvinte?

Várias vezes eu sinalizei as minhas necessidades e

Você as ignorou, colocando as suas ideias no lugar.

Quantas vezes levantei a mão para expor minhas ideias

E você não viu?

Só prevaleceram os seus objetivos ou
Você tentava me influenciar com a história
De que a escola de Surdo não pode existir
Por estar no momento da “Inclusão”.
Eu fiquei esperando mais uma vez...
Em meu pensamento...
Ser Surdo de Direito é ser “ouvido”...
É quando levanto a minha mão e
Você me permite mostrar o melhor caminho
Dentro de minhas necessidades.
Se você, ouvinte, me representa,
Leve os meus ensejos e as minhas solicitações
Como eu almejo
E não que você pensa como deve ser.
No meu direito de escolha,
Pulsa dentro de mim:
Vida, Língua, Educação, Cultura.
E um Direito de ser Surdo.
Entenda somente isso!

1.5 Povo Surdo, um conceito a ser apropriado.

Para trabalhar este conceito na tese, uso inicialmente o conceito clássico, ou para os surdos, o conceito criado pelos ouvintes para o termo surdo. Se acessarmos qualquer dicionário de língua portuguesa ou autores ouvintes, encontraremos o mesmo significado para a palavra surdo. O de que faz referência a pessoa que tem perda auditiva em escala leve, moderada ou profunda. Ou seja, não consegue ouvir como as demais pessoas. Embasados na questão biológica, fisiológica e, conseqüentemente, da incapacidade, da deficiência.

Para além desta questão, biológica, fisiológica é importante também refletir-se sobre o conceito de comunidade, uma vez que é comum ouvir no meio educacional e/ou social a expressão “comunidade surda”, já mencionada anteriormente. Para tal análise, uso como reflexão as conceituações de Buber (2012). Justificando, o uso do autor para esta análise se dá justamente por usar um conceito mais amplo para comunidade e não, como ele diz o de muitos sociólogos em que afirmam que é uma forma de vida ligada tão somente pelo instinto natural em contraste com a sociedade, que seria regulada por convenções externas (BUBER, 2012).

Para Buber (2012), há sim comunidades que se definem por laços de sangue e seguidoras de tradições imemoriais, mas são, como afirma, um dos tipos de comunidade e não o único conceito a ser considerado. Na verdade, a sociedade deve considerar a possibilidade então de uma nova comunidade. Aquela baseada na livre escolha de seus partícipes e intrínseca à vida e não amarradas aos laços de consanguinidade.

Para este autor, toda nova comunidade representa, para as antigas, estranhamento e, não somente isto, mas também a necessidade de avaliar para qual finalidade este novo surgiu. Para quê esta nova comunidade está vindo. Estas são questões comuns em comunidades antigas e marcadas pelo comodismo (BUBER, 2012).

Diferente de outros autores da sociologia, Buber (2012) não romantiza as comunidades antigas, como a família, as tribais, enfim. Ao contrário, diz que estas não findam o conceito de comunidade por serem pré-sociais. E para além dessas conceituações, o autor então denomina uma nova comunidade, a de pós-sociais, estas com um conceito muito mais amplo e abrangente que as tribais, e que

estariam impregnadas em seus sujeitos, independente das barreiras geográficas, consanguíneas ou de proximidade.

Implica dizer que um indivíduo pertence a uma mesma comunidade, mesmo que este nunca tenha visto o outro. Mesmo que eu não o conheça, este novo, mesmo distante, poderá ter muito mais semelhanças comigo, do que alguém que convive no mesmo espaço territorial.

É interessante a construção conceitual de Buber (2012) para comunidade, pois se desprende de velhas concepções, e assim, contempla outras possibilidades, como é o caso da comunidade surda brasileira. Neste, sentido pode-se dizer que sou desta comunidade porque sou usuário de Libras, porque tenho estreito contato com surdos do Amapá, do Ceará, do Pará e com outras pessoas ouvintes que também atuam nesta área, seja como professores de Libras, seja como intérpretes, ou ainda familiares de surdos ou do poder público engajados pela luta de direitos dos surdos.

Segundo Goffman (2012) as interações sociais são determinantes neste processo, pois surdos e ouvintes, a partir do uso comum da Libras, diminuem o abismo social que, historicamente, tem separado e até dicotomizado estes grupos sociais, surdos e ouvintes aqui passam a se aproximar e usar, segundo Goffman (2012) as diversas possibilidades de interação face a face.

Seguindo a discussão, então aqui se pode refletir sobre a comunidade surda amapaense, brasileira. Que comunidade então é esta? Que laços as constituem? A partir da reflexão de Buber (2012), pode-se caracterizar a comunidade surda da seguinte maneira: é formada basilarmente por surdos, usuários da Libras, ou não usuários, mas também por seus amigos, parentes, intérpretes de Libras, professores, enfim, por tantos quantos sejam que se utilizam da Libras para interagir, se comunicar com indivíduos surdos e de uma mesma região. Logo, então ela se compõe de indivíduos surdos e de ouvintes.

Não há o chamado purismo, por alguns que acreditavam que a comunidade surda deva ser formada somente de surdos usuários de Libras. Esta é uma forma de aproximação e interação, a língua, mas não é e nem pode ser tida como a única.

Neste contexto, da comunidade surda, a dicotomia historicamente formada, Surdos X Ouvintes tende a se dissipar, e na verdade, deve dissipar-se para que o processo de inclusão social das pessoas surdas se efetive. Tudo leva a crer que esta disputa por espaço social deve deixar de existir.

Para Strobel (2012) já mencionado anteriormente, a comunidade surda brasileira segue os moldes da chamada nova comunidade, descrita por Buber (2012), uma vez que se caracteriza pela presença de surdos e ouvintes usuários da Libras e que juntos interagem e lutam por uma política de bilinguismo, biculturalismo e inclusão social dos surdos.

Seguidamente então, tentarei discorrer acerca do conceito recentemente empregado na comunidade surda brasileira — povo surdo. Para tal construção, usarei como fonte o trabalho de Strobel (2012). A referida autora concebe como povo surdo, pessoas surdas fluentes em Libras e que por conta desta se aproximam e comungam de objetivos e modo de interagir com o mundo, ou seja, por meio da experiência visual. Nesta construção independe a região, o ponto que os situa geograficamente, pois, a partir da Libras, tendem a se aproximar e comungar de ações, conceitos, modos de pensar e agir comuns entre eles.

Mas como a antropologia entende o que seja *povo*? É importante fazer uma discussão sobre esta visão antropológica, para que então volte aos escritos de Strobel (2012), sobre o que esta tem requerido como uma possibilidade de sujeitos que se distinguem dos demais brasileiros.

Boff (1991) diz que tentou fazer uma construção teórica, para conferir um conteúdo analítico à palavra *povo*, a fim de lhe atribuir conceituações que pudessem ser usadas por aqueles que, de alguma forma, se sentem excluídos no meio social. Poderia então relacionar ao que Strobel afirma em suas construções ao afirmar que há um “povo surdo”? Notadamente, sabe-se que é uma parcela da sociedade que historicamente vive excluída, entretanto, não somente este fator pode ser determinante para que se reconheça, nos surdos, um povo, como são os indígenas por exemplo.

De acordo com Strobel (2012), *povo surdo* pode ser qualquer surdo, independente do lugar de moradia, seja índio, mulher, homem, branco, negro, mesmo implantados (implantes cocleares), surdos com orientação sexual diferente, ou seja, homossexuais, bissexuais, definem o conceito de Strobel (2012).

Esta conceituação vai de encontro ao que diz Boff (1986), pois, para este, povo é um grupo social que tem valores, crenças, língua e, sobretudo, lugar territorialmente demarcado, fixado. Existe ainda um segundo conceito para povo, que significa um grupo de pessoas com direitos e interesses em comuns, convalidados pelo Estado. Ou ainda uma terceira possibilidade conceitual, a de que

povo seria aquele evocado pela política, que está diretamente relacionado aquela parcela pobre da população.

O que fica evidente então nas afirmações da autora surda, Strobel (2012) é o reconhecimento de um novo conceito para povo, a partir do reconhecimento de valores, de costumes, de ideais, de uma língua, de uma cultura, contrariando a antropologia, transformando o conceito de um povo é constituído em um lugar único, em que estas pessoas viveriam, como o caso dos indígenas brasileiros, por exemplo. Seriam reconhecidos como povo surdo, sobretudo, pelo fator linguístico-cultural, ou seja, seriam pessoas que constroem sua experiência com o mundo, a partir de experiências visuais, e não auditivas como os demais brasileiros.

Evidentemente esta é uma discussão que não se encerra aqui, nem tampouco com as pesquisas dos autores surdos. É preciso ainda mais estudos antropológicos para que se possa então reconhecer e convalidar esta nova possibilidade de conceituação para povo, e ainda mais, um povo surdo.

Participando do grupo de trabalho Etnografias da deficiência, que se constitui como um novo grupo nas Reuniões Brasileiras de Antropologia e Congresso Brasileiro de Antropologia (ABA), em duas versões, 2015 e 2016, pude apresentar dois artigos refletindo sobre as possibilidades de interação do surdo na sociedade e, como este tem acessado espaços sociais em Macapá. Pude perceber o quanto ainda necessitamos de mais aprofundamento nas pesquisas.

O que tenho visto nos movimentos sociais surdos é uma luta por reconhecimento linguístico, mas como bem já trouxe esta discussão anteriormente, como todo grupo minoritário, os surdos também iniciam sua luta política por reconhecimento a partir da cultura. Ocorre que antes de serem surdos, são brasileiros, com características linguísticas distintas dos demais e é neste fator, o linguístico, que precisam se fortalecer em suas lutas para então buscarem o reconhecimento, que inclui também o educacional, como bem destacam desde o Plano Nacional de Educação (PNE), de 2010. Quando lhes foi negado o direito a escolas bilíngues, esta luta por reconhecimento se acentuou. Mas sobre este ponto retomarei em outro capítulo com mais profundidade.

Entretanto, o que se percebe nas afirmações da autora surda é que há uma distinção entre povo surdo e comunidade surda. O primeiro independe de lugar ou de ser usuário ou não de língua de sinais e ainda não cabem ouvintes, ou não surdos, já o segundo, incluem-se surdos, não surdos e usuários de Língua de Sinais,

desde que estejam em um mesmo ponto geográfico, uma região específica, ou seja, a comunidade surda do Amapá, do Pará, do Ceará.

A partir da discussão de povo surdo, outra questão se coloca em evidência, a da identidade e identificação, e para refletir sobre tal questão baseei-me em alguns escritos de Bauman (2012) e Silva (2000). Não tenho aqui a pretensão de definir ou construir um conceito sobre identidade, mas sim de fomentar uma discussão antropológica sobre o que alguns autores da educação chamam de identidade surda e que tem há muito me inquietado como pesquisador. Afinal, existe uma identidade surda? Se existe, como estes a constroem no mundo social? Que mecanismos usam para identificarem-se como surdos? Existem algumas correntes que reforçam piamente a ideia de que existe uma identidade surda e que, esta define o ser surdo como sendo diferente do não surdo, do ouvinte.

Neste contexto, posso inclusive alçar mão de Silva (2000), ao dizer que a identidade está intimamente ligada à diferença e que esta, na verdade, se baseia na negativa de algo, para construir uma imagem. O autor afirma que o brasileiro só se apresenta como tal, a partir da negação de que não é italiano, norte-americano ou chinês. O negro, assim se define porque afirma não ser branco, o índio, assim se afirma porque diz não ser negro. Neste sentido, o surdo assim se define porque nega ser ouvinte.

A construção de uma identidade ou identidades se baseia na negação do contrário, do contraditório. Eu preciso então de uma dicotimização, de uma polarização. Surdos X Ouvintes, Negros X Brancos, Índios X Não índios.

Para Bauman (2012) a construção de identidades surge na discussão de comunidade, pois só se fala de sua identidade a partir do questionamento de comunidade, ou seja, quando um indivíduo é questionado a qual comunidade, grupo social pertence, sobretudo, quando vem de uma comunidade de ideias, aquelas nas quais os sujeitos são ligados por laços de interesse e não de consanguinidade.

Além disso, a identidade, assim como o pertencimento, não é fixa, estável, cristalizada. Ao contrário, é bem negociável, até certo ponto revogável, pois está ligada às decisões, às escolhas e caminhos que o indivíduo toma em sua trajetória de vida. E o mais interessante, diz Bauman (2012), é que as pessoas esperam que as outras se autodefinam, ou seja, digam quem de fato são e a que grupo pertencem.

Se assim acontece, os ouvintes esperam que os surdos se definam de alguma forma. Mas se pensarmos que a identidade, como bem disse Bauman, está ligada à comunidade que o indivíduo pertence, como os surdos então se definiriam? O que tenho percebido nestes mais de 10 anos de trabalho, convivendo com surdos é que a grande maioria não sente a necessidade de definir sua identidade a partir da diferença de ideias, mas, sobretudo, a partir do marcador linguístico. E se assim este grupo fizer, estará reduzindo a discussão de identidade, pois como bem já dissemos não se pode definir a identidade somente a partir de aproximações linguísticas, é preciso mais que isto.

Entretanto há alguns marcadores que os surdos usam para definir sua identidade, como surdo, quais sejam: as experiências visuais, organizadas, sobretudo, pela língua de sinais, e por isso muito confundida como o único fator determinante para a construção de sua identidade.

Durante as entrevistas, todos os interlocutores surdos mencionaram sua vida difícil, com sua família, a escola, o trabalho e demais áreas sociais, sempre relacionando esta dificuldade ao fator linguístico e não a questões ideológicas, por exemplo. Não se definiram como surdos e partícipes de uma comunidade, ou como já trabalhei aqui, como povo surdo.

Neste sentido, compartilho das concepções de Bauman (2012), ao dizer que a identidade é a descoberta de uma série de problemáticas e não uma campanha única, ou seja, não há uma única possibilidade. É dizer então que o ser surdo tem sim peculiaridades linguísticas, mas também é pai, é filho, é filha, é aluno, é professora, é amante, como qualquer outro indivíduo, evidentemente com características próprias, como usar de forma exacerbada o campo visual, ser mais direto e não usar eufemismos. Por se apoiar numa linguística espacial, a partir de sua língua, acaba transpondo estas características para suas interações sociais com outros indivíduos.

Sendo assim, usando as concepções de Bauman (2012), seria ingênuo afirmar que há uma “identidade surda”, é preciso mais reflexões sobre a questão, uma vez que os surdos, assim como os ouvintes, estão e são expostos a vários tipos de comunidades. Portanto, em dado momento da vida, na qual o indivíduo é questionado sobre sua identidade, este descobre que sua identidade é, na verdade, um emaranhado de possibilidades a inventar e não algo pronto e acabado, ou ainda,

que não é uma construção que se inicia a partir de uma folha em branco, é sim uma verdade que está inconclusa.

Poderia então dizer que o ser surdo não pode definir uma única identidade estaticamente, ou biologicamente, pois ela está em constante construção. A condição de não ouvir é um dos fatores para a construção de uma identificação com outros surdos, a partir da questão linguística e visual, e não de uma identidade. Há aqui uma questão de busca por identificação com outros surdos.

É comum surdos, filhos de pais ouvintes, sem ter contato com outros surdos, crerem que são os únicos no mundo a não ouvirem e oralizarem como sua família, tanto quanto o inverso. É comum crianças surdas, filhas de pais surdos, acreditarem que todas as outras pessoas são surdas, até que tenham contato com o diferente.

Assim, é difícil afirmar que exista uma identidade surda, pois a identidade de um sujeito não pode ser definida por sua língua, no caso dos surdos, a língua de sinais, que é definida por suas experiências sociais, suas interações, e suas trajetórias de vida (SANTANA & BERGAMO, 2005).

É preciso então o reconhecimento de uma política linguística para o surdo, e não o reconhecimento de uma identidade. Entendendo esta como uma construção constante, torna-se um equívoco requerer identidade ou identidades surdas, a identificação com outros surdos lhes dão força política e solidez em seu processo cultural. Entretanto, requerer outra identidade a partir do uso de uma língua é um tanto reducionista para se pensar em construção de identidades e não se está negando a língua de sinais, mas dizendo que ela é um dos fatores que colaboram para que surdo se identifique com outros surdos e não que a partir dela se construa uma identidade surda.

CAPÍTULO II: DESAFIOS METODOLÓGICOS

2.1 Construindo as trajetórias de surdos

O homem nunca parou de interrogar-se sobre si mesmo. Em todas as sociedades existiram homens que observavam homens. Houve até alguns que eram teóricos e forjaram, como diz Levi-Strauss, modelos elaborados "em casa". A reflexão do homem sobre o homem e sua sociedade, e a elaboração de um saber são, portanto, tão antigos quanto a humanidade, e se deram tanto na Ásia como na África, na América, na Oceania ou na Europa. (LAPLANTINE 2003, p. 7)

Na busca por compreender o universo dos surdos do Amapá e assim poder entender como se dão suas trajetórias como sujeitos socialmente estabelecidos nas cidades de Macapá e Santana, proponho neste trabalho um recorte metodológico diferenciado, baseado na obra de Bernard Lahire (2004) em que fez ciclos de seis (6) entrevistas de profundidade com os mesmos sujeitos para então poder construir detalhadamente suas trajetórias pessoais, de família, trabalho, lazer e saúde. E ainda, na obra de Suely Kofes (2011) em que narrou a trajetória de Consuelo Caiado, importante figura da antiga capital de Goiás, busco não somente narrar histórias de vida ou construir suas trajetórias a partir de suas biografias, mas, assim como Kofes (2011), busco mostrar sujeitos, estigmatizados, invisibilizados e notadamente esquecidos pela sociedade amapaense.

Sendo assim, segundo Bourdieu (1996) entendo a construção de trajetórias não como uma criação artificial da vida, ou seja, não pretendo trazer a partir de entrevistas os sofrimentos, ou sucessos de meus interlocutores, mas, sobretudo, permitir que estes falem por eles próprios. Por isso, as entrevistas que realizei foram gravadas em Libras, para que cada surdo pudesse se sentir livre para contar suas experiências de vida. Muitos o fizeram em duas, até três gravações. Inicialmente começavam um pouco tímidos, mas depois de um tempo conversando esqueciam a câmera e sinalizavam sem se preocupar em performar, ou esconder alguma história de sua vida.

Baseei-me então nos pressupostos de Kofes (2011) ao mencionar a trajetória de vida como uma possibilidade de construção da vida de um sujeito de forma inversa, ou seja, não necessariamente deve-se se iniciar esta a partir da própria

noção ou vivência do entrevistador sobre o sujeito, mas partindo do próprio sujeito e tendo uma construção de sentidos em sua narrativa.

Kofes (2011) ainda diz que para muitos autores da antropologia, a história de vida, o próprio método biográfico, não é visto como ciência, mas como um método periférico de pesquisa. E em alguns trabalhos só aparecem tão somente em anexos, não tendo a notoriedade devida. Entretanto, para outros autores contemporâneos, diz Kofes (2011) que a história de vida já ganhou seu reconhecimento, e partindo do sujeito, seria uma busca arbitrária do outro, o antropólogo, e para este, sua busca seria uma resposta ao informante.

Neste sentido, a história de vida, a trajetória, como metodologia de pesquisa, deve ser levada em consideração a partir deste jogo de buscas, descrito anteriormente, no qual o sujeito busca dar uma resposta ao antropólogo, e este por sua vez, tenta dar respostas ao sujeito. Para Kofes (2011), o produto final, feito a partir das produções orais dos sujeitos, no meu caso produções sinalizadas, resultará na produção escrita.

Surdos são por excelência, sujeitos que interagem, e buscam interagir com os demais sujeitos sociais, por meio de suas peculiaridades linguísticas, traço marcante de um grupo, que busca seu espaço na sociedade. Portanto este trabalho é singular na medida em que alça mão de outra língua, para qualquer que seja a interação. Por isso, aprendi a língua de sinais, e somente por meio dela, pude me aproximar de meus interlocutores.

Entretanto, é preciso mencionar que esta não é uma realidade fácil. Nem todos os ouvintes, mesmo sabendo Libras, conseguem estabelecer vínculos com surdos. Por vários fatores. Surdos são extremamente desconfiados, têm histórico de exclusão na família, na escola, no trabalho e em quase tudo o que fazem, por isso demoram muito a permitir que ouvintes participem de suas rodas de conversas, de seus bate-papos virtuais. Muitos inclusive buscam criar grupos de amizade a partir do mote surdez, ou seja, mesmo eu sabendo a língua de sinais não é garantia de entrada na comunidade surda.

Mas, para a construção dessas trajetórias a que me propus fazer, era preciso uma entrada de fato ao campo. Foi preciso usar de persuasão e de uma convivência de mais de dez (10) anos com surdos de Macapá para participar das festas, dos churrascos, dos grupos de Whatsapp, dos torneios de futebol, das rodadas de pizza, saídas para comer *sushi*, chegando a ser convidado pelos surdos. Uma vez que

para desvendar este campo nativo, usando inclusive às reflexões de Malinowski (1996) somente na observação do campo é que o antropólogo pode dar significância às falas, neste caso, as sinalizações dos nativos, aqui, os surdos.

2.2 Gabriel, os ecos do silêncio.

Figura 20: cartoon



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

Sendo assim, começo a construção da trajetória do Gabriel, que é, na verdade, um protagonista social em Macapá da Comunidade Surda local. Gabriel, assim como muitos surdos, teve muitas dificuldades em aprender português na escola. Sempre estudou em escola regular, é filho de uma professora e seu pai é diácono na Igreja Católica (história que retomarei mais à frente, pois é determinante no processo religioso de Gabriel e alguns surdos em Macapá), quando soube que seu bebê teria uma deficiência ainda no pré-natal (na época não havia como identificar qual seria). Gabriel conta que seus pais foram interpelados pelo médico a fazer um aborto, pois sua mãe havia contraído rubéola na gestação, com isso, as chances do feto desenvolver uma deficiência seriam muito grandes. Mesmo assim, sua mãe não aceitou o aborto, resolveu ter a criança, mesmo que nascesse com deficiência, ela disse: “é meu filho, o amo de qualquer jeito”.

Então, em 1987, Gabriel nasceu com surdez profunda. Foi feito o “teste da orelhinha”, exame comum em recém-nascidos para se atestar a acuidade auditiva, e alguns meses depois uma audiometria confirmaria a surdez profunda. A tristeza abateu a mãe de Gabriel, que só pensava como seria daquele dia em diante: “Como

vou ajudar meu filho se não sei nada deste mundo? Não sei Libras.” Muitas foram às preocupações de sua mãe.

Ela então começou uma verdadeira saga solitária, em busca de atendimento para seu filho, agora surdo. Andou muito em Macapá, e não obteve nenhuma resposta. Como era professora, pediu ajuda em sua rede de relacionamentos e uma amiga lhe informara de uma escola para surdos, no Rio de Janeiro.

E assim ela partiu com o marido e o filho, foi à cidade do Rio de Janeiro. Gabriel conta que tinha mais ou menos dois (2) ou três (3) anos quando a mãe conversou e tentou deixá-lo, já que a escola tinha internato, mas ele chorava muito e não quis ficar, voltaram então para Macapá. Alguns anos depois, Gabriel já com sete (7), quase oito (8) anos, foi a São Paulo no intuito de conseguir um aparelho auditivo, para que então pudesse estudar. Compraram o aparelho e foram à cidade de Belém para deixá-lo numa escola para surdos, Escola Filipe Smaldone.

Da mesma maneira que ocorreu no Rio de Janeiro, ele não quis ficar. Mais uma vez voltaram para Macapá. Sua mãe, ao chegar, procurou escolas, várias escolas, sempre buscando uma na qual os professores soubessem Libras. Chegava e perguntava: “A escola tem professor que saiba Libras? Pois meu filho é surdo.” Mas a negativa era uma constante. Então soube que na escola Anchieta, escola pioneira no atendimento a surdos, havia uma professora que sabia Libras. Ela então o levou a escola, Gabriel estudou então dos quatro (4) aos sete (7) anos, diz que foi um tempo bom, porque a professora sabia Libras e o ajudava. Depois mudou para outra escola para fazer a 1ª série na época, hoje, 1 ano do Ensino Fundamental. Mas diz que foram anos perdidos, pois a professora não sabia Língua de Sinais, mesmo frequentando a escola no contra turno para o atendimento especializado, o ensino não surtia efeito, pois a professora pouco sabia Libras, sinais soltos, que não o ajudavam a entender os conteúdos.

figura 21 arquivo de família Gabriel indo ao Rio de Janeiro



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Gabriel passou então muitos anos em escolas regulares, sendo atendido em classes especiais, mas sem aprender nada. Ele diz que durante muito tempo alguém sempre fazia por ele as atividades e assim ele ia passando os anos, as séries na escola. Ficou até a 7ª série sem saber absolutamente nada de português, apenas copiava do quadro para mostrar à professora, e esta fingia que estava certo, lhe atribuía notas, mas ele diz que sabia que não tinha feito nada e nem sabia o que tinha copiado da lousa. Seu interesse em aprender português surgiu quando uma menina enviou-lhe um “bilhetinho”. “Ela era tão bonita”, e ele pensou: “E agora? Não sei o que ela escreveu. Como vou responder?” Foi para casa, desesperado em descobrir o que estava escrito no bilhete. Pegou um dicionário de português, separou as palavras das frases e buscou desenhos relacionados às palavras. Passou três dias tentando decifrar o bilhete. Ao voltar à escola, procurou a menina e tentou responder, ela lhe escreveu outro bilhete e ele muito confuso tentou sinalizar que era surdo e não sabia português. Foi então que colocou como meta aprender português, para então poder responder os bilhetes de sua amada e já contava quatorze (14) anos quando resolveu de fato aprender português. Até então não sabia o que escrevia na escola, diz que apenas escrevia e os professores o aprovavam.

Os anos passaram, ele foi para o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) para fazer o Ensino Médio, já que estava com atraso na idade escolar. E, ao contrário de muitas famílias, os pais de Gabriel não queriam que ele estudasse numa escola

regular e sim numa escola para surdos. Outro dado importante é que na maioria das vezes as famílias pouco se interessam pelo desenvolvimento cognitivo dos filhos surdos, o que notadamente não ocorreu com Gabriel. Sua mãe buscou estudar, aprender Libras para se comunicar com seu filho. Fez vários cursos de formação continuada. Mas com algum tempo de defasagem, pois até seus quinze (15) anos, Gabriel usava uma linguagem gestual em casa, pois não havia cursos de Libras em Macapá e seus pais não sabiam como aprender. Somente na sua adolescência, idos dos anos 2000, com a grande difusão da Lei de Libras, já mencionada anteriormente, é que chegaram ao Amapá várias instituições com oferta de cursos de Libras para a sociedade, para familiares de surdos, então seus pais partiram para a formação e hoje são todos fluentes em Libras. Gabriel diz: “Hoje não tenho nenhuma barreira comunicacional em casa, mas nem sempre foi assim”.

Fez todo o Ensino Médio, agora, com certa facilidade, porque tinha muito apoio de sua família. Concluiu o médio e tentou vestibular, tinha muita vontade em cursar Rede de Computadores. Passou numa faculdade particular, iniciou o curso, mas tinha muita dificuldade, primeiro financeira, pois a mensalidade era alta, não tinha nenhum financiamento e, o mais importante, não tinha apoio da faculdade no sentido de adaptar materiais, já que a linguagem de informática é muito específica, precisava de apoio na adaptação dos materiais e até criação de sinais em Libras para que pudesse acompanhar as aulas. Como isto não ocorreu, trancou e depois desistiu do curso.

Algum tempo depois, soube de uma faculdade que tinha projeto de inclusão, ofertava bolsas integrais a alunos com deficiência. Inscreveu-se, passou no vestibular e cursou pedagogia. Agora com uma estrutura melhor, contava com intérpretes em sala de aula e apoio na construção e adaptação de materiais para as aulas.

Em 2005, conseguiu um contrato temporário pela Secretaria de Educação do Estado (SEED-AP). Passou a trabalhar como professor surdo no Centro de Atendimento ao Surdo (CAS-AP). Gabriel passou a integrar um campo social extremamente importante para qualquer indivíduo, o campo do trabalho. E em se tratando de uma pessoa surda, demonstra uma dupla barreira sendo vencida, pois são muito estigmatizados neste campo. Em sua maioria, são alocados em postos subalternos, sem levar em consideração sua escolarização ou formação. As

empresas atendem tão somente às determinações da Lei de cotas, que prevê a contratação de um percentual de seus empregados com deficiência.

Entretanto, seguindo os postulados de Marx (1988), o homem só passa a ter valor para a sociedade quando demonstra sua funcionalidade, e, para isso, é preciso manter sua vida a partir de sua própria produção material. Neste contexto, Gabriel começa a ser “útil” socialmente. Mesmo tendo um salário baixo, Gabriel diz que se sentia muito feliz em estar trabalhando, sendo jovem e surdo. Trabalhou por três anos no CAS, até fazer o concurso para professor efetivo na Unifap. Foi aprovado em 2º lugar e afirma: quem ficou em 1º foi um ouvinte, fazendo uma expressão de ironia, confirmando a hegemonia dos ouvintes sobre os surdos e sua insatisfação.

Esperou quase dois anos e então foi convocado a assumir o cargo como professor efetivo do Curso Letras Libras Português da Unifap e está desde 2015 como coordenador do curso, e contou um pouco de sua experiência nesses três anos como professor de uma universidade pública no Amapá e aqui me valho da experiência de Marx para falar do campo trabalho. Este teórico não tem nenhuma referência às pessoas com deficiência, mas não me impede de usá-lo como referência para falar deste campo. Para o Marx (1988), em O Capital, o homem tem uma possibilidade de liberdade fundada sobre o trabalho e não no trabalho. O que ocorre hoje é o total esmagamento do homem como força de trabalho, pelo capital.

Ao tratar-se de surdos, é possível ver que não só a exploração, a precarização, comuns a qualquer trabalhador existem, mas também o estigma de ser surdo e a impossibilidade de interação por meio da fala oralizada com os demais sujeitos sociais, em seus locais de trabalho. Gabriel conta que ao entrar na Unifap, não dispunha de intérpretes nos ambientes, nas coordenações de cursos, e nos departamentos da universidade. Contava com a boa vontade de dois professores de libras que passaram muito tempo indo às reuniões, a eventos e até mesmo resolvendo problemas de ordem pessoal do professor Gabriel, atuando como intérpretes porque a universidade não dispunha deste profissional e tampouco os funcionários sabiam Libras.

Foucault (1979) enfatiza como o poder ainda é, em vários momentos da vida social, o mote para que pessoas e sociedades inteiras passem a disputar espaço, uma subjungando a outra. Neste sentido, é válido mencionar a posição subalterna dos surdos frente a uma comunidade oralizada. Em grande medida, estes sujeitos

sociais, mesmo sendo parte de um todo socialmente, interacional, sentem a força de uma barreira, na maioria das vezes invisível, a barreira comunicacional.

Mesmo enfrentando dificuldades reais de interação, em seu local de trabalho, Gabriel passou a promover várias ações, no sentido de propiciar sua inclusão, e a de outros surdos, que passariam a conviver no ambiente acadêmico na Unifap. Protagonizou cursos de formação continuada em Libras para técnicos e professores da universidade, sendo ofertados semestralmente pela Pró-reitora de Gestão de Pessoas. O curso de Libras passou a integrar o catálogo de cursos oferecidos pela pró-reitoria, como possibilidade de formação de professores e demais funcionários da Unifap. Promoveu em 2014 o I Encontro Amapaense de Surdos, como um projeto de extensão. O encontro teve como objetivo reunir surdos do Amapá e de outros estados brasileiros e até surdos de outros países.

Foram três dias de palestras, oficinas e apresentação de trabalhos acadêmicos, relacionados à comunidade surda. Fomentaram a criação da associação de surdos no Amapá e ainda encontros regionais e municipais. Gabriel esteve à frente como idealizador do projeto e de outros, como o do Ensino de Português para surdos, Curso de Matemática para surdos, além de promover torneios de futebol para surdos, semanalmente no campo de futebol da Universidade.

Apesar de ter sido, e até certa medida ainda ser, um *Outsider*, Segundo Elias (2000). Gabriel tem feito do desafio de conviver entre não surdos em seu local de trabalho uma possibilidade de fomento à inclusão e à diminuição do preconceito que ainda se vê em vários ambientes sociais. Participando de uma roda de conversa em sala de aula com alunos e professores ouvintes, Gabriel disse: “Por favor, diga a suas alunas que não tenho nenhuma doença contagiosa, diga para não me evitarem nos corredores e para passem do oi ao me cumprimentarem”.

Mas esta habilidade vista em Gabriel em ser independente, em ser eloquente, buscar vencer os desafios que a vida lhe apresenta diariamente, não é uma constante em outros surdos. Na verdade, ele ainda é visto pela comunidade surda amapaense como um “exemplo” a ser seguido. Entretanto, conta que conquistou esta autonomia, inclusive em casa. Quando tinha quinze (15) anos, conheceu um surdo que veio do Rio de Janeiro e ao conversar com ele, o incentivou a viajar, disse você já tem quinze (15) anos, precisa conhecer outros lugares, outros surdos, só assim você crescerá e deixará de depender de sua família. Ele ficou muito

incentivado a viajar, pediu insistentemente para seus pais a autorização para viajar, mas sua mãe sempre lhe dizia que era muito perigoso ele viajar só, como seria se ele é surdo.

Ele então soube que o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas) em Macapá tinha um projeto que financiava passagens para estudantes participarem de cursos fora do Estado. Dirigiu-se ao SEBRAE, inscreveu-se e foi selecionado, mas, como era surdo, o responsável ligou para seus pais para avisar que Gabriel havia sido selecionado no projeto e ganhara passagens aéreas para ir ao Rio de Janeiro. Seus pais esconderam dele a informação e só o informaram quando o dia da viagem havia passado. Chamaram-no e disseram: você ganhou a passagem, mas nos ligaram com atraso, então você perdeu. Ele, inconformado, foi ao SEBRAE, conversou com o responsável e conseguiu uma nova passagem. Chegou à casa todo feliz e contou aos pais que havia ganhado novas passagens e queria autorização para viajar, seus pais então percebendo que não teriam como evitar chamaram seu primo e deixaram que Gabriel viajasse, mas em companhia do primo ouvinte.

Strobel (2012) fala sobre o nascimento de surdos em famílias de ouvintes, geralmente essas famílias passam por um período de luto, pois não acreditam na possibilidade de seu filho se desenvolver como qualquer outra pessoa. Agem a partir da impossibilidade de oralização e conseqüentemente, relaciona isto à perda cognitiva.

Gabriel fez sua primeira viagem sozinho aos dezesseis (16) anos, e diz: “Foi um processo doloroso para meus pais no início, mas com o tempo, foram acostumando e vendo que nada acontecera de ruim. Fui ganhando a confiança deles, depois, já empregado, com meu salário, pude comprar passagens e ir a outros lugares, até viajar para a Europa ano passado”. Gabriel fez um tour por mais de cinco países nas férias de janeiro de 2015, aprendeu outras línguas de sinais e diz que isto fez muita diferença para sua autonomia como pessoa surda.

Figura 22: arquivo pessoal viagem de férias de Gabriel a Europa em 2016



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

É comum em grupos de pessoas ouvintes, em relação aos surdos, agirem como grupos já estabelecidos, nos termos de Elias (2000) e algumas vezes até de forma inconsciente, estigmatizarem-nos, colocando-os numa posição inferior, desqualificada e sem condições de crescimento, e desenvolvimento social.

2.3 Bianor, os laços de família.

Figura 23: cartoon



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Como a maioria dos surdos, interlocutores desta pesquisa, Bianor nasceu com surdez profunda, vítima de uma rubéola adquirida por sua mãe durante a gravidez. Filho de pais ouvintes. Sua mãe, ao saber de sua surdez ficou muito preocupada em como seria sua vida. Levou-o para a escola, mas como não tinha intérpretes e os professores não sabiam Libras, passava o tempo todo brincando. Em casa, antes de aprender Libras, conversavam por gestos o tempo todo, sua família nunca aprendeu a língua. E mesmo depois de adulto, falam com ele escrevendo em papel o que querem. Diz que foi bem difícil sua infância porque não se comunicava com a família: “Eram só gestos, mas eu me acostumei, então deixei de lado”.

Goffman (2012) fala que o sujeito estigmatizado tende a internalizar o estigma imposto socialmente e acaba por reforçar isto em suas interações sociais. Bianor, ao dizer que se acostumou ao processo de interação com sua família, na verdade, internalizou o estigma da surdez imposto em casa. O fato de seus pais e irmãos não saberem Libras, implica dizer que ele teve que criar os mecanismos próprios de comunicação para se expressar.

Assim como muitos surdos, o grande desafio do desenvolvimento já começa em família, pois, em sua maioria, nascem em famílias de ouvintes e estes não demonstram interesse em aprender a língua de sinais, tampouco ensinar seus filhos surdos, para que estes possam se desenvolver equitativamente com o

desenvolvimento dos outros filhos que não são surdos. O surdo vive como um “estranho” em sua casa. O abismo linguístico que o separa de seus irmãos, pais e demais familiares tem sido um verdadeiro divisor de águas em sua vida. Os surdos comumente tornam-se o “problema” para suas famílias.

Goldfeld (2002) ao falar da aquisição da linguagem de crianças surdas, diz que, por nascer em sua maioria em famílias de ouvintes, esta aquisição é sempre tardia, não porque o surdo tenha perda cognitiva, mas porque lhe faltam os incentivos adequados para que adquira e desenvolva a linguagem.

Além da questão da linguagem, é importante analisar a interação deste sujeito que, por usar outra língua, por usar fortemente as experiências visuais, fica muito comprometida. O considerado “problema da família” é visto, de acordo com Elias (2000), como o ¹³*outsider*, ou seja, o indesejado. Alguém que tenta entrar numa comunidade socialmente estabelecida, com regras consolidadas, inclusive, ironicamente, este grupo que o vê como tal, é sua família.

Quando fui para escola tinha 8 anos, ficava só olhando e copiando porque não tinha intérpretes, nem professor surdo. As pessoas falavam, falavam e eu não entendia nada. Fui passando assim até chegar ao ensino médio, quando me deparei com um intérprete, foi muito difícil porque eu nunca tinha visto isso sabe? O intérprete teve dificuldade em me fazer entender que ele estava ali para me ajudar. Fui aos poucos entendendo, ele me falou do Cas, eu fui até lá e tive muito contato com outros surdos, aprendi mais rápido a Libras, me ajudou e então entendi de verdade o que o intérprete fazia na sala comigo. Em casa, hoje meus pais me respeitam, eu ajudo eles na comunicação comigo, mas ainda não aprenderam Libras e eu não me incomodo me acostumei. Na hora do almoço, por exemplo, eles falam, falam, riem, às vezes. Eu perguntava do que estavam rindo? Diziam-me: “depois te explico”, hoje não pergunto mais. Sento como e eles estão lá falando. Termina, vou para meu quarto e volto a falar com meus amigos pela internet, facebook etc. Gosto dos meus

¹³ Mediante um exame mais detido é frequente poder-se descobrir que também nesses outros casos, tal como em Winston Parva, um grupo tem um índice de coesão mais nítido que o outro e essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos - o que constitui, essencialmente, o que se pretende dizer ao Falar de uma figuração estabelecidos-outsiders. Entretanto, embora possa variar muito a natureza das fontes de poder em que se fundamentam a superioridade social e o sentimento de superioridade humana do grupo estabelecido em relação a um grupo de fora, a própria figuração estabelecidos-outsiders mostra, em muitos contextos diferentes, características comuns e constantes. Foi possível descobri-las no âmbito restrito de Winston Parva e, uma vez descobertas, elas se destacaram com mais clareza em outros contextos. Assim, ficou patente que o conceito de uma relação entre estabelecidos e outsiders veio preencher, em nosso aparato conceitual, uma lacuna que nos impedia de perceber a unidade estrutural comum e as variações desse tipo de relação, bem como de explicá-las ELIAS (2000).

amigos. Estou acostumado com minha família. Nas férias, eles viajam e eu não gosto de ir, prefiro ficar aqui com meus amigos. (trecho da entrevista com Bianor, realizada em 05 de novembro de 2014)

Antes de analisar o trecho da entrevista com Bianor, é importante explicar como as fiz. Por ser surdo, evidentemente tive que fazê-las em Língua de Sinais para que me aproximasse ainda mais, no sentido de dar mais fluidez as falas. Pois é comum os surdos se queixarem, ao ter que conversar com alguém por meio de intérpretes. Não se sentem à vontade e, dependendo do assunto abordado a performance será evidente. Por isso não só as entrevistas com Bianor, mas de todos os meus interlocutores foram feitas em Libras por mim, sem auxílio de intérpretes. A única adequação feita foi a textual, pois a construção frasal em Libras é diferente da construção em português. Logo, para um melhor entendimento dos leitores, fiz o que chamamos de tradução de Libras para Português.

Fica evidente na fala de Bianor o estigma da surdez que sofre em casa. Em diversos trechos, ele relata como sua família age em momentos comuns, de interação. Em outras famílias, os momentos de encontro são os do almoço e do jantar, em que dividem os problemas familiares, as conversas, as piadas, as histórias do cotidiano. É quando se fortalecem os laços familiares. Mesmo nas famílias contemporâneas, em que as conversas cada vez mais são virtuais, que presenciais, tudo que se fala na casa, o outro pode ouvir no outro cômodo e de lá interagir, mas quando não se tem uma língua comum em casa, este abismo torna-se cada vez mais evidente, o abismo que tem separado surdos de ouvintes. E que atualmente faz com que uns evitem os outros, ou seja, grupos de surdos evitam contato com ouvintes e vice-versa, numa luta por espaço de poder desenfreada.

Amaral (2013) diz que evitar o contato direto com determinados grupos sociais é uma prática muito antiga e que assim o fazem por uma questão de pertencimento, ou seja, surdos evitam ouvintes para se afirmarem como tal, tanto quanto os ouvintes fazem. O que para este autor evidencia outra questão, o surgimento de guetos. É comum ouvirmos nas escolas regulares, nas quais existam alunos surdos matriculados, o relato de professores e funcionários, dizendo que os surdos só vivem nos seus grupos, não se relacionam com os demais alunos, não abrem espaço, dizem os professores. Amaral (2013) pontua que as cidades

atualmente são desenhadas por fronteiras, invisíveis, mas extremamente sólidas, e que criam os guetos como forma de controle da diferença.

Bianor formou-se em designer pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP), um dos poucos surdos que buscou um curso diferente dos que comumente formam — As licenciaturas. Tem sido, uma das questões que os surdos têm lutado, pois está se cristalizando a ideia de que surdos só podem estudar no Curso Letras Libras. Curso criado a partir da legislação de Libras, e que tem por objetivo, difundir a Língua de Sinais, dando prioridade na formação de surdos como professores de Libras, o que é um grande equívoco, pois estas pessoas precisam ter acesso a todos os cursos de formação superior, para que eles façam suas escolhas e não fiquem bitolados ao que a universidade oferta como formação.

Figura 24: arquivo pessoal formatura



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Bianor disse que, mesmo hoje, nas festas de família, grandes reuniões (pois sua família é grande), todos agem do mesmo jeito, à exceção de um primo que sabe Libras e se comunica bem com ele, todos os outros parentes, tios, tias, avô, avó, primos, só usam gestos para se comunicar, ou escrevem mensagens no celular e nem sempre o primo que sabe Libras pode ir as festas ou reuniões de família e ele diz: “ já estou acostumado, sempre falam, falam, riem, enquanto isso eu como e converso pelo celular com meus amigos, não me importo com eles a minha volta”.

E vendo a página pessoal de Bianor, em uma rede social, é comum as demonstrações de carinho e afeto de seus familiares, entretanto chega a ser

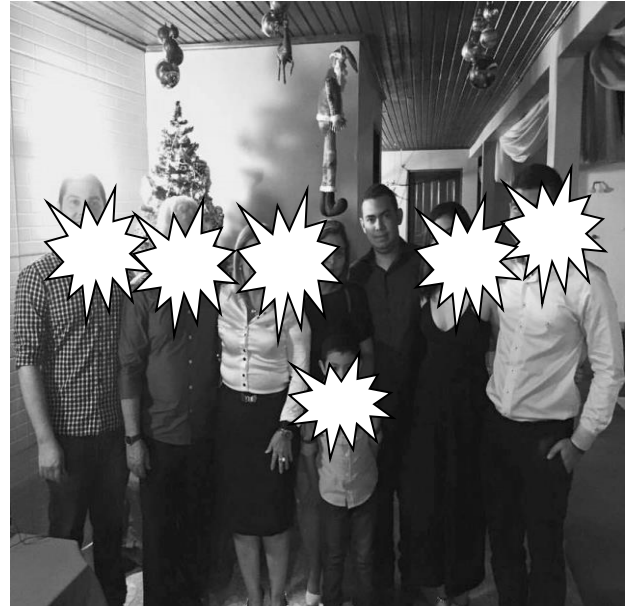
imperceptível para quem não conhece saber que ele é o único surdo em meio a tantos ouvintes, que articulam, oralizam, riem, contam piadas, causos, e tudo mais que ocorre em reuniões de família comumente.

Figura 25: almoço em família, Bianor ao fundo.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

Figura 26: natal em família



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

Em datas festivas como Natal e Réveillon, Bianor afirma: “é tudo igual pra mim, pois todo mundo vem me abraça, só faz uma cara de feliz, não diz nada, ai depois pego meu prato, vou comer e depois volto pra internet”.

Ao ver situações como esta da família de Bianor, vários autores me vêm à mente, entretanto, Goffman (2012) é o que mais se coaduna à discussão.

Ao falar das interações face a face e em se tratando de uma família de ouvintes e apenas um surdo, as performances são uma constante. Ao dizer que está acostumado, Bianor demonstra o caráter não só performático, em aceitar a situação de exclusão comunicacional, mas, acima de tudo, um caráter estigmatizado, de alguém que não comunga da mesma língua de seus familiares, mas que precisa manter uma fachada, frente aos seus familiares e estes frente a Bianor.

Goffman (2012) diz que a pessoa que tem sua fachada ameaçada ou cometeu uma gafe frente aos demais, tende a desculpar-se, ou os demais, ao perceberem que a pessoa não terá condições de fazê-lo, tendem a “salvá-la”. Assim, um aperto de mão na sociedade educada, que não devesse ser dado, torna-se um

aperto de mão que não pode ser recusado. Na foto de recordação de natal da família de Bianor, todos parecem felizes e satisfeitos com a comemoração, entretanto, ele diz: “é sempre a mesma coisa, tudo igual, eles vêm me abraçam sorrindo sem dizer nada, eu pego meu prato como e volto pra internet”.

2.4 Rafael e Dayse, a experiência do estigma.

De acordo com Goffman (1988:5) estigma faz referência a toda diferença, seja de ordem física, social ou cultural num indivíduo de determinado grupo social que esteja inserido e esta diferença se transforma em característica pejorativa de inferiorização deste indivíduo.

Nesse sentido, a pessoa surda sofre este processo de estigmatização desde os tempos mais remotos. Na idade antiga, o surdo não tinha direito a vida por ser surdo. Na idade média, a Igreja dizia que o surdo era um ser sem alma, pois não tinha linguagem. Se assim é, não podia receber os sacramentos. Na idade contemporânea, o surdo ainda luta por emancipação e reconhecimento social, exatamente por usar um canal de comunicação diferente da maioria da população.

Neste momento trago um exemplo para fomentar a discussão mencionada no parágrafo anterior e ainda sobre o processo de estigmatização sofrido pelos surdos nos dias de hoje, exemplo este colhido já no campo em Macapá.

Em companhia do casal surdo, fomos a um restaurante da cidade, escolhemos uma mesa para almoçar. Junto conosco, mais dois amigos não-surdos, um sabia pouco Libras, o outro, nenhum conhecimento. A garçonete veio até nós, informando o cardápio como de costume, sempre almoçamos naquele local, minha família e eu. Após a garçonete mostrar as opções do cardápio, fiz a tradução para os surdos. Ela imediatamente olhou como se nunca tivesse visto aquela situação. Pois a expressão no rosto era de muito espanto. Em seguida ela perguntou: “o que eles vão querer?”. Respondi dizendo: “pode perguntar a ele (ao surdo), ele vai te responder, ele faz leitura labial”. Fiz isso porque o rapaz sempre faz questão de tentar se comunicar sem ajuda de intérpretes. Assim ela o fez. O rapaz, como é oralizado e faz leitura labial, tentou compreender o que a garçonete dizia. Nas duas tentativas de comunicação não foi possível entender, então ele, junto com sua esposa, também surda, me olharam e pediram para traduzir em Libras o que a moça havia dito.

O que ocorreu após o episódio da escolha do cardápio é o que foi mais interessante. O restaurante fica num bairro da periferia de Macapá, muito movimentado. As pessoas que estavam ali para fazer suas refeições e os próprios funcionários do lugar ficaram estupefatos ao ver o diálogo que travávamos em Libras na mesa. Ficamos como num palco e as pessoas ao redor todas viravam para olhar, cochichavam e apontavam. Umas discretamente, outras nem tanto. As moças que trabalham na cozinha vinham olhar pela janela, como se o restaurante estivesse sendo visitado por um artista ou coisa assim.

Os surdos me perguntavam: “porque olham tanto? Aqui nesse bairro não tem surdos?”. E esta situação perdurou durante todo o tempo que ali passamos para comer. Ao final do almoço, meu amigo foi pagar a conta e então veio o questionamento da moça do caixa: “quem são eles? Por que eles falam assim?” meu amigo disse: “eles são surdos e meu amigo os trouxe para passear aqui no bairro e também porque fazem parte da pesquisa de doutorado dele”.

Figura 27: saída para o almoço.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

A alegoria relatada nesta experiência nos traz a reflexão para a situação social que o surdo tem vivido. O apagamento social que estas pessoas passam diariamente, que quase ninguém vê ou ouve. Quantos restaurantes se preocupam em colocar no seu quadro de funcionários intérpretes em Libras para receberem pessoas surdas? Se não houvesse alguém que partilhasse da mesma língua, no relato acima, os surdos não conseguiriam pedir sua comida, ou até conseguiriam, mas com muitas dificuldades.

Isso tudo também configura uma situação estigmatizante, ou seja, de olhar o indivíduo diferente como se este tivesse uma marca indelével, capaz de separá-lo das demais pessoas, no caso, o uso da língua de sinais que tem sido considerada por muitos o abismo que separa surdos de não surdos. É então o estigma do surdo.

Como ainda ocorreu na mesa quando um dos amigos ouvintes que ali estava e não sabia Libras foi várias vezes interpelado por mim e por outro amigo a conversar com os surdos e este disse: “eu não, não sei falar nada” e ficou o tempo inteiro observando a conversa, parecendo estar olhando para pessoas extremamente diferentes das que ele costuma ver cotidianamente, como se fossem de outro planeta, tamanha era expressão em seu rosto de estranheza e pelo casal de surdos.

Neste contexto, cabe então a discussão do estigma social imposto pela sociedade às pessoas surdas. Goffman (1988:5) diz que a sociedade estabelece meios de categorizar os indivíduos, e as características que estas têm, ou precisam ter para se enquadrar em algum modelo social pré-estabelecido. Quando um indivíduo é apresentado a alguma comunidade, ou grupo social, e não se enquadra nas expectativas que estes têm, o sujeito passa a ter uma concepção daquele grupo, que acaba por construir e evitar que este faça parte do grupo de forma natural.

Sendo assim, a sociedade então projeta no surdo a expectativa de que este fale como os demais, ou seja, oralize. Como isto não ocorre, recai sobre o surdo o estigma da surdez. O relato do restaurante traz um exemplo de estigmatização que os surdos sofrem no cotidiano das interações sociais. A projeção que as pessoas fazem desses indivíduos ainda são carregadas de preconceito e conseqüentemente de apagamento social.

A este contexto trago o relato de Rafael, que é um dos interlocutores da pesquisa, a partir do cartoon feito para lhe apresentar e dar-lhe visibilidade.

Figura 28: cartoon.



Rafael

Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

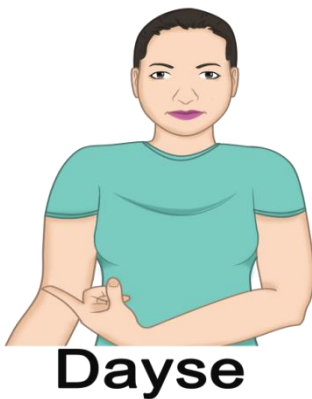
Pesquisador: e ai já resolver problema Detran? Rafael: Ainda não, tu saber o que médico pediu só laudo do médico, certo? Pesquisador: certo e ai? Rafael: Depois entreguei na segunda feira no Detran, o administrador recebeu meu laudo, ele disse para eu entregar mesmo laudo no médico até na Santa Rita para médico ver, não estava, deixei o laudo recepção, para ligar amanhã, hoje médico ligou para mim sogra que médico disse não é laudo, e outro " ortopedista" é aparelho equilíbrio e audiometria.. Aff.. Fiquei chateado, médico não saber nada sobre os surdos. Ele deu moral, ele não estava, depois eu e minha sogra ligamos para interpretar Tamila.. Tamila disse para eu ir amanhã Creap fazer exame audiometria.. Vou amanhã a tarde. Pesquisador: ah ta se precisar de ajuda me avisa. Rafael: Ronaldo, eu sei vc ocupado.. Eu preocupado comigo, não fácil, lutando minha vida, alguns surdos tenha difícil os médicos não saber libras... A vida dos surdos quase preconceitos... Sofro muito.. Deus me dá fortalecer.. Pesquisador: eu sei amigo muito bem. por isso digo se precisar de ajuda avisa dou um jeito e acompanhar vc. Rafael: Tá Ronaldo!! Ainda perdi meu tempo no auto escolar, os médicos no detran que não saber avaliar os surdos, os surdos somos igualdade os outros.. Né ronaldo? Pesquisador: verdade infelizmente sociedade cheia de preconceitos, ridiculo isso. Rafael: Infeliz... Os surdos sofrer muito não tem atendimento na educação, saúde e segurança é falta interpretar..Pesquisador: isso vai mudar amigo, eu me empenhando muito para abrir curso letras libras interpretes ano que vem. Rafael: Mas governo e assembleia não obedecer às leis da libras e os surdos.. O que os surdos precisa, maioria o povo pensa que os surdos precisar falar e escrever...não libras... Isso que falta respeito às línguas dos outros...Pesquisador: exatamente...Rafael: Verdade Ronaldo!! Tô querendo estuda curso letra/libras.

Ao relatar sua experiência, Rafael traz à tona a realidade dele e de muitos surdos que tentam acessar os serviços básicos de qualquer lugar. O que seria algo corriqueiro para outra pessoa, para um surdo tona-se um grande desafio. Não por sua surdez, mas pela falta de conhecimento até de sua existência como pessoa para outras faces da sociedade. Quando ele diz: “o médico nem dar moral, não saber nada surdos”. Fica evidente outra discussão de Goffman (2012) com relação à preservação de fachada, pois, ao evitar o contato interacional com o surdo, o médico está tentando preservar sua ¹⁴fachada, a de que é médico, e não pode demonstrar sua inabilidade em se comunicar com um paciente surdo.

Contudo, demonstra ao surdo que não tem interesse em atendê-lo, que, por desconhecer suas características linguísticas, confunde-o com alguém que tem déficit cognitivo, e por isso não pode ter uma carteira de habilitação.

Seguindo a construção de trajetória de Rafael e Dayse, ao entrevistá-la, esta faz um relato não diferente dos outros interlocutores desta pesquisa.

Figura 29: cartoon



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

Tive muitas dificuldades para estudar. Só consegui entrar na escola aos 10 anos de idade, porque nunca tinha vaga quando

¹⁴ O termo fachada pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato um contanto particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados – mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma. A pessoa tende a experimentar uma resposta emocional imediata á fachada que um contato com outros permita a ela; ela catexiza sua fachada; seus “sentimentos” se ligam a ela. Se o encontro sustenta uma imagem da pessoa que ela dá por certo há muito tempo, ela provavelmente terá poucos sentimentos sobre a situação. Se os eventos estabelecem uma fachada para ela melhor do que ela poderia esperar, ela provavelmente se “sentirá bem”; se suas expectativas costumeiras não forem realizadas, espera-se que ela se “sinta mal” ou “sinta-se ofendida”. De modo geral, o apego de uma pessoa a uma fachada particular, junto com a facilidade de comunicar informações falseadoras por ela e por outros, constitui uma das razões que fazem com que ela considere que a participação em qualquer contato com outros seja um compromisso GOFFMAN (2012).

minha mãe dizia que era surda e ao entrar na escola, foi muito difícil, os professores me passavam sem eu saber nada. Nunca tive contato com intérpretes durante toda a educação básica, e sempre estudei em escolas de ouvintes. Aprendi Libras com contato com outros surdos, que me ajudavam a resolver as atividades, porque os professores não sabiam como me ajudar. Terminei com muita dificuldade aos 24 anos de idade, o ensino médio. Fiz vestibular para faculdade particular, passei para o curso de pedagogia. Lá tinha intérpretes, aí foi tudo diferente, conseguia entender. Estudava com outros surdos, me formei, fiz especialização e agora trabalho no banco. Lá, sou a única surda e isso é difícil porque as pessoas não sabem libras, tenho que escrever no papel, a comunicação é muito truncada, mas passei no concurso, tenho meus filhos, meu marido que também é surdo. Sou muito feliz. (trecho da entrevista de Dayse em novembro de 2014)

É preciso aqui atentar para o fato constante nas trajetórias dos quatro interlocutores surdos aqui apresentados; Gabriel, Bianor, Rafael e Dayse. Todos falam das mesmas dificuldades por eles enfrentadas para interagir na sociedade, problemas e desafios que começam na família e aprofundam-se nos outros ambientes, como a escola e o trabalho.

Neste caso, poderia relacionar alguns pensadores da sociologia e antropologia para refletir sobre estas questões. Foucault (1979) e a questão do poder e saber pode ser aplicada a esta questão, já que os surdos são em muitos momentos, oprimidos pelo poder dos ouvintes. A teoria de Goffman (1988) e o estigma da surdez, inclusive já mencionado no início desta sessão também cabe nesta análise, pois o surdo teve sua trajetória marcada pela estigmatização da surdez, imposta por uma maioria que ouve e os impele a se adequar ao modelo vigente. Marx (1988), em *O Capital*, expõe a submissão do homem ao processo, cada vez mais evidente, de precarização do trabalho, expõe o uso de sua força de trabalho como veículo para enriquecimento dos patrões e no caso dos surdos, isto tende a se acentuar, uma vez que são subalternizados pela questão da linguagem diferenciada, que marca uma visão equivocada de suas reais possibilidades dentro de um ambiente de trabalho.

Por fim, Elias (2000), com a discussão dos estabelecidos e outsiders. Na fala de Dayse fica evidente como seus colegas de trabalho a obrigam a usar o português como veículo de comunicação, não que o surdo não o deva usar, mas sabe-se de

sua grande dificuldade em usar uma língua que não é a sua e ainda o fato de dizer que por isso sua comunicação é muito difícil no banco, pois ninguém sabe libras.

Sendo assim, o que fica evidente é que mesmo o surdo sendo pseudoincluso a partir de uma Lei, a saber, a Lei de Acessibilidade nº 10.098/2002 em que versa sobre a obrigatoriedade de empresas que tenham 100 ou mais funcionários reservarem 5% de suas vagas a pessoas com deficiência e ainda pela Lei da Inclusão, Lei nº 13.146/2015, que também faz esta previsão, o que se percebe nas relações de trabalho, a partir da história de Dayse e Gabriel, é que há o respeito à lei, entretanto, estas pessoas continuam sendo cerceadas do direito básico de comunicação e conseqüentemente interação social.

CAPITULO III: Religião, limites e possibilidades para o surdo.

Uma das grandes questões existenciais da vida humana é a religião, em todas as sociedades há ou houve algum tipo de celebração religiosa, alguma adoração ao sobrenatural. Gaarder *et al* (2001:8) elucidam uma questão interessante, quando trazem questões que existem dentro de qualquer sociedade, dizendo que cada pessoa tem sua visão sobre a vida, entretanto, esta não é exatamente a questão, mas o que se coloca como pano de fundo, pois até que ponto esta visão é realmente produto do pensar individual, da reflexão de cada indivíduo? Ou este está a externalizar as inferências e convicções de outrem?

Pensando nestas questões, tentarei aqui elucidar e refletir sobre que conceitos os surdos constroem sobre a religião, como veem este processo místico e sobrenatural, pois até alguns meses atrás, eu acreditava que surdos só frequentavam as igrejas por conta da presença de intérpretes e que estes acabavam por determinar a qual denominação religiosa os surdos estariam, daí se ter historicamente a presença de surdos na Igreja Católica, Presbiteriana, Assembleia de Deus e Batista, isto me referindo ao Amapá.

Seguindo as concepções de Gaarder *et al* (2001:8), não há uma única sociedade na história do mundo, que não tenha, ou teve algum processo religioso presente, tido inclusive como demarcador, como construtor de regras sociais para o grupo ao qual pertence. Sendo assim, questões como “quem sou eu?”, “Deus existe?”, “Que forças governam o mundo?” estão presentes em toda e qualquer sociedade, mesmo as mais elementares até as mais cosmopolitas. E se assim é, os surdos estão de alguma maneira, imbricados na discussão. Resta saber como estão e como reagem em relação às questões religiosas.

Mas, afinal, o que é a religião? Este processo tão místico, que envolve os indivíduos e se confunde com a história do mundo, bem como instiga e provoca guerras ao redor dele. Gaarder *et al* (2001:13) indicam que ao redor do mundo contemporâneo é comum ouvir as notícias de guerra entre católicos e protestantes, entre mulçumanos e cristãos e, ao mesmo tempo, diversas instituições religiosas, mundo à fora, promovem ajuda humanitária aos pobres dos países em desenvolvimento, sendo inclusive determinantes na vida destas pessoas para seu crescimento como indivíduos.

Entretanto, estas mesmas instituições religiosas, em nome da fé, travam lutas sangrentas, perseguem, destituem líderes, explodem bairros inteiros com pessoas inocentes e tudo em nome da fé, ou por esta ter sido desrespeitada. E estes processos de intolerância religiosa já chegaram ao Brasil, quando se tem notícia das várias invasões, por cristãos, a casas de umbanda e candomblé. Nos idos de 1912, no Estado de Alagoas houve a chamada “operação ¹⁵Xango”, que consistiu na invasão, e destruição de casas de culto afro, fiéis foram agredidos física e moralmente segundo Rafael (2004); também se sabe do episódio que ficou amplamente conhecido, do pastor evangélico que pisoteou e quebrou uma imagem de uma santa católica durante um programa de televisão.

Gaarder *et al* (2001:14) orientam que o respeito às diferenças religiosas dos outros é um pré-requisito necessário para a coexistência humana. Neste sentido, respeitar a opinião religiosa do outro, não significa dizer que o outro está totalmente correto, mas que tem o direito de professar sua fé, desde que esta não viole direitos humanos básicos.

A religião, entretanto, tem sido descrita e definida por vários pesquisadores como fator extremamente importante, até incondicional para o desenvolvimento de qualquer sociedade. A religião está presente entre os humanos desde os tempos mais imemoriais e, por assim ser, tem sido motivo da ocupação de grandes antropólogos e sociólogos. Gaarder *et al* (2001:15) apontam que Marx definiu religião como um produto do capital e de quem detêm o modo de produção, bem diferente da definição de Tylor (1832-1917), ao conceituar a religião de povos tribais como animismo, ou seja, a crença que animais, plantas e rios tinham espíritos a serem apaziguados. Teoria que posteriormente fora contestada e hoje há consenso geral de que ela é um equívoco, até um reducionismo ao se pensar em povos tribais.

A religião então além de ser um misto de sobrenatural e fé é também um conjunto de ações, que são ensinadas por meio de escrituras, como o caso das religiões judaico-cristãs, ou por meio do conhecimento oral, no caso das religiões de matriz africana, umbanda e candomblé, destas falarei com mais profundidade numa seção específica neste capítulo. Para Gaarder *et al* (2001:15), a religião está ligada

¹⁵ Não está mais referido a um passado genealógico, consanguíneo, que identifica e legitima cada tronco familiar, como na África, mas liga espiritualmente cada membro da religião, independente de sua origem étnica, a um dos antepassados que formam o panteão das divindades cultuadas em solo brasileiro: os orixás Exu, Ogum, Oxóssi, Ossaim, Omulu, Nanã, Oxumarê, Euá, Xangô, Obá, Iansã, Oxum, Logum Edé, Iemanjá, Oxaguiã, Oxalá. O candomblé, que é brasileiro, ensina que cada ser humano descende de um desses deuses, independentemente de sua origem familiar, étnica, racial ou geográfica. Os orixás são agora divindades universais (PRANDI,2005).

ao social e psicológico, mas também é independente na medida em que tem uma estrutura própria. A grande questão aqui é de que maneira estas diversas atividades, ensinamentos têm sentido para seus praticantes, de que forma constroem sentido? Ou este tem sido apenas uma reprodução a partir da vivência de seus adeptos?

Ao estudar, descrever a religião, é preciso compreender como esta constitui sua estrutura, por assim dizer. Como se dá uma Missa, na Igreja Católica, ou um Culto, na Igreja Assembleia de Deus, ou uma ¹⁶Obrigação, no candomblé. Ao citar estas três possibilidades estou a falar do que Gaarder et al (2001:15) chamam de ritos, ou cerimônias religiosas, que, ao analisá-las, seguimos um padrão na constituição. Todas têm um conceito, cerimônia, organização e experiência.

Gaarder et al (2001:12) dizem que o pesquisador, ao descrever as atividades, ou melhor, os ritos de uma religião, tenta buscar semelhanças e diferenças entre estas, que inclusive é o que tenho feito durante o campo, ao acompanhar os surdos nestes processos de religiosidade, entretanto, será uma descrição bem diferente daquela feita por um cristão ou por um praticante do candomblé, pois estão imbuídos pelo amor que sentem em sua religião. Mas é importante salientar que ambas as descrições são extremamente importantes e, ainda mais, não se pode afirmar que por isso o pesquisador nunca será um religioso ou praticante de alguma religião. O crucial é jamais permitir que seus valores, suas crenças, sejam determinantes e, de certa forma, tragam uma descrição embaçada da realidade vivida, uma vez que será tendenciosa.

Entretanto, é pertinente dizer aqui o porquê de se estudar religião, mesmo ela não sendo o objeto de análise desta tese. Historicamente no Brasil, isto a partir do início do século XX, os surdos têm sido “acolhidos”, faço a marcação porque a partir de uma análise mais sociológica e antropológica deste processo de acolhimento, se verifica ainda a produção de diferenças entre os surdos e os ouvintes nas instituições religiosas e, por assim ser, mesmo produzindo e reforçando diferenças, a religião mostra sua importância para com os surdos.

Gaarder et al (2001:13) dizem que não há como compreender uma questão de política internacional sem antes entender o fator religioso. Se assim é, passarei a

¹⁶ A ideia de obrigação, no candomblé, é sempre associada à obrigação ritual, ou seja, à relação entre o deus e seu filho iniciado para o seu culto. Nessa relação, a mãe ou o pai-de-santo é o único intermediador, pois só ele conhece a fórmula de lidar com o orixá da pessoa, orixá que ele “fez”, quando se trata do pai da iniciação original, ou orixá que ele “consertou”, quando se trata de filho ou filha anteriormente iniciada em outra casa. A ideia de dever é sempre referida à divindade, nunca ao outro, ao grupo, à sociedade envolvente. Ou seja, a ideia de obrigação, dever, dívida, pagamento, código de conduta, diz sempre de algo que se realiza no espaço sagrado do terreiro, no culto. No candomblé, o culto é todo organizado em torno de sacrifícios rituais e muitas vezes pessoais, como consequência PRANDI,1991.

construir as análises de idas de surdos a algumas instituições religiosas de Macapá, Santana e no caso do Candomblé, em Belém - PA, esta como uma tentativa fortuita de conhecer a experiência do surdo nas religiões que estão fora de um padrão normativo social e aceitável, que são os terreiros, ou casas de Axé.

Para ancorar as análises que farei, usarei as concepções de Turner (1974) a partir do ritual. E o porquê usá-lo, está na ideia de que, a partir das concepções de Silva (2012:44), o ritual não separa as fases da vida e as pessoas, e sim, institui, legitima e consagra algumas fronteiras simbólicas, e mais, naturaliza novos estados sociais. E neste contexto, os processos religiosos, a Missa, o Culto e uma Festa de Tambor separam os indivíduos por marcas indelévels, surdos e ouvintes.

Para evidenciar melhor esta questão trarei uma alegoria, de acordo com James (2011), dos surdos nas igrejas e nos Terreiros visitados. Tenho acompanhado já há alguns meses, um grupo de surdos de uma igreja protestante em Santana-AP. Em média, quinze (15) surdos fazem parte de um projeto de mais ou menos dez (10) anos, segundo informações dos idealizadores, não obstante a própria história da igreja protestante com surdos no mundo e no Brasil, nos termos de Silva (2012). No Amapá não tem sido diferente.

Neste contexto, é importante mencionar a relevância dos agentes religiosos na comunidade surda brasileira. Pois estes estão há muito tempo envolvendo a comunidade surda em suas práticas religiosas, a saber, as mais presentes são a Igreja Católica, Igreja Luterana do Brasil e Igreja Batista, e para Silva (2012), estas são, na verdade, as instituições fundamentais para a produção da imagem do surdo no Brasil, como particularidade étnico-linguística (SILVA, 2012).

E para além dos templos religiosos, essas práticas com a presença de surdos também tem sido notada na mídia. Desde 1999, as missas da TV Canção Nova, que são vinculados à Renovação Carismática Católica, apresentam intérpretes de Libras no canto da tela, durante toda a cerimônia da missa. O que foi notado a partir do ano 2000 pela Igreja Internacional da Graça de Deus, que passou a transmitir seus cultos com a presença de um intérprete de Libras (SILVA, 2012).

Contudo, a discussão que se pretende estabelecer aqui é a dos significados que são construídos pelo surdo sobre religião, sobre igreja, e sobre a igreja protestante a qual fazem parte. Sabe-se que o surdo durante muito tempo era proibido adentrar as igrejas durante os cultos, em virtude de não ser considerado humano, logo, sem alma, não podia participar dos sacramentos (MAZZOTTA, 1996).

Neste sentido se fez uma pesquisa baseada no ineditismo, uma vez que pouco se tem registro de pesquisas com este cunho. E diferente de outros trabalhos, não se pretende aqui usar a dicotomia normalidade e deficiência, comumente usadas quando se fala de surdos.

Geralmente, a história que se acessa ao falar de surdos é a de Anne Sullivan, contada por Helen Keller, a história de uma menina surdo-cega, retirada de um mundo de sub-humanidade por sua professora — SILVA (2012). Não que haja algum problema na discussão, mas hoje, a questão da surdez pede muito mais um bojo culturalista que de normalidade ou deficiência.

Neste sentido, a surdez passou a ser vista como um fenômeno social e não mais como uma limitação dos ouvidos em ouvir e conseqüentemente falar. Sendo assim, a discussão de cultura tem tomado força na comunidade surda brasileira e porque não dizer amapaense também. Uma vez que esta tem reivindicado para si o direito de ser um grupo linguístico diferenciado e, como tal, dotado de direitos, reconhecidos inclusive pela presença da Libras como sua língua natural e, por assim ser, leva a conceitos como o de cultura surda ou ainda povo surdo (SILVA, 2012).

A história do garotinho surdo, Sam Suppala, que nasceu numa família de surdos, traz inúmeros significados o da ¹⁷deficiência, por exemplo, que fazem parte das concepções, na maioria das vezes, dos ouvintes. Afinal, até o dia em que Sam descobriu a excentricidade de sua amiga, ele não sabia o significado de ouvinte, de falar sem as mãos, para ele, esta era uma forma natural de comunicação e que para nossa sociedade, a família de Sam é que é excêntrica, para não adjetivar de outra forma.

Sam Suppala tem sua história bem conhecida entre professores de surdos e intérpretes. Era um garotinho de mais ou menos cinco (5) anos, surdo e filho de pais surdos. Quando mudaram para um condomínio, Sam conheceu uma garotinha, de mais ou menos sua idade, entretanto não era surda. Tentaram uma primeira aproximação, que não fora muito frutífera. Após outras tentativas se aproximaram e se tornaram amigos. Todas as tardes iam brincar no parquinho do prédio. E numa destas vezes, a mãe de sua amiga resolveu ir junto. Em dado momento, ela, a mãe

¹⁷ Sujeitos, corpos, expressões, movimentos silenciados. Deficiência mascarada. De outra forma, sujeitos, corpos, expressões, movimentos adestrados, disciplinados, controlados. Deficiência que necessita ser normatizada. O corpo submetido às normas é o corpo que significa o que é aceito pela sociedade. O corpo inútil, incapaz, "torto" tem um significado de improdutividade, um formato que foge aos padrões estéticos aceitos e, por isso, deve ser retificado, passar por processos educacionais e terapêuticos que o coloquem de forma o mais ereto possível, o mais saudável, mesmo que para ser saudável perca sua identidade. Atualmente, um corpo deve significar o ser saudável que se confunde com o belo, com o corpo "perfeito", atlético e magro (GARCIA, 2012).

pediu que a filha pegasse sua boneca e sentasse em outro lugar. Parece uma cena comum, numa tarde qualquer de um parque de diversões de um condomínio, não fosse, a presença de Sam, o garotinho surdo. Ao chegar a casa, ele foi até sua mãe e sinalizando perguntou: mãe qual o problema da família da minha amiga? Porque hoje a mãe dela mexeu os lábios, e aí minha amiga pegou a boneca dela e mudou de lugar. Por que eles são estranhos assim mãe? (SILVA, 2012).

Na maioria das vezes, somos impelidos a classificar, categorizar, enquadrar e por fim estigmatizar, nos termos de Goffman (1988), as pessoas diferentes, deficientes, os ¹⁸ surdos. Para Skliar (2013), os surdos são definidos a partir de traços negativos, a partir de traços de normalidade, ou seja, seres desviantes da normalidade e, por assim ser, são desconsiderados elementos como cultura e as múltiplas identidades, comunidade e etnia as quais os surdos estão ligados. São assim subjugados como seres inferiores, literalmente estigmatizados.

Após esta digressão, voltemos ao relato da igreja em que um grupo de surdos frequenta. Inicialmente, é importante dizer que o mote inicial para que surdos participem de qualquer culto religioso é a presença (ou não) de intérpretes. Esta era minha concepção inicial, anterior a minha conexão com a antropologia. Convivendo há muito tempo com surdos, sempre me chamou atenção à ida de surdos às igrejas. Afinal, seu acesso ao mundo é diferente do meu e de outros ouvintes. Neste caso, como seria para o surdo o significado construído de religião, religiosidade? E para tal explicitação me apeguei ao postulado de Kofes (2001), ao refletir sobre as trajetórias num sentido diferente daquele clássico, da antropologia.

Por assim ser, não pude “olhar” os surdos da mesma maneira, obviamente, que se olha para um grupo de ouvintes na igreja. Os relatos e a tentativa da construção de suas trajetórias na igreja foi bem diferente do habitual. Precisei, além de observar o início dos cultos e missas, ver e acompanhar todos os momentos; antes, durante e depois destes. Pois os surdos apresentam-se, olham-se e dialogam tanto quanto os ouvintes também performam.

Os primeiros questionamentos dos surdos ao irem a uma igreja são: “tem intérprete?”, “quem vai interpretar na igreja?”. Estes seriam então, antes de qualquer

¹⁸ Para Wrigley, para aquele que ouve, a surdez representa uma perda da comunicação, a exclusão a partir do seu mundo. Em termos cosmológicos, é uma marca de desaprovação. Ela é alteridade, um estigma para se ter pena e, por isso, exila às margens do conhecimento social. Seu “silêncio” representa banimento ou, na melhor das hipóteses, solidão e isolamento. A atividade missionária e o auxílio caridoso são encorajados como as respostas moralmente legítimas. In SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, Carlos (org). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Editora Mediação. Porto Alegre, 2012.

acepção ou construção de sentidos do surdo pelo que seja religião, culto religioso, o motivador de estes irem às igrejas.

Neste contexto, nos termos de Goffman (1988), os surdos são estigmatizados inclusive ao tentar acessar uma religião, uma vez que diferente dos ouvintes, não têm a possibilidade de acessar a todos os ambientes, para então, por sua vontade, dizer a qual religião quer ser adepto e seguir, o que demonstra o grande abismo social em que estas pessoas ainda são obrigadas a viver.

Neste contexto, a partir do relato acima, cabe outra discussão que acaba sendo associada à questão do estigma da surdez na sociedade, a discussão dos *outsiders* em Norbert Elias (2000).

Elias (2000) fala como uma pequena comunidade vê aqueles que são estranhos ao seu convívio social. Como os trata, inclusive a partir da “fofoca”, criando pré-conceitos sobre estes, deturpando suas imagens para que não consigam se encaixar no convívio da comunidade.

Há um movimento muito forte dentro de grupos estabelecidos como o descrito por Elias (2000), no sentido de preservar seu espaço e, sobretudo, impedir que pessoas estranhas a este convívio entrem e também conquistem seu espaço sendo reconhecidas como parte do grupo e é a partir da diferença que estas estratégias se acentuam. No caso de surdos, estes são notadamente impedidos pelos não surdos, os estabelecidos, de acessarem seu grupo, seus bens culturais, a vida social como um todo, uma vez que não dão acesso comunicacional a estes.

É comum em processos religiosos, tanto na Igreja Católica, quanto na Protestante, em que presenciei as mesmas atitudes. Os surdos são coadjuvantes em todos os eventos. Ficam num espaço delimitado à parte, convivem somente com outros surdos ou com ouvintes que sabem língua de sinais. Não participam efetivamente das cerimônias. No caso da Igreja Católica, por exemplo, em todas as missas sempre são ouvintes que fazem as leituras, que apresentam as músicas, que dão os avisos ao final. Quando há algum evento que vem da comunidade surda como protagonista, são eventos muito pontuais, como encontros pastorais em que as pessoas de outros estados visitam a catedral e relatam suas experiências com grupos de surdos, surdos de outros estados, vêm e contam suas experiências, mas são somente nestes momentos, no cotidiano das missas. A dinâmica usada é sempre a mesma.

Seguindo esta análise, tenho acompanhado dois grupos, em duas denominações religiosas distintas. O primeiro, que tenho acompanhado já há alguns meses, inicialmente me parecia ter uma concepção diferente daquelas expostas por mim anteriormente, de que os surdos vão às igrejas porque encontram intérpretes, e não exatamente por terem construído um sentido do que seja a religiosidade. Nesta igreja, há um projeto de mais ou menos dez (10) anos de existência, com o objetivo de ¹⁹incluir surdos nos cultos e conseqüentemente na igreja.

A igreja fica muito bem localizada na cidade e por ser de uma denominação conservadora, a disposição do culto ocorre da seguinte maneira: Existem no fundo da igreja, cadeiras dispostas em forma de anfiteatro, são mais ou menos 10 cadeiras muito bem acolchoadas na cor vinho e uma centralizada na cor branca, onde senta o pastor presidente. Ao lado esquerdo do pastor, se posiciona a banda de música da igreja (composta somente de homens) e ao lado direito, o conjunto de jovens. Ao lado da banda de música, ainda na frente dos fiéis, o grupo de surdos. Este, constituído de mais ou menos de doze (12) surdos, entre jovens e adultos.

O culto se inicia pontualmente às 19:30h com uma oração inicial e, logo a seguir, várias apresentações de música pelo grupo de adolescentes da igreja, depois o grupo de senhoras e, a seguir, um missionário policial militar relatando sua experiência na polícia e como missionário. Após isso, é feita outra apresentação de música pelo grupo de crianças da igreja, seguida pelo pastor presidente que ministra a palavra. Ao terminar, faz o que eles chamam de apelo, ou seja, momento em que o pastor convida as pessoas que não são evangélicas a se converterem. A seguir, o culto se encerra com a entoação de um louvor por toda a assembleia presente.

Na sequência do relato, na ritualística do culto na Assembleia não se viu nenhuma mudança nos ritos para contemplar a presença de surdos. A diferença que se nota é a presença de intérpretes. Mesmo as igrejas protestantes no Brasil tendo um legado histórico em relação aos surdos, o que se percebe é o reforçamento da normatização etno linguística da surdez, pois, via de regra, a igreja reconhece que os surdos têm uma língua própria, uma cultura e que por isso são enquadrados como povo não alcançado, igualando aos índios por exemplo.

¹⁹ O projeto é chamado de Missão em Libras. Surgiu a partir da participação de alguns intérpretes na igreja e com o conhecimento e visão de surdos como povo não alcançado pelo evangelho, criou um projeto para que aos domingos de culto, um grupo de surdos pudesse "participar" na igreja. O projeto foi se expandindo, outros surdos foram chegando, sendo convidados por estes primeiros surdos que lá estavam e atualmente o projeto figura como um dos mais importantes mencionado pela igreja, como veículo de evangelização.

Diferente de outras igrejas protestantes no Brasil, de que se tem notícia ao trabalhar com surdos, esta igreja, mesmo tendo um projeto de mais de uma década, ainda não produziu nenhum trabalho mais sólido relativo aos surdos. Como já fez a Igreja Luterana em Porto Alegre. Numa parceria com a Igreja Católica na década de 1980, produziu um livro chamado *A linguagem de Sinais do Brasil*, criticando inclusive com pioneirismo o oralismo (SILVA, 2012).

No Amapá, as Igrejas Assembleia de Deus, já comemoraram seu centenário de evangelização na Amazônia e é importante mencionar que historicamente as igrejas protestantes têm papel fundamental na formação e educação de pessoas surdas, inclusive criando metodologias de ensino, como bem mencionado aqui, o exemplo das Igrejas Luteranas no Brasil. Pois foi a partir do projeto de surdez desta igreja, que uma grande filosofia de ensino para surdos surgiu no Brasil, a comunicação total, impulsionando o uso da Libras e de outras formas de comunicação. Diferente da Igreja Católica, para a Igreja Luterana os surdos são uma comunidade com particularidades linguísticas e, por assim serem, necessitam de um léxico apropriado, uma metodologia apropriada, não tão somente ilustrativa da Bíblia. Por isso a valorização, e o surgimento da comunicação total, como forma de educação para surdos é uma prerrogativa da Igreja Luterana no Brasil (SILVA, 2012).

Entretanto, mesmo com este peso histórico na educação de surdos, os rituais dentro da Assembleia em Santana-AP não mudam. Seguem uma sequência, até dogmática, estipulada e organizada pelos pastores, líderes, que determina qual a dinâmica que o culto terá. Nas imagens abaixo, se vê um ensaio para uma programação que a igreja teria em que os surdos fariam uma participação. Demonstrando uma das poucas exceções que se viu, ao longo de seis meses acompanhando os cultos, aos domingos. E ainda mais interessante é que a participação do grupo de surdos seria na parte musical. Quando esta não é uma experiência que de fato traga alguma significância para estes indivíduos.

Figura 30: ensaio de coral com a presença de surdos



Foto: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Na imagem acima o grupo de surdos ensaiava uma música, com os outros jovens da igreja. Pode soar estranho dizer que surdos estavam ensaiando música, entretanto, se dava da seguinte maneira. Um dos intérpretes se posiciona a frente do grupo e, à medida que a música é tocada, este vai traduzindo para Libras e, os surdos vão repetindo. Por isso, alguns surdos não gostam desse tipo de apresentação pois, de fato não sentem a música, tornam-se muito mais elementos de embelezamento no conjunto da apresentação, para os ouvintes que estiverem assistindo, uma vez que não acompanham a melodia, os sons. Acompanham a tradução da música feita pelo intérprete.

Em trinta e seis domingos acompanhando os cultos desta igreja. Sempre se seguiu esta dinâmica, com algumas exceções na programação. Existem três intérpretes para acompanhar o grupo de surdos, que se revezam na interpretação de todo o culto. *“Ainda que outros já passaram mas depois de aprender a tradução e ganhar fluência em Libras, não se envolveram mais no trabalho da igreja, pois não há remuneração, aqui só fica quem tem amor pelo trabalho.”* (fala do intérprete da igreja).

Participando do culto e nos domingos que estive observando não percebi nenhuma participação do grupo de surdos, como há do grupo de adolescentes, de jovens, de senhoras, e testemunhos de pessoas que visitam a igreja. A exceção de um domingo em que o preletor da noite repetiu por varias vezes uma frase, “missões eu faço parte”, e pedia para que a igreja repetisse. Em dado momento, ele olhou para o intérprete e pediu que o grupo de surdos ficasse de pé e sinalizasse a frase

em Libras. Em seguida, o intérprete foi até o púlpito da igreja e ensinou a todos como dizer a frase em Libras e depois pediu que fizessem. Assim o fizeram e depois, equivocadamente, todos aplaudiram, como se os surdos pudessem ouvir as palmas. Para a comunidade surda, as palmas devem ser acenadas, com as mãos para cima balançando de um lado para outro.

Sendo assim, em nenhum momento do culto há qualquer atividade em que os surdos apresentassem algo à assembleia. Pelo contrario, em vários domingos se repetia a mesma cena — Sempre que algum dos grupos mencionados se dirigia à frente para fazer sua apresentação, às pessoas tomavam conta de todo o espaço, inclusive ficando em frente os surdos, impossibilitando estes visualizarem a interpretação. Em um desses domingos, uma moça surda sinalizou para mim dizendo: “*sempre fazem isso, falta de respeito com os surdos*”. Apontando para o grupo que estava à frente apresentando uma música.

3.1 Cleonice, uma prática religiosa.

Figura 31: cartoon



Cleonice

Foto: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

Cleonice nasceu surda, filha de pais ouvintes, é uma das interlocutoras desta pesquisa. Ao falar da igreja, relatou que começou a frequentar a Igreja Assembleia em Santana, porque soube que lá participavam muitos surdos, na época tinha quatorze (14) anos, havia chegado do interior do Pará com quase nenhum contato com surdos, sabia pouco de Libras, o pouco que sabia, aprendera na escola, pois, antes, sua comunicação era por meio de palavras soltas em português. Como em sua casa ninguém sabia Libras, ela se esforçava em aprender algumas palavras

para escrever e mostrar a seus pais e irmãos o que tentava dizer. Então, foi para a igreja com o intuito de aprender mais a Libras, pois soube que surdos frequentavam e havia uma intérprete que traduzia tudo o que o pastor falava nos cultos. Então, começou a perguntar a intérprete o que significa isto e aquilo, mostrando os sinais que esta fazia e ela desconhecia. Mas foi, por várias vezes, repreendida pela intérprete, que dizia: “não posso ficar te ensinando Libras aqui, pois tenho que interpretar o que o pastor fala”. Então combinaram de chegar mais cedo aos domingos pela manhã, antes da escola dominical, para que pudessem estudar Libras. A intérprete ensinava os sinais e os significados, e Cleonice, anotava suas dúvidas, para perguntar no domingo seguinte.

Com o passar do tempo, Cleonice aprendeu bastante, se apropriou da língua, e em dado dia foi convidada pela intérprete a divulgar o projeto da Missão em Libras que a igreja agora preparava. Ela pensou: “mas eu sei pouco, não tenho como divulgar, chamar mais surdos, tenho medo”. Mesmo assim, ela começou a convidar outros surdos. O projeto foi crescendo e hoje já completam onze (11) anos que a igreja dispõe de intérpretes nos cultos e celebrações importantes. Contudo, chamou atenção para uma questão, disse que a igreja é muito acomodada, não se preocupam em interagir conosco, parece que, porque têm intérpretes, a responsabilidade em transmitir o que acontece nos cultos é só deles, e os demais membros da igreja não interagem e não se interessam em aprender Libras, então o grupo de surdos fica sempre separado e em contato somente com os intérpretes e os próprios surdos. Algumas pessoas até demonstram medo em se aproximar dos surdos, como se não vissem a importância em aprender Libras.

Cleonice, em janeiro de 2016, acaba de ser aprovada no concurso para professor efetivo no Campus de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá. Uma nova etapa de sua trajetória se inicia agora. Tive a oportunidade de estar no momento de sua aprovação na cidade de Oiapoque, que fica a 600 km de Macapá, é um campi novo, ainda em expansão, mas já com sérios problemas de acesso, pois a estrada não é pavimentada, e nos seis (6) primeiros meses do ano ocorre o inverno amazônico, isto faz com que a viagem que normalmente é de 12h passe a durar até 24h, em atoleiros imensos na estrada. Mesmo assim, isto não foi impedimento para Cleonice prestar o concurso. No dia de sua aprovação, ficou muito emocionada, disse: “já três (3) vezes eu fazer concurso, agora conseguir,

agora eu feliz, porque para surdo tudo mais difícil. Agora brigar em casa, porque minha mãe meu pai não querer eu vir Oiapoque”.

Assim como muitas famílias de surdos, a de Cleonice não é muito diferente, pois ao dizer que não querem que ela vá para outra cidade trabalhar, está implícita a discussão da deficiência, da incapacidade e do medo que estas famílias carregam sempre que pensam em seus filhos deficientes alçando novos voos.

Para enfatizar esta análise sobre poder, trago a fala de Perlin (2013), ao citar o mito da integração, que ela afirma ser o jogo dos ouvintes buscando disfarçar o poder que exercem sobre os surdos e estes, buscam a integração, ou seja, a presença física de surdos entre ouvintes, mas não se vê nenhuma preocupação com a questão linguística com o fato de que o surdo precisa de um acesso diferente, de alguns cuidados da sociedade ouvinte para que possam compreender e acompanhar as discussões feitas nos ambientes.

Para se posicionar contra este “poder ouvinte”, também chamado pelos surdos de ouvintismo, ou seja, a força política que os ouvintes exercem sobre os surdos, há no Brasil e no mundo um movimento encabeçado pelos próprios surdos, conhecido como resistência surda, liderado pelas associações e federações de surdos em todo o mundo e no Brasil. Tal movimento tem o objetivo de tencionar e fomentar, nos surdos, a vontade de ter seu espaço social, em meio à sociedade majoritariamente de ouvintes.

Este movimento, de acordo com os autores surdos, já aqui mencionados, tem sido o local de gestação, criação da política de identidade entre o poder surdo e o poder ouvinte. É a chamada força surda, em resposta à ideologia ouvinte dominante. É importante acrescentar que este movimento é composto e formado tanto por ouvintes quanto por surdos, a chamada comunidade surda, já bem detalhada anteriormente (PERLIN, 2013).

Sendo assim, Perlin (2013) afirma que o surdo, em seu movimento social, não visa desencadear lutas, mas sim uma forma de se defender do poder dos ouvintes, no sentido de superioridade destes. Com esta defesa, o grupo que ora é estigmatizado torna-se um grupo visto, valorizado, deixando de lado a marca indelével da surdez.

Neste contexto, então, o movimento surdo é extremamente salutar, na medida em que se opõe a um grupo majoritariamente dominante. Por meio da alteridade, os

surdos acessam e constroem suas identidades, seu pertencimento e, sobretudo, sua força por meio do poder, para se opor ao chamado ouvintismo.

Foucault (1979), nos ajuda a refletir sobre esta questão, e que os surdos chamam de ouvintismo. A partir de tal reflexão, pode-se inferir que há uma imposição de ouvintes aos surdos, o ²⁰poder ouvintista. Este, para o autor, é um fenômeno que precisa ser entendido por todos. O poder é a mola propulsora que impulsiona as relações, até invisíveis, em nossa sociedade. E ao olhar um grupo socialmente estigmatizado como os surdos, percebe-se claramente a relação de poder imposta pela maioria esmagadora da população. Em números, os surdos no Brasil são cerca de dez (10) milhões, de um universo de duzentos (200) milhões de pessoas (IBGE, 2010).

Em certa medida, esta divisão que mostram surdos compondo dez (10) milhões e ouvintes cento e oitenta (180) milhões nos habilita a pensar sobre o conceito de classificação, e aqui poderíamos inferir vários paradigmas, várias oposições de classes. A classe dos que ouvem e a dos que não escutam, impulsionando assim uma luta invisível por espaço socialmente reconhecido. Foucault (1979) exemplifica esta questão do poder a partir da forma como a sociedade trata a loucura.

É uma questão tida como natural para a sociedade — a negação da loucura. As pessoas não querem ter contato. Querem, na verdade, que existam asilos, hospitais psiquiátricos, lugares em que os loucos fiquem isolados, evitando assim o contato com os demais. Inferencialmente relaciona-se à visão de muitas pessoas para com os surdos. Por usarem uma forma diferente de comunicação, são vistos como inferiores, numa categoria que está subalterna aos demais, por isso necessita de um lugar específico para viver. Evitando, tanto quanto os loucos, o contato com os demais. Um claro exemplo, segundo Foucault (1979), do poder e de seus mecanismos para evidenciá-lo, numa sociedade ocidental como é a nossa.

²⁰ Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considera-lo como uma rede produtiva que tem por função reprimir; em Vigiar e Punir o que eu quis mostrar foi como, a partir dos séculos XVII e XVIII, houve verdadeiramente um desbloqueio tecnológico da produtividade do poder. As monarquias da Época Clássica não só desenvolveram grandes aparelhos de Estado – exército, polícia, administração local – mas instauraram o que se poderia chamar uma nova “economia” do poder, isto é, procedimentos que permitem fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e “individualizada” em todo corpo social. Estas novas técnicas são ao mesmo tempo muito mais eficazes e muito menos dispendiosas (menos suscetíveis de escapatórias ou de resistências) do que as técnicas até então usadas e que repousavam sobre uma mistura de tolerâncias mais ou menos forçadas (desde o privilégio reconhecido até a criminalidade endêmica) e de cara ostentação (intervenções espetaculares e descontinuas do poder cuja forma mais violenta era o castigo “exemplar”, pelo fato de ser excepcional) FOUCAULT, 1979.

Parecem-me que, ao lidar com o diferente, nossa sociedade foi acostumada a olhar sempre como o “colonizador”, aquele com superioridade suficiente para determinar o modo de viver das outras pessoas, chegando a ser um *ethos* em nossa sociedade, este tipo de atitude.

Imponencialmente, ainda de acordo com Foucault (1979), a partir destas relações e mecanismos de poder, criam-se verdades. E estas verdades é que são, em certa medida, perigosas, complicadas, de modo em que se colocam como absolutas, uma vez que foram concebidas por uma relação de poder, e poder desigual, estas podem nos unir e conseqüentemente nos separar. Sendo assim, passa-se a crer que os surdos são incapazes, socialmente inferiores frente aos demais, por não usarem a via convencional de comunicação. O que reforça o abismo linguístico, e porque não dizer cultural, do ponto de vista da experiência cotidiana, entre surdos e ouvintes.

Seguindo a construção de trajetórias de surdos e a religião, passarei a falar de outro grupo, que frequenta a Igreja Católica de Macapá, a Catedral da cidade. Localizada no centro da cidade, tem uma imponência arquitetônica e certa influência histórica na cidade. A catedral de São José, localizada na Rua São José é uma construção bem recente, dos idos dos anos 2000 na capital Macapá.

O grupo de surdos que frequenta as missas é de aproximadamente dez (10) surdos. As missas são rezadas da mesma maneira, sem nenhuma mudança do ponto de vista canônico da igreja católica. A exceção é a presença de uma intérprete que faz a interpretação de todas as missas. No ano de 2014, um grande evento foi feito pela igreja para celebrar os 10 anos de missão em Libras, o nome que a igreja dá ao projeto de evangelização de surdos.

Foi realizada a 1ª Missa em Libras, com a presença de um padre surdo, vindo de Goiânia especialmente para rezar a missa. Vários surdos, até de outras religiões prestigiaram a missa. Uma vez que era um padre surdo que ministraria, a comunidade surda do Amapá se mobilizou para que o maior número de surdos participasse. O evento foi organizado pela Diocese de Macapá, mas a frente estava o Gabriel, professor surdo e interlocutor desta pesquisa.

Figura 32: missa sendo rezada por padre surdo em Macapá.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Em Silva (2012) encontramos uma herança histórica entre a igreja católica e os surdos. O autor relata a presença de pelo menos 7 congregações no Brasil que atuaram na educação e catequese de surdos, inclusive sendo as pioneiras para a criação de alguns Institutos de Educação para Surdos. São elas: Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário, Missionários Gualandianos da Pequena Missão para Surdos, Congregação Irmãs Salesianas dos Sagrados Corações, Congregação Sociedade das Filhas do Coração de Maria, Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida, Associação das Obras Pavonianas de Assistência e Congregação Filhas da Providência para Crianças Surdas, todas advindas da Europa, foram determinantes para a criação de escolas para surdos no século XX (SILVA, 2012).

Importante se fazer um apanhado histórico em relação à Igreja Católica e os surdos, para que se perceba de que a presença destes nas missas e congregações não é algo novo, de agora. Na cidade de Macapá pode até parecer novidade, as pessoas ainda se assustam com a presença da intérprete nas missas, entretanto, a igreja, como instituição, já desenvolve um trabalho bem antigo com as pessoas surdas. Mesmo sendo exclusivamente por muito tempo, a filosofia oralista, ou seja, a busca por uma superação da condição de surdos é importante reconhecer o papel que a igreja teve e ainda tem em relação à inclusão de surdos.

A pastoral em Macapá, chamada Pastoral em Libras, tem um trabalho pioneiro, que se iniciou com o pai de Gabriel. Por ter um filho surdo, ele se preocupou em dar acessibilidade para que ele pudesse acompanhar as missas e

programações da paróquia que frequentava. Hoje, a diocese de Macapá tem um grupo com uma média de 15 surdos, entre adultos e jovens que frequentam assiduamente as missas aos domingos. Contam com a presença de dois intérpretes que se revezam na interpretação das liturgias dominicais. Importante dizer que mesmo com o trabalho que a diocese faz com os surdos, não se percebe mudanças na liturgia, esta segue religiosamente a descrição e a ritualística da Igreja Católica, inclusive as pessoas que participam dos momentos de leitura ou de cânticos são somente ouvintes. Não há uma mudança evidente na realização da missa, a exceção é a presença dos intérpretes fazendo a tradução de tudo que é falado durante a liturgia.

Figura 33: interpretação da missa



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

Figura 34: surdos acompanhando a missa



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

Analisando a figura 30, acima, é possível ver ao fundo o grupo de pessoas ouvintes, conversando separadamente do grupo de surdos. Mesmo a igreja tendo um largo espaço de tempo realizando as missas com a presença de intérpretes e pessoas surdas. Entretanto, ainda se vê a nítida separação entre os dois grupos e a falta de entrosamento, com rara exceção evidente, mas o envolvimento natural que se espera com a presença dos surdos, de fato ainda não ocorreu.

Importante dizer que nos eventos realizados pela igreja, fomentados pelo Gabriel e outros surdos, é que se vê a presença de surdos como atores partícipes da liturgia, fazendo as leituras em alguns momentos, com auxílio das intérpretes que

traduzem o que os surdos estão sinalizando, já que as pessoas em sua maioria não sabem a língua de sinais.

Em outro grande momento da igreja católica no norte do Brasil, a festa do Círio de Nazaré, que é uma das maiores manifestações religiosas do norte amazônico, festejada em Belém e também em Macapá, houve uma mudança com a presença de intérpretes nas missas, eles participam no início do percurso, durante a procissão e ao final na missa de encerramento. E na fala dos surdos que participaram como o Gabriel, eles dizem: “foi uma benção o círio com intérpretes este ano”. A programação foi registrada nas imagens abaixo.

Figura 35: missa do Círio 2015



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés

Figura 36: procissão do Círio 2015



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Mesmo sendo ainda uma relação pontual e não o esperado para o acesso de surdos aos templos religiosos há um grupo em uma igreja que tem furado a barreira do preconceito e da estigmatização. O que deveria ser uma constante em qualquer templo religioso, fosse da igreja católica ou de qualquer outra religião. Ainda assim, é possível se fazer as inferências de que a realidade no campo religioso começa a mudar para os surdos amapaenses.

No tocante à igreja católica, parece ser ainda um processo em construção, por isso, ainda é tácita a intenção de facilitação de acesso comunicacional, não para os surdos, e sim para as demais pessoas que frequentam a igreja, uma vez que nenhuma mudança pontual na liturgia da igreja se percebeu ao longo do tempo em que o projeto de evangelização de surdos já tem. Os eventos em que estes têm participação efetiva ainda são pontuais, como os descritos aqui, a missa em Libras,

o casamento com a presença de um padre surdo, ou ainda os intérpretes no círio de Nazaré. Mesmo assim, o restante do calendário religioso continua intocável, sendo realizado com os intérpretes nas missas e os surdos sentados nos bancos sem uma participação e interação com os demais frequentadores.

3.2 A Experiência no Candomblé.

Esta seção começa com um relato que, no início desta pesquisa, era impensável para mim, pois sempre acreditei que surdos frequentavam somente igrejas. Evidente que era uma visão muito deturpada, não só do surdo, como também da própria religiosidade afro-brasileira. Primeiro por total desconhecimento meu sobre a religiosidade, e segundo porque, como já disse em outro momento, não pensava em pesquisar no campo religioso. Esta foi uma questão que surgiu no próprio campo.

Sendo assim, a questão se apresentou durante o campo: dois surdos, um rapaz e uma moça, os dois professores universitários, durante uma conversa informal na casa de um amigo, me falaram do interesse em conhecer o candomblé e o espiritismo, pois têm muita curiosidade em saber o que são “essas coisas”, como ocorrem, e o que significam.

O interesse se deu em virtude de virem, na casa que estávamos algumas imagens num altar, começaram a perguntar o que era, pois era diferente dos santos católicos. O professor, dono da casa, foi explicando e eu tentando traduzir para Libras, com alguma dificuldade porque até este dia não sabia da existência de sinais para expressões do candomblé, pois, em sua maioria, estão em ²¹Iorubá, e isto ainda acentuou mais o interesse deles em conhecer a religião de matriz Africana, candomblé. E por fim, combinaram de ir a uma festa no terreiro que eu e o professor frequentamos, pois somos adeptos do candomblé, para conhecerem um pouco da religião.

²¹ Os iorubás tradicionais são polígínicos, com família extensa e habitam residências coletivas formadas de quartos e apartamentos contíguos, os *compounds*. Cultuam Orixás particulares para cada família, cidade e região (Fadipe, 1970). O chefe mora com a esposa principal e os filhos dela nos aposentos principais; as demais esposas moram com seus filhos, habitando, cada uma, quartos separados. As áreas comuns são reservadas para cozinhar, lazer, trabalho artesanal e armazenamento. A família cultua o orixá do chefe masculino, divindade ancestral que ele herda patrilinearmente, e que é o orixá principal de todos os filhos. Cada esposa cultua também o orixá da família de seu pai, que é o segundo orixá de seus filhos. Assim, os irmãos devem culto ao orixá do pai, que é o mesmo para todos, e ao orixá da mãe, que pode ser diferente de acordo com a herança materna. Como os iorubás creem descender de seus orixás, a origem de cada indivíduo não é necessariamente a mesma. Um *compound* é, portanto, uma reunião de diferentes cultos, cada um com seus mitos, tabus e cerimônias (PRANDI, 2005).

Mas o que é o Candomblé? Farei aqui uma digressão no texto para tentar dirimir esta dúvida, levando em consideração que para a grande maioria da população, as religiões de matriz africana são uma grande incógnita. Para tanto bebi nos escritos de Prandi (1991). E de acordo com Prandi (1991) o candomblé é uma criação genuinamente brasileira, a partir de uma herança lorubá, que definirei mais a frente o que significa, que é liderada por um homem ou mulher e que tem autoridade máxima, sobre todos que pertencem ao grupo. Este ou esta líder rende culto a um Orixá, que será o Orixá fundador daquela comunidade religiosa, ao qual todos, indistintamente, da casa deverão também reverenciar. Para este Orixá é que será levantado um templo principal, a casa de Axé ou terreiro e, para os demais Orixás cultuados na casa, serão construídos templos secundários, chamados quartos ou casas de santo.

A hierarquia da casa é a mesma dos lorubás, ou seja, os mais jovens reverenciam os mais velhos, aos quais deverão prostrar-se diante dos seus pés, como faziam os filhos iourubanos. E diferentes dos povos africanos, esta linhagem e reverência não é mais consanguínea, e sim descoberta pelo Ifá (deus da adivinhação), dada ao pai ou mãe de santo da casa, que por meio do jogo de búzios descobre a qual Orixá o novo adepto é filho ou filha.

Ainda de acordo com Prandi (1991) por volta do século XIX é que os negros puderam agregar-se e ter mais interação entre si. Vindos de várias regiões do continente africano, tais como Nagôs ou lorubás, das cidades de Oió, Lagos, Queto, Ijexá e Egbá, além dos povos Fons, aqui chamados Jejes, principalmente os Mahis e Daomeanos, recriaram não só a religiosidade desses lugares, mas também traços culturais africanos, sendo considerada hoje talvez a mais bem acabada reconstituição cultural da África, preservada até os dias de hoje, o candomblé.

É importante enfatizar que das três possibilidades religiosas que aqui pesquiso com a presença de surdos, Protestantismo, Catolicismo e Candomblé, esta última é que mais me apraz e me permite falar com certa propriedade, mesmo estando na religião há menos de um (1) ano. Mas além de frequentar regularmente as sessões e rituais, ainda faço parte de um programa de rádio, que vai ao ar semanalmente, que discute a religiosidade afro-brasileira, promovendo ciclos de estudos acerca de teóricos como Prandi (1991) que faço muita referência nesta seção, e que tem vasta bibliografia sobre os candomblés de São Paulo. E desde minha primeira ida ao terreiro, ainda em Fortaleza, em 2015, sempre pensava e

cheguei a perguntar, na época, a um admirador da religião, se tinham conhecimento de surdos frequentando casas de Axé e a negativa sempre foi constante. E isto, claro, me deixou sempre inquieto e instigado, pois o candomblé é declaradamente uma religião aética, universal e inclusiva (PRANDI, 1991).

Refletindo a partir destas afirmações, logo uma me chama atenção: se é uma religião inclusiva, hipoteticamente deve receber pessoas com deficiência, surdos especificamente, e a cada evento que participava e me aprofundava na religião, sempre que tinha oportunidade, perguntava pelos surdos. Já pensando em ser mais uma possibilidade destes interagirem com a sociedade.

Ainda na reunião que estávamos em casa, a moça surda imaginou que candomblé fosse à mesma coisa que o espiritismo, sinalizando inclusive algumas situações de rituais que ela já tinha experiência. Expliquei a diferença entre as duas religiões, mas pela falta de mais experiência na religião, tanto minha quanto da moça, não pude dar muitos exemplos reforçadores para a explicação e, por assim ser, faltam sinais, pois o surdo, ao acessar qualquer ambiente, naturalmente vai criando sinais, num processo de nominação das coisas e pessoas do ambiente.

Entretanto busquei algumas respostas sobre a vivência de surdos em algumas casas de Axé de Macapá. Em três casas visitadas, nenhuma delas apontou conhecer algum frequentador ou surdo adepto da religião. Mas uma história me chamou muito atenção. Em uma das casas, conversei com o Pai de Santo sobre a presença de surdos. Ele foi enfático em afirmar que, em seus 32 anos de sacerdócio na Umbanda e Candomblé, desconhece qualquer pessoa surda frequentando casas de Axé, mas que sabia de uma história e que poderia partilhar sobre esta temática. Alguns anos atrás, não soube precisar o ano, mas como bem disse: “O candomblé é uma religião de conhecimento oral meu filho. Conheci muitos anos atrás, um ²²médium que incorporava um ²³caboclo surdo, sim surdo. Identificavam-no por uma

²² Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva. Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. Os médiuns têm, geralmente, aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos, o que os divide em tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. As principais são: médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos ou impressionáveis, auditivos, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, pneumatógrafos, escreventes ou psicógrafos (KARDECC, 2007).

²³ Não foi, entretanto, só na Bahia que surgiram os cultos das entidades caboclas. Onde quer que tenham se formados grupos religiosos organizados em torno de divindades africanas, podiam também ser reconhecidos agrupamentos locais que buscavam refúgio na adoração de espíritos de humanos. Esses cultos de espíritos ganharam, evidentemente, feições locais dependentes de tradições míticas ali enraizadas, podendo estas serem mais acentuadamente indígenas, de caráter mais marcado pelo universo cultural da escravidão, ou mesmo mais próximas da mitologia ibérica transplantada para o Brasil colonial. Em cada lugar surgiram cultos a espíritos de índios, de negros e de brancos. Essa tendência foi muito reforçada pela chegada ao Brasil, no final

espécie de toalha verde, que o médium punha sempre que o recebia, caso ele não pusesse a toalha, as pessoas falavam, falavam e ele só ficava olhando, sem responder nada e foi então que explicou ser surdo, por isso precisava sempre da toalha enrolada na cabeça, para então ouvir o que as pessoas diziam”.

Sua afirmação a respeito do conhecimento oral é confirmada no conceito de Prandi (1991), pois afirma que o conhecimento religioso do candomblé, assim como os lorubás, advém da palavra não escrita.

Evidente que só esta narrativa daria outra pesquisa, outra tese, porém, o fato é que mesmo de forma incipiente é possível ver, na religiosidade afro, a presença de um sujeito que não ouve e que não acessa o mundo como os demais. E esta é uma possibilidade fantástica de se analisar. Partindo do princípio de que surdos convivem, interagem com os demais sujeitos sociais com muita dificuldade, em alguns casos já relatados aqui, sem nenhuma interação até familiar, tornou-se instigante pensar o processo religioso para o surdo. E mais ainda, refletir sobre sua interação numa religião historicamente marcada pelo preconceito e estigmatização social pelas demais religiões. Pois, diferente de outras religiões, como as que pesquisei, o preconceito por ser adepto desta ou daquela religião já é pauta vencida. Bem diferente dos seguidores do candomblé, que ainda se escondem, dizer ser católicos, para evitar quaisquer situações constrangedoras ou vexatórias pelas outras pessoas.

O candomblé surgiu em meio a uma avalanche social, após a libertação de escravos no Brasil que trouxeram sua forma de cultuar o sobrenatural, cultuar seu deus, mas não podiam expressar tampouco externalizá-la, sob pena de serem duramente castigados, como eram quando escravos. Passaram então a esconder-se na religião católica, por ser a mais aceita socialmente, inclusive a religião da maioria de seus senhores, e quando libertos, continuaram a dizer que eram católicos por medo da perseguição e preconceito que sofriam da sociedade.

do século XIX, de uma religião europeia de imediata e larga aceitação no Brasil: o espiritismo kardecista. Em cada uma dessas denominações religiosas caboclas, a concepção dos espíritos cultuados também variou bastante. Na Bahia, por exemplo, o caboclo é o índio que viveu num tempo mítico anterior à chegada do homem branco, mas um índio que conheceu a religião católica e se afeiçãoou a Jesus, a Maria e a outros santos; um índio que viveu e morreu neste país — este é o personagem principal do candomblé de caboclo, que, com o tempo agregou outros tipos sociais, sobretudo os mestiços boiadeiros do sertão. A proximidade com religiões indígenas é atestada pela presença ritual do tabaco, tabaco que, antes da chegada das multinacionais do fumo, foi uma das grandes riquezas da Bahia, antigo centro nacional da indústria fumageira e importante produtor de charutos. O charuto é até hoje um símbolo forte dos espíritos caboclos (PRANDI, 1991).

Figura 37: encerramento do cursinho para surdos.



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Entretanto, o que quero chamar a atenção é o fato de que neste diálogo é que eles mencionaram a vontade de conhecer este processo religioso e Gabriel, que é católico, filho de pai diácono da igreja, um dos interlocutores mais atuantes na comunidade surda local, entrou no diálogo e falou que há sim outros cultos religiosos aqui no Amapá e em Belém, mas o que ocorre é que quase a totalidade dos intérpretes é ou de católicos, ou de protestantes e acabam influenciando, algumas vezes determinando, por assim dizer, qual religião o surdo irá seguir, como nos outros cultos as pessoas não sabem Libras, o surdo não tem como acessar o ambiente, no entanto afirma que conhece um rapaz que é espírita, e que sabe Libras, mencionou até a forma como este interpreta que é uma interpretação por pausas, mas que é bem compreensível, e que pode entrar em contato com o mesmo para que eles possam visitar o centro espírita.

E ainda sabe de surdos em Belém e em Salvador, que frequentam terreiros e que pode apresentá-los, para que possam visitar e conhecer. O rapaz surdo até mencionou que numa festividade de fim de ano, que geralmente as casas de axé fazem rituais para Iemanjá, (uma das Iabás mais cultuadas no Brasil), ele foi à beira rio em Macapá e fez muitas fotos, porque mesmo sem entender muito do que se trata, gosta muito do candomblé.

Figura 38: Hegon comemoração de fim de ano



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Figura 39: Hegon comemoração de fim de ano



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Neste caso, marcamos nossa ida a um terreiro de candomblé em Belém – PA, por ser o mais próximo de Macapá que se soube da possibilidade de surdos frequentando, e, sobretudo, o pai de santo, líder da casa, aceitou nossa presença, entendendo que seria um passo grandioso para a religião, que já é tida como inclusiva, pois aceita as pessoas independente de seu nível social, condição financeira e, sobretudo, não olha para sua orientação gênero, dado o número significativo de homossexuais presentes no candomblé (palavras do pai Omineram). Assim, permitiu nossa presença e se colocou à disposição para ajudar no que fosse preciso. Disponibilizou hospedagem e alimentação para todos os envolvidos na pesquisa. Como os dois professores surdos não conseguiram viajar por questões financeiras e de trabalho, o outro pesquisador que faz parte do projeto e eu ficamos incumbidos de fotografar e filmar os rituais, para que na volta à Macapá pudéssemos socializar, e a partir daí, começar o processo de criação de sinais em Libras.

Fui à busca então de referências na Libras, para me ajudar na visita, pois era preciso saber os sinais dos Orixás e de alguns rituais que porventura acompanharíamos na casa. Encontrei então uma pesquisa da Universidade Federal da Bahia, em que o pesquisador, aluno de um programa de mestrado da universidade, construiu um glossário com sinais do Candomblé nação Ketu.

Figura 40: glossário em Libras Candomblé Ketu



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Para esta visita, além de nos apropriarmos dos sinais já existentes, resolvi escrever um projeto de pesquisa, em parceria com a professora surda Josy Vitoria, professora do Curso Letras Libras da Unifap e do professor Hegen Favacho, também surdo, que entrou na pesquisa por meio da religião, pois estão muito interessados em conhecer a afro religiosidade, como já dito anteriormente, para que além de visitar pudéssemos criar sinais em Libras para o Candomblé Nação²⁴ Jeje Savalú, pois a casa em Santa Bárbara-PA é desta nação. Logo os rituais e nomes de orixás, por exemplo, são diferentes, necessitando então de adequação linguística, criação de sinais específicos.

Passamos uma semana, imersos na casa de Axé, que estava em²⁵ obrigação, e como toda casa que assim está, inicia-se o culto ao primeiro orixá — Exú, para

²⁴ São chamados sudaneses os povos situados nas regiões que hoje vão da Etiópia ao Chade e do sul do Egito a Uganda, mais o norte da Tanzânia. Seu subgrupo denominado sudanês central é formado por diversas etnias que abasteceram de escravos o Brasil, sobretudo os povos localizados na região do Golfo da Guiné, povos que no Brasil conhecemos pelos nomes genéricos de nagôs ou iorubás (mas que compreendem vários grupos de língua e cultura iorubá de diferentes cidades e regiões), os fons ou jejes (que congregam os daomenaos e os mahis, entre outros), os haussás, famosos, mesmo na Bahia, por sua civilização islamizada, e outros grupos que tiveram importância menor ou nenhuma na formação de nossa cultura, como os grúncis, tapas, mandingos, fantis, achantis e outros não significativos para nossa história. Para enfatizar a especificidade de cada uma dessas culturas ou subculturas, talvez seja suficiente lembrar que duas das cidades iorubás ocupam papel especial na memória da cultura religiosa que se reproduziu no Brasil: Oiô, a cidade de Xangô, e Queto, a cidade de Oxóssi, além de Abeocutá, centro de culto a Iemanjá, e Ilexá, a capital da sub-etnia ijexá, de onde são provenientes os cultos a Oxum e Logum Edé. O candomblé jeje-nagô da Bahia, o batuque do Rio Grande do Sul, o tambor-de-mina do Maranhão e o xangô de Pernambuco são heranças brasileiras desses povos (PRANDI, 1991).

²⁵ A ideia de obrigação, no candomblé, é sempre associada à obrigação ritual, ou seja, à relação entre o deus e seu filho iniciado para o seu culto. Nessa relação a mãe ou o pai-de-santo é o único intermediador, pois só ele conhece a fórmula de lidar com o orixá da pessoa, orixá que ele “fez”, quando se trata do pai da iniciação original, ou orixá que ele “consertou”, quando se trata de filho ou filha anteriormente iniciada em outra casa. A ideia de dever é sempre referida à divindade, nunca ao outro, ao grupo, à sociedade envolvente, ou seja, a ideia de obrigação, dever, dívida, pagamento, código de conduta, está sempre relacionada a algo que se realiza no espaço sagrado do terreiro, no culto. No candomblé, o culto é todo organizado em torno de sacrifícios rituais e muitas vezes pessoais, como consequência. Fazer parte do candomblé, viver uma “vida no santo”, é conviver com sacrifícios inteiramente estranhos ao não iniciado (PRANDI, 1991).

que ele abra os caminhos, pois este, para os adeptos do candomblé, é o orixá mensageiro, aquele que leva os pedidos aos outros orixás, por isso, em toda obrigação, ele deve ser o primeiro a ser cultuado. Ao chegarmos a casa, fomos apresentados a todos que lá estavam e nosso acesso foi permitido pelo Pai Omineram, que nos apresentou a todas as autoridades, pois, no candomblé, assim como em outras religiões, existe uma hierarquização, são Ogans, Ekedes, mães e pais de santo que lá estavam.

Inicialmente, nossa presença foi tida com muita curiosidade por alguns, mas logo na primeira conversa com o sacerdote maior da casa, vindo de Salvador-BA, para conduzir a obrigação, tive a grata satisfação dele se colocar à disposição para dialogar. Perguntou-me sobre a pesquisa, do que se tratava, fui explicando e ele, muito empolgado, logo disse: “precisamos muito disso meu filho, a nação Jeje Savalú não tem quase nenhum registro escrito e muito está se perdendo”. Foi me falando dos Orixás que são cultuados na casa e eu fui mostrando os sinais em Libras que já existem para alguns, por conta do glossário criado pela pesquisa da Bahia sobre o candomblé Ketu, que é outra nação, outro modo de cultuar os orixás.

E a cada sinal que ia fazendo, todos que estavam na mesa ouvindo a conversa, pediram logo para que eu ensinasse, para que pudessem aprender o sinal em Libras de seu orixá, pois, no candomblé, cada um de nós tem uma relação muito íntima com seu deus, seu orixá. Existe inclusive o arquétipo para cada um deles, em que dá características de personalidade e que de acordo com o orixá que a pessoa carrega, muitas características pessoais são explicadas.

A riqueza da experiência foi se acentuando a cada dia, filmando e fotografando os rituais que nos foi permitido assistir, uma vez que, para ter acesso a tudo, é preciso ser, além de feito no santo, ou seja, alguém que já passou pela clausura de 21 dias para receber o que eles chamam de fundamento, com a raspagem da cabeça, para que seu orixá nasça em seu *orí*, ser também uma autoridade, *ogan*, *ekede*, pai ou mãe de santo.

Figura 41: gira de candomblé em casa de Axé em Belém - PA

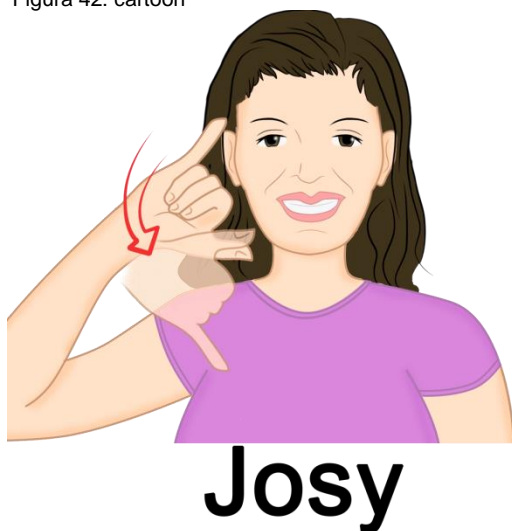


Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Na imagem acima estão presentes o líder maior da casa, Pai Carlinhos, de Salvador, Pai Omineram, e demais mães de santo e alguns iniciados, chamados *arrés*, na nação *Jeje Savalú*, momentos antes de iniciar o ritual para obrigação de um dos filhos de santo da casa.

Após a chegada a Macapá, fez-se uma reunião para que pudesse transmitir aos professores surdos a vivência na casa de axé, fiz slides explicando cada um dos rituais, mostrando os vídeos das festas que presenciamos e, a partir daí, o passo seguinte foi à criação de alguns sinais, registro deles, e criação de um glossário em Libras para a Nação Jeje Savalú. Os surdos poderão acessar o glossário tão logo seja finalizado, pois ainda há a necessidade de revisão e editoração. E para além disso, será feito um segundo momento que é um curso de Libras para todos da casa em Santa Bárbara, pois o pai de santo nos informou que em novembro abrirá uma casa em Macapá e que, se assim desejarem, os dois professores surdos poderão frequentar e também ensinar a Libras aos frequentadores.

Figura 42: cartoon



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Josy diz que mesmo nunca tendo participado de uma obrigação, de nada do candomblé. Pensa ser muito importante criar sinais em libras, pois o surdo certamente irá a um terreiro, se souber que lá falam sua língua. “O surdo precisa conhecer o universo de possibilidades de religiões, além de conhecer respeitar cada uma delas. Mas isso só será possível se existirem sinais em Libras. Não tem como o surdo conhecer sem isso. E o surdo tem vontade, mas não vai porque sabe que mesmo sendo religião as pessoas desconhecem a língua de sinais. E quanto mais sinais tivermos, os termos para reconhecer e entender como cada religião é, poderemos difundir isso no Brasil. Por isso meu interesse no projeto de criação de sinais para o candomblé, eu quero conhecer a religião e difundir esta possibilidade para outros surdos”. (entrevista Josy Vitoria em julho de 2016)

A religião ainda é uma grande incógnita para os surdos. Mesmo nas que estes recebem certa atenção, ainda assim são muitas performances e que na maioria das vezes, o surdo não as compreende. A mudança é necessária, a atitude de indiferença vista em vários momentos da trajetória de surdos na religião demonstra o quanto esta população ainda é estigmatizada. Os católicos pouco fazem para mudar sua liturgia rígida de domingos e os protestantes da mesma maneira ainda olham o surdo como povo não alcançado, alguém desprovido de valores morais e religiosos e que precisa ser resgatado. Neste caso, tratam-nos sempre com indiferença nas igrejas, somente em exceções é que surdos se manifestam durante seus cultos. Indistintamente eles permanecem nos bancos,

vendo o discorrer da programação, sem uma participação efetiva, como qualquer outro membro da congregação. E no candomblé, estas interações ainda são um fantástico mundo a ser descoberto, quase nenhuma casa pensou, ou pensa em pessoas que usam outra língua que não seja oral, entretanto há que se mencionar a boa vontade de alguns líderes (pais e mães de santo) em permitir a entrada de pesquisadores nos terreiros, com a possibilidade de criação de sinais em Libras, não só para difusão da religião afro, que tanto quanto os surdos, sofre estigmatização, preconceito e rechaçamento por outras denominações religiosas, sobretudo, neopentecostais, mas sobretudo, dar mais uma possibilidade de interação e inserção social aos surdos.

Neste sentido, há que se pensar sobre um processo que eminentemente deveria ser de inclusão, pois é baseado no amor ao próximo, ao fomento de sentimentos benéficos aos seus adeptos, aos seus fiéis, Mas que ao refletir sobre a presença de surdos, ainda demonstra grande exclusão e apagamento social. Assim como na família, os processos religiosos ainda não são pensados para a inclusão dos surdos como pessoas com uma identidade linguística diferente, própria, mas sim como deficientes. Sendo assim, os têm como uma pessoa inferior, incapaz e que eternamente precisará de auxílio porque não alcançará sua autonomia. E então concluo este trecho com a seguinte indagação, se a outras pessoas, que oralizam e escutam é dado o livre arbítrio na escolha de sua religião, por que os surdos não podem escolher aquela que melhor o satisfaz como indivíduo? E esta não é uma conclusão minha, mas dos surdos interlocutores desta pesquisa quando dizem: os intérpretes sempre são ou católicos ou protestantes, logo, temos que ir a estes lugares, porque é onde têm intérpretes (fala do Gabriel, comentando sobre religião).

CAPÍTULO IV: Espaços Sociais de Interação.

4.1 Relações de Invisibilidade e Silenciamento.

A Sociologia das Ausências e das Emergências traz uma discussão emblemática, pois traz à reflexão situações do cotidiano social que passam quase totalmente despercebidas por grande parte da sociedade. Elenca nesta discussão cinco monoculturas: do saber resultando como exclusão o ignorante; do tempo linear trazendo o residual; da classificação social resultando o inferior, monocultura do universalismo abstrato trazendo como resultado o local e por fim a monocultura das produtividades resultando o improdutivo.

Por esta razão trago então a discussão de Santos (2006) para refletir sobre o apagamento social dos Surdos no Amapá. Uma vez que estas monoculturas fazem mal ao seio da sociedade, mas que na verdade explicam muitos entraves, problemas das relações sociais e o que é pior ocorrem de forma velada, camuflada nas próprias relações que são estabelecidas na sociedade.

Neste contexto, Santos (2006) corrobora dizendo que há então uma razão indolente, ou seja, que nega a existência de uma experiência social diversificada. A experiência social em todo mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante (SANTOS, 2006, p. 98).

Neste sentido podemos relacionar a experiência social dos surdos e que historicamente não fazem parte da sociedade contemporânea. Daí a necessidade de mudar a visão que se tem da experiência social aceita pela sociedade ocidental. É preciso combater então este desperdício da experiência social e não apenas propondo uma nova ciência social, é preciso um novo modelo de racionalidade, porque se não for assim todas as alternativas de análise social serão ainda e reproduzirão o mesmo descrédito e ocultação das experiências sociais.

É ainda relevante trazer a discussão que Santos (2006) faz em propor questionar a globalização neoliberal e o capitalismo que são produzidos e duramente questionados pelos movimentos sociais e organizações não governamentais que lutam pela inclusão social e a não discriminação que passam diariamente, a exemplo as pessoas surdas. Diferentes por se comunicar com outra

língua que não a da maioria esmagadora da população brasileira e amapaense e por assim ser não se enquadram no paradigma social imposto.

É assim também interessante a discussão feita em Santos (2006) acerca da crítica social a razão indolente porque menciona ainda o aprofundamento dessa discussão na crítica à razão metonímica, pois esta em seu debate coloca no circuito o movimento feminista, os estudos culturais, e os estudos sociais.

Desse modo à própria ciência passou a ver-se como multicultural. O que torna a questão ainda mais interessante porque começa a considerar grupos e questões que até meados da década de 1990 não eram considerados. E nesse contexto outra “minoridade” conseqüentemente entra em discussão, a comunidade surda, com suas peculiaridades e características de um grupo social historicamente excluído de todo o contexto social. A consequência dessa mudança a partir do que nos traz Boaventura está exatamente em começar a considerar grupos e questões ainda despercebidos pela sociedade contemporânea.

Seria então necessária, uma dilatação do presente proposta por Santos (2006). Uma possibilidade de enxergar o presente totalmente diferente como fazemos hoje. Santos (2006:101) diz que à crítica a razão metonímica é uma condição para que se recupere a experiência desperdiçada do mundo atual, do presente, pois até então somente os literatos conseguem esta dilatação do presente e assim valorizar melhor sua experiência.

É ainda importante a discussão de como fazer então a crítica a esta razão metonímica nos campos sociais e que não se trata apenas e tão somente de ampliar a realidade, o presente. Mas sim de pensar nos termos, questionando suas dicotomias em suas relações de poder hegemônicas. Ou seja, pensar o sul sem o norte, a mulher sem o homem e também caberia à deficiência sem a normalidade, o surdo sem o ouvinte (SANTOS 2006, p. 101).

Nesse contexto existem então cinco possibilidades principais de apagamento e não existência que são legitimadas ou produzidas pela razão metonímica: o ignorante, o residual, o inferior, o local, e o improdutivo (SANTOS, 2006, p. 94). E aqui é perceptível enxergar a comunidade surda enquadrada nesses apagamentos sociais. Daí ter-se que concordar com a discussão de Santos (2006) ao propor então uma sociologia das ausências, pois esta visa identificar estes apagamentos sociais e libertá-los para que se tornem visíveis, presentes.

Para exemplificar a teoria de Santos (2006) sobre este apagamento social, esta invisibilidade social atribuída aos surdos, trago outro cotejo do campo. Como é bem conhecido na universidade que trabalho no curso Letras Libras, uma professora, que também é psicóloga no Hospital de Emergência de Macapá. Alguns dias atrás, mais ou menos início de junho deste ano, foi trabalhar no hospital e soube de um paciente que tinha dado entrada na sexta-feira, já era segunda, com braço fraturado e ninguém dentro do hospital conseguia conversar com o mesmo, queriam entrar em contato com seus familiares para falar de seu estado clínico, quanto tempo mais iria passar internado. Mas o que dificultava a comunicação era o fato do rapaz ser surdo, e na rede pública estadual de Macapá e Santana, não há nenhum profissional da saúde, com conhecimento mínimo que seja em Libras, para se comunicar com pacientes surdos, que ocasionalmente dão entrada nos hospital de Macapá e Santana. Cidades que juntas formam a região metropolitana do Estado.

Foi então que a psicóloga, que também é professora da Unifap, lembrou que eu poderia ajudar a traduzir a conversa com o paciente surdo. Telefonou-me pedindo meu auxílio, me falou rapidamente da situação e pediu que eu fosse ao hospital. Assim o fiz e me dirigi, ainda pela parte da manhã, ao hospital. Chegando lá qual não foi a surpresa, saímos em busca do rapaz em seu leito, não estava, procuramos em todas as enfermarias, andar inferior e nenhum sinal do paciente. Horas depois uma moça, que estava como acompanhante de outro paciente, viu nossa movimentação e disse:

“vocês estão procurando o mudo? E minha amiga psicóloga lhe respondeu positivamente que sim, esta disse olha ele saiu, eu acenei pra ele perguntando se já ia embora, ele apenas mostrou uma cartela de remédios, então acho que ele foi pegar na farmácia”(fala de uma acompanhante que estava no hospital).

Ocorre que já havíamos perguntado em todos os ambientes do hospital pelo paciente surdo, mas ninguém sabia. Ele simplesmente sumiu. Não se sabe seu paradeiro, se foi embora, se algum familiar o levou, ou se simplesmente ele saiu porta a fora do hospital sem que nenhum funcionário percebesse que ele era paciente, e que ainda estava internado. A psicóloga ainda relatou-me do grande desafio que foi para o médico plantonista e os enfermeiros, fazerem seu prontuário e prescrever medicação, o fizeram inclusive correndo risco, pois como ela mesma me

disse, faz parte do protocolo de atendimento saber se paciente tem alguma alergia a algum medicamento. Mas como não sabíamos falar com ele, o médico prescreveu a medicação, os enfermeiros administraram o remédio, pedindo que não acontecesse nada com o rapaz.

E esta não é uma situação isolada, ocorre recorrentemente nos hospitais da cidade. Dos interlocutores desta pesquisa, eu não obtive respostas quanto ao campo saúde, exatamente por ser muito difícil o acesso. Quem serve de intérprete a eles, geralmente são seus familiares e amigos próximos. Como não existem profissionais intérpretes nos hospitais, os profissionais da saúde também não passaram e nem passam por curso de formação continuada em Libras. O acesso é muito restrito às informações de pacientes, a não ser que ocorra uma situação como a relatada anteriormente, dificilmente eu teria acesso a este episódio.

A proposição da sociologia das ausências está exatamente em superar as totalidades homogêneas e excludentes que são sustentadas pela razão metonímica, e esta última diz Boaventura, foi quem formou as ciências sociais convencionais, e assim necessariamente a sociologia das ausências se torna transgressora.

Assim esta opera propondo então a substituição das monoculturas (o ignorante, o residual, o local, o inferior e o improdutivo) por ecologias. Assim postas: ecologia do saber em oposição à monocultura do saber, a ecologia das temporalidades em oposição à monocultura residual, a ecologia dos reconhecimentos em oposição à monocultura do inferior, a ecologia do universalismo em oposição à monocultura local e finalmente a última ecologia a das produtividades em oposição à monocultura do improdutivo.

4.2 O mundo do trabalho

Existe um campo específico para o surdo atuar/trabalhar? A educação precisa ser diferenciada? E quanto às práticas esportivas, são diferentes das práticas esportivas de ouvintes? Estas são algumas indagações que permeiam o universo entre surdos e ouvintes, pessoas que acessam o mundo por outra via de acesso, que não a convencional, ou seja, oralizar e ouvir. Sendo assim, neste capítulo tentaremos discorrer sobre três campos muito importantes na vida de pessoas surdas, tanto quanto na vida de qualquer outra pessoa, mas respeitando sua singularidade. A educação, o trabalho e o lazer.

Neste sentido, penso não ser possível falar sobre trabalho sem acessar os escritos de Marx (1988), ao discutir as relações de trabalho que o mundo contemporâneo construiu a partir da emancipação do modelo capitalista. Analisando tal discussão direcionada aos surdos, percebemos que a sociedade ainda o vê a partir de uma visão positivista, funcionalista, bem distinta daquela proposta por Marx (1988). Esta poderia ser uma forma de análise para as relações de trabalho que os surdos têm construído na sociedade contemporânea.

O mundo do capital olha para as pessoas, segundo Marx (1988), apenas como produto a ser negociado. Sua força de trabalho tem um valor no mercado, que inclusive pode variar, como qualquer outro produto na relação entre oferta e demanda.

É sabido que há uma legislação de amparo às pessoas com deficiência no Brasil, no tocante ao trabalho. A Lei nº 8.213/91, também conhecida como lei de cotas, prevê um percentual de 5% das vagas em empresas com 100 ou mais funcionários, tanto quanto prevê vagas em concursos públicos para pessoas com deficiência. A Lei completa, este ano, 25 anos de promulgação, e órgãos do governo apontam um grande crescimento no acesso de pessoas com deficiência ao mercado de trabalho. Mas há que se questionar sobre as condições dessas pessoas no trabalho. Como são vistas socialmente? Que imagens são construídas socialmente pelos demais colegas de trabalho?

Gabriel, quando entrou na universidade como professor efetivo, teve muitas dificuldades em acessar os ambientes, as pessoas desconheciam completamente sua condição linguística, não havia intérpretes de Libras em nenhum ambiente da universidade, e ainda sabia de discursos no sentido de questionar sua competência técnica como docente. Algumas pessoas diziam: “ele é surdo, como vai dar aula?”. Rafael, mesmo depois de concluir o curso superior em pedagogia, pediu remanejamento de função na escola em que trabalhava, pois, até formar-se, trabalhava como servente na cozinha da escola. Ao concluir o curso superior, pediu que fosse remanejado. Assim o fizeram. Foi lotado na secretaria da mesma escola, e Rafael conta que depois de dois meses, pediu para voltar para a cozinha, porque era literalmente ignorado: “as pessoas fingiam que eu não estava lá, nunca me davam nada para fazer, e todo dia eu insistia pedindo alguma coisa para fazer, aí me cansou e pedi para voltar para a cozinha, lá ninguém me despreza e minha comida é gostosa, todos elogiam”.

Cleonice foi aprovada em janeiro de 2016 como professora efetiva da Unifap para o campus em Oiapoque. Desde esta época, foi recomendado que a administração providenciasse a contratação de intérpretes para o local, pois ela é surda e as pessoas não sabem Libras. Ela vai tomar posse nos próximos dias (julho de 2016) e já está preocupada, pois sabe da situação que a espera, ninguém sabe Libras, ela será a única surda da universidade naquele local e, até então, não houve nenhum movimento da administração no sentido de evitar os problemas que certamente se evidenciarão em poucos dias, quando Cleonice passar a frequentar o campus de Oiapoque como docente.

No jornal *Bom dia Brasil* desta semana, 06 de julho de 2016, uma notícia chamou a atenção do público. Um café em Tóquio, em que todos os funcionários são surdos, os fornecedores afirmam que já se adaptaram, levam papel e caneta e se comunicam sem problemas quando não entendem a língua de sinais. Prevendo que muitos clientes não saibam língua de sinais, o dono do café pôs numa parede um revestimento de papel, para que quem não saiba sinalizar escreva seu pedido, e assim são atendidos sem nenhum problema. O repórter, ao perguntar para o dono por meio de uma tela, parecida com um tablet, em que se escrevem mensagens (pois o dono também é surdo), o motivo pelo qual contratou somente funcionários surdos, ele respondeu: “queremos mostrar a sociedade tudo o que uma pessoa surda pode fazer, mostrar o nosso valor, deixar bem claro o que podemos oferecer a sociedade. O Japão tem leis que obrigam as empresas a destinarem vagas a pessoas surdas, mas sempre são funções muito simples, as empresas não se adaptam, o que desmotiva os surdos e acabam abandonando o trabalho”. O repórter brasileiro segue e a entrevista e encontra no café um grupo de surdos dos Estados Unidos, que souberam do lugar e foram visitar, eles viajam em grupo, já conheceram vários países, um deles escreve para o repórter; “deaf people can do anything” — *Pessoas surdas podem fazer qualquer coisa.*

Figura 43: Bom dia Brasil e a notícia do café de surdos.



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Assim como no Japão, o Brasil também tem leis para o acesso, não só de surdos, mas de qualquer pessoa com deficiência no mercado de trabalho, e tanto quanto num país tão desenvolvido como o Japão, as dificuldades são semelhantes. Nos relatos de Gabriel, Cleonice, Rafael e Dayse, é sempre uma constante a subalternidade que o surdo é obrigado a passar no seu local de trabalho.

Para refletir tais questões, é preciso dialogar com Foucault (1979), ao relacionar os mecanismos de poder na sociedade como busca de emancipação de alguns grupos sociais. Como é o caso de surdos. Estes, já há algum tempo, vêm debatendo, organizando-se politicamente, no sentido de buscar mais espaço social, mais reconhecimento como grupo socialmente existente, e até a desconstrução de vários estigmas produzidos pela sociedade ouvinte. A esta luta os surdos têm chamado de “luta contra o ouvintismo”, que, apoiado em Foucault (1979), eu chamaria de uso de mecanismos de poder dos ouvintes para subjugar aqueles que não falam e escutam como os demais.

Josy hoje é professora do quadro efetivo da Unifap. Diferente de outros surdos nasceu ouvinte e aos nove (9) meses de vida contraiu sarampo, tendo febres muito intensas, ficou internada quase chegando a óbito, mas sobreviveu e somente um (1) ano depois de curada é que sua mãe descobriu que, devido ao sarampo, tinha ficado totalmente surda e assim como grande parte dos surdos brasileiros que nasce em famílias de ouvintes, teve muitas dificuldades, estudou sua infância numa escola de surdos em Belém que primava pelo oralismo, era proibida de usar Língua de Sinais, assim como em casa. Aprendeu e usava língua de sinais somente com outros surdos e em segredo de sua família e da escola, que inclusive obrigava a

família a trabalhar somente com a oralização em casa. Aprendeu Libras muito tarde, já na adolescência, assim como o português, e não compreendia quase nada do que falavam na escola. Diz que era um sonho antigo ser docente de uma universidade e hoje, sendo uma professora, lamenta muito a falta de mais intérpretes e, sobretudo, de mais interesse das pessoas em aprender Libras. Diz que um dos maiores desafios no dia a dia de trabalho é a falta de contato dos ouvintes:

“A maioria não faz questão de se comunicar conosco. Somos três (3) professores surdos e mesmo assim, as pessoas insistem em direcionar sua fala para os intérpretes, às vezes fingem que não nos veem, evitando o olhar. As coordenações não sabem Libras, e nos forçam a ficar dependente dos intérpretes. É preciso ter um equilíbrio, pois só temos cinco (5) intérpretes, não é possível vivermos grudados neles o tempo todo na Universidade. É preciso que as pessoas respeitem os surdos, precisam interagir mais conosco, não só aqui que é meu local de trabalho, uma universidade, mas em toda a sociedade. Por exemplo, eu preciso ir à biblioteca, quero ter autonomia em buscar e fazer minhas pesquisas, mas sou impedida porque lá ninguém sabe Libras e se o intérprete não tiver disponibilidade naquele momento, fico com meu trabalho comprometido, isso é muito ruim. Mas eu tenho fé que isto mudará no futuro, pois somos três (3) professores surdos, como eu disse, começamos a mudar a realidade com nossa presença aqui”. (fala da profa. Josy, entrevista em 27.01.2016)

Lacillotti (2003) diz que o trabalho é a condição principal que define o homem como ser humano, é o que o caracteriza como tal. E quando esta condição é negada a um indivíduo, poderíamos então dizer que sua condição como ser humano está comprometida. Na vivência de Josy como docente universitária, ainda há o adendo de ser concursada e não correr o risco de perder o emprego pela falta de adaptação da universidade, no tocante à sua comunicação, mas, se pensarmos em outros surdos, aqueles que trabalham em empresas privadas, a grande maioria abandona o emprego por situações semelhantes às que Josy relatou em seu cotidiano da Unifap.

Neste contexto, Carvalho e Castro (2013) apontam que o Governo Federal deixou de investir na educação das pessoas com deficiência. Os números são est arrecedores, pois não chega a 12% o quantitativo de escolas acessíveis no Brasil, e mais, destas escolas, 80 % estão no sul e sudeste do país, e menos de 0,1 % dos universitários têm algum tipo de deficiência. Logo, além de não conseguirem se manter no trabalho, surdos e pessoas com outras deficiências não têm sequer a qualificação, não têm acesso à formação adequada.

E ainda de acordo com Carvalho e Castro (2013) há que se comemorar, pois, em 2001, não passava de 100 mil o número de pessoas com deficiência contratadas em regime de CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), em 2013, este número saltou para 300 mil. E ao considerar o quantitativo de surdos que estão fora, não só do mercado de trabalho, mas até da educação, este número chega a ser irrisório.

Sendo assim, a situação que se apresenta para os surdos no mercado de trabalho ainda é, antes de qualquer coisa, um grande desafio, pois estas pessoas precisam não só mostrar competência técnica, como qualquer outro profissional, mas, sobretudo, mostrar uma competência que está diretamente ligada ao fato de não ouvirem e usarem outra língua diferente do português do Brasil, está ligada a discussão de ser capaz ou não como indivíduo, como ser humano. O mundo do trabalho ainda é um ambiente estigmatizante, excludente e sem muitas perspectivas para as pessoas surdas.

4.3 O Surdo e a Educação

A educação tem sido, para o surdo, tão excludente quanto qualquer outro artefato social, uma vez que é pensada nos moldes de uma educação para não surdos. Nos moldes Durkheimianos, me parece que a educação para o surdo não deixa de ser um fato social, pois assim é: algo eminentemente social (DURKHEIM, 2013).

Seguindo as reflexões de Durkheim para a educação, nos chama atenção de que esta, mesmo em sociedades ditas igualitárias, como a nossa, há uma infinidade de modelos educacionais, talvez tentando buscar eliminar as diferenças injustas, estas sociedades, em relação ao surdo acabam por reforçar estas injustiças.

A educação é, para cada povo, uma possibilidade que lhe é própria, assim, cada sociedade busca construir seu modelo de educação baseada em suas pertencas morais, políticas e religiosas. E ainda esta educação tem um tipo de modelo de indivíduo, um ideal de ser humano. E as sociedades usam este modelo para preparar suas crianças e seus mentes para sua própria existência (DURKHEIM, 2013).

Assim sendo, a educação tem papel importantíssimo em qualquer sociedade, para qualquer povo. Nos moldes de Durkheim, ela é uma ação exercida por gerações mais maduras, os adultos, em gerações mais jovens, preparando-as para

a vida social, ou seja, tem como objetivo desenvolver a criança, o jovem, para a vida social.

Entretanto, ainda em Durkheim, vemos o indivíduo como ser social, o que significa que este é composto, formado, gestado de estados mentais, que são individuais, e de um sistema de ideais, sentimentos e hábitos que exprimem em nós, quem somos, não a partir de nossa personalidade, mas, sobretudo, do grupo ou grupos aos quais somos ligados, que são as práticas religiosas e morais. A este conjunto Durkheim chamou de ser social. E constituir este ser é tarefa da educação, diz Durkheim.

Nesta ótica, este ser social não se encontra pronto, ou seja, o homem precisa da sociedade, pois a criança, ao entrar na vida social, traz sua bagagem quase vazia, e é na sociedade que ela será preenchida, tendo contato com as coerções, com as regras sociais que a moldarão paulatinamente, fazendo-a ter uma vida baseada na moralidade e a interação social, e este trabalho, esta obra social torna-se real através da educação (DURKHEIM, 2013).

Seguindo a lógica de Durkheim para a educação, chega a ser um tanto contraditório o modelo educacional que a sociedade tem pensado para os surdos. A qual é gide de coercitividade se pensa educar pessoas que usam outro meio de comunicação, que não o convencional? É difícil pensar em cumprir o papel da educação, pensado por Durkheim, quando não se considera este ser, nem ao menos trazendo sua mochila, sua bagagem quase vazia, o que se tem visto nas trajetórias dos interlocutores surdos, no tocante à educação é que sequer são vistos com suas bagagens.

A Unifap tem muitas pesquisas na área da educação, algumas, com objetivo de saber como está a educação de surdos no Amapá, uma vez que já se tem mais de uma década da legislação de Libras, Lei nº 10.436 de 2002, Decreto nº 5626 de 2005 e a Lei Estadual de Libras de 2004, tida como política de inclusão de pessoas surdas. E não só na Unifap, mas na área da educação como um todo, este tem sido um dos motes para muitas pesquisas. Autores como Gesser (2009), Quadros (2004), Strobel (2012), Fernandes (2012), e outros apontam vários resultados para a educação de surdos no Brasil, elencando graves problemas estruturais, de adequação didática, curricular e de formação e qualificação de professores, técnicos, intérpretes de Libras e agentes educacionais.

No município de Macapá, os estudos de Santos et al (2016), apontam a precariedade do atendimento educacional à pessoas surdas. O estudo verificou que em toda a rede municipal de ensino, com quase 200 escolas, somente seis atendem alunos surdos na educação básica. E não é pela falta de surdos para estudarem, mas, sobretudo, pela falta de adequação da rede pública de ensino.

Em 2014, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Diversidade e Inclusão (Secadi), publicou um documento, construído por professores surdos, ouvintes e militantes do movimento social surdo, para nortear a criação de escolas bilíngues para surdos. O documento trouxe inúmeras orientações e dados de como a educação de surdos está no Brasil e qual o ideal que é reivindicado pelos surdos brasileiros.

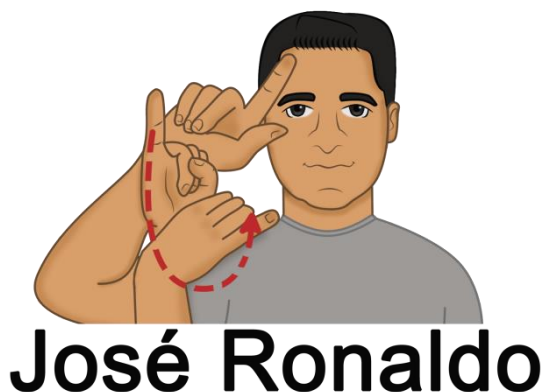
O documento ainda faz menção, como marco legal, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, uma declaração que é inclusive, anterior a conhecida Declaração Universal dos Direitos da Pessoa com Deficiência, que é de 1996, redigida pela União das Nações Unidas pela Educação e Cultura (UNESCO). Na declaração há um entendimento de que todas as comunidades linguísticas têm o direito de decidir qual o grau da presença de sua língua, como língua veicular e como objeto de estudo em todos os níveis de ensino, que vão desde o pré-escolar até as séries mais avançadas (BARCELONA, 1996).

Seguindo então esta análise, os professores surdos que compunham o grupo de trabalho sobre política linguística, com vistas à elaboração do relatório supracitado, questionam, então, qual a base de sustentação do Ministério da Educação ao desconsiderar a decisão dos surdos, sendo uma comunidade linguística e, por assim serem, decidirem por uma escola bilíngue, apontando então qual seria o nível de uso de sua língua como língua veicular na escolarização de pessoas surdas.

Não diferente dos outros surdos desta pesquisa, José Ronaldo, ao relatar sua trajetória educacional, conta o quão difícil foi estudar numa escola em que sua língua não era usada, ou quando muito algumas pessoas usavam sinais soltos, descontextualizados.

4.4 Quatro trajetórias educacionais

Figura 44: cartoon.



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

“Nasci ouvinte, mas com um mês e meio mais ou menos, adoeci, tive meningite e depois disso perdi a audição”. Quando minha família descobriu que eu estava surdo, foi muito difícil. Ninguém em casa sabia Libras, não sabiam como lidar com um bebê surdo. Fui crescendo e aprendendo só gestos, as pessoas me apontavam e eu criava um gesto para as coisas, as pessoas de casa, enfim, foi um período muito difícil porque eu não entendia nada à minha volta, todos só falavam, falavam (oralizavam). Quando chegou a época de ir estudar, minha família pensou: onde vamos matricular ele? Não tem escola aqui em Santana. Mas aí soube de uma escola especial, onde tinham alunos surdos e intérpretes e lá eu comecei a aprender e me desenvolver, pois os surdos me ensinavam, me mostravam tudo e iam me ensinando os sinais em Libras. Os intérpretes me ajudavam na escrita do português e foi aí que minha família começou a me ajudar também, porque eu já aprendera algumas palavras em português, então começamos a interagir em casa, mas precisava ir para outra escola. Já havia crescido então minha mãe pensou: como faremos? As escolas não têm Libras, então saiu procurando ajuda em Santana. Nisso, alguém disse a ela que na Igreja Assembleia de Deus tinha grupo de surdos e intérpretes, que poderiam me ajudar, pois a escola especial não tinha mais como me manter lá. Então ela permitiu que eu fosse à igreja, pois aqui em casa todos eram católicos, mas na igreja que frequentavam não tinha Libras, então ela pensou: “meu filho precisa de ajuda”. Fui à igreja, lá descobri outros surdos, me ensinaram muito, rápido me desenvolvia. A igreja dava cursos de Libras, então os intérpretes vieram até minha casa e conversaram com minha família, explicaram que era importante fazerem o curso, pois iria me ajudar também. Então minha família foi fazer o curso. Usavam muita datilologia, mas já não se comunicavam mais por gestos comigo, viram que eu me desenvolvi muito rápido. Fui para outra escola, fiz o ensino fundamental e médio,

concluí”. (fala do José Ronaldo, entrevista concedida em dezembro de 2014.)

Ao considerar a trajetória de cada um dos interlocutores desta pesquisa, no tocante à educação, as histórias serão basicamente as mesmas, mudando os personagens e os períodos em que ocorreram, uma vez que a diferença de idade entre alguns é grande.

Trazendo um trecho da trajetória de Bianor novamente note-se como a semelhança com a história de José Ronaldo é muito próxima.

Quando fui para escola tinha oito anos, ficava só olhando e copiando porque não tinha intérpretes, nem professor surdo. As pessoas falavam, falavam e eu não entendia nada. Fui passando assim até chegar ao ensino médio. Quando me deparei com um intérprete, foi muito difícil porque eu nunca tinha visto isso sabe, o intérprete teve dificuldade em me fazer entender que ele estava ali para me ajudar. Fui aos poucos entendendo, ele me falou do Cas, eu fui para o Cas e lá tive muito contato com outros surdos, aprendi mais rápido a Libras, aí me ajudou e então entendi de verdade o que intérprete fazia na sala comigo (fala de Bianor)

Em outra trajetória, a de Rodrigo Pimenta e sua esposa, Ana Carolina, ambos surdos, não se percebe muitas diferenças. Há que se considerar no caso específico do Rodrigo, o fato de ter perdido parte audição ainda na infância e mesmo assim ter aprendido a oralizar e ler lábios, usando estes como recursos alternativos de comunicação. Diferente de sua esposa, que é surda profunda desde o nascimento e não usa outros recursos além de Libras para se comunicar. Ambos concordam que as dificuldades de Ana Carolina são maiores e também foram maiores na educação, por exemplo, porque frente a uma sociedade que só oraliza em quase a totalidade das conversas e interações, usar somente a Libras é um grande desafio para se comunicar, uma vez que, a grande maioria dessas pessoas desconhece a língua.

Figura 45: cartoon



Ana Carolina

Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés

“Nasci surda, minha infância foi muito difícil porque ninguém em casa sabia Libras. Vivia trancada em casa, sem entender o mundo à minha volta. Queria saber o que as pessoas falavam, do que riam, mas ninguém me ensinava nada. Aprendi a apontar e criar gestos. Até os 12 anos de idade, quando sai de casa e conheci outros surdos, até riam de mim, diziam que eu parecia uma criancinha, porque perguntava tudo à minha volta, o sinal disso, sinal daquilo, o tempo todo estava chamando alguém do grupo e pedindo pra me ensinar os sinais. E foi nesta época que fui à escola. Lá era horrível, porque eu não entendia absolutamente nada do que as pessoas diziam. Não tinha intérpretes, a professora falava, falava e eu era igual máquina de xerox, só copiava e fingia que entendia. A professora falava na minha frente, acho que querendo saber se eu entendia, eu apenas balançava a cabeça positivamente fingindo entender. Aí quando chegava em casa, eu chorava muito porque queria entender de verdade o que a professora ensinava na escola, e foi assim até chegar no ensino médio, quando encontrei intérprete em sala. Aí tudo foi diferente porque falavam minha língua, eu entendia, participava das coisas na sala, e sem contar que lá tinha outros surdos. Eu me juntei aos grupos que estudavam na minha sala e em outras, então o ensino médio foi muito bom pra mim” (fala de Ana Carolina, entrevista concedida em dezembro de 2014).

Refletindo sobre o mote educação, levo em consideração os escritos de Durkheim (2013) para lembrar que nenhuma sociedade terá uma educação, um sistema educacional que não seja duplo, ou seja, é singular e múltiplo ao mesmo tempo. Se assim é, as trajetórias dos surdos Gabriel, Bianor, José Ronaldo, Cleonice e Dayse apresentam de fato este caráter múltiplo e singular. Na verdade, deveria ser visto como tal. Entretanto, o que se percebe nos relatos é um apagamento, uma não existência para o coletivo. Pensar que um indivíduo precisa

performar, no sentido de tentar demonstrar aprendizado, demonstra o tamanho dos desafios que surdos enfrentam diariamente nas escolas, ao buscarem sua formação.

Mas, é importante também mostrar um contraponto aqui. De todas as trajetórias que acompanhei, no tocante à educação, a de Gabriel é a exceção. Mesmo eu já tendo falado sobre ele em outro momento anterior, penso ser interessante neste ponto retomar algumas questões, pois, Gabriel teve em sua família apoio para estudar. Sua mãe sempre buscou conhecimento, cursos na área, mesmo a escola falhando com Gabriel, sua família foi muito importante em sua formação.

Ainda bebendo nos escritos de Durkheim (2013) ao refletir sobre educação, ele nos lembra de que, historicamente, inevitavelmente diversas sociedades mostraram uma infinita diversidade de modos e tipos de educação, e esta diversidade estava intimamente ligada e de acordo com a divisão social, as classes em que existiam no seio dessas sociedades. Ele ainda nos lembra de que mesmo hoje, esta educação ainda é dada por classes, não há homogeneidade nos sistemas educacionais. E por assim ser, o que dizer de um modelo que não acolhe, que apaga e exclui o indivíduo a partir da comunicação? Como pensar numa educação igualitária no sentido de proporcionar reais condições de aprendizagem a todos os alunos, independente de sua condição sensorial, cultural ou linguística?

Pensar nestas questões é pensar nas falas dos surdos, envolvidos nos movimentos sociais, e que lutam por uma escola que atenda às suas peculiaridades linguísticas, na qual a língua de sinais seja usada na medida da necessidade de sua comunidade linguística, que tenha esta língua como língua veicular, as chamadas escolas bilíngues para surdos.

Notadamente, esta tem sido uma das maiores questões elencadas, em congressos, encontros, palestras e seminários sobre educação de surdos. E em todos em que estive presente, pude presenciar o processo de politização dos surdos. Há, nas palestras e conferências, uma chamada, os surdos são convocados a se engajarem na luta. Existe uma frase, que está sendo veiculada por palestrantes surdos, em todos estes eventos. Os quais pude participar, como Encontro Nacional de Surdos e Surdas em Goiânia-GO, Encontro Internacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro – RJ, que é a seguinte: Falem de nós, nada sem nós!

Figura 46: cartoon



Rodrigo

Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés

“Eu nasci ouvindo, normal, mas ainda pequeno, adoeci, tive sarampo e depois descobriram que eu fiquei só com 20% da audição, não ouvia quase nada, igual meu irmão Rafael. Foi muito difícil porque ninguém falava Libras, a comunicação era muito ruim. Quando fui pra escola, até a 4ª série eu só olhava e não entendia nada, copiava, copiava, mas não aprendia nada, porque ninguém falava comigo. Não tinha intérprete em sala, os professores e colegas não sabiam Libras. Quando passei para 5ª série é que teve intérprete, aí me ajudou porque eu conseguia entender o que se passava em sala. E neste período fui aprendendo a ler lábios, porque como já falava quando fiquei surdo, isso me ajudou. Consegui terminar com muita dificuldade porque as escolas não consideram a gente, surdo parece que não existe, mas mesmo assim consegui chegar à Faculdade e me formar como pedagogo. Depois fiz uma pós-graduação e agora dou aula de Libras como professor do contrato no município de Breves-PA. Quero muito voltar para Santana porque minha esposa e meu filho estão lá, mas como ainda não consegui trabalho aqui, continuo em Breves” (fala de Rodrigo, entrevista dada em dezembro de 2014).

Nestes relatos, fica tácita a ausência do Estado no tocante à falta de estrutura mínima para a educação de surdos. Pois é ele, o Estado, que deve gerir a educação, não só pensando nos surdos, mas a educação em geral (DURKHEIM,2013). E quando se tem relatos como os de Rodrigo, fica evidente a falta de formação docente, de contratação de intérpretes, de adequação curricular, de materiais adaptados, enfim. Falta a estrutura mínima para educar um sujeito que usa outra língua, que não a portuguesa, mas que não é estrangeiro, logo, esta ou

aquelas metodologias a serem pensadas, devem levar estas peculiaridades, sobretudo, linguísticas, em consideração.

Neste contexto, os documentos legais de amparo à educação de surdos, como Decreto nº 5626/2005, a Lei nº 10.436/2002, a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (1991), a Declaração Universal dos Direitos da Pessoa com Deficiência (1996), em suma, chamam a atenção para que esta, a educação de surdos, que deve ser de responsabilidade do Estado e deve facilitar o aprendizado desses alunos, promovendo a maior vivência possível na língua de sinais, respeitando a identidade linguística e cultural da comunidade surda.

E ainda de acordo com a Feneis, as escolas bilíngues devem ser efetivadas, e são escolas em que a língua de instrução é a Libras, e a língua portuguesa é ensinada em sua modalidade escrita, após o aprendizado da Libras como primeira língua, sem a presença de intérpretes, pois os professores devem ser bilíngues.

E ainda de acordo com o relatório de 2014, feito pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria da Diversidade e Inclusão (Secadi), já mencionada anteriormente, evidenciou-se a necessidade de implantação de escolas bilíngues ou, na ausência destas, classes bilíngues, em que o ensino para surdos seja feito em Libras como primeira língua e língua portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua. Estas são escolas em que o surdo é visto como um estudante com uma identidade linguística diferenciada, e não uma pessoa com deficiência (BRASIL, 2014).

A partir da discussão educacional evidenciada neste trecho, vi a necessidade de refletir sobre outra questão, muito presente quando se fala de surdos, seja no ambiente educacional, de trabalho ou familiar e até mesmo religioso como bem já foi focado neste trabalho. A discussão do apagamento social, a invisibilidade que estas pessoas sofrem no cotidiano de suas interações com as demais pessoas na sociedade.

Figura 47: cartoon



Maria José

Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés

Nasci em Macapá, tenho 4 irmãos surdos. Minha mãe tomou um susto quando o médico disse que eu era surda, só fui para escola aos 6 anos, estudei na escola de surdos em Belém. Só oralismo tempo todo e foi muito difícil, eu não entendia nada, me pediam para falar A, B, C, mas não entendia o que diziam. Depois de um tempo, voltei para Macapá porque não podia mais morar na escola. Fiquei três anos sem estudar. Voltei só com nove anos, minha mãe procurou muito até que achou vaga na escola Zolito Nunes. Mesma coisa da outra escola, só oralismo. Mas como era difícil, minha mãe procurou outra escola. Fui para o Sebastiana Lenir, e também era a mesma coisa, só oralismo e ainda estudava numa sala separada. Me chamavam só mudinha, muda. Eu odiava. Parei de estudar, casei tive dois filhos. Foi então que meu marido disse que eu tinha que estudar para conseguir emprego, voltei a estudar já com 23 anos. E a mesma coisa, só oralismo, não tinha intérpretes na sala, fui estudar na Eja porque estava atrasada. Mas agora eu já sabia um pouco de leitura labial, tinha aprendido com minha irmã Madalena, também surda, mas tinha estudado no Rio de Janeiro, me ensinou leitura labial e Libras. Nesta escola já gostei mais porque meus colegas faziam gestos, tentavam me ajudar, então eu ensinei libras para eles e a professora, foi então que consegui concluir em 2 anos o fundamental.

Mesmo não tendo falado especificamente de surdos em seus escritos, Santos (2006) fala da dicotomia de poder. Neste sentido é possível relacionar a discussão com a vivência dos surdos. Fica evidente este poder ouvintista sobre os surdos, no trecho da história de Maria José e sua dificuldade em estudar e concluir o Ensino Fundamental. Além da falta de intérpretes, teve que enfrentar o preconceito de outros colegas, que faziam questão de lembrar-se de seu estigma de ser surda.

De acordo com Silva (2012), o poder sobre estes sujeitos produz saber, e este, reforça o poder, sendo assim, há um poder ouvintista que oprime e subjuga o surdo a se enquadrar nas categorias, nos modelos pré-estabelecidos pelos ouvintes.

Para finalizar esta discussão sobre a educação para os surdos, trago uma experiência do grupo de pesquisa Linguagem, Cultura e Identidade Surda, ligado ao Curso de Letras Libras Português da Unifap, que realizou durante o 1º semestre de 2016, um curso de Matemática para surdos, em parceria com o Curso de Licenciatura em Matemática da Unifap. O professor Gabriel promove o curso aos sábados e divide com uma professora de matemática da universidade o projeto. O objetivo é dar maiores possibilidades dos surdos se apropriarem dos conceitos matemáticos. Tem um público de mais ou menos dez pessoas. E em dado sábado, fui convidado pelo Gabriel a visitar a aula, auxiliar em algumas discussões e a questão que se levantou no momento foi sobre qual língua seria melhor usar numa comunicação com os surdos. Algumas pessoas falaram — ouvintes, e então, Gabriel pediu a opinião dos surdos que lá estavam. Um a um se dirigia à frente e relatava como era, ou é sua relação na escola. Um rapaz disse: “o problema é que o professor de matemática não sabe Libras e para piorar, a intérprete sabe poucos sinais, eu tenho que ficar ensinando pra ela, acontece que não dá tempo durante a aula pra eu ficar ensinando sinais pra intérprete, até porque têm muitas palavras de português que eu não conheço, aí eu fico sem entender a explicação do professor” (cursista surdo dando sua opinião).

figura 48: curso de matemática para surdos Unifap



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés

Outra moça disse: “olha, as pessoas têm que entender que o que dizem em português não é a mesma coisa pra gente em Libras, é diferente a língua, então, claro que todos os surdos vão escolher que a aula seja em Libras, porque os intérpretes que estão nas escolas sabem poucos sinais, não conhecem profundamente, aí a gente sempre fica prejudicado”.

Outro rapaz disse: “agora eu estou entendendo tanta coisa de matemática, que quando eu estudei não conseguia compreender, queria que todos os professores passassem por este curso, porque eles vão para o quadro, ficam de costas para gente, ou então ficam de lado e falam para o intérprete, e continuam resolvendo as contas no quadro, daí eu não sabia se olhava para o intérprete sinalizando o que o professor falava, ou olhava para o quadro para acompanhar a resolução do problema de matemática”.

Em três relatos distintos, de pessoas em idade diferente, alguns já haviam concluído o ensino médio, outros ainda cursando, mas a problemática apresentada era mesma, inclusive as mesmas apresentadas pelos interlocutores da pesquisa. É possível ver o problema recorrente na trajetória de Bianor, Gabriel, Josy, Ana Carolina, Dayse, Maria José, Rodrigo, José Ronaldo e Rafael. Em todas estas histórias, a educação foi, e ainda é, um desafio algumas vezes intransponível, pois são desconsiderados na escola, invisibilizados como indivíduos, apagados socialmente. Os relatos vão ao encontro da reflexão de Santos (2006) em sua ecologia de saberes, pois, demonstram como estas pessoas historicamente foram subjugadas a um modelo educacional equivocado, e que as desconsidera como falantes de outra língua e que por assim serem, necessitam de outras metodologias, adaptações curriculares, e, sobretudo, partir do princípio linguístico de que surdos falam língua de sinais, logo, precisam que esta seja a primeira língua no ambiente educacional, e não um recurso didático, usado a partir de sinais descontextualizados e sem profundidade. Ocasionalmente atraso, desconforto e até desistência de muitos em estudar e obter uma formação.

4.5 Práticas Esportivas e lazer entre os surdos

Práticas esportivas são extremamente comuns para a comunidade surda do Amapá e do Brasil. Surdos têm como característica marcante o amor por esportes. SILVA (2012). Realizam grandes torneios, grandes eventos esportivos. Têm

federações e confederações esportivas, suas associações são intimamente ligadas e quando há um evento esportivo na região, ou mesmo fora do Estado, são rápidos em se organizar para levar o maior número possível de participantes.

Silva (2012) diz que as práticas esportivas para os surdos chegam a ser práticas sagradas, tamanha é a afinidade que estes têm com os esportes.

Figura 49: Torneio em comemoração ao dia do surdo 2013



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés

Figura 50: Torneio em comemoração ao dia do surdo 2013



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés

Para Foucault (1979) as relações de poder que a sociedade constrói sobre o diferente, são determinantes para dizer a que tipo de coação estamos subjugados. Quando este falou sobre a loucura e de que forma a sociedade construiu mecanismos para tratar seus doentes, de como a sociedade os categorizou, demonstra como esta é incisiva ao resolver algo que se mostra transgressor a ordem social.

Seguindo esta concepção de Foucault (1979) pode-se fazer a analogia à concepção que a sociedade criou para os surdos. De que forma os enxerga, como não os enxerga. Os campeonatos de futebol entre surdos são uma prática tão comum que, corriqueiramente, estes usam a quadra poliesportiva da Unifap para seus treinos. A questão é que ao se veicular um campeonato como este, a reação da sociedade, da comunidade local ainda é de grande espanto. Relaciona à surdez a incapacidade motora, como se o ser surdo fosse incapaz de jogar futebol, então se percebe a relação que se está construindo com o corpo dessas pessoas.

Seria como se os surdos fossem sempre vistos como *Outsiders*, no sentido de Becker (2008). E que já fora mencionado anteriormente. Ele nos aponta uma reflexão no sentido de que em todas as sociedades haverá pessoas consideradas desviantes, ou seja, aquelas que infringem as regras. No caso dos surdos, eles infringiram uma regra socialmente criada e até cristalizada, de que pessoas consideradas deficientes não podem e não devem fazer as mesmas atividades que as demais.

E neste caso, assim como em Becker (2008), surge uma visão ambígua do ser outsider, uma vez que, para os surdos, estas regras impostas pela sociedade e seus criadores é que são os verdadeiros outsiders, pois questionam sempre. Quem disse que surdos não podem, não sabem jogar? Porque são surdos? Logo fica tácita a ambiguidade da discussão.

Entretanto, a reflexão deve ser bem mais profunda, pois considerar alguém como ser desviante, sugere uma carga semântica muito grande de pré-conceitos, uma vez que repousa numa concepção do que seja patológico — visão médica, e saudável. Assim, baseia-se no funcionamento, no bom funcionamento do organismo humano. Ora, se assim é, um surdo não tem seu aparelho auditivo funcionando adequadamente, logo, é deficiente, patologicamente incapaz, desviante.

Em contrapartida a esta visão social do surdo, este produz, organiza-se em campeonatos, nas associações de surdos, federações, criando até campeonatos regionais, nacionais e internacionais de surdos e em muitos destes, não permitem a participação de não surdos o que é muito questionado pelos ouvintes. Mas pensemos: se em outros lugares, aos surdos não é permitida sua participação porque são considerados deficientes, patologicamente desviantes, por que devem acatar a presença de não surdos, seus alcoses, juizes que determinam e cerceiam seu espaço de interação? Há que se pensar sobre isto. Sobre a produção de uma dicotomia, de um abismo social que está cada dia mais sendo alargado, tanto por surdos, quanto por não surdos.

E em se tratando de esportes, não só para surdos, mas para as pessoas consideradas deficientes, há que se mencionar o brilhantismo delas em campeonatos internacionais, mundiais. O quadro de medalhas nas olimpíadas de Pequim em 2008, por exemplo. O Brasil alcançou somente 15 medalhas ficando na modesta 23ª posição, e nos jogos paraolímpicos, destinado a pessoas com deficiência, o Brasil conquistou 47 medalhas, ficando na 9ª posição geral

(CARVALHO E CASTRO, 2013) e, de acordo com dados da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), em 2012, o Brasil conquistou nas Olimpíadas 17 medalhas, ficando 22ª posição no ranking geral. E nas Paralímpicas o país alcançou 43 medalhas e ainda subiu no ranking geral, ficando na 7ª posição (EBC, 2016).

Figura 51: vídeo de divulgação do torneio de futebol de surdos.



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Nesta discussão, os surdos efetivamente não têm nenhum atleta consagrado ou de destaque para as Paraolimpíadas, entretanto, organizam-se a partir das associações e federações campeonatos esportivos somente para surdos. Há uma intensa divulgação nas redes sociais, para que um maior número de surdos participe. Aqui no Amapá, ocorrem campeonatos municipais e intermunicipais. É tão forte o movimento, que o “futebol de surdos” já é bem conhecido. Ocorre todas as terças e sextas-feiras em duas escolas estaduais, sempre à noite. E enquanto os homens jogam, as mulheres (a maioria também surdas) em companhia dos filhos e filhas se confraternizam nas arquibancadas. Torna-se um verdadeiro evento, elas aproveitam para conversar, falar dos problemas, das soluções de tudo um pouco, e dizem que este é o melhor momento porque não tem muitos espaços em que reúnam tantos surdos.

Neste ponto entra uma questão que é extremamente peculiar dos surdos, e que é preciso dar visibilidade — a “fofoca”. Tanto quanto em qualquer outra comunidade, os surdos também fazem uso de mexerico para fortalecer laços, criar outros e também evitar a entrada de pessoas alheias ao grupo. Entretanto, a grande

diferença, e que deixa parecer que a fofoca para eles é diferente. É que surdos não usam de meias palavras para falar algo a alguém, ou de alguém. São diretos, é uma característica muito peculiar. E para os não surdos que convivem com surdos há algum tempo, já aprenderam a lidar com esta questão. Pois, do contrário, torna-se um grande problema, pois os discursos geralmente são muito inflamados, e, sobretudo, sem meias palavras, apontam literalmente o dedo e falam. O que para nossa comunidade de não surdos, não ocorre assim, geralmente a fofoca é algo muito velado, cheio de eufemismos, exatamente buscando não confrontar ninguém, e que os comentários, por assim dizer, passem despercebidos.

Há alguns anos atrás, trabalhando numa instituição privada, presenciei um exemplo de mexerico entre os surdos. Eu estava então como orientador de trabalho de conclusão de curso de uma moça surda, já havia marcado algumas orientações. Em dado dia, recebi na sala outra moça surda, pedindo para conversar comigo algo particular. Fomos para outro ambiente, mais reservado. Ela me perguntou: “você que vai orientar a fulana não é?”. Respondi positivamente, e logo perguntei o porquê da questão dela. Esta foi dizendo: “tenha muito cuidado com ela, vim aqui porque gosto de você professor, mas essa menina não vale nada, é uma safada, ela pegou meu namorado, ela sabe que ele namora comigo e mesmo assim ela inventou monte coisas de mim para ele, ela é mentirosa, falsa. Eu já tomei providências, vou até a “justiça” denunciá-la, então tome cuidado”. E eu, meio assustado com a avalanche de ofensas que ela descrevia da outra, tentei sinalizar que estava bem e que tomaria cuidado, mas mesmo assim, ela repetia tudo outra vez, com expressões de muita raiva. Depois se despediu e foi embora. Algumas horas depois, veio a aluna surda que eu orientava, querendo saber por que eu tinha recebido na minha sala a outra, queria saber o teor da conversa, pois ela já tinha sido informada que ela havia ido me visitar e se tinha alguma coisa a ver com ela, porque sabia que esta moça era “brunqueira”, que “não prestava” e que não gostava dela. Tentei acalmá-la e disse que não tinha nada a ver com ela nossa conversa, que a moça havia ido pedir que eu também orientasse seu trabalho, nada além disso.

Nesta discussão, não há como fugir de Elias (2000) pois, como ninguém nos forneceu, em *Estabelecidos e Outsiders*, uma profunda análise e reflexão sobre a *fofoca*, ao construir uma etnografia na cidade de Wiston Parva, nome fictício da comunidade estudada, dando ao tema fofoca um novo contorno. A partir deste estudo, Elias diz que a fofoca é um instrumento de reforço à integridade de um

grupo e que, por assim serem, as fofocas destes serão muito mais coesas, estruturadas, do que as de um grupo não tão fortalecido, estruturado, os outsiders.

E assim como em Parva, o “futebol de surdos” está cheio de fofocas, e os grupos de estabelecidos fazem-nas, as fofocas, sem dó nem piedade, dos outsiders, geralmente amigos, amigas de surdos, familiares e professores que frequentam o espaço.

No relato das moças da instituição privada, dito anteriormente, em Elias (2000), encontramos um exemplo da fofoca depreciativa, com o claro intuito de desconstruir a imagem do outro, ou ainda, de destruir esta imagem perante os demais membros do grupo social, o que Elias chamou de *“blame gossips”*, quando uma tenta, inadvertidamente, desconstruir a imagem da outra perante o professor, usando informações da vida íntima de cada uma, para interferir na vida profissional.

A fofoca é tão presente na comunidade surda que, em 2014, durante o Congresso do Instituto de Surdos no Rio de Janeiro, estive em companhia do prof Gabriel, um dos interlocutores desta pesquisa, e alguns surdos de várias regiões do Brasil resolveram alugar um apartamento na cidade para participar do evento. Até aí, tudo natural, como em qualquer espaço social, mas algo me chamou atenção. No segundo dia de evento, Gabriel me perguntou, com ar de brincadeira, se eu já sabia do “BBB Surdo”, fazendo uma alusão ao programa de televisão em que reúne pessoas estranhas numa casa com câmeras, para que o público veja seu cotidiano. Eu, sem entender do que se tratava, disse: “nunca ouvi falar disso”. Ele, rindo, começou a me contar a experiência. Alguns surdos combinaram, pelas redes sociais, de locar um apartamento no Rio de Janeiro durante o evento, para reduzir os gastos e ficarem mais próximos, pois vinham de cidades diferentes. Mas o que ocorreu é que todo dia surgia uma situação diferente, com os discursos produzidos e reproduzidos uns dos outros. Gabriel então chamou de o “BBB surdo”. Uma dada situação entre duas moças surdas, já se conheciam antes, eram amigas, inclusive, estavam sempre juntas no congresso. Ocorreu que um rapaz surdo começou a paquerar uma delas, mandando recados, tentando se aproximar, e esta, a primeira a ser assediada por ele, muito bonita alta, ex-miss em seu estado, comentou com a amiga que não ia “ficar” com o rapaz porque ele era muito “galinha”, ela já sabia da fama, e alertou a amiga para que também não ficasse com o rapaz.

Os dias passaram, ele também deu investidas para ficar com a outra amiga, esta, já sendo alertada pela amiga, disse que não queria ficar com ele e achou que

estava tudo resolvido. Entretanto, ele voltando com a primeira, numa nova investida, disse que esta não o queria, mas ele já tinha ficado com sua amiga, porque que ela não o aceitava também. Esta, sem pestanejar, saiu ao encontro da amiga, disse-lhe vários desaforos, sentindo-se traída pela amiga, esta negou ter se relacionado com o rapaz, em vão, pois a amiga não acreditou, afirmando ter tido informações de outras pessoas da casa e estas confirmaram o flerte entre os dois. E por fim, antes de terminar o congresso, me vem a notícia de que o causador da intriga entre as amigas, não tendo êxito com estas, se relacionou os últimos dias que lá estava com outro rapaz surdo, causando um verdadeiro furor na casa, pois todos sabiam da briga entre as amigas por conta do rapaz.

Esta situação relatada acima, além de ter a relação direta com a questão da fofoca, também evidencia outra situação muito recorrente entre os surdos: a dos relacionamentos amorosos, sem muita preocupação com as regras sociais estabelecidas, mas sobre este assunto retomarei mais à frente com mais profundidade teórica e riqueza para um melhor entendimento.

Após a digressão sobre a fofoca presente no “futebol de surdos”, voltemos ao tema esporte e lazer para a comunidade surda. Pois como dito anteriormente e até por outros autores como Silva (2013), o esporte é quase uma questão sagrada para os surdos, tamanha é a relevância que tem para o grupo. Geralmente nos encontros, sejam eles regionais, nacionais ou até internacionais, a programação do evento

Figura 52: página oficial da CBDS na internet.



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Figura 53: página oficial da CBDS na internet.

2º CAMPEONATO BRASILEIRO DE VÔLEI INDOOR DOS SURDOS – BRASÍLIA DF

18 de agosto de 2016



A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos – CBDS convida as federações para participarem do Campeonato Brasileiro de Vôlei dos Surdos, nas categorias masculina e feminina, que realizar-se-á nos dias 20 e 21 de agosto de 2016, em Brasília/DF, organizada pela Federação Brasiliense Desportiva de Surdos-FBDS, sob supervisão por esta Confederação. Qualquer dúvida, pedimos a ...

[Read More](#) Comment 1 | Likes 19 | Tags

CAMPEONATO BRASILEIRO FUTSAL DE SURDOS – TRÊS RIOS/RJ

YONARA ALMEIDA Em ÚLTIMA SELETIVA DE FUTEBOL FEMININO

YONARA ALMEIDA Em ÚLTIMA SELETIVA DE FUTEBOL FEMININO

Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

destina um momento para a temática “esporte”, que funciona com informações sobre as associações e federações, dando notícias sobre o calendário esportivo, fomentando a participação de mais pessoas surdas, e mostrando a importância do esporte para agregar e fortalecer os surdos. Em 2014, durante o I Encontro Amapaense de Surdos, houve uma palestra com o então Presidente da Confederação Brasileira de Desportos Surdos (CBDS). Com o intuito de informar da existência de uma instituição como esta, que fomenta o esporte entre os surdos, e ainda de incentivar os surdos amapaenses a se envolverem mais no esporte.

A Confederação Brasileira de Desportos Surdos foi fundada em 1984, mas de acordo com dados na página da instituição na internet, esta organização já existia desde a década de 1950, mas sem uma organização, voltada exclusivamente para esportes entre surdos. A CBDS é filiada a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e ainda ao International Committee of Sports for the Deaf (ICSD), (Comitê Internacional de Esportes dos Surdos), um grande feito da instituição foi a realização da I Olimpíada de Surdos, assim chamada, pois contou com a participação somente de atletas surdos em diversas modalidades esportivas, em média, 1500 atletas em 29 delegações de vários estados brasileiros. As modalidades presentes no evento foram: atletismo, ciclismo, natação, tênis de mesa e quadra, xadrez e halterofilismo. Nos esportes coletivos, a olimpíada contou com competições de basquete, futebol de salão, handebol, vôlei de quadra e praia, todas elas disputadas tanto pela categoria feminina quanto masculina. O evento ocorreu em 2002, na cidade de Porto

Alegre. Não houve outra edição do evento, entretanto, para a CBDS, é motivo de muito orgulho ter ocorrido esta edição.

A página da instituição ainda dá conta de eventos internacionais como: 5º Jogos Pan-Americanos de Surdos e 1º Jogos Desportivos de Sul-Americano de Surdos. Todos realizados no Brasil, os eventos internacionais reuniram atletas surdos de vários países em diversas modalidades esportivas.

Há que se refletir nesta questão a partir da distinção, aquela que marca o diferente, neste caso, fortalecendo ainda mais a separação entre surdos e não surdos. Ao questionar os surdos sobre a necessidade de existir eventos somente para estes no esporte, são categóricos em afirmar que o fazem pela falta de oportunidades nos eventos convencionais, entretanto, à medida que se cria eventos particulares, se reforça ainda mais o abismo entre estes indivíduos. Por outro lado, enquanto a sociedade majoritária, composta por não surdos, enxergar estes indivíduos como inábeis, incapazes, estigmatizando-os pelo modo como se comunicam, será sempre necessário alçar mão da distinção, do modo de ser surdo, para realizar eventos esportivos destinados somente a este grupo.

O que parece ser mais uma coercitividade para os surdos. Neste espaço que para outros grupos é dinâmico, extremamente interacional, e tido por alguns, até como fórmula de resgate social de excluídos. Para os surdos, ao que parece tem se tornado um reforçador da dicotomia entre estes e os ouvintes. A tensão social, e histórica que existe, tem se aprofundado também nas práticas esportivas, uma vez que, mesmo com grandes eventos esportivos, nacionais e internacionais, os surdos estão ausentes e promovendo seus próprios eventos esportivos.

CAPITULO V: Amor e Amores: interações afetivas na comunidade Surda.

Em diferentes campos sociais, a interação afetiva sempre foi uma constante e em certa medida até uma explicação lógica para dados problemas entre as pessoas. O amor, por assim ser, é uma grande mola propulsora de variações, imersões e afetividades infindas. Numa sociedade oral como a nossa, inclusive as músicas, a produção musical como um todo é baseada em relações de afetos, de amores perdidos, amores incompreendidos ou amores platônicos.

Em se tratando de Surdos, há grandes peculiaridades. Como já tenho muito tempo convivendo entre eles, muito pude perceber de como essas relações de afeto se constroem e que penso estar para além de explicações comuns.

Os surdos, ao fitarem uma pessoa, me parecem não ter, em sua maioria, os mesmos parâmetros coercitivos que a sociedade como um todo tem. Ou seja, a lógica de se relacionar com outra pessoa a partir das regras sociais preestabelecidas. Como, por exemplo, há uma normatização para que pessoas heterossexuais se relacionem com pessoas do sexo oposto e neste sentido conheci muitos surdos que, mesmo dizendo serem heterossexuais, quando estavam “afim” de alguém, não tinham essas regras, não seguiam essas regras por assim dizer. No momento do flerte, não importava ser homem ou mulher.

Há poucos dias, (novembro de 2016), vi numa rede social um rapaz surdo fazendo um *live*, um vídeo ao vivo, de dentro da sala de aula na faculdade, outros surdos entravam na sua página fazendo comentários, interagindo, aliás, desde que algumas redes sociais dispuseram esta ferramenta, tem se tornado uma febre para os surdos, a todo instante postam, entram ao vivo em vídeo para interagir no mundo virtual. Nisto outro rapaz surdo, que estava ao lado deste, na sala de aula também, entra no diálogo ao vivo, acena, dizendo oi para quem lá estava interagindo, e sai do foco da câmera. Muitos comentários seguiram até que um me chamou muito atenção, um menino, também surdo, comenta: *este seu namorado certo?* O rapaz confirma sinalizando que sim, entra outro comentário do mesmo amigo: *Amor gay, felicidades.* Entra uma moça surda e diz: *que isso gay horror, pecado Jesus triste.* Entra o amigo que perguntara se eram namorados e diz: *ele já dar de vc?* Rindo ele responde: *não ainda.* E o vídeo continua como se nada tivesse ocorrido, como se a

pergunta fosse corriqueira, como outra pergunta qualquer. Um detalhe: este rapaz tem em sua página nada menos que três mil seguidores. Poderíamos dizer que fora imprudência de sua parte ao expor sua vida, sabendo que a sociedade é preconceituosa, tem muitos homofóbicos, enfim. Ou para ele, sendo surdo, estas questões não são relevantes, como são para rapazes gays ouvintes? É neste sentido que buscarei refletir neste último capítulo.

Durante muito tempo, ouvia de professores e colegas que trabalhavam com surdos, certos conselhos no sentido de não me aproximar muito, porque eles “confundiam” muito as relações, ou seja, ao me aproximar por saber libras, corria o “risco” de ser cantado, como realmente algumas vezes fui. Quando se conhece um surdo e você é fluente em Libras, geralmente a conversa se inicia da seguinte maneira: bom dia ou boa tarde, você sinaliza seu nome e logo a seguir vem a pergunta, você casado? Solteiro? Funciona como uma regra social entre os surdos.

Eram muitas as histórias que ouvia pelos corredores das escolas de traições de casais surdos. E vinham nos contar, verdadeiras confusões se criavam, tanto na escola em que eu trabalhava, quanto na faculdade em que lecionava alguns anos atrás. Entretanto, há que se refletir então porque os surdos não atendem às mesmas regras sociais, às conveniências. Segundo Certeau (2013), há uma conveniência para legislar no campo da sexualidade. Regras pré-estabelecidas para que meninos e meninas, homens e mulheres, usem o espaço público. Contudo, é preciso questionar-se como essas regras são pré-definidas? Como são ensinadas às crianças?

É preciso antes lembrar quem são os surdos, como aprendem, como acessam as informações da vida diária. É instigante para muitos campos científicos, saber quem é este indivíduo que não acessa o mundo pelas vias convencionais de comunicação. Eu poderia aqui trazer diversos conceitos, construídos ao longo da história, para classificar quem seja o surdo. Chega a ser imperiosa esta vontade, as ciências como um todo baseiam suas análises a partir de conceitos, de esquemas, de paradigmas. Ao se questionar quem é este ou aquele indivíduo, está se buscando em qual modelo pré-estabelecido no meio social se enquadra.

Goffman (1988) já dizia que a sociedade, a comunidade, seja qual for o grupo social, tem uma expectativa para os sujeitos que receberá. Nisto, constroem-se os estigmas, os pré-conceitos sobre aquele ou aquela que chega a determinado grupo. Isto demonstra o quanto a sociedade constrói, para si, modelos, inclusive de

indivíduos. Assim sendo, não concebe um indivíduo que não oralize como os demais. Historicamente os surdos foram subalternizados, a partir da égide da linguagem, por acreditar que esta era a externalização do pensamento, e os surdos, que usavam e usam uma linguagem e uma língua diferente, foram tidos como não humanos, não educáveis, não escolarizáveis, isolados do trato social.

Contudo, após muitos anos de apagamento social, os surdos, assim como outras minorias, como negros e índios, passaram a lutar por direitos e diminuição da discriminação a que eram submetidos. Diversas pesquisas científicas colaboraram nesse sentido, dando maior notoriedade a estes grupos. Então, o termo surdo passou a ter adjetivos positivos, e não mais foi visto a partir de características pejorativas (SLOMSKI, 2010).

Passou-se a construir um discurso positivo sobre quem seja o surdo: um sujeito que tem, a partir de sua língua, características culturais e de identificação com outro surdo. Neste sentido, o surdo passou a ser visto, não mais como um ser deficiente, incapaz, mas um fenômeno social, um grupo, uma comunidade que se identifica por valores comuns, como a língua e cultura, e que por assim ser, busca reconhecimento e igualdade de oportunidades.

5.1 O surdo e a relação com a família.

Ainda há outras questões, como a familiar, a serem analisadas, para que se possa voltar à questão de afeto e construção de relações amorosas para e entre os surdos. Em meus mais de doze anos convivendo com surdos, primeiro como amigo, depois como profissional que atua na área, na educação de surdos, tive oportunidade de conhecer e ver de perto muitas famílias de pessoas surdas. Nesta pesquisa trabalho com onze (11) surdos e em dez (10) famílias destes, os ouvintes não sabem e nunca estudaram Libras para se comunicarem com seus filhos e filhas surdas. Este é o primeiro ponto a ser considerado: a comunicação dentro de casa. Durante todo este trabalho, foi uma constante, na fala dos surdos: “minha família não sabe língua de sinais”.

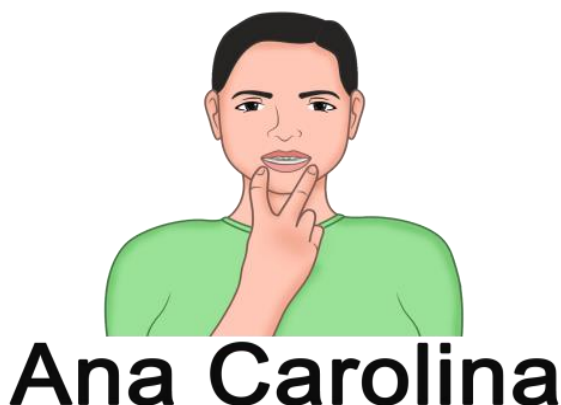
A grande exceção destas trajetórias é a de Gabriel, pois, tem em sua família um suporte muito forte de interação, comunicação e que foi responsável por sua autonomia hoje. Diferente de outros surdos, filhos de pais ouvintes, Gabriel usa Libras em casa naturalmente, com sua mãe, pai e irmãos. Demonstrando que é

possível a socialização mesmo quando a língua entre as pessoas é diferente, mesmo quando as demais famílias pensam não ser possível.

Sendo assim, iniciarei as reflexões tecendo análises sobre o processo interacional de pessoas surdas em suas famílias. E para tal, é necessário entender como surdos desenvolvem sua linguagem e, por conseguinte, uma língua que será, como para qualquer indivíduo, a base de sustentação, para seu desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, educacional e individual.

Retomarei então alguns trechos das entrevistas com os interlocutores surdos, trazendo somente momentos em que falam de suas vivências em casa, com seus pais, familiares como um todo. Para então a partir daí tecer análises, sob a ótica da interação destes.

Figura 54: cartoon



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

“Nasci surda, minha infância foi muito difícil porque ninguém em casa sabia Libras. Vivia trancada em casa, sem entender o mundo à minha volta. Queria saber o que as pessoas falavam, riam, mas ninguém me ensinava nada. Aprendi a apontar e criar gestos. Até os 12 anos de idade, quando sai de casa e conheci outros surdos, eles até riam de mim, diziam que eu parecia uma criancinha porque perguntava tudo à minha volta — o sinal disso, sinal daquilo. O tempo todo estava chamando alguém do grupo e pedindo pra me ensinar os sinais. E foi nesta época que fui à escola e lá era horrível porque eu não entendia absolutamente nada do que as pessoas diziam. Não tinha intérpretes, a professora falava, falava e eu era igual máquina de xerox, só copiava e fingia que entendia”.

Figura 55: cartoon



Bianor

Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Em casa, hoje, meus pais me respeitam, eu ajudo eles na comunicação comigo, mas ainda não aprenderam Libras e eu não me incomodo, me acostumei. Na hora do almoço, por exemplo, eles falam, falam, riem. Às vezes eu perguntava do que estavam rindo? Me diziam: “depois te explico”. Hoje não pergunto mais, sento, como, eles estão lá falando, termino, vou para meu quarto e volto a falar com meus amigos pela internet, *facebook* etc. Gosto dos meus amigos, tô acostumado com minha família. Nas férias, eles viajam. Eu não gosto de ir, prefiro ficar aqui com meus amigos. (trecho da entrevista com Bianor, realizada em 05 de novembro de 2014).

Figura 56: cartoon



Cleonice

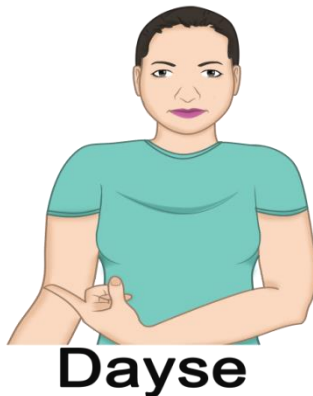
Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Cleonice nasceu surda, filha de pais ouvintes, uma das interlocutoras desta pesquisa. Mesmo sendo professora na Unifap diz que seus pais ainda não a enxergam como adulta e independente.

“Minha mãe e meu pai brigaram muito comigo, não queriam que eu fizesse o concurso para Oiapoque. Meu pai até disse que iria se mudar pra lá, caso eu passasse no concurso, durante a prova sempre me diziam pra eu desistir. Você é

surda minha filha como vai ser? Mamãe perguntava. Eu não liguei, quero crescer, preciso andar só. Em casa só eu uso Libras, sempre foi assim, antes de conhecer outros surdos eu tentava entender o que diziam em casa porque ninguém usa Libras, foi um tempo muito difícil. Ai aprendi a ler lábios e escrever em português, mas quando era criança foi o mais difícil, não me comunicava com ninguém em casa”.

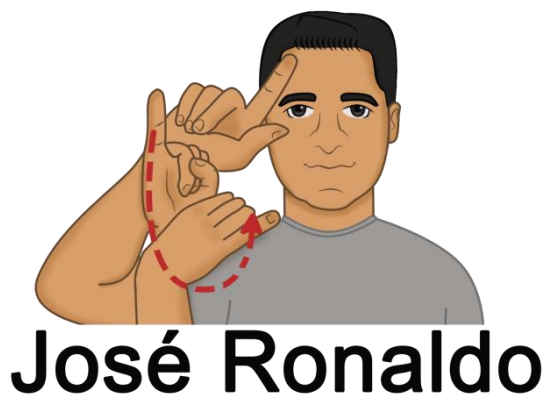
Figura 57: cartoon



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

“Minha infância foi de muito sofrimento porque não sabia Libras, nem português. Me comunicava por gestos, apontando as coisas, inventando gestos para as coisas, para me comunicar. Tive muitas dificuldades para estudar. Só consegui entrar na escola aos 10 anos de idade porque nunca tinha vaga quando minha mãe dizia que era surda. E ao entrar na escola foi muito difícil, os professores me passavam sem eu saber nada. Nunca tive contato com intérpretes durante toda a educação básica, e sempre estudei em escolas de ouvintes. Aprendi Libras em contato com outros surdos que me ajudavam a resolver as atividades, porque os professores não sabiam como me ajudar. Terminei o ensino médio com muita dificuldade, aos 24 anos de idade”.

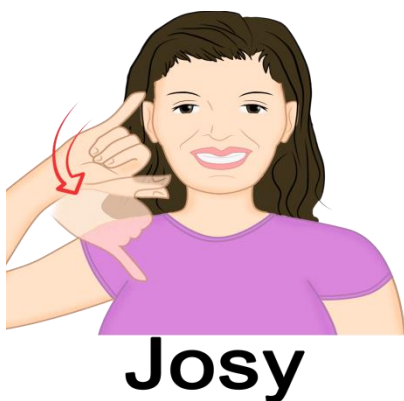
Figura 58: cartoon



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Nasci ouvinte, mas com um mês e meio mais ou menos, adoeci, tive meningite e depois disso perdi a audição. Quando minha família descobriu que eu estava surdo, foi muito difícil, Ninguém em casa sabia Libras, não sabiam como lidar com um bebê surdo. Fui crescendo e aprendendo só gestos. As pessoas me apontavam e eu criava um gesto para as coisas, as pessoas de casa, enfim. Foi um período muito difícil porque eu não entendia nada a minha volta, todos só falavam, falavam (oralizavam).

Figura 59: cartoon



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Josy, hoje é professora do quadro efetivo da Unifap, diferente de outros surdos, nasceu ouvinte e aos nove (9) meses de vida, contraiu sarampo, tendo febres muito intensas. Ficou internada quase chegando a óbito. Mas sobreviveu e somente um (1) ano depois de curada é que sua mãe descobriu que, devido ao sarampo, tinha ficado totalmente surda. Aprendeu e usava língua de sinais somente

com outros surdos e em segredo, de sua família e da escola. Esta, inclusive, obrigava a família a trabalhar só oralização em casa. Aprendeu Libras muito tarde, já na adolescência, assim como o português, não compreendia quase nada do que falavam na escola.

Figura 60: cartoon



Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Nasci em Macapá tenho quatro (4) irmãos surdos, minha mãe tomou um susto quando o médico disse que eu era surda, só fui para escola aos 6 anos, estudei na escola de surdos em Belém. Só oralismo tempo todo. E foi muito difícil eu não entendia nada, me pediam para falar A, B, C, mas não entendia o que diziam. Depois de um tempo voltei para Macapá porque não podia mais morar na escola. Fiquei 3 anos sem estudar. Voltei só com 9 anos, minha mãe procurou muito até que achou vaga na escola Zolito Nunes. Mesma coisa da outra escola, só oralismo. Mas como era difícil, minha mãe procurou outra escola, fui para o Sebastiana Lenir, mesma coisa só oralismo e ainda estudava numa sala separada, e me chamavam só mudinha, muda, eu odiava. Eu parei de estudar. Mesmo com vários irmãos surdos, os outros da família não falavam em libras com a gente, e até hoje somente alguns sobrinhos sabem, a família é grande e a maioria não sabe Libras.

Figura 61: cartoon



Rafael

Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Nasci ouvinte, normal, mas ainda criança, não lembro bem qual idade, eu tive catapora. Foi muito forte, muita febre, quase morro. Depois que sarou, perdi parte da audição, não escuto quase nada. Minha infância foi muito difícil porque ninguém falava comigo. Via todo conversando a minha volta e eu só olhando com cara de besta, sem entender. Minha mãe vivia preocupada porque meu desenvolvimento era muito lento. Eu apenas fazia gestos soltos, apontando as coisas, às vezes pegava pela mão e levava até o que eu queria. E foi assim até eu crescer e aprender Libras, e isso depois de muito tempo porque eu não gostava de Libras, achava que era brincadeira, não me considerava surdo, queria viver como os outros.

Figura 62: cartoon



Rodrigo

Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Eu nasci ouvindo, normal, mas ainda pequeno adoeci, tive sarampo e depois descobriram que eu fiquei só com 20% da audição, não ouvia quase nada, igual meu irmão Rafael. Foi muito difícil porque ninguém falava Libras, a comunicação era muito ruim. Quando fui pra escola, até a 4ª série eu só olhava e não entendia nada, copiava, copiava, mas não aprendia nada, porque ninguém falava comigo. Não tinha intérprete em sala, os professores e colegas não sabiam Libras. Quando passei para 5ª série é que teve intérprete ai me ajudou porque eu

conseguia entender o que se passava em sala. E neste período fui aprendendo a ler lábios, porque como já falava quando fiquei surdo, isso me ajudou.

Figura 63: cartoon



Hegon

Fonte: arquivo de pesquisa. Ronaldo Manassés.

Até meus três (3) anos de idade, ninguém sabia que eu era surdo, minha avó um dia desconfiou, aí falou pra minha mãe. Ela muito preocupada resolveu me levar a um médico, e depois do exame confirmaram que eu era surdo. Deste dia até completar treze (13) anos, não falava com ninguém em casa, não sabia Libras, e em casa ninguém sabia se comunicar. Sabia coisas básicas, gestos, apontava o que queria e assim conseguia me comunicar, mas nada, além disso. Foi um tempo muito difícil porque não sabia nada, não falava com ninguém, só fui aprender alguma coisa quando fui para a escola aos treze (13) anos. Aí aprendi Libras e leitura labial, para então me comunicar em casa, porque eles não sabem libras, então faço leitura labial do que dizem.

Após essa volta aos relatos familiares de cada interlocutor surdo, passemos às reflexões. Pois, independente ser surdo ou não, as famílias, como qualquer outra instituição social, têm conflitos, acertos, erros, intrigas, amores, perdas, enfim elementos sociais que constituem um grupo social como este. Entretanto, todos estes elementos estão e são ligados por um fio tecedor. A linguagem, a comunicação. Nos processos diários de interação, sejam eles de amor ou ódio, há uma comunicação entre os pares, entre as pessoas envolvidas.

Ao que parece, para o surdo, há uma imposição, mesmo que em alguns casos velados, de ter que imitar os não surdos. Há uma tensão contra hegemônica, deste grupo de pessoas, que tenta se colocar num mundo que em muitos momentos, não o reconhece como partícipe. O surdo passa a ser considerado,

então, um estrangeiro em sua casa. A hegemonia das famílias de não surdos, trazidas na maioria das trajetórias dos interlocutores desta pesquisa, nos leva a refletir sobre a concepção que a sociedade constrói para pessoas que não apresentam um padrão normativo ou, segundo Goffman (1988), a expectativa que um grupo social faz ao receber um indivíduo.

Neste caso, desde a descoberta da surdez, a família começa a construir o estigma para o surdo. Não compreende que é um ser pleno, com inteligência e total possibilidade de se desenvolver, desde que lhe sejam dadas as oportunidades, as ferramentas adequadas para tal. Em sua grande maioria, as famílias constroem uma visão da surdez, evidentemente como as demais pessoas da sociedade. Têm a visão de que surdez é uma deficiência, uma perda sensorial, que fará toda a diferença na vida da pessoa surda, e conseqüentemente para estas famílias, ser surdo é ser deficiente.

Strobel (2013) relata que para famílias de surdos, o nascimento de uma criança surda é motivo de festa, de alegria, pois não representa (como para famílias de ouvintes) um problema social. Para estas, o problema está no social, e não na criança surda. Entretanto, quando estes pais levam a criança surda ao médico, sempre são encorajados, e orientados a não usar língua de sinais, pois esta representa um perigo, e a criança estará fadada ao atraso linguístico, e conseqüentemente, cognitivo e social.

Sá (2012) traz em sua obra a fala de uma pessoa surda ao ser interpelada a dizer o que é ser surdo, ela diz não estar contaminada com o mundo dos ouvintes, e acessa o mundo por meio das experiências visuais. Implica dizer que para os surdos, estes não são deficientes, sobretudo surdos que nasceram assim. É comum, e aqui em meio aos interlocutores desta pesquisa não foi diferente perceber os surdos constantemente dizerem: “não me sinto deficiente”, “como posso sentir falta de algo que nunca tive?”, “esta é uma experiência que não faz parte do meu mundo como surdo”.

O que está marcadamente claro nos relatos dos surdos desta pesquisa é a falta desta comunicação. A ausência de uma interação efetiva entre estes e seus parentes, pais, irmãos e familiares como um todo. O isolamento comunicacional que todos aqui passaram, sobretudo, na infância foi uma marca em suas trajetórias. E esta, sem dúvida, é uma chave analítica para pensar o surdo como um ser em pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo e social na mais tenra idade, sem o apoio

necessário para construir os valores, as conveniências, nos termos de Certeau (2013).

Logo uma questão se apresenta: como aprender as regras sociais sem um processo comunicativo efetivo? Como os surdos aprendem a comer, se vestir, andar sem arrastar os pés, a separar questões sociais, das familiares, a se relacionar afetivamente com outros indivíduos quando chegam à puberdade e surgem as diversas indagações da idade? Tentarei elucidar, refletir sobre estas questões a partir então dos relatos dos surdos, na busca por um pensar sobre as questões afetivas para este grupo tão singular.

Entretanto, antes de partir para a análise da aquisição da linguagem como elo entre os sujeitos de uma família, uma questão me chamou atenção. Depois de minha ida ao campo já encerrada, sem mais nenhuma intenção de pesquisa. Saí para tomar um café da tarde com uma de minhas interlocutoras surdas, e esta me confidenciou muitas histórias de sua vida, como mulher, esposa, filha, e, sobretudo, a marca estigmatizante de ser surda.

5.2 Quando o fato de ser mulher e surda torna-se um estigma.

Não identificarei de qual das interlocutoras falarei, mas, aqui, a chamarei de “Juliana”, por se tratar de relatos de muito sofrimento, e ainda, envolverem questões judiciais, fui impelido a criar um nome fictício, para preservar sua identidade. E ademais, ela me disse que logo publicará um livro de sua biografia, em que narrará todas estas histórias.

Aos oito anos de idade morando em Belém, Juliana passa a fazer aulas de natação. Como qualquer criança de sua idade, era apaixonada por piscina. Mas sua fantasia acabou ao sofrer assédio sexual de seu professor. Usava sempre maiôs para fazer as aulas, sempre chegava cedo. Sua mãe a deixava na área da piscina e saía, voltando somente ao final do horário. Após alguns dias de aula, sempre que entrava na piscina, seu professor a “tocava” por baixo da água, sem que as outras meninas ou adultos que acompanhavam a aula percebessem. Fingindo carregá-la, num movimento de vai-e-vem na água, ele punha o dedo indicador por baixo da água, e tocava sua genitália. Quando Juliana tentava se desvencilhar dele, ele a segurava com mais força, para que não saísse de suas mãos. Juliana chorava, passou a ficar agressiva em casa, quando chegava o horário de ir para aula de

natação, chorava, esperneava, mas conta que nunca conseguiu contar para sua mãe, porque Juliana não sabia se comunicar. Não aprendera a língua de sinais, só usavam gestos desconexos. Então nem ela sabia expressar o que acontecia nas aulas, tampouco sua mãe a entenderia. Sua mãe não entendia o porquê de Juliana não querer mais ir às aulas de natação, chorava muito para não ir. Ia forçadamente, pois sua mãe não sabia do que acontecia. E mesmo anos depois, hoje, uma mulher, mãe e profissional formada, diz que o trauma ficou. Não consegue ir a uma piscina como as outras pessoas, pois sempre que chega num local assim, vem à sua mente o sofrimento que passou. Sendo menina, indefesa e surda, sem poder dizer o que ocorria: “Vem-me a mente, nitidamente, as expressões do rosto dele, como num filme lembro-me de tudo, tenho muita raiva por não ter conseguido acusa-lo e fazê-lo pagar por seu crime, mas convivo bem com isso. Usei isto para me fortalecer como mulher e poder criar minhas duas filhas” (fala de Juliana em sua entrevista).

Disse que, ao mandar o livro digital de sua história para a editora, foi interpelada por esta, pois diz nos vídeos em que conta a história da pedofilia, o nome do professor e seu agressor. Então foi orientada a não falar o nome da pessoa, a trocar, sobe pena de ser processada, pois seria muito difícil provar o que houve muitos anos depois. Ainda assim, diz que queria muito que as pessoas soubessem. Pois considera o professor um “monstro”: “Fiquei com trauma o resto da minha vida, não consigo até hoje ir a uma piscina e me divertir como as outras pessoas, queria que todos soubessem e ele pagasse pelo que me fez”. Disse Juliana na conversa.

Goffman (2012) diz que existem três possibilidades de estigma, de corpos deformados, de religião e raça e as culpas de caráter, mas que em todas três possibilidades, o indivíduo estigmatizado tem a mesma característica sociológica, a de um indivíduo marcado, e que por conta desta diferença será excluído pelas demais pessoas, impedindo que estas se aproximem e percebam suas outras características. Nossa sociedade, segundo Goffman (2012), tende a olhar para o estigmatizado como alguém que não é completamente humano, e que por assim ser, não merece respeito. Constroem-se estereótipos, uma visão única de uma pessoa com deficiência, como se fosse uma Gestalt de incapacidade e inferioridade.

Após anos sofrendo assédio de seu professor de natação, Juliana cresceu e começou a namorar um rapaz. Resolveram casar. Tiveram duas filhas não surdas e após o nascimento das crianças, o esposo tornou-se violento, era agredida

constantemente, seu marido bebia e ela pensava: “não posso ir embora e deixar minhas filhas com ele”. Passou muito tempo nesta condição, até ter coragem e separar-se. Ficou com as meninas e foi então que surgiu a oportunidade de estudar. Fez vestibular e passou a estudar num curso modular em Fortaleza, morava em Belém e mesmo assim, disse que nunca pensou em desistir. Viajava de ônibus quando ia fazer os módulos, levando as duas crianças, uma ainda de mamadeira. Cursou e formou-se em 2012. Hoje já atua como docente e diz que os traumas que carrega na vida não são tão somente por ser mulher, mas, sobretudo, por ser surda e não conseguir se comunicar com sua família e poder contar os sofrimentos que passou.

Os maus tratos e subalternidade que mulheres passaram e passam ao longo da história do mundo não é nenhuma novidade. As sociedades, em sua grande maioria são baseadas no machismo e por isso subjogam as mulheres, entretanto, há que refletir numa questão ainda mais incisiva nesta trajetória, a marca indelével da surdez, subjogando ainda mais a mulher. Não que a justificativa da opressão esteja na surdez, mas sim na sociedade, na família e em todos os outros aparelhos sociais que desconsideram a pessoa surda e mais ainda a mulher.

Até pouquíssimo tempo, as mulheres não podiam sequer estudar. O voto foi garantido há menos de 90 anos, ou seja, em quase nada as sociedades consideraram a presença da mulher como partícipe, como cidadã. E pensar na situação de diminuição não só por gênero, mas também, por uma deficiência, o estigma social só tende a se agravar.

E longe de ser uma questão utópica, ou de família perfeita, as mulheres, e mulheres surdas, querem o mínimo de reconhecimento e respeito de seus companheiros, no caso aqui relatado, por exemplo, além do fato de já ser estigmatizada como mulher, historicamente tida como frágil, indefesa e com alguns papéis pré-definidos, como mãe, esposa e do lar, outro estigma ainda mais forte se coloca — o de ser surda. Ao que parece, ela vivia ainda sob a égide de uma sociedade patriarcal, na qual só o homem tem direito a ser o líder do lar, o provedor e aquele que determina e que, literalmente, determina as ordens aos filhos e a esposa.

Nesta concepção, que devo enfatizar retrógrada de sociedade, as mulheres comumente têm sido subjogadas, subservientes aos seus esposos, aos homens da casa (ARAS & RODRIGUES, 2011). Parece-me até algo inconcebível de ocorrer em

pleno século XXI, e antes que se pense que a subserviência está ligada à surdez, penso que está muito mais relacionada ao fato de ser mulher, mas que se evidencia, e se agrava, por assim dizer com a surdez.

Aras & Rodrigues (2011) chamam atenção para o fato de que as mulheres em sua história deveriam estudar mais sobre sua história, assim, seria o primeiro passo para o reconhecimento social destas, pois, até então eram e, em certa medida, ainda são apagadas socialmente. Há uma grande resistência em reconhecer as mulheres como seres até inteligíveis, dotadas de reais possibilidades de protagonizar a cena social em vários campos. Por isso chamo atenção aqui para o fato de que a interlocutora, sendo surda, parece ainda ter vivido sob a égide de um ²⁶patriarcado, marcadamente, desigual, em que sua relação com o marido era de submissão e subserviência.

Olvidando ainda mais profundamente esta questão, que ora se apresenta, é preciso refletir sobre a trajetória de uma mulher, sendo surda, e marcada por traumas de infância, por seu professor de natação, e na vida adulta, por seu marido violento. Por esta razão tomei o conceito do patriarcado. E refletindo com Aras & Rodrigues (2011), para compreender como este sistema de dominação é antigo nas sociedades, as autoras nos remontam ao mito da criação, em que há a presença de um “Deus” e não uma “Deusa”, sendo a mulher neste contexto a adoradora, e posteriormente, a fecundadora, responsável pela maternidade, a mãe sempre diligente e fiel, e por fim, aquela considerada a traidora, e responsável do infortúnio do homem por comer o fruto proibido, e criar o pecado original.

Neste contexto, é preciso afirmar que a discussão de gênero é bem antiga, e notadamente, uma hegemonia de poder dado ao homem. E com isto, os processos de diminuição da mulher foram de certa maneira, enraizados nas sociedades. São séculos de uma construção, de uma concepção de que o homem é o centro, não só do saber, mas, sobretudo, do poder. Dotado de uma força capaz de decidir sobre a vida das mulheres. Aos homens fora dado não só poder, mas também a responsabilidade de prover, de trabalhar e trazer para casa o alimento, o sustento. E para a mulher, fora dada a responsabilidade de gerir o lar, gerar e criar os filhos, ser

²⁶ A compreensão do conceito de patriarcado passa pela sociedade de modo geral, porém, é preciso levar em consideração as variações e as especificidades nas relações sociais entre homens e mulheres, conforme os espaços políticos, a classe e a raça em que estejam inseridos ou e que façam parte, pois, os efeitos do patriarcado sobre as mulheres têm ocorrido diferentemente para cada caso, mantendo, apenas, o traço comum da desigualdade nas relações entre homens e mulheres ARAS & RODRIGUES, 2011.

mãe. Neste entendimento surge também um modelo de família (ARAS & RODRIGUES, 2011).

Se assim é, um sistema de dominação tão antigo como este, e ainda mais, sendo entranhado nas sociedades, ensinado as mães para que estas ensinem e criem seus filhos e filhas seguindo este modelo, seria, então, uma explicação para que ainda hoje, século XXI, tivéssemos histórias como as contadas pela professora surda, de submissão, de dependência ao homem, pois, mesmo sendo violentada, pensava em sua responsabilidade como mãe. Ora, e a responsabilidade do homem como pai? Por que não questionou? Por que ainda se via como responsável por suas filhas, mesmo sendo violentada por aquele homem dominador? O traço histórico nos ajuda a refletir e encontrar algumas explicações. Não é nada simples tirar séculos de opressão, e submissão, sendo passado, e ensinado, constantemente, como modelo de relação de gênero, de constituição familiar, e, sobretudo, de percepção dos papéis, do homem e da mulher.

A partir deste traço histórico das mulheres, que nota-se datado há séculos atrás, não se pode negar as mais variadas injustiças com grandes mulheres ao longo da história: rainhas, condessas e princesas, que, na idade média, foram assassinadas, queimadas vivas, acusadas de traição, bruxaria, entre tantos falsos crimes, quando na verdade, os reais motivos se davam por uma percepção do sistema patriarcal que dava pátrios poderes a seus maridos, irmãos, cunhados, homens, e que quando estes, por algum motivo se sentiam ameaçados, buscavam uma forma de extirpar as mulheres de suas vidas.

E na idade moderna continuam a serem assassinadas, espancadas, ou sofrem como a professora surda aqui mencionada, violência doméstica por seus companheiros. E absurdamente, em alguns casos, são responsabilizadas por terem sofrido a violência, ou pela sociedade, vizinhos ou comunidade em que vivem, ou por seus próprios familiares, e outras vezes, elas próprias sentem-se culpadas pelo infortúnio. De acordo com dados do jornal Folha de São Paulo de 21/09/16, no Brasil, uma mulher é estuprada a cada 11 minutos, de acordo com dados oficiais, são quase 50 mil casos por ano. E incrivelmente, para não adjetivar de outra maneira, somente 10% destes casos são denunciados. Ainda de acordo com a reportagem deste jornal, falando sobre uma pesquisa divulgada pelo Datafolha, e encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, um, a cada três brasileiros, concorda que a culpa da mulher ser estuprada é dela mesma.

Seria, nos moldes de Goffman (1988), uma aceitação e internalização do estigma de ser mulher. Um tanto quanto chocante até, considerar o termo mulher um estigma, entretanto, ainda é considerado em muitas sociedades, e no Brasil não é muito diferente, dada a quantidade de histórias como a da professora surda, relatada aqui neste trabalho.

E esta concepção patriarcal de convalidação do poder ao homem perpetua-se nas relações sociais, nas divisões de classe e no mundo do trabalho. Historicamente, às mulheres jamais foi dada a possibilidade de exercer o poder. As poucas que ousaram isto receberam várias adjetivações pejorativas, ou seja, foram estigmatizadas. Têm-se vários exemplos na modernidade de situações como esta, de grandes mulheres, chefes de Estado, lideranças políticas e de grandes empresas, que são enxovalhadas pela sociedade.

Vanin (2011) chama atenção para o fato de que na modernidade ainda se ouve dizer que algumas atividades, como a maternidade são inerentes à mulher, e que esta, ao exercer cargo ou função, uma profissão que historicamente é de homem, estaria não só descaracterizando sua função como mulher, mas sendo chamada de traidora por grupos mais radicais, ou seja, ainda em nosso tempo, a distinção entre gêneros, aliada a funções sociais, é muito forte.

Neste contexto é preciso que se faça um exercício de alteridade com nossa interlocutora surda, em sua trajetória marcada por violência. Inicialmente, uma violência simbólica em sua família, pela ausência de comunicação, e depois esta violência passa a ser física ao sofrer pedofilia por seu professor de natação, e por fim, já no casamento, a violência doméstica pelo companheiro. Evidencio a necessidade do exercício da alteridade, por alguns fatores, a da história da mulher, que não é segredo e que foi, e ainda é, de muito sofrimento e exclusão social.

E ainda no caso de Juliana, o estigma de ser surda, sendo vista como incapaz em muitos momentos de sua trajetória. Mas também, sobretudo, por termos na modernidade, outro movimento, chamado antifeminismo, que tenta justificar e criminalizar as próprias vítimas de violência, por seus atos. É dizer que se uma mulher sofre violência, ela mesma é culpada, partindo do princípio de que é mulher.

Temas como doenças venéreas ou métodos contraceptivos é um grande desafio para mulheres surdas. Juliana diz que com o primeiro namorado, ainda aos 18 anos, logo engravidou da primeira filha. “Não sabia como fazer, não tive orientação nenhuma, minha mãe sabia que estava namorando, mas nunca

conversávamos, Não tinha como eu saber nada sobre isso. Ela não sabe Libras, e nesta época nem eu sabia, ainda usava muitos gestos, então era difícil a comunicação. Se soubesse claro que teria evitado, pois era muito nova, e assim ainda acontece com muitas meninas surdas. A maioria nasce em famílias de ouvintes, não tem contato com surdos mais velhos, que possam lhe orientar em casa ninguém sabe língua de sinais, acabam fazendo sexo sem proteção e engravidando muito cedo, uma tristeza. E o que é pior nem todas têm ajuda do pai da criança, a maioria as abandona para criar seus filhos sozinhas” (fala de Juliana em trecho de sua entrevista).

Esta é uma constante na vida de mulheres surdas, seu apagamento social e, além disso, em muitas vezes, os processos de violência que passam ao longo de suas trajetórias de vida. Em LEE (2006), observamos que nos Estados Unidos, por exemplo, se buscarmos informações históricas de mulheres surdas, a literatura é muito escassa, quase não há informações, quando muito são sempre fragmentadas, impossibilitando fazer uma análise mais profunda de suas trajetórias. Implica dizer que estas sempre viveram à sombra de seus companheiros, ou invisíveis para a sociedade.

Seguindo estas reflexões, há outra questão que comumente se apresenta entre os surdos: a de ensinar suas filhas e filhos surdos a buscarem relacionamentos com outros surdos e não com ouvintes. Primeiro pela questão de identificação com o outro, segundo por acreditarem que sempre estarão em desvantagem num relacionamento com ouvintes. Lee (2006) diz que nos Estados Unidos de 1921 era comum meninas surdas serem ensinadas a serem boas donas de casa e a buscarem casamento com garotos surdos, pois nisso estava a chave de sua felicidade. Estes ensinamentos se davam nas escolas para surdos, que nos Estados Unidos eram comuns. Evidente que este traço cultural ainda reverbera entre surdos hoje, entretanto, não tem sido uma constante. Tratarei dessas questões mais a frente neste capítulo, quando falar especificamente dos afetos entre surdos.

A trajetória de nossa interlocutora surda vem ao encontro das palavras de ARAS & RODRIGUES (2011), quando dizem que a concepção que se construiu sobre a mulher ao longo da história ainda é a do sistema patriarcal, e que os homens determinam sua vida. Durante algum tempo, são dominados pelo pai, irmão, tio, para depois seguir à dominação de seus maridos. Os homens sempre sentaram nas melhores cadeiras, comeram a melhor comida, tiveram o poder sobre suas

riquezas, e quando morriam, a família buscava outro homem na linha de sucessão para continuar determinando as ordens sobre a mulher, desconsiderando qualquer possibilidade desta ocupar o lugar de prestígio ou de poder em sua casa.

Neste contexto, é possível entender porque surdos não se sentem deficientes, incapazes ou inferiores. Goffman (2012) nos chama atenção para o fato de que sujeitos estigmatizados sentem-se completamente normais e humanos, e veem em nós, os diferentes, os não humanos. Exatamente o que os surdos costumam afirmar. A interlocutora da qual descrevi alguns trechos de sua trajetória é enfática ao dizer: “sou surda, não deficiente”. Como já mencionei anteriormente, a história das pessoas surdas contada por ouvintes é sempre uma história de sofrimento, exclusão e diminuição. Entretanto, se for contada por surdos, torna-se uma história de resistência.

Sá (2010) é categórica ao dizer que a história de surdos é muito mais uma história de resistência ao ouvintismo, do que uma história de assimilação e acomodação, como muitos não surdos creem. É comum nos cursos de Libras, por exemplo, os professores ouvintes e alguns surdos menos politizados, sobretudo, surdos aqui do Amapá, também contarem esta mesma história, de que os surdos foram “descobertos”, depois foram “isolados” a fim de serem “educados” e por fim, quando não mais conseguiam isolá-los formaram guetos e fortaleceram-se contra os ouvintes. Citam inclusive os mesmos autores para referendar o traço histórico, desconsiderando outros autores que contam o outro lado da moeda.

A esta questão, do apagamento social, mesmo que já tenha refletido em outro capítulo deste trabalho, penso ser necessário uma retomada para refletir sobre outra questão que é muito contemporânea e que não poderia deixar de mencionar. Estamos em ano eleitoral, inclusive vivendo um momento único na cultura política do Brasil, com tantos escândalos e conchavos, acordos infames, em que grupos, antes inimigos, somam-se agora aliados, por uma luta insana de poder.

Nesta efervescente conjuntura da política brasileira, em que uma presidente da república eleita pelo voto direto, de quase 54 milhões de pessoas, perde o mandato e torna-se a segunda presidente da República, da era democrática a sofrer o processo de impeachment, a comunidade que historicamente não é considerada em nenhum espaço midiático, aparece sendo contemplada, em quase a totalidade dos programas eleitorais aqui na capital do Amapá. Dedicarei então uma seção para refletir sobre a questão política e os surdos no Amapá.

5.3 Os Surdos votam?

Antes de qualquer coisa: FORA TEMER! Este tem sido o grito de resistência pelo Brasil a fora. Vive-se um momento único na história da política do país. E esta será uma das questões apontadas nas entrevistas pelos surdos, a questão impeachment, e inclusive a falta de acesso a ele para os surdos. Preciso então iniciar esta sessão fazendo uma breve ponderação a este respeito.

Após vinte e quatro (24) anos dos “caras pintadas” e de um presidente eleito da era democrática ser *impechestado*, a primeira Presidente da República, indo contra uma hegemonia patriarcal histórica na política brasileira, é também protagonista de uma história cinematográfica, dantesca, triste, ilegítima, mas digna de um belo filme, por isso me referi ao termo cinematográfico.

E para fazer esta breve e modesta reflexão sobre o impeachment sofrido pela Presidente Dilma Rousseff aos 31 dias de Agosto de 2016, com 60 votos favoráveis e 20 contrários. Usarei alguns teóricos para me salvaguardar de quaisquer equívocos, já que esta não é a temática central deste trabalho. Entretanto, é preciso vir à tona, pois como qualquer cidadão, os surdos também votam, e não poderia falar do processo eleitoral e suas nuances para a comunidade surda brasileira passando por cima do maior fato histórico do Brasil no ano de 2016.

Em sua coluna, Huff Post Brasil, Fontes (2016) fez análises profundas sobre o processo de impeachment, concluindo que foi ilegítimo e com base em questões levantadas por juristas, foi também ilegal. A Presidenta foi imputada o crime de responsabilidade fiscal, as famigeradas pedaladas fiscais. Intrigantemente, outros presidentes que a antecederam fizeram os mesmos atos, tanto Fernando Henrique quanto Lula usaram das pedaladas para equilibrar as finanças do país. Mas diz Fontes (2016) em sua coluna, de acordo com o Deputado Carlos Sampaio, aprovou a abertura do processo de impeachment porque Dilma teria usado as pedaladas por 14 meses, enquanto os outros dois presidentes mencionados, apenas quatro vezes, entretanto, para estes não houve crime, implica dizer que só se configura crime pelo número elevado de vezes que o/a presidente fizer uso do mecanismo das pedaladas.

Até a publicação do sociólogo Fontes (2016), que foi em 14 de abril do corrente ano, o impeachment era um processo aberto na câmara dos deputados e que ainda seguiria para o Senado Federal, logo, muitas conjecturas ocorriam de

vários juristas, sociólogos, economistas, educadores renomados. Contudo, todos em suas análises, sempre consideravam a perda do mandato, caso se consumasse o processo e também a perda dos direitos eleitorais, pela presidente e, nisto, algo mais esdrúxulo aconteceu, pois a Presidente perdeu seu mandato, porém, não perdeu seus direitos políticos, o que fomentou muita discussão. Como dissociar a pena de um crime? Como ela teria cometido às pedaladas e não sofreria por isso a sanção de perder os direitos de se candidatar? Notadamente, seus algozes demonstraram a fragilidade, e a precariedade do ponto de vista jurídico do processo.

Mas voltemos um pouco na história para tentar compreender como é o processo eleitoral no Brasil. Goldman (1991), comentando as eleições no Brasil, nos adverte de que o voto é uma conquista do povo brasileiro, e de que, não se pode esquecer os períodos da Ditadura Militar (1954-1989) e antes dela, o Estado Novo (1938-1945) e o processo de redemocratização que se iniciou no país nos idos de 1945-1990. Até este período, o povo brasileiro não poderia votar e assim escolher seus representantes, por isso é considerado uma grande conquista para o povo e pelo povo brasileiro.

Goldman & Palmeira (1996), diz que é muito recente o interesse de antropólogos em compreender sociedades mais complexas, ou seja, as sociedades das quais eles fazem parte e a política aparece como um dos grandes rituais presentes nestas sociedades.

Neste sentido, até para que entendamos o sistema político brasileiro, será um grande desafio, entretanto, não posso me furtar a refletir sobre a questão. Sobretudo, quando vivemos em 2016, o ano de um dos maiores eventos políticos da história do Brasil.

Neste contexto, uso aqui a fala de dois interlocutores. Valho-me da expressão, “fala”, por entender que o surdo ao sinalizar, ou seja, usar a Libras para se comunicar, tem o mesmo sentido do falar, ou oralizar, e como todas as entrevistas e conversas com os surdos foram em libras, sempre usarei o termo falar, para dizer que os interlocutores da pesquisa fizeram suas inferências sobre as temáticas abordadas, tanto quanto faria um não surdo, usando a língua portuguesa. Faço aqui uma nova alusão a esta questão por entender que esta pesquisa não está sendo feita no campo da educação, por isso, é importante deixar algumas expressões claras aos leitores. O que não seria necessário se fosse uma pesquisa no âmbito da educação.

Neste sentido, um dos interlocutores, Bianor, já apresentado anteriormente, falou sobre as eleições municipais, o processo do impeachment, ocorrido no último dia 31 de agosto, já mencionado no início desta sessão, e ainda do processo de tradução na propaganda eleitoral.

A primeira questão abordada por Bianor foi o impeachment. Disse que sabe que a presidente perdeu o mandato, que isso é muito estranho, mas não consegue falar profundamente sobre o assunto:

Durante todos estes meses, assim como eu, muitos surdos ficaram sem estas informações, na medida em que nenhum jornal televisivo da tv aberta dispunha de intérprete de Libras. Em casa já é bem sabido que nós não temos informação, ninguém sabe língua de sinais, então não conseguem nos informar e explicar o que estava ocorrendo. Consegui algumas informações com alguns amigos surdos, mais esclarecidos, que tentaram difundir nas redes sociais o que estava acontecendo na política do Brasil. Mas informação muito solta sabe? Tenho muita raiva disso, queria entender o que é impeachment da Dilma, mas não tem informação para surdo. Quando o assunto é voto, eleições, para o ouvinte é fácil, mas para o surdo não. O direito a votar é de todos, mas não tem acesso ao surdo. Na verdade assim como em outras áreas, não somos respeitados, na política é a mesma coisa. Faltam intérpretes em todos os lugares, concurso público, Enem, na saúde. Este é ainda pior, porque o surdo morre por falta de alguém que saiba se comunicar. Em vários espaços, temos direito ao acesso, mas na prática precisa avançar muito. Se as coisas funcionassem como deveria, tudo seria melhor para os surdos, mas se, por exemplo, precisa de intérprete na autoescola, não tem, parece que surdo não precisa tirar habilitação, porque é surdo, não saberá dirigir. Porque, por exemplo, o ouvinte quando vai votar ele sabe o que o candidato falou, mostrou de proposta. E o surdo? Onde tem acesso para o surdo saber de política? Para saber as propostas de candidatos? Não tem nada, em lugar nenhum. Eu quero votar sim porque é meu direito, mas não quero votar desse jeito sem saber nada do candidato. Na política é igual na escola, falta acesso para o surdo, as aulas são oralizadas, não tem intérprete e o surdo fica só olhando sem entender nada. Na política é igual, tudo é oralizado, não tem intérprete, e o surdo vota por obrigação, não tem consciência de nada porque não tem acesso as informações (fala de Bianor, refletindo sobre a política. Entrevista em 17/09/2016).

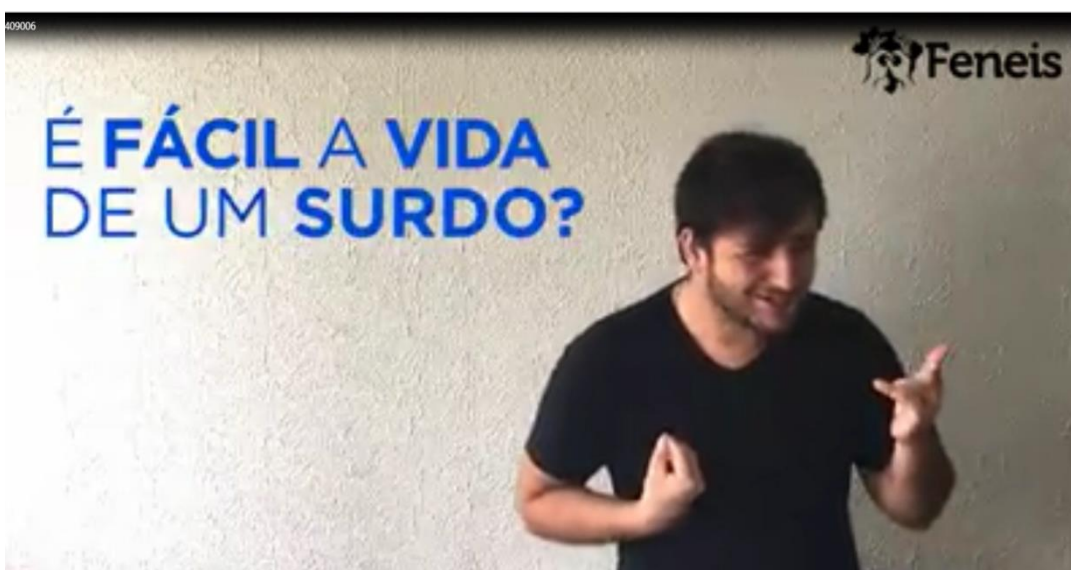
Nas palavras (sinais) de Bianor, fica latente a discussão de um grupo nitidamente apagado socialmente. Em Santos (2006), a ecologia dos reconhecimentos incide na discussão da desqualificação e que recai incisivamente nos agentes sociais. Assim dizendo, quem é igual e diferente a partir da

colonialidade do poder capitalista, que identifica diferença com desigualdade, e determina quem é igual e diferente.

É por esta razão que se traz para esta discussão o surdo. Historicamente excluído socialmente se enquadrando no paradigma imposto pela monocultura do inferior, que está aquém da igualdade da sociedade. E por assim dizer, diferente e, por conseguinte, inferior. Nesse sentido, a sociologia das ausências, proposta por Santos (2006), está contra este princípio colonial que determina o diferente e o igual, e propõe uma nova articulação entre esta dicotomia.

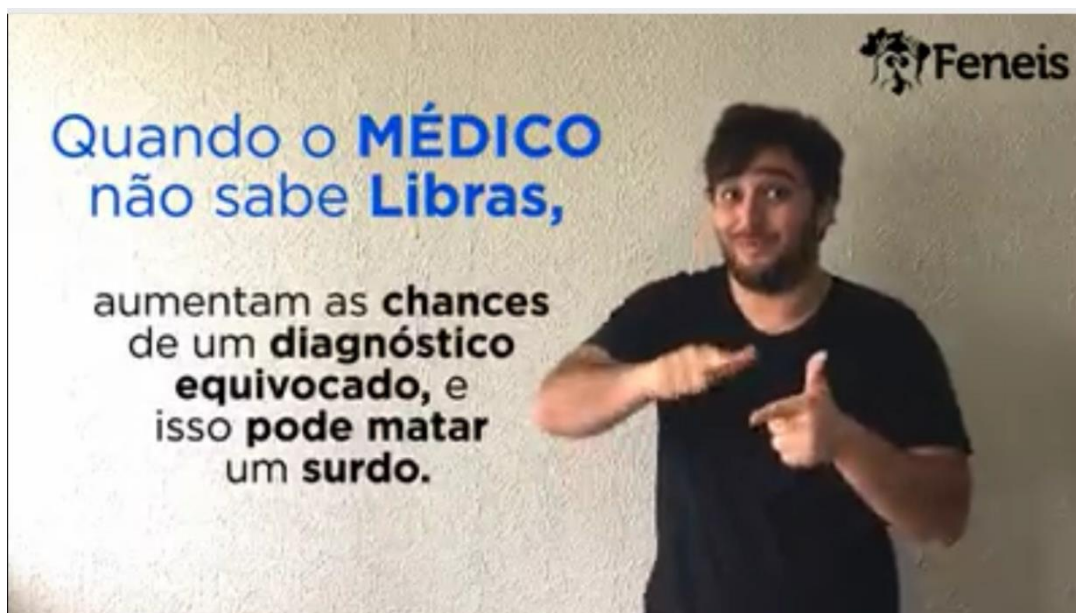
Nesta proposição aqui elencada por Bianor, ao falar de seus direitos como cidadão, em vários campos sociais, e, sobretudo, no campo da política, há poucos dias atrás, meados de agosto do corrente ano, a Federação Nacional de Surdos (FENEIS), divulgou um vídeo em que demonstra as consequências negativas da falta de acesso que o surdo sofre na sociedade, por esta não possuir a Libras devidamente integrada, e por não ter intérpretes em momentos tão necessários da vida destas pessoas. O vídeo circula em muitas páginas nas redes sociais e os grupos de surdos e associações têm difundido para que estes se empoderem de seus direitos como cidadãos, e busquem garanti-los. Abaixo algumas imagens do vídeo produzido pela Feneis.

Figura 64: Vídeo Feneis sobre a falta de acesso em Libras para o surdo.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Figura 65: Vídeo Feneis sobre a falta de acesso em Libras para o surdo



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

E assim como muitos surdos jovens de sua idade, Bianor tem se engajado na luta por mais direitos. Ele diz:

Precisamos de intérpretes em todos os espaços, não aceito mais intérpretes que não têm fluência, que fala sinais soltos, ou a pessoa está lá falando, falando, o intérprete, sinaliza três ou quatro sinais e acha que isso me convenceu, eu não aceito, você aceitaria um médico que não sabe ler seu exame? Por que eu tenho que aceitar um intérprete qualquer? Precisa melhorar, precisa ter fluência, conhecimento profundo. Eu tenho curso superior, sou formado, preciso de informações precisas e não ser tratado como criança que ainda não sabe nada (fala de Bianor, refletindo sobre a política. Entrevista em 17/09/2016).

De acordo com Santos (2006), a vida da comunidade surda amapaense se relaciona diretamente com a lógica da produção social, extirpando socialmente o surdo e o colocando como inferior socialmente, frente aos demais atores sociais. Ao que parece, a lógica do apagamento tem sido uma constante na vida destas pessoas e se pensar numa questão tão importante como o voto, a escolha de seus representantes, a exclusão fica ainda mais latente.

Ainda seguindo no campo da política, a professora surda (Josy) também mencionou como tem sido para os surdos. Como ela percebe este momento de campanha política:

Precisamos considerar algumas questões sobre isso. Primeiro porque os surdos não se interessam em ver o horário político mesmo com a janelinha de tradução. E eu disse bem, porque é

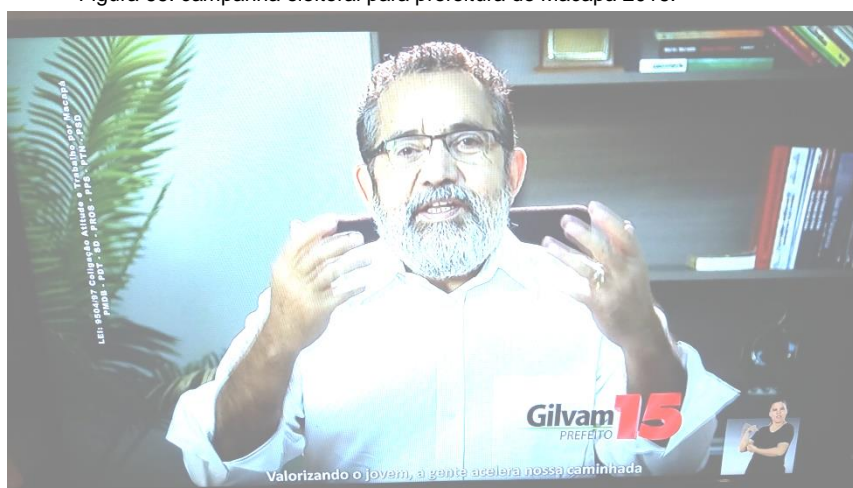
uma “janelinha”, quem consegue enxergar aquilo? É muito ruim para ver. Os intérpretes sinalizam muito rápido porque tem o tempo da televisão né? E também muitos só vão ali pelo dinheiro, não se preocupam se vai ficar boa a imagem, se o tamanho é adequado, se o tempo é suficiente para o surdo ver, enfim. Eu por exemplo, até hoje, sou adulta, formada, mãe, mas não me interessa em ver “aquilo” (fez um sinal de desprezo neste momento). E os outros programas de TV? Por que não tem tradução? Novela, jornal, filme, séries, tanta coisa que tem na televisão, e em nenhuma delas eu vejo tradução em Libras. Só agora que acham importante? Não sou boba, só querem voto. Alguns até falam de inclusão, de ônibus adaptado, Libras. Mas quando acaba a campanha esquecem os surdos. E outra questão importante, os candidatos escolhem os intérpretes não por ter fluência, mas por proximidade, são seus amigos pessoais e muitos desses intérpretes vão pelo dinheiro, infelizmente. Por isso, muitos surdos e eu não nos interessamos em ver propaganda política. Precisa haver acesso em toda a campanha. Não vejo candidato nenhum dizer que colocará tradução permanente nos programas de televisão, um sequer. Já seria um bom começo. Um absurdo! Muitos surdos não sabem reconhecer isto, mas já tem alguns que sabem e aí fico revoltada com isso. Por que não colocam tradução no jornal da Globo, que todo mundo assiste? Engraçado isso né? Agora disso, o que é ruim, é que a maioria, digo, quase todos os surdos, posso até contar aqui os que sabem votar. Porque a grande maioria vota assim: o pai, a mãe, no dia da eleição lhe entrega um papel com os números para votar. Os surdos votam sem consciência nenhuma. Nem sabem o que estão fazendo naquele momento sabe? (fala de Josy sobre a política. Em 18/09/2016).

No pleito eleitoral de 2016 em Macapá têm-se sete (7) candidatos para a vaga de prefeito. Em todos há a janela de tradução, com um intérprete sinalizando o que os candidatos falam. Para vereador, exatos trezentos (309) candidatos, destes, a grande maioria, também contam com a janela de tradução em Libras. Vejamos alguns exemplos do que tem sido veiculado no horário político local.

O tamanho da janela de tradução, como bem disseram Josy e Bianor, muito aquém, as dimensões e a qualidade da imagem, tão baixas que comprometem o entendimento do telespectador. É importante dizer que as fotos que aqui serão apresentadas sobre a campanha política, já passaram por edição, para que pudessem ser melhor visualizadas, e podermos destacar a janela de tradução na imagem. Evidentemente que, se forem questionados (os candidatos), todos dirão que estão atendendo a legislação eleitoral, estão garantindo a acessibilidade de

peças surdas. A eterna ²⁷performance nos termos de Goffman (2012), pois ao analisarmos as falas de Bianor e Josy, é possível identificar o quanto estas ações, a disponibilização de janela de tradução, a contratação de intérpretes, mesmo sem fluência em Libras, existem muito mais por amizade do que por competência técnica, ou por serem muito conhecidos entre os surdos, e assim garantirão muitos votos. Em todas estas ações percebe-se grandes performances.

Figura 66: campanha eleitoral para prefeitura de Macapá 2016.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Goffman (2012) afirma que, na busca pela preservação de sua fachada, um indivíduo naturalmente irá performar. Neste caso, percebe-se a performance do candidato, porque busca com atitude “politicamente correta”, dar a acessibilidade aos surdos, sem que seja questionado por esta comunidade. Bem como performa também o/a intérprete, na medida em que, tenta demonstrar conhecimento linguístico de Libras, quando não o tem.

Josy disse: “E outra questão importante, os candidatos escolhem os intérpretes não por ter fluência, mas por proximidade, são seus amigos pessoais e muitos desses intérpretes vão pelo dinheiro, infelizmente. Por isso eu, e

²⁷ A expressividade do indivíduo é, portanto sua capacidade de dar impressão; pode ser a expressão que ele transmite e a expressão que emite. A que transmite abrange os símbolos verbais, ou seus substitutos, que usa propositalmente para se comunicar e a que emite inclui uma gama de ações. O indivíduo transmite informação falsa intencionalmente por meio de ambos estes tipos de comunicação, o primeiro fraude e o segundo dissimulação. Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhes interessa transmitir. As vezes o indivíduo agirá de forma calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhes interessa obter. Ocasionalmente, expressar-se-á intencional e conscientemente de determinada forma, mas, principalmente, porque a tradição de seu grupo ou posição social requer este tipo de expressão (GOFFMAN, 2012).

muitos surdos, não nos interessamos em ver propaganda política”.

E além da janela de tradução, existe a legenda em português. Mas como já se viu aqui neste trabalho, português não é a língua natural do surdo, ela deve ser ensinada na modalidade escrita aos surdos, mas isto não acontece. Os surdos vão à escola sem saber Libras e, por conseguinte, não aprendem a segunda língua, o português.

Figura 67: campanha eleitoral para vereador de Macapá 2016.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Josy em sua entrevista:

Precisamos considerar algumas questões sobre isso, disse ela. Primeiro porque os surdos não se interessam em ver o horário político mesmo com a janelinha de tradução. E eu disse bem, porque é uma “janelinha”, quem consegue enxergar aquilo? É muito ruim para ver.

Figura 68: campanha política para prefeitura de Macapá 2016



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Josy em sua entrevista :

Agora disso, o que é ruim, é que a maioria, digo, de quase todos os surdos, posso até contar, aqui, os que sabem votar. Porque a grande maioria vota assim: o pai, a mãe, no dia da eleição, lhe entregam um papel com os números para votar. Os surdos votam sem consciência nenhuma. Nem sabem o que estão fazendo naquele momento sabe.

Em 2015, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria do Audiovisual, lançou um guia para organizar e tentar normatizar as produções audiovisuais no país, quando das traduções em Libras ou legendas em português, para pessoas surdas. E audiodescrição para pessoas cegas. No documento, constam as dimensões para as janelas de tradução, bem como quais as especificações, inclusive de formação, do profissional que fará as referidas traduções.

O documento tem como princípio normativo Leis, como a nº 10.098 de 2000, chamada Lei da Acessibilidade. A Lei nº 10.436 de 2002, o Decreto nº 5626/2005, tanto a Lei quanto o Decreto dispõem sobre a Libras. Sendo assim, o guia surge a partir de uma possível política de acessibilidade para pessoas com deficiência.

O mesmo documento ainda faz uma conceituação daquilo que define como “janela de interpretação em Libras”. Que seria toda tradução de uma língua de sinais para uma língua oral, ou o contrário, ou entre duas línguas de sinais, que deve ser feita por tradutor especializado. Sendo então o conteúdo de uma produção

audiovisual, traduzido “preferencialmente” no canto inferior direito da tela da televisão, simultaneamente ao programa. Importante salientar o preferencialmente, dando uma ideia de não obrigatoriedade, deixando as produções e televisões, livres para fazer a tradução como queiram.

O mesmo guia dá as especificações sobre tamanho da janela de tradução, que deve ser de uma altura de zero vírgula cinco (0,5) cm e de largura zero vírgula vinte e cinco (0,25) cm. Cor de fundo, iluminação, posição do intérprete, ou seja, enquadramento diante das câmeras. Estas devem estar entre dez (10) a quinze (15) cm da cabeça do intérprete na parte superior e na inferior, cinco (5) cm abaixo do umbigo (BRASIL, 2015).

Refletindo então sobre as condições em que a política é apresentada aos surdos. É preciso dizer que em suma, grande parte, senão a totalidade das informações e até da necessidade delas em chegar aos surdos, está se esvaindo e estes, assim como a massa da população do Amapá, de Macapá especificamente, estará como disse Josy, votando sem nem saber o que estará fazendo naquele momento.

Levados por um movimento coercitivo, da família em primeira instância, e pelo Estado posteriormente, os surdos votam por uma obrigatoriedade legal e não como deveria ser — fazendo o exercício de sua cidadania. O que não é privilégio somente dos surdos, mas de grande parte da população brasileira, e do Amapá. A questão básica aqui levantada é a da comunicação. Não comunicação, conseqüentemente, não dá acesso aos surdos, assuntos tão importantes como a política, eleições, e voto. Questões elementares para entender de sua realidade, e da realidade do país, pois, entender o processo eleitoral brasileiro, significa entender as nuances do poder institucionalizado no Brasil e, pensando na realidade local, entender o processo de “clientelismo” que ainda sobrevive, e que é determinante em quase todos os aspectos da sociedade amapaense.

Quem é do Amapá ou mesmo quem está aqui há alguns anos sabe que a “velha política” ainda determina o futuro da cidade de Macapá e do Estado. Existem acordos obscuros entre os políticos e que quase sempre são feitos entre suas famílias. Aqueles de muito prestígio local, que buscam a todo custo à manutenção do poder, numa eterna manutenção de cargos comissionados e contratos temporários, muitas famílias são obrigadas a fazer campanha, as famigeradas “bandeiradas”, na orla da cidade aos fins de semana. Caminhadas num clima

“ameno” de 40° à sombra, geralmente as 15h00min, em bairros periféricos. Ou ainda, os candidatos à reeleição, que usam o horário político para falar de seu amor por Macapá, de sua vontade de renovação da política amapaense, mas não prestam conta dos mandatos anteriores, como se fosse a primeira vez que estivesse se candidatando.

Questões como as relatadas acima, que deixam de serem conhecidas pelos surdos. A estrutura da política, as macro e micro questões que estão muito aquém de serem conhecidas por estes indivíduos, todo o engendramento, e que muitas vezes está mascarado na política, as tensões entre candidatos, os acordos entre partidos, os financiamentos de campanha, as performances feitas pelos candidatos e seus correligionários ao entrarem nas áreas de ponte da cidade, nos conjuntos habitacionais, agora uma realidade nova em Macapá. Enfim, o detalhamento de um grande sistema, como é o eleitoral, que está literalmente às escuras para os surdos. Uma vez que não há acesso comunicacional para estes, na família, na escola, no trabalho e na religião. Situações bem colocadas aqui pelos interlocutores surdos.

Questões estas que fazem alusão, nos termos de Palmeira (1996), aos conceitos de tempo da política e da política de facção, ou seja, como esta política, nos municípios, usa de artifícios para se manter na elite do poder, e como constituem grupos, muito sólidos, no intuito de estarem sempre com o poder nas mãos, evitando que outros grupos tomem este espaço, tão “caro” para estes grupos.

E disso os ouvintes se aproveitam, porque nós não temos representantes. Tá certo que temos as associações, a Feneis. Mais nada, além disso, precisamos de representantes na política. Não temos educação adequada para surdos. Muita coisa já melhorou, é verdade, já tem intérpretes em algumas escolas, já tem algumas escolas para surdos, mas falta muito, faltam escolas bilíngues para surdos que tanto queremos. E o que os candidatos ouvintes fazem? Pegam estas coisas, usam na campanha para se eleger e depois nos desprezam. Porque não temos quem nos represente e o grande problema é que os ouvintes, o próprio governo não tem interesse, nem acreditam que surdos possam se desenvolver. Então não tem investimento em nada (fala de Josy sobre a política. Em 18/09/2016).

Seguindo neste caso, os termos de Palmeira (1996). A política para os surdos não está presente a todo o momento, tem um período para fazer parte, ou ao menos tentar fazer parte do circuito interativo destes indivíduos, uma vez que o acesso a

esta discussão não faz parte do cotidiano desta comunidade. Além de ter um tempo, a política para os surdos está marcada de performances dos candidatos e notadamente os surdos identificam isto, criticando severamente a atitude destes durante o pleito eleitoral. Sobre isto, na última semana, um dos candidatos à prefeitura de Macapá postou numa rede social um vídeo sinalizando em Libras, notoriamente, na tentativa de conquistar os votos deste grupo, que durante o restante dos últimos três anos de seu mandato, não receberam nenhuma ação efetiva de apoio à acessibilidade, como bem disse Josy e Bianor em suas entrevistas.

Figura 69: campanha eleitoral para prefeitura de Macapá 2016.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Este foi o vídeo veiculado no dia dedicado às pessoas com Deficiência. Em alguns comentários foi possível ver a alegria de alguns surdos, ao ver o candidato sinalizando, mas também outros, alertando para a performance, com intuito de conquistar votos. E diferente de outros anos, neste pleito já se percebe, ao menos entre alguns dos interlocutores surdos desta pesquisa, alguma consciência política, na escolha de seus candidatos, e ainda mais, a preocupação em alertar os demais de sua comunidade.

Neste contexto do sistema eleitoral brasileiro, e amapaense, por conseguinte é interessante notar como este jogo, estas nuances, ténues, quase imperceptíveis, nas interações entre os indivíduos. Ao que parece nos termos de Goffman (2012),

estes indivíduos desenvolvem uma habilidade social, tamanha, que dificilmente passarão por qualquer tipo de constrangimento, frente a outras pessoas. Pois demonstram muita habilidade, nas interações face a face. Conseguem manter sua fachada protegida de qualquer possibilidade de constrangimento, a partir do jogo que fazem. Desde a expressão facial e corporal, dando uma ideia de conhece quem está do outro lado da televisão, com sorrisos, olhar fixo e alegre. O que chama muito a atenção de surdos, pois têm sua experiência cultural, pautada na visualidade.

Figura 70: comentários em rede social, sobre o vídeo do candidato a prefeitura usando Libras.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

A partir dos comentários, se percebe o esforço de alguns em desvelar as intenções implícitas no vídeo. E de pronto, se vê também certo fascínio, pelos demais, quando veem uma figura pública como esta, sinalizando em Libras. Durante muito tempo, os surdos foram, e porque não dizer, ainda são estigmatizados socialmente, preteridos, e obrigados a assumirem modelos sociais que não são os seus, prejudicando seus processos cognitivos, de aquisição de linguagem, e, sobretudo, de identificação com outros surdos. Neste sentido, quando enxergam

uma possibilidade de comunicação e de acesso, dificilmente, conseguem ver o pano de fundo numa ação como esta, dentro de um período tão complicado, que é o eleitoral.

Seguindo as análises, na próxima seção falarei da aquisição da linguagem em pessoas surdas e como esta influencia em seu desenvolvimento, social. A partir das trajetórias dos surdos, contadas neste trabalho, procuro demonstrar a problemática que é para uma pessoa que não ouve, interagir em qualquer ambiente social que esteja presente.

5.4 Aquisição da Linguagem para os surdos.

Entendendo a linguagem como princípio básico para a regulação do pensamento, diria então que os surdos, por não terem acesso a esta referência ainda na infância como qualquer indivíduo, tem seu desenvolvimento seriamente comprometido. Todo ser humano necessita de uma internalização da linguagem, para que possa efetivamente dar sentido à vida em seus aspectos biológicos e sócio históricos. É preciso, antes de tudo, uma referência, que seja um adulto, para dar-lhe, a partir da interação cotidiana, as condições necessárias para esta efetividade. A criança terá, neste outro, o mediador dessas referências que necessita (MORATO, 2002).

A isto, chamaria de aquisição da linguagem. Tão importante a qualquer ser humano, e que para muitos surdos é totalmente negada por muitos anos. Pensando então no processo de aquisição da linguagem por pessoas surdas, faz-se necessária outra digressão, sem essencializar este trabalho, mas para tentar compreender de forma mais profunda as interações familiares, quando se têm surdos.

Essa estranha, mas singular palavra que detém uma enorme discussão em torno de si — A linguagem. Durante muito tempo foi concebida como o determinante para dizer se um indivíduo é ou não humano. Era a distinção que dava a qualquer indivíduo o status de ser humano, ou seja, dotado de inteligência e linguagem.

Partindo desta reflexão, pensemos então o quão excludente e determinante, socialmente falando, é dizer que a linguagem era o que definia o caráter inteligível de uma pessoa. Vygotsky, em 1934, já nos alertava para a situação, de que é impossível compreender como se dá a relação entre pensamento e linguagem, sem

antes entender a relação entre pensamento e palavra. E ainda para aqueles que acreditam que o pensamento e discurso estão associados, estão fechando a porta ao real problema. Não se pode acreditar que a linguagem é um mero adereço que reveste o discurso, externa ao pensamento. Ora, se ao fazer a distinção, a separação entre estes dois, pensamento e linguagem, não se pode imaginar uma relação intrínseca entre eles (VYGOTSKY, 1934).

Usando como base teórica os estudos psicológicos de Vygotsky (1934) para a concepção do que seja linguagem então, dispor da discussão entre esta e o pensamento, para então fazer uma reflexão plausível e poder sustentar a teoria de que esta, a linguagem, está separada do pensamento, é independente, e por assim ser, não se pode entender que um indivíduo que não fala (oraliza), não é humano, e por isso não tem linguagem.

Outra concepção importante neste contexto é que, para entender a linguagem nos conceitos de Foucault (2009), ao relacionar não só a concepção do que seja, mas dizer que a evolução desta, a linguagem, se deve notadamente ao surgimento da escrita, que assim a fez convalidar-se. Nesta discussão então, pensar um indivíduo que usa uma língua visual-espacial, sem um volume escrito significativo, como qualquer língua oral-auditiva, é excluí-lo de qualquer processo social. Entretanto, antes de entrar nesta seara, os surdos, vejamos outra concepção para linguagem.

Em Saussure (2006), a linguagem é um elemento da comunicação, formado de dois outros constituintes, a fala e a língua. Sendo assim, a linguagem é totalizadora de todas as manifestações, físicas, fisiológicas e psíquicas no processo comunicativo. Nesse sentido, se a linguagem é uma manifestação maior de comunicação, há que se considerar então, toda e qualquer possibilidade para efetivação desta, a comunicação.

Em Foucault (2009) há uma narrativa para exemplificar o que seja a linguagem. Conta que Homero, ao referir-se aos deuses, diz que estes poderiam ter mandado a morte como infortúnio aos homens, para que estes pudessem contá-los, e as palavras assumissem neste evento, seu papel mais fundamental. Aqui, Foucault reforça a ideia de que foi por meio da escrita que a linguagem se perpetuou no mundo.

Contudo, por meio destas afirmações, cria-se dicotomicamente um paradigma, o de que a linguagem, obrigatoriamente necessita da palavra escrita para se firmar,

para se perpetuar e mais: a crença de que somente a linguagem verbal, oralizada, é que detém esta possibilidade. Houve então uma cisão ao se pensar o que seja a linguagem.

E neste contexto é preciso então refletir sobre algumas questões, a de como o indivíduo desenvolve, adquire uma linguagem. E para tal reflexão, precisamos lembrar que o cérebro humano é uma interessante máquina adaptativa, no sentido de ser estimulada e poder desenvolver uma linguagem. Os bebês, ao nascerem, começam seu processo comunicativo, instantaneamente ao interagir com a mãe, ao sentir o calor do corpo dela, na primeira mamada. Há troca de olhares, cheiros, peles. Neste instante, as sinapses cerebrais entram em ação e o cérebro, começa a trabalhar para desenvolver uma linguagem, a fim de estabelecer comunicação entre o bebê e a mãe.

Partindo desta premissa, a de que a linguagem precisa de uma interação entre indivíduos para que se efetive, voltemos às famílias dos surdos, os relatos feitos no início deste capítulo e a completa ausência de interação entre os mesmos. Freados por uma barreira invisível, a da comunicação, impedindo inclusive de desenvolver nos seus filhos surdos uma linguagem na idade em que qualquer outra criança desenvolve, seus pais passam a vida evitando contato, ou desenvolvem entre si, uma linguagem que não contempla uma língua, ou seja, não há nela uma estrutura organizada, mas sim gestos soltos e descontextualizados, dificultando ainda mais o desenvolvimento de seus filhos.

Bakhtin (2009) diz que quando ouvimos palavras, não ouvimos tão somente palavras, mas ouvimos vida também, que são verdades ou mentiras, coisas boas ou más. Implica dizer que as palavras estão carregadas de um conteúdo ideológico, normativo. É onde estão as regras sociais. Ora, se o surdo não ouve estas palavras, como aprenderá sobre essas regras sócias? É preciso então outra forma de comunicação contemplada na linguagem.

Goldfeld (2002) refletindo sobre a linguagem e a surdez, diz que há então um atraso no desenvolvimento desta linguagem para os surdos, pois como podem desenvolver uma linguagem, uma consciência, se não têm acesso à língua de sua comunidade, à medida que a maioria, quase a totalidade dos surdos, inclusive aqui no Amapá, nasce em lares em que a língua usada é oral-auditiva (português) e não a visual-espacial (libras). E se as palavras, os signos, aqueles descritos por Bakhtin estão impregnados de um conteúdo ideológico, precisam ser acessados pelo

indivíduo, para que este desenvolva sua consciência individual. E esta só se torna consciência se de fato estiver repleta de signos.

Pensando então, nos surdos, mais uma vez trago Bakhtin (2009), ao afirmar que os signos ideológicos têm uma materialização. Pode surgir por meio do som, cor, movimentos do corpo, massa física ou outra coisa. Implica dizer que não será então somente a língua oral-auditiva, a fala oral, a única forma de usar um signo.

Assim sendo, o surdo não deveria ter tantos problemas ao adquirir sua linguagem, afinal, não tem impedimentos fisiológicos, por que então tem atrasos no seu desenvolvimento? Como se viu nos relatos dos surdos desta pesquisa, os espaços aos quais estes sujeitos são expostos não favorecem este desenvolvimento. Os pais, familiares como um todo, não estimulam o surdo a desenvolver sua linguagem (língua), ao contrário, buscam uma forma de normalização, buscam mecanismos para que estes desenvolvam a linguagem oral, como foi por muito tempo, com a proibição do uso das Línguas de Sinais em vários países, incluindo o Brasil.

Mas entendamos como se dá este processo de aquisição da linguagem, e desenvolvimento cognitivo nos indivíduos, e a partir daí o mesmo processo, em pessoas surdas.

Goldfeld (2002) nos ajuda a construir esta sistemática ao refletir sobre a aquisição da linguagem nos bebês. A princípio, os bebês, ao sentirem fome, choram, não por saber que a partir de seu choro a mãe o amamentará, em princípio, é uma questão fisiológica, mas a mãe, ao ouvir seu choro, logo o amamenta, neste instante o bebê constrói um significado de fome. Tanto quanto ele balbucia ou tenta apanhar algum objeto a sua volta, apontando ou levando as mãos, a mãe pega o objeto e entrega ao bebê, construindo para este um significado, que ao apontar ou tentar pegar um objeto ele o terá.

Esta é uma etapa bem simples, que desencadeia um processo extremamente complexo na mente do indivíduo, construindo significados para tudo que está a sua volta e estabelecendo comunicação com o exterior, a este complexo processo, chamamos linguagem. Neste contexto, os adultos, pais, familiares que convivem com a criança, iniciam um grande processo de aprendizagem, a língua. Ao falar próximo da criança o adulto estará estimulando esta a também falar. É comum ver os primeiros balbucios de um bebê, logo após ouvir seus pais falarem. Indica que

sua fala interior está sendo estimulada, e com isso, seu desenvolvimento intelectual (GOLDFELD, 2002).

A criança neste processo passa a desenvolver mais e mais as estruturas mais complexas. Ela começa a interagir com o meio. Num primeiro momento, a partir da fala social, e é um dos passos para que esta criança comece a substituir esta fala social, de outros indivíduos, por sua fala. É comum ver a criança conversando sozinha, em frente a um espelho, brincando como se tivesse outra criança próxima a ela. A isto chamamos de fala egocêntrica. Neste período, entre dois e três anos, o pensamento e a linguagem tornam-se, interdependentes, a linguagem passa então a organizar e orientar a linguagem da criança, num processo fantástico de amadurecimento de estruturas superiores.

Após esta etapa, a criança passa a usar a fala como planejadora de suas ações, e não mais após as suas atividades, assim, suas ações serão geridas pela fala. Podendo planejar por meio da fala suas ações futuras. A criança, à medida que amadurece, deixará de usar a fala egocêntrica. E esta dará lugar à fala interior, demonstrando o nível cognitivo e de desenvolvimento linguístico da criança. Que gradativamente passará a diminuir o uso da verbalização, organizando a partir de seu pensamento suas atividades, desenvolvendo assim, seu pensamento verbal.

Pensando neste contexto, em que a linguagem organiza o pensamento e este organiza a fala e as atividades do indivíduo, a aquisição da linguagem segue então uma lógica, a de que o externo influencia o interno. Dominando o pensamento por meio da fala egocêntrica. Sendo assim, torna-se o instrumento mais importante que o indivíduo dispõe, pois, organiza e planeja, além de ter a função comunicativa, própria da linguagem. Neste sentido então se percebe o quanto as crianças surdas perdem, por não terem acesso a uma língua natural.

Minha infância foi muito difícil porque ninguém falava comigo. Via todos conversando a minha volta e eu só olhando com cara de besta, sem entender. Minha mãe vivia preocupada porque meu desenvolvimento era muito lento. Eu apenas fazia gestos soltos, apontando as coisas, às vezes pegava pela mão e levava até o que eu queria. E foi assim até eu crescer e aprender Libras. (fala de Rafael)

Entendendo que a linguagem será determinante para o desenvolvimento intelectual e sociocultural de um indivíduo, os surdos, assim como Rafael aponta

acima, passam anos de suas vidas sem a possibilidade de adquirir e desenvolver uma linguagem, sendo obrigados a aprender gestos soltos, ou oralizar uma língua que não é a sua, pois a grande maioria nasce em famílias de não surdos.

Strobel (2013) diz que pesquisas realizadas nos Estados Unidos, na Europa e aqui no Brasil comprovam que crianças surdas, que são filhas de pais surdos, não apresentam os mesmos déficits de linguagem que outras crianças surdas, filhas de pais ouvintes apresentam.

É importante dizer. O fato de crianças surdas, nascidas em lares ouvintes, não serem expostas a uma linguagem como as crianças ouvintes não significa que não desenvolvam a fala egocêntrica, elas desenvolvem, a questão é que, diferente das crianças ouvintes ou outras crianças surdas que foram expostas a uma linguagem para se desenvolver estas outras, não poderão entender ou dialogar sobre assuntos abstratos, pois não tiveram acesso a uma língua estruturada.

Não conseguirão falar sobre assuntos mais complexos, somente, e tão somente, o aqui e agora, pois terão uma linguagem extremamente limitada. Goldfeld (2002) concluiu em sua pesquisa que, crianças surdas que não são expostas a uma linguagem, conseqüentemente não constroem uma língua estruturada.

Ninguém em casa sabia Libras, não sabiam como lidar com um bebê surdo. Fui crescendo e aprendendo só gestos. As pessoas me apontavam e eu criava um gesto para as coisas, as pessoas de casa, enfim. Foi um período muito difícil porque eu não entendia nada a minha volta, todos só falavam, falavam (oralizavam). (Fala de José Ronaldo).

Entretanto, assim como outras crianças surdas que foram estimuladas a uma linguagem natural, conseqüentemente desenvolveram sua língua natural, ou crianças ouvintes que naturalmente são expostas, por meio da audição, a uma linguagem, língua natural, também têm a fala egocêntrica, e a fala social. A questão é que esta não conseguirá se desvincular do apoio concreto facilmente, para então desenvolver as funções organizadoras e planejadoras da linguagem (GOLDFELD, 2002). A isto se soma o fato da surdez ser vista pelos pais como incapacidade, inferioridade, as crianças surdas enfrentam uma grande barreira em seus primeiros anos de vida, o desenvolvimento de sua linguagem, e conseqüentemente de sua autonomia como pessoa. É comum as famílias afirmarem que não sabem libras, e não têm interesse em aprender, forçando seus filhos a aprenderem a oralização.

Vejamos o que Maria José diz sobre seu convívio familiar:

Em casa hoje minha família é muito grande há sempre festas, aniversários, todos nos amamos, mas somente um sobrinho sabe falar em libras com a gente, e somos 4 irmãos surdos, sempre dá um jeito na hora de se comunicar, usam gestos e a gente tenta ler os lábios deles, mas até hoje, tenho quase 40 anos nem minha mãe, nem meus irmãos aprenderam língua de sinais.

Há uma inequívoca falta de interação entre uma jovem surda, de quase 40 anos e sua família. E assim como Maria José, esta é a grande dificuldade de muitos surdos. As principais línguas usadas no cotidiano são as orais-auditivas, e a surdez impossibilita a criança surda de adquiri-la naturalmente como as demais. Percebe-se então que o problema não está na pessoa surda, sendo assim não é uma deficiência fisiológica, mas uma deficiência social, pois esta nas outras pessoas, em não saberem se comunicar e ainda fazer seu papel, no sentido de estimular as crianças surdas, a adquirirem uma linguagem, e conseqüentemente sua língua.

Uma criança não cria conceitos, não usa as palavras e seus significados sozinha, ela precisa de um adulto para então desenvolver estes conceitos. Quando a criança olha para água, aponta e fala água, antes ela ouviu ou viu um adulto fazendo o mesmo movimento, assim ela construiu o conceito para a palavra água, e que ela poderá usar em situações diferentes, com significados diferentes. Neste sentido, a criança precisa de interação com sua comunidade, para então desenvolver estes conceitos, organizando sua forma de pensar e agir a partir deste recorte de mundo, ou seja, a partir das características culturais da comunidade em que ela esteja inserida.

Nasci ouvinte, mas depois de um sarampo muito forte fiquei surda e minha mãe só descobriu 1 ano depois, não sabia como lidar comigo e, fiquei muitos anos sem me comunicar com ela e meus irmãos. Só conseguindo entender de fato o mundo a minha volta quando fui para a escola e conheci outros surdos que me ensinaram Libras. (fala de Josy em sua entrevista).

Ao ver o relato de Josy é possível compreender então porque ao encontrar outros surdos é que pode entender o mundo a sua volta. A ausência de interação com a família a impediu de desenvolver sua linguagem e a criação de conceitos era muito comprometida, precisa ainda de um referente, de alguém mais experiente para então lhe auxiliar neste desenvolvimento.

Rafael e Dayse, interlocutores desta pesquisa, são surdos, e já aqui trouxeram sua trajetória junto à família, sob a ótica da aquisição da linguagem, e assim como os demais interlocutores, extremamente problemática e estigmatizada pela surdez. Entretanto, eles têm uma filhinha ouvinte, e que agora, com quase dois anos de idade, já está em processo de aquisição duas línguas distintas, a língua de sinais e o português. Em visita a casa de amigos ouvintes, eles estavam em companhia de outros surdos, sua filhinha foi a estrela do evento, as pessoas se mostravam sempre muito admiradas, olhavam para como ela brincava, como qualquer criança de sua idade, pulando correndo, mas algo chamava atenção de todos, ela não gritava, não oralizava para os pais quando queria algum objeto a sua volta.

Tentei fazer um teste com ela, olhei para ela e sinalizei em libras um oi, e depois perguntei se ela estava bem, ela me olhou fixamente, como se estivesse analisando se eu era surdo ou ouvinte, para então escolher de que forma responderia, e sinalizou com as mãozinhas, sim. Logo em seguida pedi que alguém oralizasse com ela para ver se ela iria responder oralizando ou sinalizando, imediatamente ela olhou para a moça que a chamou e oralizou oi. Ai todos os ouvintes começaram a se espantar com a capacidade de uma criança tão pequena, e que já sabe definir qual língua usar na hora de dialogar e, estabelecer interação com seus familiares.

Esta é uma experiência inversa da maioria que temos visto neste campo, pois, aqui os pais são surdos e os filhos ouvintes, sim, porque além da bebezinha, Dayse tem outro filho de 12 anos do primeiro casamento, que também é ouvinte, domina muito bem a língua de sinais, porque assim como sua irmã, tanto a mãe quanto o pai são surdos. E traz a baila outra forma de ver estas pessoas, pois, comumente se vê a problemática de pais ouvintes com filhos surdos, e aqui os pais é que são surdos. E evidentemente perguntas como: como ela faz para criar essa criança? Será que ela tem ajuda de alguém? Como se qualquer mãe não precisasse de auxílio para criar uma criança, independente de ter uma deficiência ou não.

Ao refletir então sobre a forma como os surdos adquirem e desenvolvem sua linguagem, por conseguinte, uma língua, inferimos também no processo de interação familiar, apresentado anteriormente, e que se percebeu o quanto os surdos, filhos de pais não surdos, sofrem atraso no desenvolvimento de sua linguagem, conseqüentemente na aquisição de uma língua materna.

Poderia dizer que deveria ser a língua de sinais, mas isto também dependerá. Pois uma língua só pode ser materna, se o indivíduo for exposto a ela na mais tenra idade, o que não ocorre com surdos que nascem em lares de não surdos. Neste caso, a língua natural e não materna, deverá ser a língua de sinais. E o que se constatou aqui é que, na totalidade, os surdos só tiveram contato com a Libras na idade escolar, na infância ficaram presos a uma linguagem familiar, gestual, sem estrutura linguística, e características de língua, como outros indivíduos, não surdos são expostos naturalmente em seus lares.

Mais a frente, veremos como a aquisição da linguagem é também um dos fatores que contribuem no aprendizado das regras e valores sociais, a coercitividade social que é inerente às sociedades, e que deve atingir aos surdos, afinal são sujeitos sociais, entretanto, refletiremos como estas coercitividades se apresentam aos surdos e como estes constroem suas interações a partir destas.

E estas concepções fazem muita diferença no desenvolvimento da pessoa surda. Ao considerar que é um indivíduo que, como vimos até agora, vive excluído inclusive em seu ambiente familiar, quando não há interação, quando não estabelecem comunicação, pois grande parte de seus familiares, pais, irmãos, não o incentivam a aprender língua de sinais e assim poder se desenvolver de forma natural, como as crianças ouvintes, que tem o estímulo naturalmente feito a partir das interações, construídas com o apoio da audição, uma vez que são ouvintes.

Com a falta ou em sua maioria, a grande demora em adquirir uma linguagem, e poder aprender uma língua, os surdos têm um atraso em seu desenvolvimento, como se viu nas trajetórias dos interlocutores neste trabalho. Quase a totalidade deles só aprendeu língua de sinais na adolescência, e a partir daí é que de fato começaram a interagir com o mundo a sua volta. Durante muito tempo, o que determinava um homem como humano, era sua capacidade de obter uma linguagem e, por conseguinte, uma língua, diferindo-o assim dos irracionais. Sendo assim, os surdos só alcançam sua plenitude como indivíduos quando desenvolvem sua linguagem e aprendem a língua de sinais, deixando então o isolamento social que a maioria vive por ter nascido em famílias de não surdos, que não compreendem suas peculiaridades e características como alguém que não fala como os demais e, sobretudo, que não escuta.

Entretanto, diferente do que seus pais, e grande parte da sociedade pensa, não se sentem deficientes, pois afirmam não sentirem falta de algo que nunca

tiveram — a audição sentem-se pessoas comuns, como quaisquer outras. Com uma forma de ver o mundo que é única. O que é um tabu para os ouvintes, torna-se uma característica comum, corriqueira para os surdos.

Ao que parece, a deficiência, a perda, depende da lente de reflexão. Para ouvintes, as coercitividades os atingem com muito mais força, assim como os valores sociais, as regras desta ou daquela comunidade que estão inseridos. O que para os surdos não é da mesma maneira, e é o que veremos e refletiremos na próxima seção. Como os surdos demonstram construir suas próprias coercitividades sociais, as estabelecem com outra lógica, bem diferente daquela, corriqueiramente vista e sentida por indivíduos que ouvem. Mas entendamos o porquê destas diferenças.

5.5 A construção de regras sociais para os surdos.

Toda sociedade, comunidade ou grupo social, por menor que seja, constroem para si, formas, maneiras de conviver entre si de forma harmoniosa. A esta maneira harmoniosa de viver, poderia dizer que tem num pano de fundo, suas regras. Aquelas ensinadas desde a mais tenra idade, quando a criança ainda no colo, ao chorar muito a mãe logo lhe dá de mamar, assim ela associa ao ato de chorar a possibilidade de se alimentar. Ou ainda quando é forçada a fazer suas necessidades fisiológicas em local específico para isto, e não em qualquer lugar da casa. São formas bem incipientes de demonstrar e ensinar ao indivíduo que naquele grupo, ao qual ele agora pertence, existem algumas, por assim dizer, regras de civilidade.

Em vários locais e momentos da vida cotidiana, aprende-se desde cedo, como viver — como conviver, na verdade, junto a outros indivíduos. São as regras sociais que definem esta convivência. E nos termos de Certeau (2013), há locais que definem a organização coletiva dos indivíduos, tais como bairro e a rua, e eu diria dentro da própria casa, desses indivíduos há também esta organização coletiva, e que força seus moradores, a se enquadrarem no modelo social vigente.

Certeau (2013) diz que há um contrato, uma coerção que obriga os indivíduos a seguirem este ou aquele caminho, esta ou aquela atitude quando está presente e faça que a vida coletiva seja agradável a todos. Entretanto, é importante dizer que não se pode entender a obrigatoriedade, somente com um sentido ruim, de

repressão, mas também como uma possibilidade de criação de laços, ou seja, criação de vínculos do indivíduo com o grupo ao qual ele está inserido.

A coletividade, segundo Certeau (2013), é ensinada ao indivíduo, por meio de linguagens, códigos de comportamento, que a partir de uma prática tornam-se uma convenção. Logo, o viver em coletividade não precisa de um livro de normas, estas são ensinadas no cotidiano, sobretudo, familiar e depois nos outros ambientes que o indivíduo acessa: a rua em que mora, o bairro, a escola, o trabalho, a igreja, e os locais de lazer que frequenta. A partir dessas normas, regras, o indivíduo adquire o que chamamos de comportamento e nesse sentido, Certeau chama atenção para o fato de ter no corpo a centralização dessas ideias. E neste comportamento o indivíduo é obrigado a aderir a um sistema de valores, comuns ao meio em que está vivendo, e ainda eu diria aceitáveis, que Certeau (2013) chamou de máscara, e que Goffman (2012), chama de performance.

Sendo assim, em quaisquer grupos sociais, dos mais simples aos mais complexos, há um sistema de valores, de comportamentos, que devem ser seguidos por todos que compõem o grupo. E é interessante notar que este sistema, que é convencionado pelo grupo, passa muito sutilmente entre os indivíduos, ou seja, numa família, não se vê o pai, a mãe, ou qualquer outro mais experiente, entregando ao mais novo, a uma criança, por exemplo, um caderno com as regras a serem seguidas à medida que o indivíduo vá interagir com os demais. Mas as regras precisam ser obrigatoriamente absorvidas por todos os indivíduos. São então ensinados a partir de uma linguagem, sobretudo, oral e/ou corporal. E para tanto, é necessário que o sujeito, este novo componente do grupo, já tenha desenvolvido uma linguagem, já a tenha adquirido, para então fazer uso por meio da comunicação.

Pensando por esta lente analítica, como os surdos se encaixam nestes emaranhados de construções? Como a partir da experiência que já se viu aqui, que as famílias têm com seus surdos, podem ensinar estes comportamentos? E inclusive, num sentido coercitivo da palavra, educá-los, para que saibam o comportamento adequado a cada situação do cotidiano? Para, por exemplo, saber se portar em público, na rua, no bairro, na escola, enfim, nos mais diversos ambientes sociais que o surdo participa, ou deveria participar.

Sobre estas questões, já foi aqui salientado, que na maioria das famílias que possuem pessoas surdas, o nível de interação, sobretudo, nos anos iniciais de vida

destas pessoas, é quase zero, ou seja, em sua maioria, os surdos começam a desenvolver uma linguagem estruturada já na adolescência, adquirindo e aprendendo uma língua, na maioria das trajetórias aqui apresentadas, já quando jovens, com grandes atrasos na cognição, na interação e na vida social como um todo.

Nasci surdo, minha infância foi muito difícil porque ninguém em casa sabia Libras. Quando fui para escola aos treze anos, não compreendia nada a minha volta, mesmo lá as pessoas usavam muitos gestos, não era Libras, só um tempo depois é que começaram a ensinar Libras pra gente. E em casa era pior porque nem gestos usavam era só oralização, e eu tinha que fazer muito esforço para tentar entender o que diziam (fala de Hego em sua entrevista).

Em se tratando dos comportamentos adequados, ou seja, as regras sociais que deveriam ser ensinadas e aprendidas nesta fase inicial da vida dos surdos, como vimos no relato de Hego, este, só começou a perceber o mundo de fato aos 13 anos de idade, nesta idade, em outras crianças, as dúvidas são outras, não as que ela apresentava, como, por exemplo, de comer com a boca fechada. A uma grande parte dos surdos não é ensinado a “comer sem fazer som”, pois, como não ouvem, dificilmente conseguem perceber que o som que a boca faz, ao mastigar aberta, é inapropriado e incômodo, sobretudo quando estão em público. Ou quando caminham e arrastam os sapatos ou sandálias, não percebem que o som incomoda as outras pessoas, daí então não são considerados educados, andam fazendo barulho, mas o surdo não tem o apoio auditivo para perceber que está incomodando, precisa ser ensinado, e como a família, na maioria dos casos, não estabelece nenhum diálogo a respeito deste assunto, fica difícil para ele/ela perceber qualquer regra de comportamento.

Ninguém em casa sabia Libras, mesmo sendo a irmã mais velha de outros quatro irmãos também surdos não sabiam como lidar com a gente. Íamos nos virando, apontando as coisas, fazendo gestos pra tudo, e nós mesmos em casa criamos uma forma de comunicação, mas até hoje meus outros irmãos e suas esposas e esposos, filhos, quase ninguém aprendeu Libras. Mas as reuniões de família são sempre uma festa. Quando não estamos todos minha mãe faz vídeos com meu sobrinho do lado traduzindo e manda e mesmo com ele traduzindo ela faz alguns gestos. Seria bom que soubessem

Libras mas como não sabem não me faz tanta falta, porque nos amamos (Fala de Maria José).

Como um indivíduo que, de fato, não participa da vida social de sua família pode aprender o que são as conveniências, nos termos de Certeau (2013), de seu grupo social? Perceba como, na mais tenra idade, estes sujeitos são cerceados de adquirirem estes conceitos, tidos como implícitos a qualquer grupo. Neste sentido, o surdo será, notadamente, considerado como dissonante, pois não terá adquirido as regras sociais do grupo que pertence.

Sendo assim, há consequências para esta não aquisição de conveniências e regras sociais, aliás, vendo pelo prisma das famílias são consequências, mas para os surdos termina por ser uma possibilidade de construção de outra lógica para estas conveniências, ou seja, situações consideradas tabus, para as demais pessoas, para os não surdos, nem sempre são vistos assim entre os surdos.

Enquanto uma criança ouvinte aprende desde a mais tenra idade que há uma diferença de gêneros que se torna uma regra social que jamais deve ser quebrada, para os surdos nem sempre é assim. Por isso é comum, jovens surdos, ao sentirem desejo sexual por outra pessoa, não estabelecerem como regra para ter ou não qualquer relação, a marcação de gênero. Por ser assim, se relacionam com outros jovens surdos ou ouvintes do mesmo sexo, sem nenhuma culpa de caráter. E alguns mudam estas concepções, à medida que são “ensinados” a construir uma distinção de gênero e conseqüentemente, preconceitos e até tabus em relação a isto.

Juliana, ao contar parte de sua trajetória, disse que só aprendeu o que significava virgindade anos após estar casada, em contato com outros surdos mais velhos, pois sua mãe não sabia se comunicar com ela quando era adolescente, e mesmo depois de adulta não aprendeu língua de sinais, logo, não aprendeu nada sobre estas questões. Diferente de mães de filhas ouvintes, que não conversavam sobre sexo, por vergonha, por questões religiosas ou por não ter trato para lidar com o assunto. Mães de filhas surdas não dialogam sobre sexo porque não há uma língua comum em casa, às filhas surdas não aprendem Libras, tampouco as mães, mas apenas gestos desconexos.

Juliana conta em outro trecho de sua entrevista:

“conheço muitas jovens, meninas surdas que engravidam nos primeiros anos da adolescência por falta de diálogo. Não são instruídas, nem em casa, porque as famílias não se interessam em aprender libras, tampouco na escola, que a maioria das pessoas ouvintes sequer entende o que é ser surdo”.

Em contrapartida, os surdos constroem para si, suas conveniências. É comum as pessoas aprenderem como se portar em lugares públicos, não falar enquanto comem não gritar, não arrastar os pés, tratar as pessoas estranhas ao seu convívio sempre com muita formalidade, suavizando a fala, usando inclusive de eufemismos para não ofender nem transgredir quaisquer regras de civilidade.

Surdos são diferentes — Conversam bastante durante encontros para comer, não importando se estão à mesa ou não, caso estejam, recuam as garrafas pet para baixo da mesa, pois sinalizam para conversar e quanto menos objetos sobre a mesa para reduzir o “barulho”, melhor será, ou seja, as interferências no campo visual, pois, uma mesa cheia de muitas coisas dificultará o diálogo. Porque surdos dialogam sinalizando, e sendo assim, precisam de espaço e poucos estímulos visuais na mesa, para não distraí-los.

Entretanto, outras conveniências são semelhantes as dos ouvintes. Josy, ao sair num encontro de amigos surdos, diz que foi ofendida por uma amiga. Estavam conversando sobre religião, e a moça, repetidas vezes, afirmava ser diferente, ser melhor, porque “estava na igreja” e que estava terminando seu mestrado por “ter Jesus, em sua vida”, então disse: “Josy você precisa ir a uma igreja, precisa encontrar Jesus também”. Esta a interpelou dizendo que já fora a muitas igrejas, Batista, Assembleia e não se sentiu bem:

“Certa vez, estava num culto e o pastor começou a falar mal de Maria, mãe de Jesus, pedi para a intérprete, uma fala, queria questionar o que ele estava a dizer. E a intérprete sinalizava pra mim que não, não podia, que seria falta de respeito eu interromper o pastor. Continuei levantando a mão, até que o pastor viu e perguntou o que eu queria, porque estava levantando a mão? Então a interprete disse que não era nada, que eu estava com uma dúvida, mas que ela iria me explicar depois, eu fiz leitura labial do que ela disse. Fiquei muito irritada, pedi para ela traduzir o que iria falar. Ela se recusou. Fui embora ao meio do culto. Dias depois, voltei, o pastor me viu e veio falar. Pedi que ele falasse devagar, que eu conseguiria ler seus lábios, porque logo ele disse: desculpe, não sei Libras. Então eu tentei oralizar e disse: aquele dia

queria saber por que você falou mal de Maria, ela é a mãe de Jesus, você fala mal de sua mãe? Eu não falo mal da minha. Então ele começou a falar de outra coisa, fingindo não ter me entendido, por isso, agora sou espírita”. Quando disse isso, foi hostilizada pela amiga, disse que Josy estava errada, que isso era “coisa do diabo”, que precisava ir para uma igreja. Josy disse: “olha, eu respeito sua religião, então, por favor, respeite a minha. Desde então, não estamos nos falando. Ela é muito hipócrita, como todo “crente”, quer dizer que os outros estão errados e que só sua religião que está certa. Sem contar que lá, os surdos não são respeitados, não nos convidam a participar de nada, ficamos sempre sentados no banco vendo o intérprete”. (fala de Josy em sua entrevista)

Neste caso, as conveniências que se formaram em torno da religião, independente de ser surdo ou não, estão caminhando na mesma direção. Uma discussão sempre de verdade única e de intolerância com o diferente. A partir dos conceitos de conveniência de Certeau (2013), em que diz que esta reprime o que não convém, ou seja, o comportamento inadequado em meio a um grupo heterogêneo tende a ser reprimido. E a partir desta concepção, as regras sociais são estabelecidas. E mais, são estabelecidas sempre em consonância com os processos educacionais, que são implícitos a qualquer grupo social. Tendem a fazer o indivíduo ser submisso a elas, evitando quaisquer dissonâncias comportamentais, desde que se esteja na rua, deve-se seguir as regras que são impostas ao indivíduo.

O chamado saber viver social, elencado por Certeau (2013). As duas amigas ainda estão sem falar, romperam a relação, porque uma acha que foi ofendida por suas escolhas religiosas. Quando, na verdade, demonstra ter tido um comportamento dissonante daquele esperado pelo grupo ao qual estava no dia do passeio.

A partir da lógica de Certeau (2013) para a construção de conveniências e regras sociais, é interessante trazer a discussão que este faz do uso de sinais sociais, gestos, olhares furtivos e as performances corporais, na busca por estabelecer o uso das regras, que não necessariamente precisam de linguagem oral. Neste sentido, ninguém melhor que um surdo para fazer uso dessas linguagens de meias palavras.

Os surdos estão incessantemente usando o corpo para evidenciar sua comunicação, e por meio dele, estabelecem o uso das regras sociais, as que foram aprendidas em meio ao grupo que estão inseridos: família, trabalho, etc. Mesmo que seja um grupo de ouvintes, bem como também evidenciam as regras criadas em seu

meio, aquelas que só os surdos conhecem e tomam para si como as normatizações para viver, seja na rua ou no bairro em que moram.

É comum, por exemplo, os surdos usarem da “fofoca” para estabelecer diálogos com outros, e mesmo já tendo feito uma reflexão sobre esta questão, penso ser oportuno falar novamente, mas agora sob a ótica das regras sociais. E para eles (os surdos) não é visto, em muitos casos, como algo ruim, pejorativo. Alguns professores, intérpretes e até familiares dizem: se você quer guardar um segredo, nunca conte a um surdo, por que quando menos se esperar todos já estarão sabendo. Josy diz que uma de suas conhecidas, surda, lhe falou que não fala mais com uma determinada surda, porque sabe que esta “ficou” com seu marido. Josy perguntou: “como você sabe? Você tem provas de que ela ficou com seu marido?” E ela respondeu: “não precisa de prova, eu sei que ficou. Por isso não falo mais com ela”. Então Josy disse: “não levo em consideração muito do que ela diz, porque ela sempre fala mal de todo mundo. Tempo todo está envolvida em alguma fofoca”. Ao me contar esta história, sinalizou logo: “não fale a ninguém, é segredo, tá!”.

Mesmo não sendo uma vivência em que todos moram no mesmo bairro, por exemplo, mas ao que parece, a conveniência, aquela descrita por Certeau (2013), controla as ações e exige dos sujeitos, atitudes e comportamentos dentro de uma lógica, ou seja, restringe e impõe a estes envolvidos, as regras a serem seguidas, e à medida que são descumpridas, os indivíduos tendem a serem estereotipados, pois, no meio social em que vivem é preciso o saber viver, descrito por Certeau (2013) pois, pode ser considerado pelos demais, um atentado simbólico a integridade social do grupo.

Neste sentido, a conveniência social marca e impõe as regras, as quais todos do grupo devem seguir. Quando Josy mencionou que é praticante da religião espírita e não das chamadas, religiões convencionais, no sentido da aceitação pela sociedade, fora muito hostilizada por sua amiga surda, dizendo que ela “adora o demônio”, enfim, por demonstrar um desvio de comportamento, foi imediatamente, rechaçada pela amiga surda.

A partir desta situação vivenciada e relatada acima. Remete-me a reflexão ainda de Certeau (2013), sobre o conceito de prática cultural. Que seria uma combinação de elementos do cotidiano, como os políticos, descritos anteriormente, e os religiosos, e que são realizados dia a dia, por meio dos comportamentos, que o mesmo autor chamou de conveniências. E é interessante dizer que, a partir destas

práticas cotidianas, as conveniências, que são internalizadas pelos indivíduos que compõem o grupo social (e tamanha é a incorporação de tais conveniências), a complexidade de viver num grupo social, como o bairro, desaparece.

Entendendo este lugar social, como o bairro, uma grande possibilidade de interação, encontros, e trajetórias. É possível ver, a partir desta lente analítica, como os surdos, por muitas vezes, e quase sempre, se adequam as construções sociais dos lugares em que vivem. Em muitas vezes são obrigados a isto, sem poder criar suas regras e suas conveniências, acabam sendo engolidos pelo lugar onde estão inseridos. Mesmo concordando com Certeau (2013) ao dizer que os contatos interpessoais não são previamente marcados, as conveniências existem, e como tal, exigem dos indivíduos que as sigam.

Ainda em Certeau (2013) um indivíduo que nasce ou cresce num bairro, é obrigado a seguir as regras do lugar, ou seja, é preciso levar em consideração o lugar que se vive, do contrário, sofrerá, pois estará cometendo uma transgressão. E estas, jamais serão vistas com bons olhos pelo grupo, pelo bairro ou rua que o indivíduo viva. Como surdos evocam uma lógica distinta dos demais indivíduos, historicamente, e até sendo naturalizados, estes são mal vistos pelo grupo a que pertencem por cometerem transgressões.

Strobel (2013) diz que em famílias de pessoas surdas, os comportamentos são próprios destes, e que por isto, são diferentes dos ouvintes, como por exemplo, ao assistirem televisão no volume mudo, para não incomodar a vizinhança, ou ao lavarem louças, costumeiramente fazem movimentos bruscos, às vezes fazendo com que pessoas da vizinhança interpretem mal, acreditando que algo de ruim está acontecendo na casa, ou uma simples arrumação de casa, pode ser vista pela vizinhança como uma briga, pois tamanho é o barulho que fazem e não se percebem.

Quando Josy tentou incessantemente falar na igreja e foi impedida pela intérprete, com a desculpa de que não era o momento de falar, na verdade, demonstra que ela estava transgredindo uma regra preestabelecida: não se pode dizer que o pastor está errado em meio a sua pregação. Por isso foi rechaçada, impedida de falar. A isto, Certeau (2013) chamou de *o jogo da exclusão dos excêntricos*, ou seja, os diferentes, e que não só o são, bem como fazem, diferentemente, o uso dessas regras. São excluídos socialmente. Há neste sentido, então, uma coerção social, ou uma tentativa desta. Levando a crer que nada está

solto, seja em que grupo for, há sempre normas, regras, inclusive preestabelecidas, a serem rigorosamente, seguidas.

Sá (2010), discutindo questões culturais entre surdos e ouvintes, diz que há uma tendência, inclusive no meio educacional, de que as famílias de pessoas surdas devem trabalhar em parceria com uma equipe multidisciplinar, para que o surdo possa tornar-se aceitável à sociedade ouvinte. Uma discussão que se coaduna com a que tenho feito até aqui, a de que na concepção de lugar, que o surdo esteja inserido, este deve não só cumprir com as regras, mas, sobretudo, aceitá-las, sob pena de ser excluído do grupo, do lugar em que esteja vivendo.

E em se tratando de lugar social do surdo, Sá (2010) enfatiza a discussão muito presente, de que estes lugares que os surdos têm constituído são vistos como guetos empobrecidos, por terem uma língua que não é bem vista e benquista pelos demais sujeitos, são tidos como esquisitos, os excêntricos de Certeau (2013) e, para além do que a autora chama de negatividade, se constrói a concepção de que surdos são “especiais”, ou seja, são inferiores, deficientes, são incapazes socialmente. E a partir desta visão, mesmo que o surdo conquiste espaço, suas vitórias serão vistas como atos heroicos, e não consequências naturais das tensões da vida cotidiana.

Strobel (2013) afirma que os comportamentos de surdos são padronizados, tais como a escolha de amizades, a lealdade, nestas relações e casamentos endogâmicos. A esta última falarei com maior profundidade em outra seção, na qual falarei somente destas relações de afeto. Ainda falando dos comportamentos de surdos, a autora diz que é comum em bailes de associações de surdos, estes não darem muita atenção para a música, então, diferente de outros bailes, o salão de festas fica vazio, e os convidados em pé ou sentados, pelos cantos, conversando, pois é comum surdos, ao se encontrarem, terem muitos assuntos para conversarem. Quando se vê alguém dançando, ou são amigos ouvintes, ou parentes dos surdos, também ouvintes.

Normalmente, o que se espera de um baile é que poucas pessoas fiquem conversando, esta é uma regra para um lugar como este, daí tornar-se estranho a uma pessoa não surda, a dinâmica de um baile promovido por associações de surdos. Estes, algumas vezes, até dançam, mas não seguem a mesma lógica que os ouvintes, por não ouvirem, alguns sentem somente as vibrações da música, então tentam imitar os passos dos demais, pois a regra, neste caso, é dançar, não

importa se tenha música, uma regra diferente de festas convencionais (STROBEL, 2013).

Em eventos públicos, como o descrito acima, é comum, quando param de dançar, todos agitarem as mãos para cima, girando-as no ar. Para uma pessoa não surda, isto não significaria muita coisa, mas para surdos, é o mesmo que uma arquibancada vibrante ao som de palmas. É comum, em eventos como palestras e seminários, o choque de comportamentos entre surdos e não surdos. Pois sempre ao final de uma palestra, já se espera que todos aplaudam, vibrem com os gritos, assovios. Alguns meses atrás, (junho de 2016), estive junto com Gabriel dividindo uma palestra em uma faculdade particular em Macapá. Entrei para falar logo após Gabriel, então, ao subir no palco, as pessoas ainda estavam aplaudindo-o pela brilhante exposição. Pedi um microfone, dei boa noite e chamei Gabriel ao palco novamente, as pessoas não entenderam à princípio. Expliquei muito educadamente, orientando-os, sempre que estiverem num evento, palestra, seminário, oficina e uma pessoa surda terminar sua explanação, não aplaudam, pois não fará nenhum sentido para ela, levantem as mãos e as girem no alto, pois aí sim estarão demonstrando que gostaram do que viram e ouviram a pessoa dizer. E assim fizeram.

Figura 71: arquivo de evento científico etnografias da deficiência.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

O choque de regras preestabelecidas para um ambiente como este foi notório, entretanto, as novas interações dão novas nuances, as conveniências, para um lugar com pessoas tão diferentes. Silva & Nembri (2012) afirmam que a partir das interações com o grupo, ou comunidade é que o indivíduo se estrutura como indivíduo. Logo, é possível dizer que este necessita das interações e das representações sociais que seu grupo faz de si e para si.

Neste sentido, há então um contrato social, mesmo que não apresentado aos indivíduos de forma material, palpável, ele existe e como tal, é coercitivo, pois não dá ao sujeito uma possibilidade de escolha, e quando este vai à contra mão deste contrato, certamente sofrerá sanções.

Em se tratando especificamente de surdos, o choque que me referia anteriormente se dá no campo das representações sociais, pois como bem disse Strobel (2013), a sociedade majoritariamente de ouvintes não consegue entender a existência de uma cultura surda, porque parte do universalismo, com uma pretensão colonial, acham que só o que fazem é válido, e assim, correto. Desconsideram então as construções sociais de surdos.

Há que se mencionar também que esta coercitividade é muito mais evidente nas relações entre surdos e ouvintes, tendendo a ser hegemônica. Por isso, alguns surdos, em busca de seu sucesso na sociedade, acabam por acomodarem-se, algumas vezes, até tentarem imitar os ouvintes, pois acreditam que assim será mais fácil o seu sucesso social, sua ascensão, à medida que não entrarão em choque, nos termos de Certeau (2013), não serão vistos como excêntricos, e conseqüentemente, não sofrerão exclusão.

Quando se faz um curso de Libras, seja inicial ou mais avançado, é comum professores e alunos ouvintes, quererem fazer traduções de músicas. Atendendo a uma coercitividade de uma maioria de pessoas, que cresceram numa cultura oral-auditiva. Se pararmos e pensarmos nas fases de nossa vida, em nossas trajetórias individuais, naturalmente virá à mente alguma música, para as várias fases, as lembranças da vida. Logo, é perfeitamente natural que, nos cursos de Libras, os alunos queiram marcar a finalização de mais esta etapa ao som de música. Fazendo sua interpretação para a língua de sinais.

Figura 72: apresentação musical de surdos em igreja.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Entretanto, esta é uma conveniência de cultura ouvinte. No mundo dos surdos, a música não tem muito sentido, não o mesmo que tem para os que ouvem, as sensações que se tem com a melodia, com o arranjo musical, a combinação entre sons e letra e que traduzem a emoção para os que ouvem. Mas para quem não tem este acesso, não ouve, não faz sentido. Eu mesmo, muitas vezes, ao terminar cursos de língua de sinais que ministrava, encorajava os alunos, ou atendia aos seus insistentes pedidos de traduzir músicas, mas nas salas não tinham surdos para ver a apresentação e então emitir sua opinião sobre. À medida que fui me aproximando cada vez mais dos surdos, comecei a perceber o tamanho das gafes que já cometi neste sentido. Evidente que estas reflexões são tensões, complicadas de se entender, quando se parte de um prisma ouvinte.

Para compreender melhor esta questão é preciso imergir no mundo dos surdos. Há poucos dias atrás, se comemorou o Dia Nacional do Surdo, dia 26 de setembro. Em Macapá, ocorreu uma longa e grande programação em vários locais, promovida pelas associações e centros de apoio educacional ao surdo. Na culminância da programação, houve, numa sede campestre da cidade, um dia de lazer. Com brincadeiras, jogo de futebol, desfiles, escolha do garoto e garota surda 2016. E neste contexto, analisava como as pessoas não surdas, familiares, professores e amigos de surdos reagiam. No momento do desfile, por exemplo, posicionaram os candidatos, abaixo do palco, com um grande espaço para que pudessem desfilar, e como se estivessem num desfile convencional, em que a

música é que dá o tom da festa, a pessoa que estava à frente falou ao microfone para que pusessem a música, e ficou ali, esperando por alguns segundos, que os rapazes surdos iniciassem seu desfile, quando percebeu a gafe, foi à frente do grupo e sinalizou que podiam desfilarem.

Evidentemente que, para a maioria das pessoas ali presentes, isto passou despercebido, pois é comum um desfile ser orquestrado por música eletrônica e as pessoas que estão assistindo vibrarem, se empolgarem com o ritmo tocado. Demonstrando mais uma vez, que na sociedade, aquele lugar tem suas conveniências, que são coercitivas, e que se impõem ao surdo para que as internalize e as cumpra.

Strobel (2013) diz que música é um artefato cultural de ouvintes, e mesmo em escolas de surdos, é comum muitos professores obrigarem crianças surdas a fazerem apresentações em corais, balés, ocupando, inclusive, o centro de sua atenção. E mesmo quando os corais são em língua de sinais, muitos surdos nem entendem a música que estão interpretando, ou os passos que estão dançando, por trás do grupo, geralmente, estão sendo controlados por uma pessoa que ouve, e que faz os sinais e os surdos repetem, sem construir nenhum significado para si do estão fazendo.

Sendo assim, no campo das conveniências, os surdos, ao entrarem nesta tensão entre os ouvintes, geralmente buscam artifícios, mecanismos e criam suas conveniências. Nas escolas em que surdos estudam com ouvintes, há sempre grandes tensões. Strobel (2013) diz que quando estudava, era comum o professor escrever e falar de costas para a turma, então achava que ela e outros colegas surdos eram invisíveis, então trocavam a lição para se ajudar, mas não a compreendiam, porque sempre que sinalizavam o professor se virava para olhar. "Com o passar do tempo, percebemos que, quando sinalizávamos, emitíamos ruídos com a boca, e por isso o professor virava para olhar. Logo cuidamos de não mais emitir som algum, e então pudemos trocar nossas lições tranquilamente, sem que o professor percebesse. Continuamos invisíveis, para ele e para a turma" (STROBEL, 2013).

O que a autora relata é o movimento que os surdos rotineiramente fazem para burlar a coercitividade dos lugares que estão frequentando, seja em casa, na escola ou no trabalho, surdos sempre buscam estratégias para não serem excluídos pelas conveniências de cada lugar.

Neste sentido, as conveniências que deveriam ser apreendidas pelos surdos, em casa, ou em outro lugar que vivam, deixam de ser aprendidas, pois a comunicação é em sua maioria inexistente. Para alguns, questões corriqueiras, simples, como o uso de um espaço público, torna-se um grande desafio, por não terem sido ensinados como usá-lo. Os surdos passam a maior parte de suas vidas, isolados em suas casas. Assuntos do cotidiano, de casa, deixam de fazer parte de sua vivência. Vão construindo então, mais laços com outros surdos à medida que são apresentados, em média, já durante a adolescência, tendo passado toda a infância na obscuridade.

Em se tratando da coercitivade sofrida por surdos nos ambientes sociais, Certeau (2013) diz que nas relações do bairro, por exemplo, quanto menos desvio o indivíduo demonstrar, no sentido de parecer homogêneo, com os demais integrantes do lugar, melhor será, pois estará colaborando para uma maior uniformização do bairro. Neste sentido, só o fato de ser surdo e usar outra forma de comunicação, torna-se heterogêneo e provoca grande choque aos demais integrantes do bairro. E para este, diz Certeau (2013) que a transgressão é incompatível, e como tal, deve viver escondida, o mais profundo possível, para as casas, para as famílias, não devendo ser exposta as outras pessoas.

À medida que o surdo é visto como transgressor dessas regras sociais, o próprio bairro, a partir de suas conveniências, o exclui. Entretanto há lugares que os papéis definidos pelas conveniências, de certa forma, acabam agregando outro sujeito, pois no bairro tem-se a figura do padeiro, do farmacêutico, da feirante, da “dona Maria”, que vive na janela, enfim, são diversos personagens que existem e como tais, desenvolvem seus papéis sociais no bairro. Nos locais onde existem surdos morando, estes também assumem seu papel social, dado a partir destas conveniências do bairro. Em alguns casos, tornam-se personagens famosos do lugar, que todos da vizinhança sabem dizer quem é. Em algumas vezes, não precisam nem saber língua de sinais para se comunicar.

A alguns quilômetros de Macapá, existe uma comunidade quilombola (são comunidades, remanescentes de quilombos, de negros que foram escravizados), a maios ou menos 25 km da capital, todos da comunidade conhecem a figura do “mudo”, um rapaz negro de aproximadamente 30 anos, filho de um senhor bem antigo da comunidade, participante dos ciclos de Marabaixo da comunidade. Por isso, para qualquer festa, ladainhas ou comemorações do lugar, o mudo é figura

ilustre, muito conhecido e amado pela comunidade. Certa vez, estava acontecendo o ciclo do Marabaixo na comunidade, eu e meus familiares fomos prestigiar, e ao final das ladainhas, tem início as chamadas festas de aparelhagem, são montados grandes caixas de som, com mesa e Dj, surgem comunidades distantes, para prestigiar, sempre são grandes festejos. Estávamos prestigiando a festa, e como meus irmãos sabem que sei falar Libras, me apontaram dizendo: “olha, aquele que é o “mudo””. Olhei ao fundo do salão, lá estava o rapaz, gesticulando muito, rindo com muita gente em volta dele. Mesmo sem saber usar língua de sinais, nem ele, nem os demais, todos já compreendiam o que ele dizia e de longe pareciam estar se divertindo muito.

Neste relato acima, é bem compreensível o tipo de relação que a comunidade demonstra ter com aquele personagem, e que se fosse noutro contexto poderia ser questionado. Dizer que as regras sociais daquela comunidade estavam, de alguma maneira, forçando o rapaz a se adequar ao sistema, pode até também ser o caso, entretanto, ele parecia muito mais um integrante da comunidade, tanto quanto seu pai, morador antigo do lugar, o “homem da mercearia”, lá o chamam “o madrugado do comércio”, fazendo uma alusão ao personagem do seriado de televisão “Chaves”, ou seja, o “mudo” é também um personagem do palco, nos termos de Certeau (2013), do lugar, no caso, a comunidade quilombola, e que a conveniência identifica este personagem, lhe atribuindo papéis de acordo com suas regras.

Neste sentido, as relações sociais para os surdos, tanto quanto para qualquer outro indivíduo são um complexo tecido, e nesta tessitura social, é preciso salvaguardar, com que estas relações sejam de fato profícuas, pois, a partir delas, diversas outras construções sociais são estabelecidas. Desde a mais tenra idade, o indivíduo necessita de interação, e como se viu aqui, em vários momentos, isto nem sempre ocorre com surdos, sua infância é marcada por falta de interação, logo a demora na aquisição de uma linguagem também compromete a aquisição das conveniências, nos termos de Certeau (2013) ao lugar social que ele esteja inserido.

As outras construções sociais que poderiam fluir de forma mais vívida, como ocorre com outras pessoas, para os surdos são grandes desafios, entretanto, trazem para estas pessoas, estímulos e possibilidades de novas conveniências. Como os surdos, em sua maioria, nascem em lares de não surdos e a cultura nestes lares é baseada numa cultura oral auditiva, estas conveniências, regras de sociabilidade, de vivência em público, deixam de ser conhecidas, deixam de ser aprendidas e

acarretam uma diversidade de construções, que para algumas pessoas chega a ser incompreensível, como por exemplo, as relações amorosas, as escolhas amorosas entre os surdos. Evidentemente, se a criança surda não teve interação com seus pais, não aprendeu a construir os mesmos tabus que estes têm, esta não será uma situação fácil de ser compreendida.

Sobre estas relações farei uma reflexão mais aprofundada na sessão a seguir. Os namoros, encontros e desencontros da comunidade surda, quais as conveniências que constroem na hora do flerte. São indagações que tentarei elucidar, trazendo algumas experiências dos interlocutores surdos de Macapá, e de como estes constroem seus relacionamentos, muitas vezes incompreendidos por pessoas não surdas.

5.6 Interações afetivas, histórias de amor e de conquista entre surdos.

“Boa noite amigo, tudo bem? Preciso de sua ajuda. Eu quero saber se meu namorado está me traindo ou se me ama de verdade, porque agora nós estamos namorando sério. Eu criei um perfil falso no *Whatsapp*, com outra foto, mandei o convite para ele e ele já aceitou. Mas se eu escrever uma mensagem, ele saberá que sou eu, porque como sou surdo, tenho dificuldade com a escrita do português, e então é aí que você entra: eu mando vídeo pra você em libras, você traduz para português e me devolve aí eu mando pra ele. Quando ele responder, mando pra você e aí você traduz para Libras, até descobrir se ele aceitará sair “comigo”. Por favor, amigo, me ajude, não confio em mais ninguém e preciso saber se ele está me levando a sério”. (mensagem enviada por vídeo em Libras de um amigo surdo).

Início esta seção chamando a atenção para uma questão que quase não é abordada em pesquisas, livros, e publicações científicas quando o assunto são surdos. Existem muitas publicações tratando da exclusão, da falta de acesso comunicacional, dos processos estigmatizantes que pessoas com deficiência passam diariamente em seu cotidiano, no Brasil e no mundo, entretanto, quando o tema é relacionamento amoroso, ou sexualidade, quase não há referências.

Neste contexto, lembrei-me da fala de uma professora com deficiência, num congresso de antropologia, em que contando um pouco de sua trajetória, falou sobre uma oficina que resolveu ofertar num determinado congresso em São Paulo, que tratava de relações sexuais de pessoas com deficiência. Ao chegar ao local que

seria a oficina, qual não foi sua surpresa, a sala fora transferida para um mini auditório, porque mais de 150 pessoas haviam se inscrito para ouvi-la falar. E ela, num misto de felicidade e surpresa, se dirigiu até o local, e ministrou a oficina, e conta que as expressões nos rostos das pessoas eram tão engraçadas que ela jamais esquecerá, pois parece que as pessoas com deficiência são assexuadas, daí as pessoas olhavam como se fosse algo fantástico, inimaginável.

Comecei com estas reflexões porque, trabalhando e convivendo com pessoas surdas há tanto tempo, estas indagações são recorrentes e, incrivelmente, ainda são muito obscuras, cheias de muitas fantasias em torno de como surdos se relacionam, como namoram, como escolhem seus pares para casar, enfim. Por isso, de pronto inicio dizendo que, para os surdos, as conveniências, no campo da sexualidade, se distinguem das conveniências de outros grupos sociais. Não compartilham dos mesmos “tabus” que muitos, ou quase a totalidade dos ouvintes têm, como homossexualidade, virgindade, casamento e namoro.

Em alguns trabalhos científicos, como de Silva (2012), cheguei a ler que, os surdos precisam aprender que virgindade e homossexualidade são tabus. Em se tratando desta questão, se lembrarmos como as construções sociais são estabelecidas para os surdos, será possível refletir de forma diferente. É preciso então um exercício de alteridade, pois em todos os espaços, públicos ou privados temos visto o tamanho da dificuldade de comunicação que passam estas pessoas, e se assim é, certamente que, no campo da sexualidade, as dúvidas e indagações serão muitas, e o mais tenso é a falta de esclarecimento para tantas perguntas.

Se há uma ausência de comunicação, não podem aprender como as demais pessoas, o que sejam ou não tabus. Que há regras socialmente estabelecidas para as relações amorosas.

“Eu sei que quando era mais jovem eu sentia atração por meninas, mas não sabia que isso significava ser heterossexual, e que se gostasse de meninos é ser homossexual. Ninguém me explicou nada sobre isso. Fui aprender português quando quis namorar uma menina, imagina se alguém ia me falar sobre esses assuntos. Só ficava olhando as conversas em casa sem entender nada”. (Fala de Rodrigo em sua entrevista).

Ao falar de sua trajetória de vida, Juliana disse que, muito nova, ainda aos 18 anos, já estava grávida de sua primeira filha, porque em casa, sua mãe nunca lhe

falou nada sobre sexo, sobre preservativos ou outros métodos contraceptivos. Apaixonou-se e resolveu casar, logo ficou grávida, como num efeito dominó.

“E assim como eu”, diz, Juliana: “muitas meninas surdas, ficam grávidas. Por não terem acesso às informações, são facilmente ludibriadas por seus companheiros. E correm grandes riscos de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis” (fala de Juliana em sua entrevista).

Hoje, Juliana sabe dessas informações, mas durante muito tempo ficou sem entender diversas questões, inclusive a respeito de seu próprio corpo. Sofreu abuso sexual na sua infância e na adolescência. Quando o corpo da menina passa por alterações hormonais, vieram tantas perguntas e quase sempre permaneceram sem resposta, pois não se comunicavam com ela em casa, tampouco na escola. Foi aprendendo estas questões com outras meninas surdas, ou surdas mais velhas que conheceu na escola e que iam lhe descortinando o mundo.

E assim como Juliana, a maioria das meninas e meninos surdos vivem em total cerceamento. Não tem as experiências que crianças ouvintes têm que mesmo aquelas de famílias mais ortodoxas, ouvem as conversas de corredores, seus pais não sentam para lhes explicar, mas fortuitamente escutam uma conversa aqui, outra acolá entram na escola e vão aprendendo como lidar com sua sexualidade. O que não ocorre com os surdos. Por não haver uma língua comum, na verdade, não usarem uma língua comum.

Há também uma conveniência, nos termos de Certeau (2013) para a sexualidade. Há neste sentido, uma organização sexuada para o espaço público. Lugares que notadamente são frequentados por homens e outros que nitidamente são mais frequentados por mulheres, outros que ambos os sexos frequentam, e ainda aqueles frequentados por homens gays, mulheres lésbicas, enfim. Este é um olhar bem contemporâneo, pois até poucos anos atrás, não era possível admitir tais configurações sociais.

Desta maneira, tanto quanto para qualquer outro grupo, para os surdos há também a discussão de uma identidade sexual, afinal, são pessoas, a questão é como esta reflexão tem sido feita em alguns momentos, se é que tem sido feita, pois o apagamento social é tão grande, o estigma, de acordo com Goffman (1998) de ser surdo é tão amplo, que para muitas pessoas, assim como constroem a imagem equivocada de pessoas consideradas deficientes, também acreditam que o surdo é

um ser assexuado e há então sempre uma reação de surpresa, torna-se algo fantástico saberem que surdos namoram e casam como qualquer pessoa.

Em 2015, houve em Macapá o primeiro casamento entre surdos, no qual o padre que oficializou o matrimônio também era surdo. Esta seria uma história qualquer, não fosse à repercussão que tomou na cidade. Tornou-se matéria no jornal local. Muitos surdos foram chamados para prestigiar. A imprensa local também esteve presente.

Em conversa com Josy, uma das interlocutoras surdas, me disse: “não quis ir ao casamento, porque estavam fazendo parecer uma coisa de outro mundo. Todo mundo casa, surdos também casam, *oras*. Por que precisa imprensa, monte de gente para ver, como se não fosse uma coisa natural casar? Eu sou surda, já casei, descasei isso é normal na vida de qualquer pessoa”.

Alguns autores como Silva (2012) afirmam que os surdos tendem a ser endogâmicos. Dentre os interlocutores desta pesquisa, de dez surdos, apenas dois não tem relacionamento com outros surdos, os demais, todos estão num relacionamento com outro surdo, ou já separaram, e logo em seguida iniciaram outro relacionamento também com surdos.

Figura 73: cerimônia de casamento, surdos e padre surdo em Macapá.



Fonte: acervo de pesquisa Ronaldo Manassés.

Por outro lado, Gabriel, um dos organizadores do evento e responsável pela vinda do padre, diz que fez esforço em trazê-lo, porque os surdos de Macapá precisam. Com a presença de um padre surdo, se identificarão se sentirão mais acolhidos na igreja e afirmou: “Não é tanto em fazer o casamento virar festa ou algo assim, mas porque precisamos ser vistos”.

Em Goffman (1998) encontramos as concepções de identidade deteriorada em virtude de ter sofrido algum estigma. Seja de cor, raça, etnia, religião ou de cultura. Por isso, o ser estigmatizado apresenta basicamente duas possibilidades: ir de encontro ao estigma e tencionar para que ele desapareça, ou aceita-lo, tornando-se um ser estigmatizado e consciente disso, sentindo-se impotente e incapaz de desfazê-lo.

Iniciei este capítulo falando de uma historia que vi numa rede social, e a retomarei aqui para que possamos refletir com um pouco mais de profundidade, teórica e conceitual. Há poucos dias, vi numa rede social um rapaz surdo fazendo um *live*, um vídeo ao vivo, de dentro da sala de aula na faculdade, outros surdos entravam na sua página fazendo comentários, interagindo, aliás, desde que algumas redes sociais dispuseram esta ferramenta, tem se tornado uma grande possibilidade de interação para os surdos, com o restante do mundo, pois, dominam muito bem as ferramentas tecnológicas e, a todo instante postam, entram ao vivo em vídeo para interagir no mundo virtual.

Na verdade, assim como ele, muitos surdos não compreendem o que seja homossexual, tampouco homofóbico. Conceitos muito presentes em nossa sociedade, mas que para muitos surdos, não representam nada, ou melhor, não sabem o que significa. Em seu depoimento, Bianor disse que quando percebeu seu corpo mudando, pelos crescendo, não sabia o que fazer nem a quem perguntar o que estava acontecendo. Tentava dialogar em casa, mas como ninguém sabia língua de sinais, tentava ler os lábios de seu pai, e este ficava muito preocupado, porque sabia que ele estava entendendo muito pouco do que ele falava.

E deste pouco, ele ia com seus amigos surdos e buscava mais informações, eles iam para a internet buscar vídeos que os explicassem assuntos como masturbação, namoro. Sua família, vendo seu interesse sobre estes vídeos, o ajudava a busca-los, já que não conseguiam explicar por não saberem Libras, o ajudavam assim.

Só foi entender o que era ser hetero, aos 18 anos, porque foi quando ganhou fluência em Libras e conseguia falar sobre assuntos mais complexos, com outros surdos e amigos ouvintes que também eram fluentes em Libras. Ao buscar outros assuntos, como doenças sexualmente transmissíveis (AIDS, por exemplo), seu amigo surdo o ajudou muito, explicou muito sobre essas doenças e como ele poderia evitar se prevenindo. Brincou dizendo: “sei bem o que é hetero, não sou gay” (risos).

Strobel (2013) diz que durante muitos séculos, o ouvintismo tende a impor aos surdos seu modo de ser e de viver. Excluindo suas possibilidades de desenvolvimento social e cognitivo. Entretanto, hoje, os surdos tencionam muito em favor de seu reconhecimento e espaço social.

Josy diz que nunca lhe falaram nada sobre menstruação, virgindade, quando estudava, lembra que as professoras sempre diziam para ela e outras colegas surdas: “tenham cuidado! Se beijarem algum menino ficarão grávidas”. E ela morria de medo de beijar os meninos, foi beijar depois dos 16 anos. E hoje, sempre que tem oportunidade, aconselha meninas e meninos surdos sobre sexo seguro, sobre a importância de usar sempre camisinha.

“Quando morava em Belém, conheci quatro surdos que morreram por causa de AIDS, e sei que aqui em Macapá está muito perigoso, tem muitas pessoas contaminadas. Dias atrás chamei um surdo, que me falaram que ele fica com muitos caras, aí eu perguntei: ei *fulano*, tu usa camisinha? Sabe que tem doenças demais, tenha cuidado! aí ele me garantiu que já sabe disso e sempre usa camisinha”(fala de Josy em sua entrevista).

De acordo com Goffman (2012) poderia afirmar que os surdos não parecem afetados com as questões sobre sexualidade, uma vez que dizer que o sujeito está afetado, seria dizer que este, está preocupado com o que os outros pensarão acerca dele. E o que nos sugere os relatos acima é de que, por não compreenderem esta dinâmica social, alguns surdos não se afetam, ou seja, não se preocupam com a avaliação que os outros farão de si.

Goffman (2012) ainda diz que o sujeito, quando percebe que os outros estão sendo insinceros, ou afetados, este acredita que fora ludibriado, aproveitaram-se dele sem que este se desse conta, sendo assim, sentirá que quebraram as regras de interação.

Hegon é um surdo que entrou na pesquisa após o término do campo, e quando já não mais pensava em voltar a campo, numa conversa, falando sobre sexualidade e surdos, ele se propôs ajudar na pesquisa e emitiu sua opinião sobre sua sexualidade como pessoa surda, suas dificuldades e algumas vivências.

Contou que desde os quatro (4) anos de idade, via os meninos, seus primos, e achava-os bonitos, mas achava que era normal. Não falou pra ninguém de casa. Aos nove (9) anos, começou a sentir algo diferente quando via os meninos, mas escondeu de todos de sua casa, pois, na escola, alguns surdos já tinham dito que era errado gostar de meninos. Aos quatorze (14) anos, já namorava com uma menina surda, há (2) anos, sem ter relação sexual, disse que era só trocavam carícias e beijos:

“Até tentei algumas vezes, mas não sentia nada, não ficava excitado. Nesse mesmo período olhava os caras e já sentia desejo, ficava excitado pensando neles, aí fiquei preocupado, porque não sabia o que estava acontecendo comigo. Como eu, namorando uma menina, poderia sentir desejo por homem? E não podia falar com ninguém de casa, escondi, com medo, sem saber como fazer. E então resolvi continuar o namoro com a menina. Aí conheci um homem de (37) anos, eu tinha dezessete (17), nessa época, e logo de cara, *ficamos*, ele me beijou, e transamos. Resolvi então chegar em casa e contar pra minha mãe, depois de muita conversa, ela aceitou. Hoje, tenho namorado e todos da família sabem e me aceitam, até porque sou formado, tenho meu trabalho e conquistei o respeito de todos (fala de Hegon em sua entrevista).

De acordo com Lebedeff (2010) a sexualidade, tem sido tratada pelas sociedades, sobretudo, as ocidentais, como se não fizessem parte do nosso corpo, como algo proibido, e que por isso não pode haver diálogo nas famílias. E em se tratando de surdos, esta tensão só tende a se acirrar ainda mais, pois, surdos em sua maioria, nascem em lares de cultura oral-auditiva, ou seja, lares de pessoas não surdas, que não usam língua de sinais, e também pouco se interessam em aprendê-la, como bem se viu nas trajetórias dos interlocutores surdos desta pesquisa, quando se mencionou seu convívio familiar.

Assim sendo, a sexualidade torna-se objeto de grandes dúvidas, e mais que isso, quase sempre, sem respostas. A adolescência, que já é naturalmente uma fase difícil para as pessoas, para os surdos, a dificuldade aumenta, pela falta de comunicação em casa e em outros ambientes que estejam vivendo, como escola, ou religião.

Hegon disse que quando chegou à adolescência, ele não entendia porque suas primas tinham seios e ele não, sabia que tinham praticamente a mesma idade.

“Perguntava-me muito — por que elas são assim? E como em casa não sabia como perguntar, por não haver comunicação, ficava com a dúvida, só convivendo depois, com meus amigos surdos é que fui descobrindo. Os mais velhos me ensinaram muito, me aconselharam. Hoje vivo bem com meu corpo”(fala de Hegon em sua entrevista).

Chauí (1984) diz que a sexualidade não pode ser confundida com instinto, ou, por exemplo, uma forma de satisfazer o parceiro (a), e ainda, que os órgãos genitais sejam privilegiados no ato sexual. Seria um reducionismo pensar na sexualidade somente assim, ela transcende este patamar. Entretanto, na atualidade, é comum ver a discussão de sexualidade erotizando os órgãos sexuais, os colocando como privilegiados, e construindo uma falsa ideia de que sexualidade está somente relacionada a eles. Na mídia, por exemplo, é comum ver em horário nobre, crianças assistindo novelas em que aparecem cenas de sexo, prostituição, enfim. E nestes programas, não há nenhuma informação para crianças surdas. E se para aqueles que estão ouvindo torna-se uma complexa discussão, difícil de compreender, imaginemos para quem não está ouvindo, o que se passa nas cenas, tampouco os comentários dos que assistem.

Neste sentido, os surdos descobrem sua sexualidade, em sua maioria, sozinhos, sem nenhum apoio ou esclarecimento da família. Quando chegam à adolescência, outros, na juventude, é que começam compreender as questões que lhes foram tão complexas durante anos. A construção das conveniências, das regras sociais, sejam elas sobre identidade sexual, ou relações afetivas, tornam-se desafios, e acabam por seguir outra lógica, diferente da usualmente apreendida por ouvintes. E com isso, sofrem, além da exclusão, um processo de estigmatização, pois é comum ouvir de pais e professores de surdos, que estes têm uma sexualidade intensa, entendo, inclusive, que estejam relacionando ou definindo sexualidade na contramão do que Chauí (1984) afirmou sobre esta. Por isso o estigma do surdo, do ser surdo, também se ajusta à sua sexualidade.

Trazendo outro relato de um dos interlocutores, mesmo já o tendo mencionado neste trabalho, é preciso fazê-lo outra vez, agora, refletindo especificamente sobre as construções afetivas entre surdos e sua sexualidade. Em

2015, estive no Congresso do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). No segundo dia de evento, Gabriel, um dos interlocutores desta pesquisa, me perguntou, com ar de brincadeira, se eu já sabia do “BBB Surdo”, fazendo uma alusão ao programa de televisão em que reúne pessoas estranhas numa casa, com câmeras para que o público veja seu cotidiano. Eu, sem entender do que se tratava, disse: “nunca ouvi falar disso”. Ele, rindo, começou a me contar a experiência, alguns surdos combinaram pelas redes sociais, de locar um apartamento no Rio de Janeiro durante o evento, para reduzir os gastos ficarem mais próximos, pois vinham de cidades diferentes. Mas o que ocorreu, é que todo dia surgia uma situação diferente, com os discursos produzidos e reproduzidos uns dos outros. Gabriel então chamou de o “BBB surdo”. Em uma dada situação, duas moças surdas, que já se conheciam antes, eram amigas, inclusive, fizeram a graduação juntas em Fortaleza (CE), e estavam sempre juntas no congresso. Ocorreu que um rapaz surdo começou a paquerar uma delas, mandando recados, tentando se aproximar, e esta, a primeira a ser assediada por ele, muito bonita alta, ex-miss em seu estado, comentou com a amiga que não ia “ficar” com o rapaz porque ele era muito “galinha”, ela já sabia da fama, e alertou a amiga para que também não *ficasse* com o rapaz, e assim combinaram de nenhuma ceder às suas cantadas.

Os dias passaram, ele também deu investidas para “ficar” com a outra amiga, esta, já sendo alertada pela amiga, disse que não queria ficar com ele, e achou que estava tudo resolvido. Entretanto, ele, voltando com a primeira, numa nova investida, disse que esta não o queria por ter combinado com sua amiga, e ele já sabia de tudo, mas que ele já tinha ficado com sua amiga, porque que ela não o aceitava também. Esta, sem pestanejar, saiu ao encontro da amiga, disse-lhe vários desaforos, sentindo-se traída pela amiga, esta negou ter se relacionado com o rapaz, em vão, pois a amiga não acreditou, afirmando ter tido informações de outras pessoas da casa, outros surdos, e estas confirmaram o flerte entre os dois. Ficaram então o restante do evento sem se falar.

E por fim, antes de terminar o congresso, Gabriel disse que, o causador da intriga entre as amigas, não tendo êxito com estas, se relacionou os últimos dias que lá estava, com outro rapaz surdo, causando um verdadeiro furor na casa, pois todos sabiam da briga entre as amigas por conta do rapaz. Gabriel, rindo, disse: “elas estão com raiva, sem se falar e ele bem se divertindo com o *outro* na Lapa”.

A partir do relato, seria correto afirmar que os surdos têm sua sexualidade sensível, como a maioria das pessoas ouvintes que convivem com surdos? Penso que seria uma forma taxativa de estigmatiza-los, enquadrá-los, como bem disse Certeau (2013), como excêntricos, e por isso excluí-los das conveniências que se tem para a sexualidade humana. Neste sentido, penso ser um tanto quanto, precipitado fazer quaisquer afirmações neste caminho. É preciso mais reflexões para que não se caminhe na direção da exclusão e conseqüentemente do preconceito, a partir de categorizações que a sociedade comumente tem feito para enquadrar os indivíduos.

Diria que são homossexuais, bissexuais, pansexuais? Permito-me dizer que são pessoas, ainda descobrindo e construindo suas trajetórias de vida. Desprovidos dos mesmos conceitos, muitas vezes, esdrúxulos que temos para a vida. E que por conta de sua peculiaridade linguística são contingenciados a construir suas conveniências, e que por isso não são compreendidos por nós.

Se fizermos o exercício da alteridade, descobriremos que diversos são os estigmas que recaem sobre os surdos. Quando se fala da sexualidade de mulheres surdas, como a história de Juliana, mencionada anteriormente, que sofreu violência sexual, quando criança, ao casar sofreu violência doméstica pelo marido, diria que ela tem culpa por ser mulher e surda? Como tem feito a maioria da sociedade, ou que ela sofre dupla exclusão e estigma? São questões a serem analisadas ao refletirmos sobre sua história. Ou se pensarmos na trajetória de Hegen que é surdo e homossexual, também seria uma dupla exclusão, e estigmatização? São questões que aqui não conseguirei responder, pois precisam de muito mais aprofundamento, teórico e de campo.

Abreu & Zuchiwschi (2011) nos dizem que o fato da negação da homossexualidade das pessoas com deficiência é também negar quaisquer outras possibilidades de características destas, como, por exemplo, admitir que elas tenham desejos, que tenham sexualidade, afinal, esta, é inerente aos indivíduos, e independe de sua condição de ser ou não deficiente. Esta é uma visão hegemônica de ver a sexualidade na sociedade.

Em ambas as histórias é possível notar a problemática da exclusão, que, a partir da atual organização social, desqualifica e menospreza aqueles considerados desviantes do padrão social. A sociedade valoriza, atualmente, pessoas brancas, ricas, heterossexuais e masculinas (no caso dos homens), pois é pensando nesta

padronização de pessoas, que as políticas públicas são pensadas hoje (ABREU & ZUCHIWSCHI, 2011).

Fugindo então, destes padrões hegemônicos, e que a sociedade utiliza inclusive para analisar a sexualidade dos indivíduos, os surdos estariam na contramão, fora de tais padronizações. E como pessoas que usam de maneira, acentuada sua visualidade, surdos têm nas redes sociais, nas mídias como um todo, um grande recurso para, não só sua comunicação, mas também interação social.

Figura 74: imagem de rede social sobre relacionamentos entre surdos e ouvintes



Foto: arquivo pessoal. Imagem de perfil em redes sociais.

No perfil desta da rede social descrita na imagem anterior, demonstra que não há uma conveniência, como já afirmaram alguns autores, de que surdos são, em sua grande maioria, endogâmicos. No perfil, há vários relatos de histórias, relacionamentos entre surdos e ouvintes. Casamentos, namoros, flertes, e que partem do princípio de que são pessoas diferentes, a partir do momento que já se coloca no topo da página, surdos e ouvintes, contudo, também se coloca amor. Se assim é, está levando-se em consideração a possibilidade de uma relação entre estas pessoas, tão diferentes e singulares em sua constituição, mas que antes de qualquer categorização, são pessoas, que podem amar construir, e reconstruir relações de afeto.

REFLEXÕES FINAIS

Ao escolher falar de culturas e trajetórias de surdos em Macapá, de alguma maneira, estive em vários momentos, literalmente, entre dois mundos. Por vezes próximos, mas em sua maioria, abissalmente, distantes. A necessidade premente, de novas discussões sobre este grupo de invisibilizados, me deixa o sentimento de que muito ainda há que se refletir e construir.

Partindo das possibilidades de interação que surdos têm, ou deveriam ter, nos ambientes sociais como: família, escola, trabalho, lazer e religião. Foi possível verificar o quanto vivem, não só em seus guetos sociais, mas, sobretudo, nos termos de Goffman (2012) muito estigmatizados. A partir do viés, comunicação, uma rede de relações e interações, deixa de ser estabelecida, mas também, forçosamente, outras são construídas.

É comum, nestes mais de doze (12) anos de trabalho e convivência com surdos, ouvir de familiares, ou de colegas de trabalho, indagações como: como ele/ela vai dar aula? Ou meu filho, filha é tão especial, o amo muito. Quando na verdade, ninguém da casa ou da escola sequer sabe a língua de sinais para interagir com a pessoa. Temas importantíssimos como sexualidade, deixam de ser debatidos por surdos, não que outros assuntos não sejam importantes, mas um tema como tal, que pode influenciar na saúde de uma pessoa, minimamente deveria ser dialogado em casa.

Dez (10), dos onze (11) interlocutores desta pesquisa, relataram em suas entrevistas que, em sua infância e adolescência, viam os diálogos em casa, sem nada entender. Porque nenhum de seus familiares, pais, irmãos aprendeu língua de sinais. Sendo assim, naturalmente, seu processo, não só de interação, mas, sobretudo de identificação, de acordo com Hall (2014) e, este se deu a partir do momento que tiveram contato com outros surdos.

É importante dizer, e até, tentar desmistificar muitas elaborações sobre os surdos, feitas inclusive, por seus familiares, como a de que surdos são incapazes. Surdos são pessoas que constroem e interagem com o mundo a sua volta, de forma muito diferente da nossa. Sua experiência é pautada no visual, e a partir do uso de uma língua gestual-visual, estabelecem suas relações com o mundo. São muito diretos. Por usar uma língua que também têm uma construção, até gramatical, que

evita gradações, e eufemismos assim fazem dela sua marca principal no ato cotidiano de interagir, nos moldes de Goffman (2012) face a face.

Também é importante considerar que, em vários momentos deste trabalho, gostaria de ter usado a própria língua de sinais para fazer as reflexões, uma vez que, por mais que se tenha fluência em duas línguas, sempre se perderá algo na mensagem no momento da tradução. Não foi minha intenção dar “voz” a um grupo invisibilizado como é o de surdos no Amapá e no Brasil, mas, refletir e trazer à baila uma discussão que, equivocadamente, tem sido feita em muitas vezes, pensando ajudar, quando na verdade, continua a se estigmatizar e excluir estas pessoas.

A partir das entrevistas, das falas dos interlocutores, ao contarem suas trajetórias de vida, conclui que, nestes ambientes em que me propus refletir sobre sua interação, família, escola, trabalho, lazer e religião, os surdos continuam estigmatizados, invisibilizados, em sua maioria por um discurso de inclusão. Mas o que é a inclusão, senão uma extensão do capital, e da tentativa de diminuição de responsabilidade do Estado, em prover políticas públicas para assistência às minorias.

Retomando as categorias que o trabalho me levou a analisar e refletir. Sim porque inicialmente, queria olhar em outros espaços de sociabilidade, entretanto, o próprio campo me levou a pôr a lente analítica para estes espaços. O primeiro deles, a família. Neste os surdos são incompreendidos, aliados mesmo dos processos de interação familiar. Na busca por entender seu próprio espaço, o surdo tenta de todas as formas se adequarem ao mundo, oralizado, de sua família. Pesquisadores como Goldfeld (2002), já haviam alertado para o fato de que, a grande maioria dos surdos nasce em lares de pessoas não surdas, ocasionando, um grande atraso em seu desenvolvimento. Como salientei no trabalho, a falta de aquisição e desenvolvimento de uma linguagem, efetivamente, consistente, impede que o surdo estabeleça relações de interação com o mundo a sua volta.

Nasci surda, minha infância foi muito difícil porque ninguém em casa sabia Libras. Vivia trancada em casa, sem entender o mundo a minha volta. Queria saber o que as pessoas falavam, riam, mas ninguém me ensinava nada. Aprendi a apontar e criar gestos. Até os 12 anos de idade, quando sai de casa e conheci outros surdos, eles até riam de mim, diziam que eu parecia uma criancinha, porque perguntava tudo (fala de Ana Carolina).

Assim como Ana, muitos surdos passam a mesma situação. As famílias desconhecem suas peculiaridades linguísticas, e ainda são interpelados por um discurso, médico e social, da perda, da deficiência, que gera uma visão equivocada e estigmatizada sobre a pessoa surda, e suas reais possibilidades, de interação e desenvolvimento.

As famílias dos surdos têm na verdade colaborado para reforçar, em algumas ocasiões, o estigma de ser surdo. Este entendido pela sociedade oral, como uma deficiência, uma perda sensorial, pois para os surdos, não nenhuma perda, nenhuma deficiência. Há sim uma construção de alteridade e identificação, a partir da comunicação, e até uma tensão que os surdos nominam de ouvintismo, ou seja, os não surdos tendem a obrigar que os surdos, se adequem a um sistema social, normativo, e que cria conveniências sociais, nos termos de Certeau (2012), para os vários ambientes sociais, inclusive a família.

Strobel (2012) relata em vários momentos de sua obra, o quão estigmatizante é para um surdo, ter uma simples conversa em casa. Não só as conversas como entender o que se passa a sua volta. O cotidiano das famílias é baseado em experiências orais. Os diálogos, as reuniões em família, os aniversários e comemorações, sem exceção seguem as conveniências sociais, de uma comunidade oral-auditiva, regadas a música e diálogos que privilegiam a oralidade. Para exemplificar isso, pensemos um brasileiro vivendo em lar americano sem saber falar inglês, o surdo em muitas situações, sente-se um estrangeiro vivendo em seu país.

Na segunda categoria que refleti buscando entender como se dava o processo interacional de pessoas surdas, a escola ou como alguns chamam a educação. Neste espaço, nitidamente, foi possível concluir que para os surdos, muito mais que para os não surdos, viver num ambiente escolar em que as experiências valorizadas são as orais, torna-se um grande desafio. Em todas as trajetórias aqui relatadas, até quando o assunto não era a escola, todos foram enfáticos em afirmar que, primeiro, chegaram à escola muito tardiamente, e segundo, o ambiente era extremamente hostil. Pois não sabiam nem língua de sinais, nem tampouco língua portuguesa.

E sobre esta temática, diversos autores como Strobel (2012), Goldfeld (2002), Sá (2010) tem vasta produção, refletindo sobre a exclusão escolar que surdos historicamente passam no Brasil. Pois o modelo de ensino que é proposto, não

difere daquele ofertado, a alunos ouvintes. E o que deveria ser uma proposição para o desenvolvimento cognitivo e social dessas pessoas, passa a ser um grande desafio a ser sobrepujado, diariamente.

Quando fui pra escola, até a 4ª série eu só olhava e não entendia nada, copiava, copiava, mas não aprendia nada, porque ninguém falava comigo. Não tinha intérprete em sala, os professores e colegas não sabiam Libras. Quando passei para 5ª série é que teve intérprete ai me ajudou porque eu conseguia entender o que se passava em sala. E neste período fui aprendendo a ler lábios, porque como já falava quando fiquei surdo, isso me ajudou. (fala de Rodrigo em sua entrevista).

Assim como Rodrigo, a realidade de todos os outros interlocutores desta pesquisa, sempre foi à mesma em relação à escola. Um modelo fadado ao fracasso, por não considerar que o surdo, tem comunicação diferenciada dos demais. E por usar uma língua diferente, necessita de apoios e adaptações curriculares, que sejam adequadas a sua condição. Entretanto o que se viu nos relatos dos surdos é que desde a mais tenra idade, quando uma criança ouvinte naturalmente vai à escola, o surdo estava em casa, e ainda lá sem interagir com o ambiente. Em nenhum dos relatos desta pesquisa, se viu algum dos interlocutores dizer que sua educação escolar tenha sido uma boa experiência. Todos foram taxativos, e lembram com grande tristeza, a exclusão sofrida no ambiente escolar.

Na categoria trabalho, e que me propus construir a partir de algumas trajetórias dos interlocutores, porque alguns deles ainda não trabalham, mesmo já tendo concluído sua formação superior, continuam fora do mercado de trabalho. E poderíamos pensar, mas hoje na atual conjuntura, muitas pessoas com curso superior estão fora do mercado de trabalho, mas há que se considerar o fato de ser surdo.

Como bem se viu os surdos são colocados no mercado de trabalho hoje, assim como muitas pessoas consideradas deficientes, por força de Lei. E como assim o é sua formação, na maioria das vezes, não é considerada. Rafael por exemplo, relatou que mesmo tendo formação superior, continua desenvolvendo atividades subalternas, na cozinha da escola em que trabalha. Ainda tentou uma recolocação para a secretaria da escola, mas, em dois meses pediu para voltar para a cozinha, porque as pessoas o ignoravam no local. As conversas, as atividades

eram dividas entre os outros, era como se eu não existisse ali. Por isso pedi para voltar a cozinhar. (fala de Rafael em entrevista falando sobre seu trabalho).

Gabriel ao passar no concurso público como docente da universidade foi questionado, em como ele iria dar aula se é surdo. Mesmo num ambiente como o da universidade, ainda se ouve uma pergunta tão infundada, ou melhor, muito bem fundamentada, nos termos de Goffman (1998), no estigma de ser surdo, e por isso tê-lo como deficiente e incapaz. Ana Carolina, que é esposa de Rodrigo, disse que mesmo estando graduada e com especialização, ainda não conseguiu um emprego. Disse é muito difícil conseguir um emprego, sou pedagoga e já especialista, e mesmo assim não consigo vaga de trabalho em lugar nenhum. E sei que é porque sou surda. E uma escola, por exemplo, se me contratar sabe que terá que contratar um intérprete, porque as pessoas não sabem libras, e isso custará muito caro para a escola, por isso é difícil conseguir emprego.

No tocante ao trabalho há para o surdo uma subalternidade, socialmente imposta e que surdos, como os interlocutores desta pesquisa, são tidos como exceção no Amapá. Na semana passada, nos dias 05 a 07 de outubro, ocorreu o II Encontro de Surdos, com a presença de vários professores surdos, do Amapá e de outros Estados. E entre uma palestra e outra, um professor surdo conversando comigo disse: é muito triste a gente vê os surdos aqui. Só perguntam besteira aos palestrantes, não sabem nada. Sempre a mesma coisa nesses encontros, não levam a sério.

Mas por que os surdos do Amapá ainda são em sua maioria assim? Sem esta visão política, sem este sentimento até de pertencimento em suas questões como grupo socialmente excluído? Se olharmos para as trajetórias que aqui tentei construir, veremos que foi uma constante, a entrada tardia na escola, em média aos 14 ou 15 anos, e ainda assim frequentavam aulas em que, os professores e colegas de sala, só oralizavam. Não existiam intérpretes de Libras ou adaptação curricular para que as aulas tivessem algum sentido para eles. Logo, não é difícil compreender porque, mesmo durante um encontro, em que visa fomentar a reflexão sobre questões pertinentes a direitos, ao fomento de políticas públicas para melhorar a vida da pessoa surda, grande parte dos mais interessados, usa o encontro tão somente para se regozijar por ter encontrado outro surdo.

Por outro lado, ao relembrar das trajetórias aqui relatadas, em que grande parte de suas vidas, os surdos são cerceados de qualquer convívio, seja familiar ou

educacional. É também compreensível que usem um evento como este para festejar. Para celebrar o encontro com seus iguais. Nos termos de Hall (2014), há notadamente um processo de identificação em jogo, que se fortalece a medida que ocorrem as interações em ambientes públicos, em que surdos se encontram.

Na categoria religião, esta que surgiu durante o campo, mesmo que já tenha dito isto em outro momento, sempre é bom frisar, pois, mesmo há tantos anos convivendo com surdos, tenho que reconhecer minha visão, ainda de colonizador sobre os surdos, ao desconsiderar suas reais possibilidades de viver e expressar sua fé, por meio da religião.

É importante dizer o quanto foi uma experiência rica e instigante, pois, à medida que passei a frequentar cultos, missas e por fim tambores de candomblé. Percebi o abismo que ainda existe, entre surdos e ouvintes. O quanto ainda somos e agimos como colonizadores sobre estas pessoas. Em vários trechos de entrevistas, de Josy ou de Gabriel diziam que a religião para o surdo ainda é “escolhida”, ou seja, também é um movimento coercitivo, pois eles, os surdos, vão às igrejas, aos templos ou as casas de candomblé, num primeiro momento, se souberem da presença de intérpretes. Sua adesão, nos termos de Prandi (1991), ou conversão, inicialmente, não é uma decisão individual, e sim a partir das convicções de um ouvinte que esteja ali interpretando. Leva um tempo até que o surdo consiga construir suas inferências, por assim dizer, sobre esta ou aquela religião, e assim possa dizer que vai ao culto, a missa ou a uma gira de candomblé, porque se identifica, e sente algo de bom por aquele ritual, e não porque tenha uma pessoa que saiba Libras e intérprete às cerimônias a ele.

Há dois atrás, 10 de outubro, encontrei Gabriel numa missa de 7º Dia de falecimento de um ente querido. E quando o vi automaticamente, não me sentei perto de meus amigos e parentes, sentei-me ao seu lado, e perguntei se queria que eu interpretasse a missa para ele, já que não tinha intérprete no local, e ele muito respeitosamente, me disse: não amigo, não precisa, você precisa prestar atenção, não se preocupe comigo, porque estou com pensamento em Deus. Ficarei em oração, quando for o momento do sacramento, você interpreta! (fala de Gabriel).

Neste momento percebi o quanto Gabriel cresceu, no sentido, da experiência com o sagrado, com aquilo que de fato ele acredita e tem como fé. Pois, independente de ter ou não um intérprete, ele inclusive, abriu mão da interpretação, por ter possibilidade de fazer suas orações sozinho. O que para a maioria das

peças seria inconcebível. O fato de ser surdo demonstra o quão distante está do conceito de deficiência, ou de uma pessoa incapaz, inferior. Como se sabe a partir do traço histórico, nos temos de autores como Skliar (2012), ou Goldfeld (2002), na Idade Média, surdos não entravam nas igrejas, pois não oralizavam e por isso eram tidos como seres sem alma, e se não tinham alma, não eram humanos. Por isso ficavam do lado de fora dos rituais religiosos.

E mesmo hoje como são vistos na religião? Após tanto tempo, vendo, participando dos cultos e missas, pude perceber que não há mudanças nos rituais religiosos para receberem os surdos. Nas missas, a liturgia é a mesma, canônica, as duas intérpretes se revezam para traduzir as falas do padre e das leituras que são feitas. Os demais fiéis, não interagem com o grupo de surdos que ali frequenta há um reforço nas ações destes para que um verdadeiro “gueto” se crie na igreja. Pois os surdos sentam-se sempre nos bancos a frente e a direita da igreja, só dialogam entre si e com as intérpretes. E quando há uma mudança brusca na liturgia da única paróquia em que conta com a presença de surdos, ainda assim é tido como um evento fantástico, como fora no casamento de dois surdos, e que o padre que celebrou o matrimônio também era surdo.

Neste contexto, quando, numa de suas entrevistas, Josy comentou sobre o evento disse: porque temos que reunir o maior número possível de surdos? e ainda chamar a imprensa? Surdos não casam como qualquer outra pessoa? Por que tem que ser assim? Não fui por isso, não queria parecer como um milagre na frente das outras pessoas, eu já casei, descasei isso é normal, deve ser assim na vida de qualquer pessoa.

Na igreja protestante, não é muito diferente, pois lá os surdos, ainda são vistos como um povo não alcançado, como veem índios, por exemplo, um povo que ainda “perece sem o amor de Deus”, palavras proferidas por um pastor num dos cultos que acompanhei. Em todos estes, os surdos estavam sempre posicionados ao mesmo lado da igreja, a exemplo da missa, ao lado direito do púlpito, com grupo de intérpretes que se reveza para fazer as traduções.

Em uma das entrevistas de Cleonice, ela atribui muito de seu desenvolvimento pessoal, cognitivo e até mesmo em língua de sinais à igreja, pois foi lá que conheceu outros surdos, que fez cursos de Libras, e que de fato desenvolveu sua linguagem e conseqüentemente sua língua. Entretanto, em um dos cultos que acompanhei. Ela pediu para dar uma palavra. Foi até o púlpito, enquanto

um intérprete traduzia para igreja o que ela sinalizava, agradeceu a Deus por ter sido aprovada no concurso público de professora para a Universidade, e durante sua fala disse, aqui na igreja aprendi muito, agradeço a Deus por isso, mas também sinto que a maioria dos irmãos não se interessa em aprender Libras, não se aproxima dos surdos, e apontou para o grupo que lá estava. Vocês precisam se interessar mais, pois isso ajudará outros como eu a chegar aonde cheguei, porque se desenvolverão. Ela agradeceu novamente, e terminou sua fala. Mesmo o grupo de surdos frequentando a igreja há mais de dez (10) anos, como me foi dito, a maioria dos fiéis nem sabia como aplaudir a moça foram interpelados pelo intérprete que deveriam sacudir as mãos para o alto e não bater palmas, pois ela como surda não faz muito sentido receber palmas.

Chego a conclusão que mesmo lá, no espaço religioso, como as igrejas, ainda há muito que fazer para que a marca do estigma do surdo se desfaça, e eles possam de fato interagir com todos, e não apenas com seu grupo de amigos, outros surdos, e intérpretes que lá traduzem os cultos.

No tocante ao candomblé, como mencionei anteriormente, foi uma experiência única, em virtude de, primeiro, eu como pesquisador, não conseguir imaginar que uma religião que se baseia no conhecimento oral, pois não há livros sagrados no candomblé, como há no catolicismo ou protestantismo, pudesse acolher uma pessoa surda. E segundo, por desconhecer que em outros Estados como a Bahia, já tem inclusive projetos de pesquisa com dissertação de mestrado defendida, em que se criou um glossário com sinais em Libras para o candomblé nação Ketu.

Neste sentido, o interesse de Josy e Hegon em conhecer a religiosidade afro, me instigou a adentrar neste campo, e poder refletir sobre a presença de surdos, estes sendo estigmatizados socialmente, por sua deficiência, numa religião que também sofre grande preconceito e é estigmatizada socialmente, por diversos fatores, como sua herança africana e os processos de demonização que passaram nos últimos vinte (20) anos, nos termos de Prandi (1991), pelas igrejas neopentecostais.

Assim sendo, este lugar, a casa de Axé, que hora se apresenta como outra possibilidade de interação religiosa, para o surdo. E que, até onde puder acompanhar isto de forma muito incipiente, somente alguns meses, e algumas visitas ao terreiro de candomblé pude destacar algumas percepções, iniciais, e que

são muito frutíferas, pois fora criado um projeto de criação de sinais em Libras para outra nação, a Jeje Savalú, e que mesmo inicialmente foi perceptível boa recepção, tanto pelo sacerdote da casa, quanto pelos demais adeptos, como também a empolgação dos professores surdos, Hegon e Josy ao criarem os sinais e poderem como disse Josy, dar mais esta oportunidade religiosa aos surdos, sou espírita disse ela, mas não frequento nenhum centro aqui em Macapá, porque não tem intérpretes. E não quero que ocorra o mesmo quando um surdo quiser ir a um terreiro de candomblé.

É importante dizer então que, mesmo na religião, que é tida como um espaço democrático, que se apregoa ser o lugar de “acolhimento” de todos, este todos, ainda é incompleto, quando não admite de fato a presença de surdos.

Quanto a categoria lazer, em que me propus analisar a interação dos surdos. Este é um grande espaço social, que os surdos, de fato tomam para si. Há um grande gueto quando se fala de esporte e lazer para surdos. Pois, os campeonatos são distintos dos demais há até olimpíadas, somente de surdos. E é importante dizer que, esta não é uma decisão natural dos surdos, também é coercitiva. Este ano, 2016, ano de Olimpíadas e Paralímpadas, a Federação Nacional de Surdos (FENEIS), divulgou uma nota em sua página na internet, para explicar os motivos pelos quais, não houve atletas surdos nas Paralímpadas, uma vez que muito se questionava a ausência destes. E um dos mais fortes motivadores foi o financeiro, explicou a Feneis, se pensarmos na logística de intérpretes que seriam necessários para traduzir em tempo real, para os atletas e para o público que lá estivesse participando, o evento oneraria tanto, que se torna impraticável.

Entretanto, também há que refletir sobre a constante separação, que eventos somente para surdos, proporciona. Pois, a medida que se cria eventos como estes, cada vez mais se reforça o abismo social que há entre surdos e não surdos.

Como mencionei anteriormente, ao questionar os surdos sobre a necessidade de existir eventos somente para estes no esporte, são categóricos em afirmar que o fazem pela falta de oportunidades nos eventos convencionais. Como bem se viu a justificativa da Feneis, ao ser interpelada pela ausência de atletas surdos nas Paralímpadas. Por outro lado enquanto a sociedade majoritária, composta por não surdos, enxergar estes indivíduos como inábeis, incapazes, estigmatizando-os pelo modo como se comunicam, será sempre necessário alçar mão da distinção, do

modo de ser surdo, para realizar eventos esportivos destinados somente a este grupo.

Quanto a questões como as relações afetivas entre surdos, e entre surdos e ouvintes. Conclui que as conveniências sociais, nos termos de Certeau (2012), são coercitivas para os surdos, tanto quanto para os ouvintes, com um diferencial. Pela falta de interação, por meio da ausência de comunicação, os surdos são coagidos a construir suas próprias conveniências sociais, para sua afetividade com outrem.

Neste sentido, o que para nós, ouvintes, pode ser considerado um tabu, como a sexualidade ou a homossexualidade e virgindade, para os surdos são grandes incógnitas, que serão respondidas em suas trajetórias de vida. Mas que penso agirem em muitas ocasiões, sem o famigerado preconceito, existente nas sociedades contemporâneas, quando o assunto é homossexualidade, por exemplo, entre surdos, o que se percebeu, não há esta separação, as pessoas não evitam contato, ou amizade com o outro quando sabem que é homossexual. Para eles continua sendo, antes de qualquer processo de identificação, Surdo.

Assim, entendo que em diferentes ângulos, sob diferentes lentes analíticas, pessoas surdas, quando nascem em lares de ouvintes, nascem sendo desafiadas, a aprender, a interagir e a se desenvolver. E quando nascem em lares de surdos, ao saírem de casa, para outros ambientes sociais serão incessantemente, desafiados.

Há na sociedade um movimento coercitivo, que busca não só normatizar, mas, sobretudo, homogeneizar, fazendo com que surdos, busquem, nos termos de Goffman (2012), performar. No sentido, não só de preservação de sua fachada, mas também numa busca por se igualar aqueles que falam e ouvem. É comum ver surdos mais jovens, balbuciando sons desconexos, mas que acreditam terem algum sentido, para eles é como se estivessem falando, como os ouvintes. E fazem isto, por serem coagidos a tal. Desde a mais tenra idade são obrigados a oralizar como os demais, seus pais aprendem que não devem incentivar seus filhos a sinalizar, pois isto dificultará seu desenvolvimento como pessoa.

Neste contexto, as famílias então agem, como muitas aqui descritas, nas trajetórias dos interlocutores, os cerceando dos diálogos em casa, ou reforçando a criação de gestos desconexos. Foi uma constante neste trabalho ver os surdos sinalizando dizerem que ninguém de casa sabe ou se interessa em aprender língua de sinais. Que durante sua infância foi muito difícil, porque, não compreendiam o que se passava, e só começaram a compreender o mundo quando iniciaram sua

vida externa ao ambiente familiar. Quando fizeram seus primeiros contatos com outros surdos que os ensinaram. E ajudaram em seu desenvolvimento social, cognitivo.

A proposição inicial deste trabalho foi de acompanhar as trajetórias de surdos em Macapá em vários ambientes sociais, não só o educacional, pois acreditava já ter uma gama de pesquisas e trabalhos publicados na área. Entretanto no decorrer destes, quase quatro (4) anos de doutorado percebi, o quanto ainda se precisa, não só investigar, mas, sobretudo, dar visibilidade aos invisíveis.

Por isso, este trabalho tem tantas peculiaridades, como por exemplo, permanecer com os nomes dos interlocutores. Ao mencionar suas trajetórias optei por criar a partir de seu sinal, como já mencionei anteriormente, uma maneira de deixá-los, como gostariam. Em todos estes anos, que tenho convivido com surdos, tenho percebido, o quanto são apagados socialmente. E de fato é um desejo deles que aparecessem na pesquisa, e longe de mim, como pesquisador, querer dar “voz” a ninguém, mas uma tentativa de dar-lhes a notoriedade que tanto almejam. E para tanto em toda a tese estiveram como protagonistas a partir de um cartoon, produzido para cada um a partir de seu sinal.

A única exceção, e que tive que fazer o que comumente se faz numa pesquisa, para salvaguardar as identidades dos interlocutores. A normatização científica pede que se mudem os nomes. Assim o fiz quando refleti sobre a trajetória de “Juliana”, ao mencionar sua história de violência infantil e depois de alguns anos como esposa. E neste sentido, as conclusões que faço é que além de sofrer as agruras da sociedade, ainda patriarcal, sentiu a força do estigma de ser surda, e em muitos momentos não poder reagir contra as coercitividades sociais a que estava ligada, ser menina e surda, depois ser mulher, esposa e surda. E assim como ela, muitas outras meninas e mulheres surdas passam as mesmas situações, de violência, de escárnio e de exclusão social e ainda desconhecemos, pelo simples fato de não serem reconhecidas como pessoas, como cidadãs. Pois, estão ligadas, assim como qualquer brasileiro ou brasileira, a um modelo hegemônico de sociedade que não reconhece, nos termos de Certeau (2012), os excêntricos.

Quanto às questões políticas ficou claro nos discursos dos interlocutores, o quanto se sentem alijados do processo de decisão do país. E de como se sentem usados, até por profissionais que deveriam trabalhar em prol de seu reconhecimento social, como intérpretes ou professores bilíngues.

Há nitidamente, um movimento, não só de cerceamento, a partir da comunicação, mas no momento político, que se torna muito conveniente, nas palavras de Josy, se empenhar em traduzir os programas políticos, há também por parte dos candidatos e de profissionais da área de tradução em Libras, nos moldes de Goffman (2012), grandes performances. Numa busca insana de manutenção de uma fachada e que esta seja condizente com os interesses das minorias, surdos, pessoas mais pobres e que não tenham uma formação educacional mais aprofundada para poder analisar a situação e assim poder questionar, ou se posicionar de forma mais politizada, em busca de seus direitos como cidadãos.

E finalmente, as conclusões que faço acerca das regras sociais para os surdos. São de que, sua excentricidade, é fator determinante para que reforcem seu estigma de ser surdo, mas, sobretudo, de que a partir da visão que é socialmente construída, inclusive pelos familiares de surdos, estes são coercitivamente levados a elaborar mecanismos de sobrevivência social. Sua peculiaridade linguística demonstrou nesta tese que também é dos fatores, em que pese à discussão identitárias, preponderante, e determinante para muitas de suas construções sociais.

Assim sendo, surdos não são diretos em suas colocações pelo simples fato de serem surdos, mas porque, usam uma língua que é objetiva, sem redundâncias, sem eufemismos, a construção gramatical da Libras é de tópico-frase, e não expansiva, prolixa, como é a língua portuguesa. E essas características, que são da língua de sinais, os surdos também levam para suas interações sociais. E por isso muitas vezes são mal interpretados, por aqueles que desconhecem suas características linguísticas.

Neste contexto, outra questão é suscitada, a das identidades surdas, e esta já é uma construção minha, pois, é comum se ler em pesquisas, em artigos, referências a uma “identidade surda”. Há inclusive, um apelo muito forte no meio educacional sobre esta questão. É comum ouvir de profissionais da área, intérpretes, professores bilíngues, que ao se iniciar um curso de Libras, a pessoa não estará aprendendo só uma língua, mas também sobre uma cultura e uma identidade surda.

E ao refletir sobre esta questão percebi o quanto se precisa aprofundar sociologicamente, antropologicamente, para que se desmistifique o que me pareceu ser muito mais uma questão de identificação, do que necessariamente uma identidade. Usando os escritos de Hall (2014), Bauman (2012) para tentar ir de

encontro, ao que percebi, são conveniências sociais para o que a maioria da sociedade acredita ser identidade. E assim como tal, se diz sobre o que seja o surdo.

Neste sentido, e para exemplificar o porquê de chegar a tais conclusões retomo um trecho de uma das entrevistas dos interlocutores.

Tive muitas dificuldades para estudar. Só consegui entrar na escola aos 10 anos de idade, porque nunca tinha vaga quando minha mãe dizia que era surda. E ao entrar na escola foi muito difícil, os professores me passavam sem eu saber nada. Nunca tive contato com intérpretes durante toda a educação básica, e sempre estudei em escolas de ouvintes. Aprendi Libras em contato com outros surdos, que me ajudavam a resolver as atividades, porque os professores não sabiam como me ajudar. Com os surdos é que aprendi, não sabia nada, e isto já tinha quase 13 anos de idade (trecho de entrevista de Josy).

Há neste sentido, um processo de identificação com o outro semelhante, uma vez que com outras pessoas não surdas, a barreira da comunicação era evidente. O que, inclusive, autores como Skiliar (2012) refletiu dizendo que é um processo natural para o surdo, o uso da gestualidade, e conseqüentemente, o desenvolvimento de uma linguagem baseada em gestos e não sons. Os sinais estão para os surdos, assim como os sons estão para os ouvintes. E por isso naturalmente ocorre um processo de identificação entre surdos, e seu desenvolvimento se torna muito mais evidente, do que convivendo somente com ouvintes, que não o impulsionam a usar, primeiramente, a aprender língua de sinais.

Contudo, isto não implica dizer que há uma identidade surda, na verdade creio que há sim, uma constante construção identitária, e que será moldada na própria trajetória de vida deste surdo ou surda.

E ao final deste trabalho preciso dizer mais uma vez o quanto surdos são espantosamente, para alguns, pessoas cheias de vivacidade, de inteligência e como fazem parte de uma “minoría”, e como tal, a medida que têm a oportunidade. Mostram suas reais “capacidades”. Infelizmente ainda tem sido assim, na tensão entre estes e os ouvintes, cotidianamente precisam “provar” que são pessoas dotadas de inteligência e, por conseguinte, capazes de realizar qualquer atividade, desde que lhes sejam dadas as ferramentas adequadas.

Finalizo a tese evidenciando que em vários espaços sociais, aqui descritos, família, escola, trabalho, lazer e religião, surdos ainda vivem alijados de um

processo interacional. Numa histórica tensão com ouvintes têm buscado algumas saídas, como a difusão da língua de sinais e o reconhecimento de artefatos culturais, num emaranhado social que é a vida em sociedade, em comunidade. Seja num ambiente fechado, mais privado como a família, seja em ambiente mais público como a escola, o bairro, a rua, a igreja ou o trabalho, surdos são desafiados, numa constante tensão, a tensão de viver em sociedade.

GLOSSÁRIO

- 1- intérprete: ouvinte fluente em língua de sinais e português, e com competência tradutória, para transpor os conhecimentos entre as línguas (GOLDFELD, 2002);
- 2 - Ouvinte: termo criado para distinguir pessoas não surdas, de pessoas surdas (PEREIRA, 2008);
- 3- sinal: elemento léxico da língua de sinais (GOLDFELD, 2002);
- 4- Sinalização: fala produzida pelo canal viso-manual (GOLDFELD, 2002);
- 5- Fala: (Vygotsky) – produção da linguagem pelo falante nos momentos de diálogo social e interior, pode utilizar tanto o canal audiofonatório, quanto o espaço-viso-manual (GOLDFELD, 2002);
- 6- Oralidade: utilização do sistema fonador para expressar palavras e frases da língua;
- 7- Línguas de Sinais: são línguas criadas pelas comunidades surdas, possuem estruturas gramaticais próprias e são independentes (STROBEL, 2012);
- 8- Comunidade surda: grupo de pessoas que interagem com os surdos, pais, amigos, professores que sabem e usam a língua de sinais para se comunicar com os surdos (GOLDFELD, 2002);
- 9- Surdo: pessoa surda é aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura, principalmente pelo uso da Libras (BRASIL, 2005);
- 10- Sinal-voz: interpretação de Libras para Língua Portuguesa. Feita quando a pessoa surda está sinalizando e o intérprete oraliza em português;
- 11- Deaf: ao traduzir encontra-se o termo surdo, o que chama atenção é o uso desse vocábulo pela comunidade surda brasileira e amapaense. Em sua maioria os surdos criam suas páginas nas redes sociais usando o termo Deaf associado ao seu nome, como forma de distinção, entre os demais usuários das redes;
- 12- Leitura labial: técnica em que o indivíduo aprende a ler, e decodificar os sons por meio dos movimentos dos lábios do emissor da mensagem (GOLDFELD, 2002);
- 13- Escola bilíngue: escolas em que a língua de instrução é a libras, e o português é ensinado na modalidade escrita, como segunda língua aos alunos surdos;
- 14- Artefatos culturais surdos: o modo como o surdo vê, transforma e entende o mundo, e não pode ser confundido com materialismo cultural (STROBEL, 2012);

15- Povo surdo: pessoas surdas fluentes em Libras, e que por conta desta, se aproximam e comungam de objetivos e modo de interagir com o mundo, independente do lugar que estejam ou vivam (STROBEL, 2012);

REFERÊNCIAS

AMARAL, Eder. Experiência e cegueira: ver, ouvir, narrar. In **Antropologia e Literatura**. Revista de Ciências Sociais; Vol. 44 – Nº 2, 2013.

BRASIL, Lei nº 10.436, **Lei de Libras**. Diário oficial da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 2002, SEF/ MEC.

_____, Decreto nº 5626. **Decreto de Libras**. Diário oficial da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 2005, SEF/ MEC.

_____, Lei nº 10.098, **Lei da acessibilidade**. Diário oficial da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 2008, SEF/ MEC.

_____, Lei nº 13.146, **Lei de Inclusão**. Diário oficial da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 2015, SEF/ MEC.

_____, Lei nº 8.213, **Lei de cotas**. Diário oficial da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 1991, SEF/ MEC.

_____, **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue –Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Diário oficial da República Federativa do Brasil Brasília, DF, 2015, SEF/ MEC.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2012.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos sociologia do desvio. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Hucitec Editora. São Paulo, 2012.

BUBER, Martin. **Sobre Comunidade**. São Paulo, Perspectiva, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: EDUSP, 2007.

_____. **Razões Práticas**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BOFF, Leonardo. **E a Igreja se fez povo**, Vozes 1991.

CAMPOS, Ronaldo Manassés Rodrigues. **A apropriação da legislação de libras em escolas públicas de Macapá**: entre a letra da lei e as práticas escolares. Dissertação de mestrado. Disponível em: www.unifap.br/public/biblioteca/index. acesso em 30.03.2015.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 2012.

_____; GIRARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. . Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

DORZIAT, Ana. **O outro da educação**: pensando a Surdez com base nos temas Identidade/diferença, currículo e inclusão. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**: textos fundantes de educação. 4.ed. Petrópolis – RJ, 2013.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Edições Graal. Rio de janeiro. 1979.

_____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** 2 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009.

GARCIA, Carla Cristina. **Sociologia da acessibilidade.** Curitiba – PR: Iesde, 2012.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 5ª Ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** Editora Vozes. Petrópolis- RJ, 2012.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2012

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Editora Vozes. Petrópolis- RJ, 2014.

KARNOPP, Lodenir Becker; QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de Sinais brasileira: estudos linguísticos.** Editora Artmed. Porto Alegre, 2004.

LANCELOTTI, Samira Saad Pulchério. Deficiência e trabalho: redimensionando o singular no contexto universal. Autores Associados. São Paulo, 2003.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade.** São Paulo: editora Unicamp, 2007 e LOPES, João Teixeira. Políticas Culturais urbanas. In: LEITE, Rogério Proença, Fortuna, Carlos. Plural de cidade – novos léxicos urbanos. Coimbra: edições Almedina/CES, 2009.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil**: história e políticas públicas. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

Monaghan, Leila. A World's Eye View: deaf cultures in global perspective in: **Many Ways to Be Deaf**: international variation in deaf communities. Gallaudet University Press Washington, DC 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do antropólogo**. Editora Unesp, São Paulo, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **OS CANDOMBLÉS DE SÃO PAULO**. Editora HUCITEC, São Paulo, 1991.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **História cultural dos surdos**: desafio contemporâneo. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 17-31. Editora UFPR.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. Aquisição da língua(gem) por crianças surdas, filhas de pais ouvintes. In FERNANDEZ, Eulália (org). **Surdez e Bilinguismo**. Editora Mediação. Porto Alegre, 2012.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. **Surdez**: aquisição de linguagem e inclusão social. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

RAFAEL, Ulisses N. **Xangô Rezado Baixo**: Um Estudo da Perseguição aos Terreiros de Alagoas em 1912.2004.274 f.Tese de Doutorado- Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.2004.

SLOMSKI, Vilma Geni. **Educação bilíngue para surdos**: concepções e implicações práticas. Editora Juruá. Curitiba, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Sociologia das ausências e das emergências in: **A Gramática do tempo**: para uma nova cultura política. Cortez. São Paulo, 2006

SÁ, Nidia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Editora Paulinas. São Paulo, 2012.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Editora Ufsc, Florianópolis, 2013.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Editora Mediação. Porto Alegre, 2012.

SILVA, César Augusto de Assis. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade**. Editora Terceiro Nome. São Paulo, 2012.

SILVA, Angela Carrancho da; NEMBRI, Armando Guimarães. **Ouvindo o silêncio: surdez, linguagem e educação**. Editora Mediação. Porto Alegre, 2012.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Editora Vozes. Petrópolis, 1974.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2010.

TEXTOS CONSULTADOS NA INTERNET

ARAS, Lina Maria Brandão de; RODRIGUES, Elizabete Silva **RESISTÊNCIA INVENTIVA: as mulheres fumageiras, 2011**. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/search>> Acesso em: 15/09/2016.

ABREU, Fabricio Santos Dias de; **Surdos e homossexuais: a (des)coberta de trajetórias silenciadas**. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3270/1/2011_FabricioSantosDiasdeAbreu.pdf> Acesso em: 18/09/2016.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Censo, 2010. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/indicadores/censo-2010>> acesso em 06/05/2016.

BARCELONA, Declaração universal dos direitos linguísticos. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf acesso em: 22.01.2016.

BERGAMO, Alexandre; SANTANA, Ana Paula. **Cultura e identidade surdas:** encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual em nossa (des)conhecida.** Editora Brasiliense S.A. São Paulo, 1984. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/79324937/Marilena-Chauí-Repressao-Sexual-essa-nossa-des-conhecida>> acesso em: 18/09/2016.

CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica in **A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. Disponível em: <<https://petcs.wordpress.com/2012/10/10/clifford-james-sobre-a-alegoria-etnografica-in-a-experiencia-etnografica-antropologia-e-literatura-no-seculo-xx-rio-de-janeiro-editora-ufrj-2011/>> acesso em: 19/11/15.

GAARDER, Jostien; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões.** Tradução Isa Mara Lando; revisão técnica e apêndice Antônio Flavio Pierucci. — Companhia das Letras, São Paulo 2000. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/search?q=gaarder>> acesso em: 30/07/2016.

GOLDMAN, Marcio. **Dos Partidos ao Voto:** Estudos Sobre as Eleições no Brasil. Comentário do livro *A Democracia nas Urnas: O Processo Partidário-Eleitoral Brasileiro*, de Antônio Lavareda. IUPERJ/Rio Fundo, Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: < <https://drive.google.com/drive/search>> acesso em: 20/08/2016.

KARDEC, Allan. **O LIVRO DOS MÉDIUNS** – tradução de José Herculano Pires in <https://livrodosmediuns.wordpress.com/2a-parte-das-manifestacoes-espirtas/cap-14-os-mediuns/> outubro 13, 2007 por [Liz Bittar Editar](#). acesso em 21/08/2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. Disponível em: <http://www.n-a-u.rpg/antropologiaurbanadesafiosmetropole.html>. Acesso em: 20/05/2015

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Boitempo Editorial. 1988. Disponível em: < <https://drive.google.com/drive/search?q=gaarder> > Acesso em: 30/07/2016.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **Sociologia da Fofoca**: notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano. Disponível em:

http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1676&Itemid=350 acesso em: 07/06/2015.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **Histórias de vida surda**: Identidades em questão. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em:

www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/historias_de_vida_surda_identidades_em_questao.pdf . acesso em: 29.05.2015

SANTOS, Erika Cristiane dos; CASTRO, Berenice Tavares; FEITOSA, Adileide Santos. **Escola e surdez**: uma análise do ensino para alunos surdos em escolas públicas de Macapá. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: www.unifap.br/public/biblioteca/index. acesso em 30.05.2016.

SANTANA, Ana Paula & BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas**: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf. acesso em 23/06/2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, São Paulo; 2006. Disponível em: < <https://drive.google.com/drive/my-drive> > acesso em: 21/05/2016.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, Dança Afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. Edições UFC, Fortaleza, 2009. Disponível em: <<https://escritadesinais.wordpress.com/>>. Acesso em: 29.05.2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook. eBooksBrasil. Disponível em: < www.jahr.org>. acesso em: 16/11/2012.

VANIN, Iole Macedo. Feminismo verso “antifeminismo”: embates baianos. 2011. . Disponível em: < <https://drive.google.com/drive/search>> Acesso em: 10/08/2016.

LEE Jessic. **Family Matters Female Dynamics within Deaf Schools Women and deafness** : double visions / Brenda Jo Brueggemann, Susan Burch, editors. p. cm.

Includes bibliographical references and index. ISBN 1-56368-293-1 (alk. paper)

1. Deaf women—United States. 2. Deafness—Social aspects—United States.

I. Brueggemann, Brenda Jo, 1958— II. Burch, Susan. HV2545.W65 2006

305.9_0820973—dc22. Disponível em: < <https://drive.google.com/drive/search>> Acesso em: 21/09/2016.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, Fone: 96-99162-4521). End: trav. Paraíso, nº 174 - Jardim Felicidade I, Macapá-AP.) Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 05 de 08 de 2014

Assinatura do pesquisador

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 05 de 07 de 2014

Assinatura do pesquisador

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 03 de 06 de 2014.

Assinatura do pesquisador

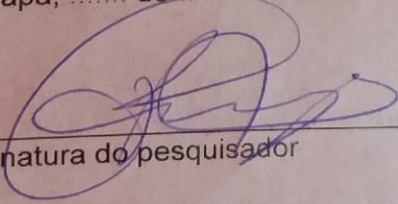
Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

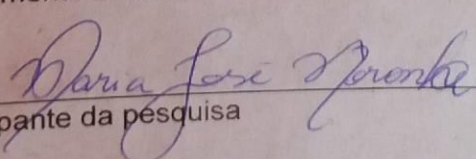
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 03 de 02 de 2014


Assinatura do pesquisador

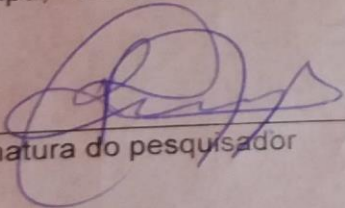
Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.


Participante da pesquisa

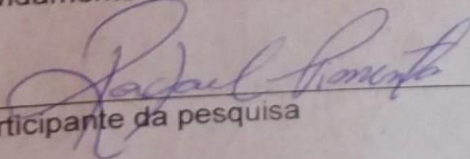
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 03 de 05 de 2014.


Assinatura do pesquisador

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.


Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "**(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)**", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, **a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente**). Na sua participação você **(irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião)**. **As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador.** Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 05 de 06 de 2014...

Assinatura do pesquisador

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 03 de 06 de 2014.

Assinatura do pesquisador

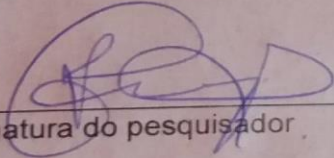
Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

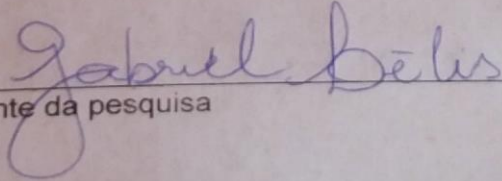
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 05 de 03 de 2014.


Assinatura do pesquisador.

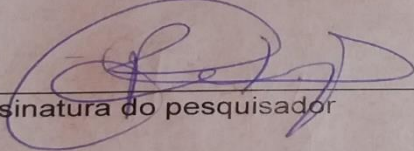
Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.


Participante da pesquisa

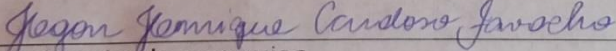
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "**(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)**", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, **a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente**). Na sua participação você **(irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião)**. **As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador.** Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 20 de 08 de 2016...


Assinatura do pesquisador

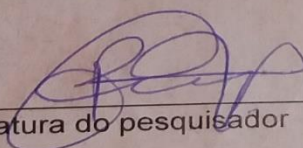
Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.


Participante da pesquisa

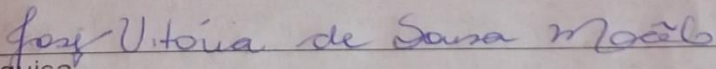
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "**(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)**", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 20 de 07 de 2016.


Assinatura do pesquisador

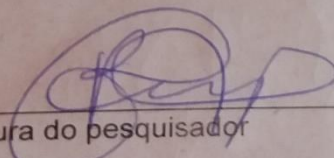
Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.


Participante da pesquisa

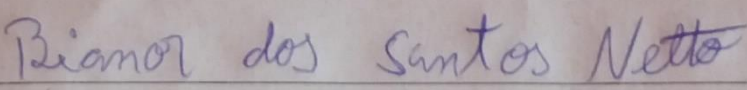
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada "**(ECOS DO SILÊNCIO: Culturas e Trajetórias dos Surdos em Macapá.)**", sob a responsabilidade do pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS). Nesta pesquisa nós estamos buscando entender (analisar o processo de interação da comunidade surda amapaense em espaços sociais, como: a família, escola, trabalho, lazer e religião). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pelo pesquisador (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS, a ser obtido em sua residência ou onde for mais conveniente). Na sua participação você (irá falar de suas experiências de vida, sobre sua interação familiar, na escola, no lazer, no trabalho e na religião). As conversas serão todas filmadas e em libras, e após a defesa do trabalho todas as gravações serão entregues ao colaborador e apagadas dos arquivos do pesquisador. Diferente de outras pesquisas em comum acordo com os interlocutores, por serem surdos, serão identificados a partir de seu sinal em Libras, por meio de um cartoon a ser criado para cada interlocutor. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os benefícios serão em refletir sobre as dificuldades de interação e inclusão do surdo e assim tentar dar visibilidade a estas dificuldades. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: (RONALDO MANASSÉS RODRIGUES CAMPOS. Fone: 96-99162-6521). End: trav. Paraíso, nº 174 – Jardim Felicidade I. Macapá-AP.). Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal do Amapá: Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá - AP CEP 68.903-419. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Macapá, 05 de 03 de 2014


Assinatura do pesquisador

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.


Participante da pesquisa